BOSTON
PUBLIC
LIBRARY

Acc 86-240

t.xvo.

CHRONICA
DE ELREY
DOM AFONSO
O QVARTO DO NOME,
E SETTIMO DOS REYS
DE PORTVGAL.

ASSI COMO A DEIXOV ESCRITA
Ruy de Pina Guardamor da Torre do Tombo, & Chronista mòr do meſmo Reyno.

Tirada a luz por induſtria de Paulo Craesbeeck,

E na ſua officina impreſſa, & à ſua cuſta.

EM LISBOA. *Com todas as licenças.* Anno 1653.

R-B DP576.P5

LICENC,AS

VIsta a informaçaõ podeſe imprimir eſta Chronica, & depois de impreſſa tornará ao Conſelho pera ſe conferir com o original, & ſe dar licença pera correr,& ſem ella nam correrà, em Lisboa 6. de Iulho de 1649.

Frey Ioam de Vaſconcellos. *Pero da Silua de Faria.*
Franciſco Cardozo de Torneo. *Pantaliaõ Rodriges Pacheco.*
Dioguo de Souza.

POdeſe imprimir. Lisboa 21. de Iulho de 1649.

Biſpo de Targa.

AS Chronicas das vidas, & glorioſos feitos com que conquiſtàraõ,conſeruáraõ, & dilatáraõ ſeu Imperio, & ſuas famoſas empreſas,& cõquiſtas os ſenhores Reys de Portugal anteceſſores de Voſſa Mageſtade; he grande quebra o deſcuido noſſo, & ſeus miniſtros, que andem eſcritos, & diuulgados nos Hiſtoriadores, & Chroniſtas eſtranhos, & de Caſtella, compoſtas em parte com emulaçaõ, & falta de inteira noticia,& com a afeiçaõ cadahum de ſua naçaõ; & que auendo no Reyno,& Torre do Tombo eſtas Chronicas authenticas, & antigas,com a authoridade dos Chroniſtas daquelles tempos Guardamòres da Torre do Tombo,Ruy de Pina, Gomezeanes de Aju rara, Damiaõ de Goes, Duarte Galuaõ,& os mais, compoſtos com as noticias, & papeis,originais,& documentos,&com a veneraçaõ da antiguidade, & lingoagẽ della, & mandadas reduzir a liuros authenticos por el Rey D. Manoel, que eſtejaõ por imprimir, & eſtampar com muita vtilidade,& gloria do Reyno,que com eſtarem ocultas, & em eſquecimento, vaõ perdendo ſeu credito, & perigando ſua reputaçaõ com andarem diuulgadas ſuas vidas,& feitos com diminuiçaõ pellos eſtrangeiros,pello que ſe deue imprimir eſtas, & as mais Chronicas; & eſta conferi com outra que tenho da Torre do Tombo, & conformaõ, & o prohemio do principio de Pedro de Maris Eſcriuaõ da Torre do Tombo, & verſado nas hiſtorias do Reyno, ſerue tambem pera noticia, & authoridade deſtas Chronicas, & dos Authores que as compuſeraõ, & em particular de Ruy de Pina Author deſta. Lisboa 8. de Agoſto de 1649.

Thome Pinheiro da Veiga.

Que

LICENC, AS.

QVe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Ordinario, & Sancto Officio,& nam correrá ſem tornar à meſa pera ſe taxar. Lisboa 9.de Agoſto de 1649.

D. P. P. Cazado.

PROLOGO
QVE PEDRO DE MARIS ESCRIVAM da Torre do Tombo tinha feito a esta Cronica, querendoa imprimir em seu tempo.

Ouime a procurar que se imprimisse esta Cronica antiga de elRey Dom Afonso o Quarto de Portugal alsim como está nesta Torre do Tombo, de que sou Escriuão, por ser o Rey que de todos os antiguos elle só se sepultou dentro nesta cidade de Lisboa, & sahio de seu Reyno a ajudar seu genro elRey D. Afonso Vndecimo de Castella, na grande famosa batalha do Salado, em que vencerão o Miramamolim de Marrocos, & a elRey de Grada, que os outros Reys todos as grandes batalhas que vencerão forão dentro do seu Reyno de Portugal.

E tambem me incitou a que esta Cronica se imprimisse, entender que a mór parte das gentes, & curiosos desejão ver impressas as Cronicas antigas de nossos Reys na linguagẽ antiga, assi como estão nesta Torre do Tombo feitas pelos nosos Cronistas antigos, que por mandado delRey D. Manoel se escreuérão em pergaminho com as armas reays postas nas taboas em que estão encadernadas em chapas bem lauradas.

Alem das ditas Chronicas na lingoagem antiga em que forão feitas terẽ mais graça & authoridade, creceo em muitos este desejo, porque Duarte Nunes de Leão na reformação que imprimio das ditas Cronicas, polas querer abreuiar tanto, que a Chronica do Conde D. Henrique, & mais as dos noue Reys que se lhe seguirão, contando desde elRey D. Afonso Henriques atê elRey D. Fernando, meteo todas num sò volume, & esse ainda moderado, cortou, & deixou de dizer muitas cousas das quẽ as Cronicas antigas dizião.

E isto fez não porque reprouasse o que deixou de dizer, porque antes no principio de seu liuro fol. 2. declarou que o que elle reprouasse o especificaria, como foy especificado por todas as Chronicas dos ditos Reys atê elRey D. Fernando, senão porque na abreuiatura que fez não podia dizer tudo, & disse só o mais essencial, & que de nenhũ modo se podia escusar, deixando as mais cousas assim como estauão, pera q̃ quẽ as quizesse ler as visse, & fosse ver as Cronicas antigas.

Nem o dito Duarte Nunes podia reprouar em cousa algũa as Cronicas antigas. saluo prouando em particular contra ellas os pontos que quizesse reprouar, & aquelles em que não desse proua clara contra o antigo, sempre ficaria, & ficou por certo com a mesma autoridade dos Cronistas antigos que as fizerão.

As ditas Cronicas se não imprimirão ategora por descuido, & varios successos de guerras na India, & Africa, & como cousas mais forçadas occupauão os sentidos dos Reys, & ministros, posto que varias vezes o quizerão fazer; & pola impressão ser tambẽ

nos tempos antigos menos costumada entre nôs, que nẽ a Cronica gêral de Hespanha tam estimada, que mandou fazer elRey D. Afonso o Sabio de Castella ha mais de trezentos annos se imprimio senão em tempos do Emperador Carlos Quinto.

Esta que pretendo imprimir delRey D. Afonso o IV. de Portugal declara ser feita por Ruy de Pina, que foy Coronista mòr destes Reynos em tempos de elRey D. Ioão o II. & de elRey D. Manoel, & tambẽ Guardamór da Torre do Tombo, posto que Damião de Gois na de elRey D. Manoel 4. parte cap. 38. pretende prouar que Fernão Lopes, q̃ antes do dito Ruy de Pina fora tambem Coronista mór, & Guarda mór da dita Torre do Tombo, auia feito a dita Cronica, & que o dito Ruy de Pina se aproueitára do trabalho & honra alhea, atribuindoa a sy, & pondo em seu nome a Cronica que o dito Fernão Lopes fizera.

Mas quer a fizesse hum quer outro, he feita por Autor muy autorizado, & graue, porque Fernão Lopes, como se ve do que refere Damião de Gois no cap. alegado, alcançou os tempos de elRey D. Ioão o Primeiro, & foy Coronista mòr, & Guarda môr da Torre do Tombo, & Escriuão da Puridade do Infante D. Fernando, que morreo catiuo em Fez; & Ruy de Pina, posto que menos antigo, tambẽ a nosso respeito foy assaz antigo, porque ja em tempos delRey D. Ioão o II. era seu Coronista mór, como refere o mesmo Damião de Gois na sobredita Cronica de elRey D. Manoel na 1. p. cap. 1. onde diz que morto elRey D. Ioão o II. se abrira o seu testamento, & fora lido pelo Coronista Ruy de Pina.

O qual Ruy de Pina se mostra ser então ja velho, porque quando elRey D. Afonso o V. de Portugal morrera, era elle ja tanto homẽ, que no primeiro anno do reynado delRey D. Ioão o II. foy o dito Ruy de Pina por Secretario da primeira embaixada que o dito Rey mandou a Castella polo Barão de Aluito, como se le na Cronica do dito Rey Dom Ioão o II. feita por Garcia de Rezende no cap. 34. & ainda despois do Barão voltar ao Reyno, tornou o dito Rey a mandar o dito Ruy de Pina a Castella com replicas, & satisfaçoẽs da embaixada a que o Barão fora, sendo cousas de muito pezo, como se le na mesma Cronica feita pelo dito Garcia de Rezende no mesmo cap. 34.

E no principio do reynado de elRey D. Manoel era o dito Ruy de Pina ja velho, & seu filho Fernão de Pina homem, porque quãdo o dito Rey foi aos Reynos de Castella jurarse por Principe delles polo dito Fernão de Pina mandou a Portugal o priuilegio, em q̃ izentou os Ecclesiasticos das sizas, como se refere na Cronica do dito Rey na 1. p. c. 31.

Fiz toda esta digressão pera que se veja que a Cronica de elRey D. Afonso o IV. de que vou tratãdo, quer fosse feita por Fernão Lopes, quer polo dito Ruy de Pina, sẽpre foy feita por Autor muy antigo, & graue Coronista mór, & Guarda mòr da Torre do Tombo.

E como então auia nella muitos papeis, & liuros que ja hoje faltão, & outros inda q̃ estão nũas partes se le a letra delles, & noutras não de muito gastada, como em todos os cartorios acontece polo tempo que tudo consume fazer nelles seu officio; & elRey D. Afonso o IV. cuja esta Cronica he, não ser dos primeiros Reys deste Reyno, acertou o Coronista antigo tanto com a verdade das cousas, que Duarte Nunes de Lião na reformação

que

que diſſe fazia das Cronicas antigas, duas couſas sò quis reprouar neſta, & aſſaz ainda ſem cauſa, & ſem rezão.

Porque o dito Duarte Nunes no ſeu liuro folhas 152. no reynado de elRey Dom Afonſo o IV. tratando dos concertos que D. Ioana mãy de Ioão Nunes de Lara, & ſogra de D. Ioão Manoel fez entre elRey D. Afonſo o vndecimo de Caſtella, & os ditos ſeus filho & genro, diz eſtas palauras.

ElRei o aceptou, & D. Ioana ſe foi ao Caſtello de Garcia Munhos, onde eſtaua a Infanta D. Coſtança, não por ſer ſua nora, como o Croniſta de Portugal inaduertidamẽte diz, porq̃ a D. Coſtãça ouue D. Ioaõ Manoel da primeira molher, q̃ foi D. Coſtãça Infanta de Aragaõ filha delRey D. Iaimes.

Nas quais palauras o dito Duarte Nunes leuanta ao noſſo Croniſta Portugues Ruy de Pina o que elle não diſſe, nem podia ſonhar, porque ſe não acha que elle diſſeſſe ſer a dita D. Coſtança nora da dita D. Ioana, pois pera iſſo auia de ſer molher de ſeu filho Ioaõ Nunes de Lara, ou doutro algum filho ſeu, & antes o dito Croniſta em varios capitulos diz como ella fora deſpoſada com elRey D. Afonſo vndecimo de Caſtella, & deſpois caſara com o Infante D. Pedro de Portugal, que he o contrario do que o dito Duarte Nunes lhe leuanta.

E ainda que creamos que a impreſſão do dito Duarte Nunes eſtà ali errada, como deuia ſer, & que onde diz nora queria dizer neta, porque inda que nas erratas não ſalua tal erro, nem o quis confeſſar por erro, do que adiante na Cronica do dito Rey D. Afonſo o IV. vay dizendo, ſe ve que foy erro, & que onde diz nora queria dizer neta; ainda aſsim quem deu authoridade ao dito Duarte Nunes pera ſem dar proua algũa reprender ao dito Croniſta antiguo? E em caſo que o dito Croniſta diſſeſſe que a Infanta D. Coſtança filha do ſobredito D. Ioaõ Manoel era neta da ſobredita D. Ioana, por D. Ioaõ Manoel ſeu pay auer caſado duas vezes, que proua daua Duarte Nunes contra iſto, ſenão ter vontade dencontrar os antigos.

Porque atè Argote de Molina folhas 134. verſo, que alega, foy deſpois do ſobredito Ruy de Pina, & tem muito menos autoridade que elle, veſſe que foy muito deſpois delle, porque do ſeu meſmo liuro ſe moſtra imprimilo no reynado de elRey Dom Felippe o Segundo de Caſtella, & o primeiro de Portugal, com quem concorreo, & o Croniſta mòr Ruy de Pina fica prouado que alcançou os tempos de elRey Dom Afonſo o Quinto de Portugal, & nos de elRey Dom Ioaõ o Segundo, & de elRey Dom Manoel foy Croniſta mór, & Guarda mòr da Torre do Tombo, onde eſtauão os contratos dos caſamentos dos Reys, pazes, & teſtamentos, & muitos outros papeis, pelo que inda quando o dito Argote ſe encontraſſe cõ o dito Croniſta Ruy de Pina, ſe o dito Argote não prouaſſe claramente contra elle mór credito ſe deuia, & deue ao dito Ruy de Pina.

Nem o dito Argote, que no liuro ſegundo cap. 58. trata do dito D. Ioão Manoel, & de ſua linhagem, & faz tanto ao certo, que não tinha ſeus erros, & confuſoens, porque diz que o Infante Dom Manoel filho de elRey Dom Fernando o Sancto, teue a

Dom Ioão Manoel, & mais a Dona Violante molher do Infante Dom Pedro de Portugal, & que o dito Dom Ioão Manoel casára com Dona Costança filha dos Reys de Aragão, de que tiuera a Dona Costança despoſada com elRey Dom Afonſo vndecimo de Castella, & despois casada com o Infante Dom Pedro herdeiro de Portugal, fazendo nisto dous Infantes Dons Pedros, hum casado com irmãa de Dom Ioão Manoel, & outro com filha do dito D. Ioão, que foy erro craſso, porque neſte caſo não ouue mais que hum ſô Infante D. Pedro, que casou com a Infanta D. Costança filha do dito D. Ioão Manoel, & o que casou com a irmãa do dito D. Ioão não era senão o Infante Dom Afonſo irmão de elRey D. Diniz de Portugal, como he notorio, & em todos os Autores, & atè o meſmo Duarte Nunes de Lião o eſcreue aſsi na Cronica de elRey D. Afonſo o III. de Portugal, que foy pay do dito Infante D. Afonſo.

Nem o ſobredito erro foy da impreſsão, ſenão do meſmo Argote de Molina q̃ eſcreueo ſem perfeita noticia do caſo, porque nas erratas, & enmendas do ſeu liuro não ono enmẽda.

E aeixando o dito Argote, pera que ſe veja que o dito Duarte Nunes de Lião leuantaua ao Croniſta antiguo, que dizia o que elle não diſſe, tambem na meſma Cronica de elRey D. Afonſo o IV. de que vou tratando leuantou que não dizia o dito Croniſta aquillo que elle diſſe.

Porque às folhas 170. do ſeu liuro, tratando o dito Duarte Nunes de hũa grãde peſte que ouue em tẽpo do dito Rey D. Afonſo o IV. de Portugal, da qual morreo elRey D. Afonſo vndecimo de Caſtella, diz o dito Duarte Nunes eſtas palauras.

Deſta peſte, que foi gêral em todo o mundo, & que andou em toda Eſpanha, pola pouca curioſidade, & muita rudeza da gente ſe naõ acha feita mençaõ mais que na Cronica de elRey D. Afonſo vndecimo de Caſtella, em q̃ o Autor della diz que morreo o dito Rey eſtando no cerco de Gibaltar de peſte, de que morria muita gente.

E ſe o dito Duarte Nunes lera melhor as Cronicas antigas, & vira os originais que eſtão na Torre do Tombo, não diſſera tal, porq̃ achàra que alẽ do dito Croniſta Caſtelhano, que elle alega, tambẽ o noſſo Croniſta antigo Portugues fez mençaõ da dita peſte, porque na dita Cronica de elRey D. Afonſo o IV. de Portugal, que trato de imprimir, no cap. 63. tratando da morte de elRey D. Afonſo o vndecimo de Caſtella, que foy no cerco de Gibaltar, diz o dito Croniſta antigo Portugues eſtas palauras.

E como entrou o anno de Chriſto de 1350. durando o cerco, ſobreueyo no arrayal, & gentes do cerco muy grande peſtenença, & foy no tẽpo em q̃ ouue a memoranda, & marauilhoſa mortandade de Eſpanha, de que por grande eſpanto nas memorias antigas muito ſe fala,

Eis aqui como a meſma Cronica antigua de elRey D. Afonſo o Quarto de Portugal, em que Duarte Nunes ſe queixa de que sò o Autor Caſtelhano falla da dita peſte, ſe queixa mal, porque tambem o noſſo Ruy de Pina Croniſta antiguo Portuguez faz mençaõ della, & porque elRey de Caſtella era genro do de Portugal, tratando do cerco que o dito

o dito Rey de Castella pos a Gibaltar, refere como nelle morreo da tal peste, assim cõmo Duarte Nunes diz que o Castelhano o conta; pelo que muito mal refere que sò o Autor da Cronica Castelhana faz menção della, pois tambem o da Portuguesa do dito Rey D. Afonso o IV. de Portugal o faz.

Nam trato aqui de como o mesmo Duarte Nunes às ditas folhas cento & setenta verso, quer reprender a Fernão Lopes, dizendo que poem esta peste no reynado de el-Rey Dom Sancho o Primeiro, porque quando isso seja, alem dessa poder ser outra, aqui trato sòmente do que toca à Cronica de elRey Dom Afonso o Quarto, na qual se faz menção da mesma peste que Duarte Nunes diz, & melhor se pudera dizer, que ou por elle escreuer com pouca consideração, ou pola demasiada cede que tinha de desacreditar os Autores antigos Portugueses, dizia que não fazião elles menção do que a fizerão, que não dizer elle que por pouca curiosidade, & rudeza se não achaua feita menção daquilo que a Cronica antiga expressamente diz.

E pois este Autor tanto quis desacreditar os nossos antiguos, lugar he este em que conuem defendermolos da rudeza, & pouca curiosidade que diz que tiuerão, porque se chama rudeza â lingoagem antigua, por não ser tam polida como a de hoje, isso não tira, nem poem na verdade da historia, mas sò a mudança dos tempos faz que a lingoagem dos antiguos nos pareça a nós hoje rudeza, assim como a nossa o parecerá aos que daqui a duzentos annos vierem sendo a sua então ja algum tanto mudada da que hoje vsamos, como ordinariamente acontece.

E se acha que auia pouca curiosidade em enuestigarem a verdade das cousas, & a tratarem nisso se engana muito, porque alem dos antiguos tratarem mais singelamente a verdade, não erão descuydados em a buscarem, pois proua largamente Damião de Gois na quarta parte de elRey Dom Manoel no capitulo trinta & vito, que elRey Dom Duarte sendo ainda Infante, mandou por Fernão Lopes Cronista mór buscar os cartorios de Mosteiros, & Igrejas, & letreiros de sepulturas, em que gastou muito tempo pera melhor escreuer as Cronicas, & que tambem mandou a Castella buscar muitas escrituras, donde se ve que ja então se não escreuia senão com muita consideração, gouernandose polos papeis autenticos de cartorios antiguos; & quando o Cronista mòr, & Guarda mór da Torre do Tombo hia buscar os cartorios de Igrejas, & Mosteiros, melhor buscaria o da Torre do Tombo, que tinha em seu poder.

Tanta curiosidade auia então nos Reys, que no mesmo capitulo alegando o dito Damião de Gois hũa carta de Ioão Rodrigues de Sà fidalgo antiguo muy autorizado, & curioso, diz que elRey Dom Afonso o Quinto não contente com ter as Cronicas escritas em Portugues, mandára buscar a Italia Frey Iusto Italiano, que quà fez Bispo de Ceita, pera lhas fazer em Latim, o qual por morrer de peste em Almada as não fez, & alem da Chronica de elRey Dom Manoel, que Damião de Gois fez em lingoagem, o Bispo Hieronymo Ozorio fez outra em Latim, curiosidade que não vemos hoje nos Reys.

Pola

Pola verdade dos antiguos ser mais segura, & certa, atê os Autores estrangeiros fizerão sempre grande caso das Cronicas antiguas que os Reys de Portugal tem nesta Torre do Tombo, porque o Doutor Hieronymo Gudiel Autor Castelhano na historia dos Giroẽs capitulo 23. folhas 81. verso, fallando da Cronica antiga de el Rey D. Fernãdo de Portugal, & dizendo como alcançàra hum treslado della, o estima, & encarece tãto, que diz estas palauras.

Esta Cronica vino a mis manos sacada de la original que está en el Tõbo de el Rey de Portugal, & assi es para mi la màs autentica escriptura q̃ se puede traer a este proposito.

Se este Autor Castelhano estimaua tanto o treslado que ouue da dita Cronica Portugueſa, que por ventura em algũa cousa poderia ser mal tresladado, quanto mór fé tem os proprios originais que inda hoje se conseruão nesta Torre do Tombo, porque os nossos Croniſtas antigos as fizerão de sua mesma letra, & despois el Rey D. Manoel as mandou tresladar em pergaminho, que todos durão, & estão na dita Torre.

E tanta curiosidade auia não sò nas cousas dos Reys, senão tambem nas das linhagens particulares, que o mesmo Rey Dom Manoel mandou fazer hum liuro muy apurado de todos os brazoens darmas, não só Reays, senão tambem das fidalguias particulares, & pera o ordenar ao certo, mandou fazer diligencias; não sò no seu Reyno, senão tambẽ fóra delle, como se le na sua Cronica, o qual liuro que anda em poder dos Armadores móres, como delle se ve, foy acabado no anno de mil & quinhentos & desanoue, no qual estão iluminados os brazoẽs das linhagẽs illustres; & alem deste liuro darmas, que he o principal, & mais autentico, se fizerão despois outros por varias pessoas, & Reys darmas, com pouca diferença huns dos outros.

Mais antiga he ainda a curiosidade em Portugal, porque o Infante Dom Pedro Conde de Barcelos, & filho bastardo de el Rey Dom Diniz fez hum liuro das linhagens de Portugal, & Castella, que anda de mão, & está escrito em pergaminho nesta Torre do Tombo de Portugal, ao qual liuro Ambrosio de Morales Autor Castelhano na sua Cronica de Espanha na geração de São Domingos que compos, no fim do liuro 17. gaba muito, dizendo que he escritura de mais autoridade, & de mayor certeza que ha na materia de linhagens.

Os mesmos gabos lhe dà o Doutor Hieronymo Gudiel tambem Castelhano na historia dos Giroens capitulo primeiro, onde fallando dos liuros de linhagens de mão, diz estas palauras.

Como el del Conde D. Pedro de Portugal, que es el màs antiguo, y más abundante, & de mayor autoridad que se puede leer.

Tambem Argote, Autor Castelhano, posto que no Prologo do seu liuro diz que o dito Conde D. Pedro de Portugal, conforme ao costume de seu tempo, admitira terribeis patranhas, & que nelle ha alguns erros, confessa que a elle deue a nobreza de Espanha tudo o que della se sabe, & que elle he a luz que hoje se tem das linhagens.

E pois

E pois confeſſa que era coſtume daquelle tempo admitirem os Autores nas hiſtorias couſas que hoje parecem patranhas, dahi ſe moſtra que o noſſo Conde D. Pedro ſe algũas admitio não foi leuado a iſſo de malicia, nem de querer fingir, ou trocar a verdade, ſenão do coſtume daquelles tempos dar credito a couſas a que hoje o não querem dar por difficultoſas de crer, o que muitas vezes he tambem cauſado da mudança dos tempos, pois muitas temos viſto que os antigos não crião, nem cuidauão, & outras poderião acõtecer então que nòs hoje temos por quaſi impoſſiueis, não no ſendo algũa das que eſcreue o noſſo Conde D. Pedro, porque atè o caſo de Biſcaya damas de Enhegues Guerra, que refere no titulo 9. que ſe tẽ por mais difficultoſo quando por feitiçarias do diabo, a que os antigos forão muito dados não pudeſſe acontecer, facil ſeria ao diabo perſuadilo às gentes, pois o meſmo Argote confeſſa que vzo daquelles tempos era admitirẽ tais contos.

Perſuadido hũa vez o caſo aos moradores de Biſcaya, o Conde D. Pedro eſcreueo aquillo que ſoube pelas informaçõẽs que teue, que em Biſcaya corria por ſua fama, & tradição, & aſsi teſtifica no dito titulo 9. que no tempo que elle eſcreueo ſe dizia em Biſcaya, que elle niſto não eſcreueo couſa de Portugal, ſenão de Biſcaya, & aſsim ſe ouue erro, primeiro ſe perſuadio aos Biſcainhos que a elle.

Não pódem os Autores mortos fallar por ſi, & nem de todas as couſas antigas ſe pò de dar rezão, auendo acontecido no mundo algũas muito extraordinarias, pelo que ſe não pòdem reprouar os Autores antigos ſenão com outros que o ſejão mais que elles, ou com prouas clariſsimas, ou ſendo as couſas de todo impoſſiueis.

E quanto a dizer Argote que no dito Conde D. Pedro há algũs erros, digo que não hà Autor por bõ que ſeja que não tenha algũ, & ao meſmo Argote ſe pódem prouar muitos, quãto mais que algũs que ſe acharem no dito Conde D. Pedro, mais naſcerião daquelles que o tresladàrão, que do meſmo Conde, porque ja hoje não temos o ſeu proprio original, ſenão treslados delle, & atè no que eſtà neſta Torre do Tombo ſe achão algũas couſas que conſta não ſerẽ ditas pelo dito Conde D. Pedro, por ſuccederẽ depois delle morto, mas os que muito depois o tresladàrão, lhos acrecentàrão, como aqui pudera prouar ſe eſte fora ſeu lugar, que atè nos liuros impreſſos ſe achão erros, ora por falta dos impreſſores, ora porque os Autores como homẽs errão, que não hà couſa humana de todo perfeita, & nẽ polo Autor ter algũ erro deixa de ſer bom quãdo no ſubſtãcial, & em quaſi tudo o he, que atè nas eſcrituras deſta Torre da leitura noua ſe achão algũs erros, mormẽte nas eras & annos em que forão feitas, por ſerem mal tresladadas dos originais.

Baſta que o dito Conde D. Pedro he a mais autentica eſcritura, conforme aos meſmos Caſtelhanos, que temos das linhagẽs antigas, & que sò neſte Principe Portugues ouue tal curioſidade, não na auendo nos Caſtelhanos, pera o que fez muitas diligencias, como confeſſa Morales, & ſe ve do Prologo do meſmo Conde D. Pedro, onde entre outras couſas diz eſtas palauras.

Eu o Conde D. Pedro filho do muy nobre Rey D. Diniz, ouue de catar por gran trabalho por muitas terras eſcrituras q̃ falauaõ nas linhagens, & vendo

vendo as escrituras con grande estudo compuse este liuro.

Referi tão largamente a curiosidade de nossos Portugueses antigos, para mostrar quão errados são os que hoje cuidão que não na auia nelles, porque antes a auia com mais verdade que hoje, posto que o estilo, & modo não fosse tão polido. E os que hoje mouendo impossibilidades, & fazendo argumentos, & conjecturas querem encontrar os antigos, andão ás cegas aduinhando, porque como hoje faltão muitos dos papeis que os antigos tiuerão, & virão, achandose hoje sómente algũs dos que ouue, se causão confusões a quem hoje ve hũs, & não ve os outros, pelo que muitas cousas antigas parecem hoje impossiueis por não sabermos tudo o que naqueles tempos aconteceo, nem os costumes dantão, nẽ as causas que pera as ditas cousas ouue, que tambem os Reys antigos fizerão cousas em seus casamentos, & gouernos, que se as escrituras, & Cronicas as não afirmárão tanto, erão duras de crer, pois chegárão a tendo as molheres viuas se casarão com outras.

De tudo o acima concluo que as Cronicas antigas de nossos Reys, que se conseruão na Torre do Tombo, posto que até gora se não imprimissem, são as mais verdadeiras, & autenticas, porque não está o caso em serem impressas, ou não, pois nas impressas póde estar erros, & falsidades, como às vezes acontece, ou por quererem lisongear aos poderosos, & que gouernão engrandecendoos, ou polos Autores quererem abater naquelles de que tẽ paixão, & nas de mão estar a verdade muito ao certo, como está nas que se conseruão na dita Torre.

E dandome Deos vida, & descanso pera imprimir mais as de outros Reys, darei inda disto mais prouas, mostrando mais erros de Duarte Nunes, que sô por encontrar os antigos deu em absurdos erros, & desatentos, em tanto que nesta de elRey D. Afonso o IV. de que só trato, fez outro erro, & encontro sô de pouca consideraçaõ.

Porque ás folhas 136. referindo que o Infante D. Manoel era filho de elRey D. Fernando o III. de Castella, como na verdade era, logo na mesma folha o torna a nomear por filho de elRey D. Afonso o Decimo, & certo que foy grande erro de penna, pór Fernãdo, por Afonso, & por terceiro, decimo; & muito mayor descuido não no ler despois pera o enmendar nas erratas, porque não no enmendou, nem ouue ser erro, sendoo, & encontro claro.

Com tam pouca consideração escreueo quem dizia que reformaua as Cronicas antigas, & doutros erros seus mayores não trato aqui por pertencerem às Cronicas de outros Reys, onde teràm seu lugar quando ellas sairem a luz, sendo Deus seruido, a quem primeiramente, & despois à honra de minha patria, dedico, & dedicarei meus estudos, & trabalho que nelles leuo, tratando só da verdade das cousas.

E porque esta Cronica antiga está na dita Torre escrita em pergaminho em nome de Ruy de Pina, sem declarar o anno em que foy feita, nem tresladada, se imprime sem declaração do dito anno assim como está.

Pedro de Maris.

CHRO-

CHRONICA DELREY DOM AFONSO, DESTE NOME O IV. E DOS Reys de Portugal o VII. continuada a del Rey D. Dinis ſeu Padre.

CAP. I.

De como elRey D. Afonſo ſendo Infante foy alevantado, & obedecido por Rey, & das perfeyçoens, que teve.

AO tempo, que D. Dinis faleceo em Santarem, que foy a ſete dias de Ianeyro da era de Cezar de mil & trezentos ſeſſenta & tres, & do anno de Chriſto de mil & trezentos & vinte & ſinco, logo foy ſolemnemente alevantado, & obedecido por Rey o Infante Dom Afonſo ſeu filho primogenito, & erdeyro, em idade de trinta & ſinco annos, oqual ſucedeo aos Reynos de Portugal, & do Algarve em grande proſperidade, & muyto aſſecego, porque os achou em ſegura paz, & muyta amizade cõ todolos Reys, & Principes Chriſtãos, & as gentes, & vaſſallos delles muy ricos, & abaſtados, & ſobre iſſo erdou muyta fazenda, & grandes theſouros, que ficaram delRey D. Dinis ſeu padre; & como reynou logo por ſuas boas obras pareceo claro, q̃ de todo tirou de ſy, & de

seu corpo, & alma à condiçam, que tinha em sendo Infante, & tomou outras de muy bom, & perfeyto Rey, porque logo amou muyto seu povo, & sempre o regeo com inteyra justiça, & o emparou, & defendeo com grande esforço; ca em outro tempo sendo Infante, favorecia, & sustentatava os malfeytores, contra toda a honestidade, & conciencia, & justiça. Elle como Reynou fez logo pelo contrario, porque os ladroens, & culpados em quoaesquer crimes, elle com muyta diligencia os procuráva aver em suas cadeas, donde sem algũa quebra de justiça, sahiam pera receber suas publicas, & devidas penas, & elRey por serviço de Deos, & pera boa, & justa governança de seus povos, & vassallos, fez muytas, & boas leys, & ordenaçoens, que em seu tempo mandou sempre muy bem guardar.

CAP. IV.

Dos filhos legitimos, que elRey Dom Afonso ouve da Rainha Dona Britis sua molher.

ELREY Dom Afonso ouve da Rainha Dona Britis sua molher, filha que foy de elRey Dom Sancho, & irmaam de elRey Dom Fernando de Castella, estes filhos, & filhas. Primeyramente o Infante Dom Afonso, que em sendo moço faleceo em Penela, & jaz sepultado no Mosteyro de S. Domingos de Santarem. E apoz elle ouve o Infante Dom Dinis, que naceo, & morreo em Santarem moço de hum anno, & jaz sepultado em Alcobaça na capella dos Reys a os pees da sepultura de elRey Dõ Afonso Conde de Bolonha seu bisavó. E ouve mays o Infante D. Ioam, que tambem faleceo moço, & jaz sepultado no Mosteyro de Odivelas, junto com elRey Dom Dinis seu avò. E ouve a Infanta Dona Maria, que foy despois Raynha de Castella, & Leaõ cazada com elRey Dom Afonso deste nome o XI. de Castella, & ambos eram netos de elRey D. Dinis, como ao diante se dirá. E ouve o Infante Dom Pedro, que apoz elle reynou, oqual nasceo ẽ Coymbra anove dias do mes de Abril da era de Cesar de mil trezentos sincoenta & oyto annos, do anno de Christo de mil trezẽtos & vinte, & foy cazado com a Infantá dona Costança Manoel, filha de Dom Ioam Manoel, filho do Infante Dom Manoel de Castella, como ao diante direy, & ouve mays a Infanta Dona Leanor, que foy Rainha de Aragam, cazada com elRey Dom Pedro deste nome o quinto, & dos

Reys

Reys de Aragam o XVI. filho de elRey Dom Afonſo deſte nome o IV. de Aragam, & ſobrinho da Rainha Dona Izabel, molher de elRey Dom Dinis, filho de elRey Dom Iaymes o II. deſte nome, de que ao diante tãbem ſe dirá.

CAP. III.

Como elRey Dom Afonſo executou o odio, que tinha contra Afonſo Sanches ſeu irmàm.

COMO elRey Dom Afonſo reynou, porque foy tẽpo em que muy livremẽte ſem algũa torva podia executar o grande odio, que ſem cauſa concebera, & tinha a Afonſo Sanches ſeu irmàm, & elle em todas as couſas, que contra o dito Afonſo Sanches deſejou, & em que erradamente o avia por culpado, logo fez fazer proceſſo, em que ſe puzeram todas as difamaçoens, que atraz na Chronica de elRey D. Dinis jâ apontey, convẽ vem aſaber, que o quizera matar com peçonha, & que difamàra delle ao Papa, dizendo delle taes defeytos, q̃ por elles naõ devia de reynar, por o dito Afonſo Sanches ſer pera a ſucceſſaõ do Reyno elegido, & habilitado; & deu-ſe contra o dito Afonſo Sanches ſentença, que foſſe do Reyno de Portugal deſterrado, & perdeſſe todolos officios, honras, & terras que tinha, as quays todas ſem cõtradiçam lhe mandou logo tomar, ſobre oqual Afonſo Sanches deſpoys de ſer em Caſtella, o enviou requerer, & afrontar, & pedirlhe, que poys nam avia cauſas juſtas de ſua condenaçam, lhe nam tomaſſe nada do ſeu, & o reſtituiſſe a todo aſſi como o dantes tinha, porque com tudo o ſerviria como a ſeu Rey, & Senhor, & lhe ſeria bom, & fiel vaſſallo, ao que elRey Dom Afonſo, ſendo ſomente contrariado de ſua propria vontade, & payxam, nam quis ſatisfazer, antes obrou o que tinha começado, pelo qual Afonſo Sãches, porque no Reyno de Caſtella era por ſangue Real muy lindo, & amigo com grandes peſſoas, & aſſi tinha já nelle muytas Villas, & terras, ajuntou muyta gente de Caſtella, & de Leam, & entrou logo em Portugal, por terra de Bragança, onde queymou, & roubou muytos lugares, & fez nelles grandes danos, & no meſmo tempo mandou á outra ſua gente, que tinha em Albuquerque, & Medelhim; de que hera Senhor, que tãbem entraſſem, como entràram, em Portugal, por riba de Odiana, onde com roubos, & queymas, mortes, & cativeyros

de gentes fizeram outro sy grandes roubos, & danos, & sobre isto o ditto Afonso Sanches se veo á Albuquerque pera continuar a guerra contra elRey Dom Afõso seu irmám, oqual proveo logo as Estremas de Portugal com gẽtes,& Fronteyros, entre os quaes foy Dom Gonçalo Vaz Mestre de Avis,que cõ sua gente,& com outra de alguns Concelhos, estava por Frõteyro em Ouguella jũto de Albuquerque,contra oqual sahio de Albuquerque Afonso Sanches, & ouveram ambos grãde peleja, em que o Mestre, & os seus foram vencidos,& maltratados, & Afonso Sanches despoys de ser recolhido,porque adoeceo de febres quartans, se foy a Medelhim,que hera tambem seu. ElRey Dom Afonso com grande sentimento deste desbarato,ajuntou logo sua gente de Portugal, & entrou em Castella,& foy cercar oCastello da Codeceyra,junto de Albuquerque,que tambem hera de Afonso Sanches, esteve tanto sobre elle, atè que por partido lho deu hum Diogo Lopes, que delle hera Alcayde,& elRey despoys de derribar o dito Castello por muytas partes,se tornou á Portugal,onde intervieraõ taes medianeyros,que antre elles puzeram paz,& segurança, pera hũ nam fazer mal na terra do outro, & com isso cessou a guerra antre elles. Este Afonso Sanches despoys de falecer em Castella, se mandou levar ao Mosteyro de Villa de Conde,da Ordẽ de Santa Clara, que elle de novo fundou,& nelle jáz sepultado, nà capella,que se diz dos Senhores, & delle ficou seu filho Dom Ioam Afonso de Albuquerque, o que disseram o bom, que em tẽpo de elRey Dom Pedro de Castella, andou morto no ataude,atè a cõclusam das cousas, que em sua vida emprendera, como naChronica de Castella he conteudo.

CAP. IV.

Como foy tratado, & feyto o casamento delRey Dom Afonso de Castella,com a Infanta Dona Maria, filha deste Rey Dom Afonso de Portugal.

ELREY Dom Afonso deste nome oXI. Rey deCastella,ficou como atraz tenho dito,menino, por falecimento delRey Dom Fernãdo seu padre, & em tempo de suas tutorias padeceram seus Reynos, & seus vassallos muytas tribulaçoẽs,porque seus tutores, com a Rainha D. Maria,sua avó, nũca foram cõcordados,antes na parte do Reyno,q̃ cadahũ pera sy tomava,nã se guardava algũa imagẽ de direyto, nem

nem justiça, cà todos soltamente, & sẽ algũ temor faziam oq̃ queriam, & durou isto atè o anno de Christo de mil & trezẽtos & vinte & dous, em que elRey Dõ Afonso ouve idade de catorze annos, no qual tempo depoys da morte da Raynha Dona Maria sua avò, elle sempre estéve em guarda na Villa de Valhadolid, & por seu amo Martim Fernandes de Toledo, que muyto tempo avia que o criáua. E comprido este foy elRey em Cortes, por consentimẽto do Reyno metido em posse da inteyra governança de seus Reynos, & ende outros do seu Conselho, & de mór privança, tomou loguo por principays privados, & conselheyros hum Alvaro Nunes d' Osoyro, que hera da terra de Leam, homem pera todalas couzas astuto, & prudente. E tambem Garcia Lasso de la Vega em cuja governança, & disposciçam heram todalas coulas dos Reynos de Castella, & Leam. E a este tempo heram na Corte Dom Ioam Manoel filho do Infante Dom Manoel, & Dom Ioam, que dissera o Torto, filho do Infante Dom Ioam, que morrera na Veyga de Grada, donde por sospeytas, que ouveram de suas mortes, que lhes tratavam, se partiram como desavindos.

E porque Dom Ioam o Torto hera viuuo de Dona Izabel filha do Infante Dom Afonso de Portugal que tivera por molher, & tinha grande terra, com muytas Villas, & Castellos, prazia a Dom Ioam Manoel cazar com elle sua filha Dona Costança, que hera ainda muy moça, pera ambos, que heram grandes Senhores, serem liados contra elRey, de que se muyto temiam, & assi contra quem os quizese dineficar, & sabendo elRey desta concordia, & quanto desasocego estes homens lhe podiam caular em seus Reynos, especialmente, porque a este tempo inda hera vivo Dom Afonso de la Cerda aquelle, que jà se intitulara Rey de Castella, com quem por torvaçam, & contenda se poderiam ajuntar. ElRey por conselho de Alvaro Nunes, & polos apartar desta concordia, & casamento enviou loguo secretamente a D. Ioam Manoel seu mensageyro, porque lhe mandou rogar, que se nam apartase de seu seruiço, porque dezejava fazerlhe merce, & darlhe apartados officios, & governança de seus Reynos, que elle quizesse, & finalmente que lhe prazia cazar com a dita Dona Costança sua filha, da qual embaxada Dom Ioam Manoel foy muy alegre, & com algũa dissimulaçam, que inventou, se apartou loguo de Dom Dom Ioam, & se foy a Penhafiel onde por procuradores, q̃ elRey ali enviou, se concordou seu ca-

zamento com a dita Dona Costança, & com seguridade de fortalezas, que elRey para isso pòz em poder do dito D. Ioam Manoel; & pera trazerem a dita Dona Costança a poder delRey, logo o Infante Dom Felipe tio delRey, & de Dona Margarida sua molher, & muytos Senhores, que a trouxeram a Valhadolid, onde tambem veo Dom Ioam seu padre, & ali com grandes festas fizeram seus sólemnes esposouros, & porq̃ hera muyto moça, sem elRey toquar, foy entregue a Dona Tareja sua Aya, que a criasse, & elRey fez Dom Ioam Adiantado mor da fronteyra de Gradá, do qual Dom Ioam o torto, sabendo estas cousas, se ouve por enganado, & por isso nam leyxou de catar outras maneyras pera desserviço deelRey de Castella, assi como foy fazerse, como se fez, vassallo de elRey Dom Afonso de Portugal, pera delle aver, como ouve, a grande cõtia de dinheyro, que de elRey Dom Dinis ouvera o Infante Dom Ioam seu Padre.

E por estas cousas elRey D. Afõso de Castella desamava muyto este Dom Ioam, especialmente despoys que soube, que D. Ioam Manoel lhe mandara certificar, q̃ sem embargo do cazamento de sua filha com elRey de Castella, elle o ajudaria contra o mesmo Rey de Castella, quando sem causa o quizesse destruir, & fazerlhe dano, segundo com elle tinha cõtratado, & jurado. E por estas causas elRey de Castela, por qualquer maneyra, & engano, que fosse, desejava muyto de aver a seu poder Dom Ioam o Torto pera o matar, & ser fora de suas sospeytas. E pera com algũa grande esperança fingida de bem o poder em seu serviço assocegar, & principalmente pera o milhor enganar, lhe enviou por embaxador o dito Alvaro Nunes d' Ozoyro, q̃ era Camareyro Mor delRey, & Iustiça mayor de sua Corte, & despoys foy Conde de Trastamara, & de Lemos, & este cõ promessas, & seguridade, que deu a Dom Ioam, & porque cõ isso maliciosamente tambem lhe envolveu esperança de elRey o cazar com a Infãta Dona Lianor sua irmãam, que era já molher. Elle sobre sua cabeça, & beijãdolhe a màm por Senhor, o levou a Touro, onde elRey por grande honra o sahio a receber fora da Villa, & se foy com elle à pouzada, & sendo delle convidado pera o outro dia, q̃ era dia de todolos Santos. ElRey sobre a segurãça, que lhe tinha dada, o mandou matar, como tinha detreminado, & a dous seus vassallos com elle.

E logo elRey em hum estrado cuberto de luto perante muytos fez relaçam dos erros, que o dito Dom Ioam contra sua pessoa

Rea

Real cometera, & o julgou por trèdor,& confiſcou pera ſy,& ſua Coroa todas ſuas terras,& Villas, & Caſtellos,que paſſavam de oytenta ; & ficou delle hũa ſó filha, Dona Maria, que ſua ama por ſua ſalvaçam levou logo a Bayona de Bordeos, que era de Ingalaterra. E Dom Ioam Manoel ſabendo da morte de Dom Ioam,enojado della, & receoſo da ſua, ſe partio da frontaria dos Mouros, aonde eſtava,& ſe foy ao Reyno de Murcia, aonde tinha terras, com fundamento de nam ir mays à ſerviço delRey,nẽ à guerra dos Mouros,pera que era apercevido,& acuſando muyto de praça, & com palavras muyto feas Alvaro Nunes ; pella morte de Dom Ioam, em que como ſabedor della o culpava, no que o dito Alvaro Nunes, pera oque eſperava ſe achou delle muyto enganado, porque cõfiava, que Dom Ioam Manoel ſeria ſempre em ſua ajuda ; & favor, por elle ordenar,& procurar o cazamento delRey cõm ſua filha. E ſentindo elle o contrario, declarouſe antre elles grande deſavença,& imizade, & com ſe dizer,que o dito Alvaro Nunes,por dinificar, & abater em Dõ Ioaõ, diſſe a elRey,que por quãto a calidade, & condiçam de D. Coſtãça por ſer filha de ſeu vaſſallo, & tal com que nam ganhava hõra, nem dinheyro, nem aliança, nam era rezam, que cazaſe com ella.

E por iſſo eram bem pera eſtimar, que elle dito Dom Ioam, & outros, que elRey quizeſſem deſſervir,nam ſe liaſſem com Portugal, que ſeria ſem embargo das promeſſas do primeyro cazamẽto com Dona Coſtança, que cazaſe com a Infanta Dona Maria, filha delRey dePortugal,que era donzella,& a mãdaſſe pedir,& aſſi requerer cazamento do Infante Dom Pedro ſeu filho herdeyro, com a Infanta Dona Branca, filha do Infante Dom Pedro de Caſtella, ſeu tio, aquem muyto devia ; porque ſendo ſeu tutor, morrera por ſeu ſerviço na Veyga de Grada. E a elRey de Caſtella aprouve de iſſo ; & ſobre apontamentos ſecrẽtos ; que ouve de hũa parte, & da outra, ElRey de Caſtella enviou a Coymbra por ſeus Embayxadores a tratar os ditos cazamentos,Pero Rodrigues de Vilhegas, & Fernam Fernandes dePinna,& por elles com elRey Dom Afonſo de Portugal, que era prezente, foy em nome delRey de Caſtella concordado, que elle cazaſſe com a dita Infãta Dona Maria, aqual lhe foſſe entregue em algum lugar do Eſtremo,atè o S. Ioam,que vinha da era deCeſar de mil & trezentos & ſeſſenta & ſeys annos, que era do anno de Chriſto de mil & trezentos & vintoyto,& que em cazo, que o Papa nam diſpenſaſſe

com elles por serem em sangue tam conjuntos,& pera os apartar puzesse sobre elles sentença de excomunham, & interdito nos Reynos,que nem por isso se apartassem, antes que ambos mantivessem, como marido,& molher, como se fossem despensados.

E pera segurança disto poz elRey de Castella em poder de Fidalgos Portugueses Trugilho, Prazença, Feria, Burgilhos. E elRey de Portugal, em poder doutros Castelhanos Filhos dalgo, Arronches,Castello da vide,Portalegre,& Monforte,& os Alcaydes aviam de ser pagos acusta dos Reys,cujos eram os Castellos, de que se fez contrato com muytas clausulas de firmezas, & condiçoens,que nam fazem a este proposito.

E porem entre elRey de Portugal, & os ditos Embayxadores, foy tambem logo apontado, & falado,que o Infante Dom Pedro herdeyro de Portugal,cazasse cõ a dita Infanta Dona Branca, que atraz apontey, aqual, porque tinha em Castella muytas Villas, & terras, que estas com nome de dote da dita Infanta Dona Maria ficariam ao dito Rey de Castella, & que elRey de Portugal daria por isso em os seus Reynos outras tantas Villas, & terras, logo assinadas á dita Infanta Dona Branca, por dote de seu cazamẽto, com o dito Infante Dom Pedro, & que ao tempo da entrega da Infanta Dona Maria se fariam sobre estes proprios contratos.

E antes que estes cõtratos fossem publicados, porque a dita Dona Costança, filha de Dom Ioam Manoel despoys dos desposorios prometidos ficàra em Valhadolid, receandose elRey de Castella, que sabendo Dom Ioam destes cazamentos de Portugal,procuraria de tirar, & levar sua filha donde estava,& ordenar della algum trato de seu desserviço. Mandou aos de Valhadolid, em cujo poder estava, que logo a levassem, como levaram a Cidade de Touro onde em boa seguridade foy posta em guarda no Alcacere della.

Da qual cousa, como Dom Ioam Manoel foy certificado, anojado disso, quanto era rezam, se enviou logo por seu procurador desnaturar, & despedir delRey de Grada, que juntamente fizeram ambos crua guerra, de que os Christãos dos Estremos, por elRey de Grada,& os de dentro do Reyno, onde Dom Ioam tinha muytas Villas,& Castellos receberam grandes danos, especialmente, que o dito Dõ Ioam, porque fora jà cazado com a Infanta Dona Costança filha delRey Dom Iaymes,& hera irmaã delRey Dom Afonso, que entam reynava em Aragam, se lhe inviou querelar da injuria, que recebe-

cebera delRey de Caſtel'a, contra oqual em vida de Dom Ioam, o dito Rey de Aragam lhe inviou Capitaens com muyta gente, os quaes todos repartidos por Caſtella, faziam nella muytos males, & grandes eſtragos.

E porque da Villa de Eſcalona, que hera de Dom Ioam, ſe fazia muyto dano, elRey de Caſtel la com grande poder a foy cerquar, & eſtando neſte cerquo jurou, & firmou em ſua peſſoa os ſobreditos concertos do cazamẽto ſeu com a Infanta Dona Maria de Portugal, & foy no ſobredito anno, aos vinte & ſeys dias de Março, & porque foy logo apontado, que por reſpeyto do dito cerquo de Eſcalona, em que o dito Rey de Caſtella eſtava, elle por ventura nam poderia hir em peſſoa a Portugal, ou a ſeus Eſtremos ao tempo, que foy apontado o recebimento da Infanta Dona Maria ſua molher, que neſte caſo, & durando eſte pejo, enviària por ella á Infanta Dona Leanor ſua irmaam, que lha trouxeſſe, & ſobre eſte concerto inviando elRey pela dita ſua irmaam a Valhadolid onde eſtava; os da Villa a nam deyxàram hir a elRey, nem ſahir da Villa, porque lhe fizeram crèr que a tirávam, pera contra a ſua honra, & eſtado, a cazarem com o ditto Dom Alvaro Nunes d' Oſoyro, que hera jà Conde de Traſtamara, & de Lemos, como diſſe, & hera o mayor ſenhor de Caſtella, & em todo a governáva, do qual ſe receàvam, que deſpoys de ſer cazado poderia ordenar a morte á elRey Dom Afonſo, cõ a qual por reſpeyto da Infanta, ſe foſſe ſua molher, ficaria Rey dos reynos de Caſtella, de que nam avia outro herdeyro legitimo mays chegado, que os ſucedeſe, & por eſtes boliços, & aleuantamentos, que em Caſtella ſe moviam, conveo a elRey de Caſtella levantar o cerquo de Eſcalona, & ir a Valhadolid, onde por cauſa do dito Conde Alvaro Nunes, que no Reyno hera muy deſamado, o nam quizeraõ logo acolher, & lhe fecharam as portas, & por aſſocego, & contentamento de todos, & por males, & tiránias, que do dito Conde lhe certificàram, ali o lançou fora de ſua caſa, & privãça, oqual jà agràvado, & eſcandàlizado de ſeu apartamento do grande favor, que tinha, deſpoys de mover contra elRey muytos fundamentos, & tratos, com Mouros, & Chriſtãos, pera o deſſervir, finalmente foy deſpoys por ſeu mandado morto, por Ramir Floreſo de Guzmam, & deſpoys queymado, & julgado por trèdor, & perdidas ſuas terras pera a Coroa de Caſtella, & com iſto elRey de Caſtella no ſobreditto anno ſe partio de Valhadolid, & cõ elle a dita Infanta Dona Leanor ſua irmàam, acompanhada

de Condeças, & grandes Senhoras,& se vieram a Cidade Rodrigo, & daly a ditta Infanta Dona Leanor se foy diante ao Sabugal, que he Villa de Portugal, onde heram juntos elRey Dom Afonso de Portugal, & a Rainha Dona Izabel sua madre,molher que foy delRey Dom Dinis, & a Rainha Dona Britis sua molher, que traziam a dita Infanta Dona Maria, & delles todos a dita Infanta Dona Leanor foy grandemente recebida, & festejada, & despoys de estarem ali alguns dias se foram todos a Villa de Alfayates, que he de Portugal, onde veo elRey de Castella, & ali se fizeram suas vodas com grandes festas, & muytas alegrias, acabadas as quaes todos juntamente se foram ao lugar de Fonte grinaldo, que he de Castella, & ahí concordàram o outro cazamento do Infãte Dom Pedro herdeyro de Portugal, com a dita Infanta Dona Branca de Castella, filha do Infante Dom Pedro, como atraz brevemente apontey.

E despoys de afirmarem entre sy suas pazes, & amizades, & todolos outros concertos de dotes, & seguridades dos Castellos, que que se aviam de dar: ElRey de Portugal se tornou pera seu Reyno, & elRey de Castella com a Rainha sua molher pera Cidade Rodrigo, & com elles foy atè à dita Cidade a Rainha Dona Beatris de Portugal, mãy da Raynha Dona Maria, donde tambem se tornou aoReyno,& huns ficâram dos outros muy alegres, & contentes, & desta hida delRey de Castella, se apontou, & concordou o cazamento da dita Infanta DonaLeanor sua irmaam,com elRey de Aragam,q já fora cazado com Dona Tareja,com quem erdou o Condado d'Vrgel, de que já tinha avido Dom Pedro, que apòs elle reynou em Aragam, aqual Dona Leanor elRey seu irmam lhe foy entregar em Grada lugar de Castella, & dahi foram fazer suas vodas em Tarraçona, primeyro lugar de Aragam,aque foram Embayxadores delRey de Portugal, pera todos firmarẽ entresy,como firmaram,pazes, & alianças,& assi a concordia sobre a guerra dos Mouros, que elRey de Castella queria fazer, & dali trouxe elRey de Castella consigo a Infanta Dona Branca, muy moça, que hera consertada cazar com o Infante Dom Pedro herdeyro de Portugal,tanto que ella ouvesse idade de doze annos, pera a entregar a elRey de Portugal, como entregou, segundo ao diante se dirà.

E porque Dom Ioam Manoel vio, que por estas alianças, & cazamentos, jà em Espanha nam tinha socorro, nem ajuda pera a guerra, que por vingãça emprendera contra elRey de Castella,& por-

porque era viuvo, cazou logo cõ Dona Branca filha de Dom Fernando de la Cerda, filho de Dom Afonſo de la Cerda, que ſe chamou Rey de Caſtel a, aqual tinha grande cazamento, & mays hera irmaam de Ioam Nunes, ſenhor de Lerma, que hera cabeça do ſenhorio de Lara, & hera grãde ſenhor, & tinha muytas Villas, & terras, oqual Ioam Nunes tãbem hera filho do dito Dom Fernando de la Cerda, & de Dona Ioana de Lara, que fora molher do Infante Dom Henrique, tutor delRey Dom Afonſo, & porque o dito Ioam Nunes hera moço, & ainda por cazar, ordenou o dito Dom Ioam Manoel, que elle tãbem cazaſſe, como cazou, com Dona Maria filha de Dom Ioam o Torto, o que elRey mandou matar, em Touro, filho do Infante Dom Ioam, que morreo na Veyga de Grada, aqual Dona Maria hera herdeyra de Biſcaya, & pella morte de ſeu padre, pera ſegurança de ſua vida, fora por ſua ama levada a Bayona, que hera de Inglaterra, como atraz diſſe, & a ella pertẽcia oSenhorio de Biſcaya, oqual com todalas outras Villas, & terras, que foram de ſeu pay, & que elRey lhe tinha tomadas, o dito Dom Ioam Manoel diſſe: que por guerra, que ambos fariam a elRey de Caſtella, lhe faria inteyramente entregar, & receoſo elRey de Caſtella do concerto deſtes dous Senhores, que por ſua deſobediẽcia lhe impediam nam proſeguir a guerra dos Mouros, como deſejava, & pera que eſtava percebido, concordouſe com o dito Dom Ioam Manoel, por meyo de Dom Ioam do Campo Biſpo de Ovedo, & as condiçoens do concerto, foram, que elRey lhe entregaſſe, como entregou, ſua filha Dona Coſtança, q em Touro eſtava em guarda, & elRey Dom Ioam deſſe as Villas, & Caſtellos, que por iſſo tinha em arrefens, ſalvo, que dellas nam entregaſe a Villa, & Caſtello deLorca, de que fariam menagem a elRey, mas eſta paz naõ durou antre elles, como direy ao diante, & no anno ſeguinte os Reys de Caſtella, & Portugal outra vez ſe viram em Fonte Guinaldo, & ali concordaram, que os Alcaydes de hum Reyno, & do outro, que por fieldade, & ſegurãça dos cazamentos, & tratos, tinham as Villas, & Fortalezas que atras diſſe, ſe mudaſſem, & aſſi algũas Fortalezas primeyro nomeadas em outras, & os Portugueſes tiveſſem as de Portugal, & os Caſtelhanos as de Caſtella, & que eſtes com menagens, & juramentos foſſem obrigados cõprir todas as obrigaçoẽs, & condiçoẽs do primeyro contrato, & aſſi lhe prometeo elRey de Portugal ajuda pera a guerra dos Mouros, quinhẽtos cavalleyros á ſua cuſta, cõ

os

os quays avia de hir; como foy o Meſtre de Chriſto, que com a dita gẽte foy a Cordova antes, que el-Rey entraſſe a terra dos Mouros, & foy no cerquo de Teba, & a eſtas viſtas, dẽ Fõte Guinaldo trouxe elRey de Caſtella a dita Infãta Dona Branqua ſua prima, & a entregou a elRey Dom Afonſo de Portugal, que como propria filha a trazia, & criava em ſua propria caza, pera que tanto que foſſe em idade de cazar com o Infante Dom Pedro ſeu filho mayor, & herdeyro, aver ella em Portugal outras tantas Villas, terras, & renda, quantas tinha em Caſtella, as quays aviam de ficar, como ficaram a elRey de Caſtella pello dotte da Rainha Dona Maria, como já diſſe, & elRey de Portugal pelas Villas, & terras, que aſſinou à dita Infanta Dona Brãqua, depoys q̃ ella ſe foy de Portugal, como adiante ſe verà, lhe deu a valia dellas a dinheyro cõtado, que foram dous contos, & duzẽtos mil maravedis, pelosquaes a dita Dona Branqua comprou a elRey de Caſtella as Villas de Briviesca, & de Pancorvo, & de Salinas, & de Anana, & em quanto lhe nam pagáram eſte dinheyro, ella avia em Portugal dez mil livras, que eram coatro mil cruzados cada anno.

CAP. V.

De como elRey de Caſtella tomou por mãceba Dona Leanor Nunes de Guſmaõ por cuja cauſa ouve grandes deſavenças antre os Reys de Portugal, & Caſtella.

ENDO já em dous annos, que Dom Afonſo de Caſtella hera cazado com a Rainha Dona Maria, & nam avẽdo della geraçam, namorouſe, & ouve em ſeu poder em Sevilha D Leanor Nunes de Guſmaõ filha de Dom Pedro Nunes de Guſmaõ, que eſtava viuva de poucos dias, & hera muyto Fidalga, moça, & fermoza, & muyto diſcreta, & eſtava em poder de hum ſeu avò, & elRey a vira em caza de hũa ſua irmaam cazada com Dõ Henrique Henriquez, daqual ficou muyto contente, & della ouve elRey por tempos muytos filhos, & contra ſua honra, & eſtado real, & conciencia, a teve ſempre em todo eſtado, & acatamento de Rainha denegando tudo iſto a Rainha Dona Maria ſua molher, aquem tratava com grandes diſfavores, & com muy poucas moſtranças de verdadeyro amor, aqual couſa ſabida em Portugal, a Rainha Dona Iſabel, molher, que foy delRey Dom Dinis, que ainda

ainda hera viva, & avo que hera de ambos, & este Rey Dom Afonso, & a Rainha Dona Maria sua molher dezejando atalhar no comesso este fogo de discordia, ante que mais se acendesse, teve vistas com elRey seu neto en Xares de Badajos a quẽ aconselhou, em seus feytos tão sam, & direytamente como se esperava de Rainha taõ virtuoza, & taõ sancta como ella era, & que com elle tinha tanta rezaõ; & dali se partio elRey com promessas que fez de se naõ dar tanto a afeiçaõ de Dona Leanor; mas elle depoys fez em todolo contrario de sua promessa, & Dom Ioaõ Manoel sendo, enojado, & agravado del Rey de Portugal por contrariar com elRey de Castella o casamento de Dona Constança sua filha, & o fazer com a Rainha Dona Maria dezejando no mesmo caso sua vingança que fosse cõ desgosto, & abatimento del Rey de Portugal, & assi por buscar algum remedio, & segurança de sua vida, & estado, de que estava muy duvidozo, sabendo que elRey de Castella, & todo o Reyno estavaõ a disposiçaõ, & vontade de Dona Leanor sua manceba, o dito Dom Ioaõ Manoel enviou a ella seus secretos mensageiros pelos quoais com muitas rezois, & posiueis dispoziçois que para isso lhe apontaraõ, a induziraõ que fizesse com elRey que deixasse a Rainha Dona Maria, para que avia cauzas legitimas de sangue, & parentesco, & casasse com ella Dona Leanor, & fosse Rainha; o que seria muy leve couza de fazer offerecẽdo para isso suas forças, & poder cõ que por seu meo serião tambem todolos outros do Rey; mas Dona Leanor como hera muyto avizada, & prudente, lhe mandou estranhar muito tal cometimento, & avizou os mensageiros que numqua mais a outrem o revelassem, convidandose com tudo a Dom Ioaõ para toda boa concordia, & avença com elRey, aconselhando que este para elle seria melhor, & mais seguro caminho, & outro muy duvidozo; mas este negoçeo que Dom Ioaõ cometia, segundo se despois soube, naõ hera cõ võtade de o cõprir mas só procurar odio, & guerra del Rey de Castella com elRey de Portugal, & para antre elles aver cauza de serem mais dinificados. A este tempo hera na corte de Castella Dom Fernaõ Rodrigues Prior da ordem de S. Ioaõ muy privado, & pessoa mais principal do conselho del Rey, & Chançaler da Rainha Dona Maria, & este Prior queria grande bem a Dom Ioaõ Manoel, & por todalas vias procurava, & dezejava seu bẽ, & segu-

rança, & tambem elRey Dom Afonso de Portugal lhe hera muy afeyçoado porque sabia quam bem, & lealmente servia aRaynha Dona Maria sua filha cujo official hera, & o Prior por aproveytar sãmente ahonra, & contentamento de D. Ioaõ, & não danar a elRey de Castella tratou secretamente com elRey Dom Afonso de Portugal que o cazamento, & espozorios que heraõ feytos ante o Infante Dom Pedro seu filho com a Infanta Dona Branqua que estava em Portugal por cauzas, & rezoens muy legitimas que apontou, se desfizese, & casasse com Dona Constança filha de D. Ioaõ Manoel, & especialmẽte se fez pello Prior este cometimẽto porque sabia que o Infante Dom Pedro naõ hera contente da Infanta Dona Branqua por ser doente, & desposta a etegua, & ter outras payxois que as vezes faziaõ seu entendimento torvado; & tambem entendeo nisto porque ses entender a elRey de Portugal que a ajuda, & liança de Dom Ioaõ, & sua valia lhe hera muy necessaria contra el Rey de Castella para os desvairos, & desconcertos que ante elles ja se comessauaõ, & pera, emenda do mao trato que a Rainha Dona Maria por elle porresperyto de D. Leanor se fazia; & este cazamento foy ante elles muy secretamente apontado, para com menos contra diçoẽs poder dispois aver effeyto, se bem pareceste, o qual esteue muytos dias encubrto ate que dispois se fes como ao diante direy. E estando as couzas nestes termos sendo a era de cezar de mil, & trezentos, & setenta annos, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & dous, a Rainha Dona Maria de Castella emprenhou do Infante Dom Pedro que despois foy Rey, & foy a tempo que elRey Dom Afonso seu marido no Agosto do dito anno se armou cavaleyro em San Tiago de Galiza, & sev eo coroar a Burgos onde houve muy reais festas, a q̃ vieraõ grandes homens, & todolos senhores de Castella, & Aragaõ saluo D. Ioaõ Manoel, & Ioaõ Nunes q̃ heraõ delle desavinidos; e nesta coroaçaõ armou, & fes el Rey de Castella cento, & sincoenta cavaleyros grãdes senhores de Castella com grãdes ceremonias, a que deu armas, & ricos vestidos & estes armaraõ outros mais baixos a que tambem armaraõ, & vestiraõ em grande numero, & cõ muita magnificencia, & a qui tambem foy a Rainha Dona Maria juntamente corcada com elRey, em que alguns dizem que ha primeyra ouue alguma

alguma

algũa contradiçam, & afirmam, que se nam fora prenhe elRey a quizera leyxar, & tomar, & coroar por sua molher, & Rainha Leanor Nunes sua manceba, & na era de Cesar de mil & trezentos & setenta & hum annos, que hera do anno de Christo de mil & trezentos & trinta & tres, despois das festas da coroaçam delRey Dom Afonso, & da Rainha sua molher, sendo ella prenhe da segunda vez, & estando em Burgos hera hi tambem Dona Leanor Nunes, que desta emprennidam da Rainha hera muy enojada, porque cria, que nam parindo a Rainha teria esperança de reynar cada hum de seus filhos, que já tinha delRey, que a trazia sẽpre consigo como homẽ, que assi lhe era afeyçoado, q̃ por obras claramente parecia, que sem ella namsabia, nem podia viver, & por hũas letras antigas de Portugal achey, que esta Dona Leanor por feytiços quisera fazer matar a Rainha Dona Maria ha hora do parto, & assi tambem o filho de que hera prenhe, pera que se diz, que buscou hũa Moura feyticeyra, aqual sobre promessa de grãdes merces lhe prometeo, & segurou, que em quanto tivesse entre suas mãos fechadas os feytiços, q̃ sabia, como a Rainha estivese de parto morreria sẽ poder parir, & para prova do efeyto, que averia na Rainha esta abominavel officio de feytiçaria, ella fez primeyro experiencia delle em hũa outra molher da Cidade, aqual estando de parto por seos encantamentos, que fez, nunqua pode parir, & morreo, & sobre este tam diabolico, & perigoso contráto, que molheres fizeram, como as dores vieram a Rainha ás horas, & tempo de seu parto devido, de que Leanor Nunes foy ao ponto avizada, ella em hũa camara secreta, se pos com a Moura, sem outra companhia, onde com mayor prepozito, & mays diligencia consertáram seus artificios para a morte dos innocentes mãy, & filho, & como quer que a Rainha em outras horas, & tẽpos nam fosse delRey assi favorecida, & vizitada como por rezam, & honestidade lhe devia, porem nesta hora do parto de que mostrava receber muyta alegria por aver legitimo sucessor foy com a Rainha sempre prezente com detreminaçam de a nam leyxar, & a esforçar até que parise, & passando já o termo em que divera ser alumiada, vendo, que com remedios de excelentes fizicos, & singulares parteyras nam a deyxando dores mortaes, de que hera muy afficada, socorreramse todos a oraçoens, reliquias, & Procissoens, que por ella se fizeram muy devotas na Cidade, mas tanta hera a força deaquelle diabolico encantamen-

mento, que todo nam aproveytáva, & parecia, que forçava a ordenança, & o efeyto, que a natureza de rezam queria obrar, inclinandose òs padecimẽtos, & accidẽtes da Rainha pera sua morte por todos já detreminada. ElRey sendo por isso muy triste, & anojado, & assi toda sua Corte avendo já dez dias, & oito horas, que a Rainha estava de parto: acertouse, q̃ hera ahi hum Iudeu fizico, & Astrologo muy prudente, oqual vendo q̃ as couzas daquelle parto hiam contra toda rezam natural, imaginãdo, que podiam ser feytiços, que cõ algũa cautela, & engano se podiam desfazer, apartou elRey, & lhe disse, Senhor: Se da tristeza, que pela tardança, & perigo deste parto recebeys, quereys ser livre, sahivos desta caza, & quantos aqui estam comigo, & fiquem somente estas molheres, q̃ obedeçam em tudo oque lheseu mandar, & na hora, que por algũa dellas souberdes, que a Rainha pario, logo sem mays detença, & com rosto alegre lhe day grãdes alviçáras, & manday por isso fazer repiques, & grandes alegrias pela Cidade, & com isto concertado, & fechadas as portas, hũa dellas com trigança, só abrio a porta, & vendo logo D. Pedro de Castro, & D. Gonçalo de Toledo, & assi outros muytos fidalgos, que hi heraõ cõ elles, lhes disse cõ o g esto prazẽteyro, & alegre, alviçáras, alviçáras, q̃ a Rainha cõ a graça de Deos, & saude já pario hũ filho, os quaes correraõ logo cõ este prazer a elRey, q̃ nas alviçaras, & nos repiquẽs, & festas cõprio a ordem do Iudeu, & este alvoroço, & alegria, que cõtinuou por toda a Cidade, chegou as orelhas de D. Leanor Nunes, onde cõ a Moura estava em serviço do Diabo, & quando foy certificada, que a Rainha parira hũ filho, ella por isso muy triste, & indinada disse cõtra a Moura à mà perra, q̃ fizeste, porque a Rainha ja pario hum filho, & a Moura como maravilhada de ser quebrada a grãde força de seus feytiços, que em outros nũca quebrara, abrindo as mãos, q̃ cõ elles tinha muy fechadas, disse, Senhora, q̃ farey ao poder de Deos, q̃ he sobre mi, & sobre todos, em este proprio tẽpo a Rainha onde estava já de todo mortal a 20. dias do mes de Agosto do dito anno pario hũ filho q̃ ouve nome o Infãte D. Pedro, q̃ despoys reynou, & já dãtes parira outro filho primeyro, q̃ ouve nome D. Fernãdo, q̃ faleceo ẽ Touro, peloqual se diz, q̃ elRey muy satisfeyto da astucia do Iudeu lhe deu logo dez peças de pano douro & despois lhe fez muyta m. & cõ quãto logo entaõ, & despoys a fama, & causas destes feitiços fosse muy publicada, tal erro naõ foy ẽ nada estranhado a Leanor Nunes, mas comutado a mayor amor & privança, que cõ elRey sẽpre

despe-

despoys teve, & por isso mayor desamor, & mays esquivanças á Raynha Dona Maria sua molher. E assi neste tempo se acha, que el-Rey de Grada, que havia nome Iucafá Benavid Abenaal, sentindose agravado delRey de Castella, por lhe quebrar hũas certas tregoas, & posturas, que ambos tinham postas, nam podendo por sy resistir aseu agravo, se passou álẽ mar a caza delRey Aliboacẽ, q̃ era Rey de Marrocos, & de Benamarim, & lhe pedio ajuda, & socorro contra o dito Rey de Castella, aque Aliboacem satisfazendo, mãdou logo a Espanha, que passou em navios, Abomelic seu filho, aq̃ disseraõ o Infãte Picarso, porque hera torto de hũ olho, & com elle sete mil Cavalleyros, & outra muyta gente de pè, que vieram a portar a Aljazira, deque este Infante Abomelic se chamava Rey, & assi de Ronda, que heram suas, & cercou logo em torno a Gibaltar, de que hera Capitam, & Alcayde hum Vasco Pires de Meyra, oqual Infante junto com elRey de Grada faziam grande guerra, & muytos danos a toda a terra de Andaluzia, & avisado disso elRey de Castella, pellos desvayros em que estava com Dom Ioam Manoel, & Ioam Nunes, não pode logo socorrer a Villa, & encomendou em tanto o socorro se fosse possivel ao seu Almirante do mar, & a outros Senhores, & Mestres das Ordens, & assi as Cidades, & Villas daquella Comarca, & assi enviou a pedir a elRey de Portugal seu sogro, que o ajudasse com sua força, que logo mandou armar à sua custa, & se ajuntou com a frota de Castella em defensam do Estreyto.

Mas porque elRey de Castella nam socorreo em pessoa ao tẽpo, que ficou, & as Galès gastáram todo seu mantimento, & soldo pelo tempo, que lhe foy ordenado, & nam lhe foy dada outra provizam, se tornaram pera Portugal, durando ainda o cerco de Gibaltar.

E porẽ porque elRey de Castella desejava muyto paz, & concerto com estes Cavalleyros Dõ Ioam Manoel, & Ioam Nunes, q̃ andavam delle reveys, & elle por meo de hum seu caçador tratou com elles vistas em o lugar de Valumbrales, onde segundo as cousas passáram, parece, que ficàram concordados, porque elRey foy delles convidado, em o lugar de Becerril, & elles cõ muyto acatamento o serviram á mesa, & ficâram, que ao outro dia aviam de ser hospedes convidados delRey em Valumbrales, pera a hi tomarem final conclusam, & asẽto de suas cousas, & ficarem dahi em diante seguros pera seu serviço.

Mas elles cõ a chaque de mal sentidos escusaram o cõvite, por-

que foram aviſados por hũ Ioam Martins de Leyva, privado delRey, & grande ſervidor de Ioam Nunes, que elRey os queria matar, & dahi ſem certa concordia ſe foy Dom Ioam Manoel a Penhafiel,& Ioam Nunes a ſua Villa de Lerma,&elRey porque foy certeficado, que Gibaltar hera dos Mouros muy afincadamente combatido,& que ſeu ſocorro, & deſſerco,ſemſua peſſoa,hera muy dificil, ou impoſſivel, & porque nam ouzavam leyxar o Reyno a diſpoſiçam, & vontade de Dom Ioam Manoel,& de Ioam Nunes que o corriam,& eſtragávam,era o ſeu coraçam poſto em grande fadiga.

Pelo qual com deſejo de concordia ſe foy ao Corial donde procurou outras viſtas com o dito Dom Ioam Manoel, que hera em Penhafiel,& ahi ſe viram, & foy elRey dentro na Villa convidado delle, & falando em outras couſas tocou elRey no deſſerco,& ſocorro de Gibaltar,que lhe muyto compria,& aſſi em cõvenſa com Ioam Nunes, que tãbem deſejava por tal, que ambos com muyta gente, que tinham,o foſſem ſervir naquella jornada, mas finalmente a Dom Ioam alguns ſeus amigos lhe puzeram delRey tam pegoſa ſoſpeyta, que dahi emdiante ſe nam quiz ver com elle as muytas vezes,que antre ſy foy concordado.

E comtudo avendo jà ſinquo mezes, que Gibaltar hera cercado,& por combates,& fomes poſto em muyta eſtreyteza, elRey, que nam tinha dinheyro, aque fora jâ por muytas vezes pedido ſocorro detreminou ſocorrelo, porque ajuntou com grandes vagares muyta gente,& grande poder.

Porque acerca de levar, & ſo correr com muyta gente, aſſi foy aconſelhado, que lhe cumpria, pera reſiſtencia de dous Reys infieys cõtrarios, que de neceſſidade lhe oferèciam, com quem nom eſcuſariam batâlha.

E partido elRey pera dar o dito ſocorro, chegou com muyta preſſa,& cõ grãde poder a Xares da frõteyra,dõde atèGibaltar aviã coatro jornadas pera exercito, & ali eſtando pera partir ſoube certo,que Vaſco Pires de Meyra Alcayde, por mingoa de mantimentos, & porque paſſàram muytos termos de ſeu ſocorro prometido dera aos Mouros por partido a Villa, & Caſtello de Gibaltar cõ a vida,& liberdade dosChriſtãos, comque elRey foy muy enojado, & porque hera de grande coraçam, todavia determinou hir,como foy,ſobre a Villa,& por qualquer maneyra inſiſtir ſe a podia cobrar,á qual poz cerquo por todas as bandas do mar,& da terra, em que ouve poz muytas vezes combates, & eſcaramuças com

morte

morte de muytos, porq os Mouros de Gibaltar heram favorecidos do Infante Abomelic, que na Aljazira estava muy poderoso, & neste tempo elRey de Grada, que ajudava ao dito Infante Mouro por elRey de Castella afloxar do cerquo, em que estava lhe correo soltamente, & sem algũa resistencia toda a terra dos Christãos até Cordova, & tomou alguns Castellos, & fez muyto dano, & assi o fazia Dom Ioam Manoel, & Ioam Nunes, & Dõ Ioam Afonso Dalfaro, & outros de suas Villas, que cobravam, & senhoreavãõ, & roubavam muytas Villas, & Castellos delRey em muytas partes do Reyno.

E por isto, & tambem porque no arrayal delRey avia grãde necessidade de mantimẽtos por meyos, que nisso intervieram prouve a elRey de Castella verse com elRey de Grada, que lho enviou pedir sobre segurãça, que requereo, & lhe foram dadas, veo elRey de Grada à tenda delRey de Castella, & ahi comeu com elle, & concertaram, que elRey Dom Afonso alevãtasse ocerquo deGibaltar, & que elRey de Grada em cada hum anno lhe pagasse as dez mil dobras de parias emque jâ dantes eram concertados, & que tambẽ ficasse Abomelic em tregoa por coatro annos, & com isto os Reys deram hum ao outro grandes joyas, mas as de mayor preço foraõ as q elRey de Grada deu a elRey de Castella, & na noyte primeyra, que elRey de Grada chegou a seu arrayal, porque levou vestidas hũas roupas ricas, que lhe dera elRey Dom Afonso, huns filhos de Olmin Mouro o mataram em sua tenda, dizendo, que hera jà Christam, doque elRey de Castella recebeo grande torvança, & esteve em receo de sua pessoa. E porem sem algũa contradiçam se foy a Sevilha, isto foy na era de Cesar de mil & trezentos & setenta & hum annos, & no anno de Christo de mil & trezentos & trinta & tres.

CAP VI.

Como se desfez o Cazamento do Infante Dom Pedro filho de elRey Dom Afonso de Portugal com a Infanta D. Branqua.

SENDO concordado o cazamento da Infanta Dona Branqua de Castella com o Infante Dom Pedro, & ella entregue em Portugal, & avẽdo já sinquo annos, que elRey D. Afonso a trazia, & criava em sua caza como propria filha, porquãto ella tinha perigosas payxoens de doenças de perlizia, & com dispoziçam de etica, & algũa que-

bra do natural entendimento como atraz tenho dito; O dito Infãte Dom Pedro por estas imperfeyçoẽs começou tomar della algũs descontentamentos, os quaes descubrio a elRey Dom Afonso seu padre; & pediolhe por merce, q com ella; nem com outra algũa, contra sua vontade o nam quizesse cazar, principalmente por nam aver cazo em que lhe obedecesse como desejava, & era rezam, a qual couza elRey de Portugal logo notificou a elRey de Castella, apontandolhe particularmẽte os grandes pejos, & impedimentos, que avia pera a dita Infanta Dona Branqua nam poder, nem dever ser molher de seu filho, nem de outro algum, & que pera mays clara justificaçam disto, & por lhe nam parecer, que heram escusas pera nam comprir oque entre elles hera cõcordado, lhe rogava, q inviasse a seu Reyno taes pessoas suas de que se fiasse, & que o bem entẽdessem, & em tudo fizessẽ experiencia acerqua das cousas da ditta Infanta Dona Brãqua, & segundo a verdade que delles soubesse, assi o ouvesse por bem, & o determinasse, & quanto as terras, que a dita Infanta avia de aver em Portugal pellas outras suas, q foram dadas em dote com a Rainha Dona Maria, que por ellas lhe daria o dinheyro, em que ao tempo da entrega foram estimadas, & assi se fez despoys, como já tenho dito. E elRey de Castella inviou a Portugal seus Embaxadores, & Cavalleyros hõrados, & com elles fizicos, que acharam, & souberam ser verdadeyras as cauzas que avia, pera a dita Infãta nam aver de cazar, doque a elRey de Castella muyto pezou, porque o seu desejo hera q dito Infante Dom Pedro cazasse em toda a maneyra com a dita Infanta Dona Branqua, aqual sempre andou despoys em muyta honra, & grande estima em caza de elRey Dom Afonso de Portugal, como propria filha, atè que o dito Infãte cazou com Dona Costança, & ella foy levada a Castella como a inda se dirà.

CAP. VII.

Das cousas, que ouve pera elRey de Portugal, & elRey de Castella terem antre sy desavenças, & màs vontades.

ELREY de Castella pello nascimento do Infante Dom Pedro seu filho mostrou receber grande alegria, & assi todolos de seu Reyno, porque já outro seu filho primeyro, que havia nome o Infante Dom Fernãdo falecèra em Touro, como já disse, & por esto com quã-

to

to pera elRey hera algũa cauza de mayor obrigaçam: Elle porem nam tratàva à Rainha Dona Maria sua molher com aquella honra, & amor como hera rezam, & a seu estado real se devia, antes pera fazer mayor erro, todo isto convertia com dobrada conversaçam em Dona Leanor Nunes sua manceba, porquem todo se governaua, porque alem de outras provas de grande afeyçam, ainda hera certo, que a ella sem algum resguardo, & temperança dava as Villas, & terras, que heram proprias da Rainha, & assim aseus filhos della quando nasciaõ fazia grandes doaçoens de muytas dignidades, & terras da Coroa de Castella, como se cadahũ delles houvera de ser herdeyro, & posto, que por os Grandes de Castella, & por outras pessoas, que heram seus fieys conselheyros lhe estranhassem os agravos, & desacatamentos da Rainha, & absolutas dissoluçoens, de que elle contra seu Real estado uzava aserca da dita Leanor Nunes, elle por qualquer força, que fosse de amor sobejo que fosse, ou de feytiços, como deziam, o nam leixava de fazer, antes uzava do cõtrario com mayor crecimento, porque sendo dantes o verdadeyro, & antigo custume, que aonde as Rainhas, & as Infãtes herdeyras estavam, ahi tinham os Reys seus cõselhos, & falavam as cousas, que aseus estados, & boa governança dos Reynos pertencia, & este Rey sem algum temor de Deos, nem vergonha do mundo, tudo isto fazia, & ordenava em caza de Leanor Nunes, & quando elRey hia fora da Corte a gerra dos Mouros, ou a qualquer outra parte, que lhe compria, todos seus officiaes do Conselho, da Iustiça, & da Chancelaria ficavam com Lianor Nunes, & sem diferença faziam oque ella mãdava.

E se de hum lugar se movia pera outro, hera pelos caminhos acompanhàda, & servida, ao entrar dos lugares, com prosiçoẽs, & serimonias dos Mouros, & Iudeus, assim recebida, & com tanto estado, & acátamento, como se fora verdadeyra, & muy estimada Rainha, & como elRey tornava onde ella estava de praça comia, & jazia com ella, & em sua caza hera todo o conselho, & desembargo, & a ella assi beyjavam á mám como a propria Senhora dos Reynos de Castella, & pera mays acrecentar em seu estado della, & mingoar no da Rainha, mandou a todos Prelados, & Ricos homens do Reyno, que servissem a Lianor Nunes, que por isso lhes faria muytas merces, & grandes acrecentamentos, & que receberiam ao contrario à quelles, que o contrario disto seguissem.

E em tanta quebra destado, &

da

dacatamento vieram neſte tempo as couzas da Rainha Dona Maria, que ſendo a ella neceſſario falar com elRey algũas couſas, que lhe cumpriam ſe foy a Burgos, onde pedindo a elRey ſua audiencia elle a nam quiz ouvir ſenam em caza da dita Leanor Nunes. E pela neceſſidade do cazo conveo a Rainha fazelo cõ grande dor, & muyta triſteza, & a hi foy ouvida, & deſẽbargada, & ſobre iſſo elRey tomou a Rainha, & lançou fora de ſua caza os melhores, & mays honrados officiaes, que tinha, a ſaber Ruy Dias de Boras ſeu Meyrinho mór, & Dom Rodrigo Alvres das Aſturias ſeu Mordomo, & Afonſo fernandes ſeu Repoſteyro, & Pedro Rodrigues da Camara, que a ſervia de toalha, & Luis Darrajays, que cortava ante ella, & Gonçalo Vas de Moura Ouvidor de ſua caza, & meſtre Afonſo ſeu fizico.

E deſtes alguns deu por officiaes aos filhos de Leanor Nunes, & a outros que ſe nam queriam apartar do ſerviço da Rainha degradou fora da terra, & a quaeſquer outros nobres, & grãdes homens de Caſtella, que deſejavam de ſervir, & ſerviam a Rainha elRey lhes fazia por iſſo tantos agravos, & disfavores, que a elles convinha apartarſe de ſeu bem, & ſerviço.

Nem a ouzavam de acompanhar, antes por nam mingoarem em ſuas honras, & fazendas, nem aventurarem ſuas vidas a perigo lhes convinha fazer tudo iſto a Dona Leanor, & aſeus filhos, por que do tempo que lhe elRey começou a ter afeyçaõ atè ſua morte delle ſempre deu poder a ella ſobre ſy, & ſobre todas as couſas do Reyno, que ſe faziam, & ordenavam todas a ſua vontade, & diſpoſiçam de qualquer importancia, & ſuſtancia, que foſſem, de maneyra, que a Rainha Dona Maria, & o Infante Dom Pedro ſeu filho herdeyro nam tinhàm, nem lhes ficavam mays, que os nomes de ſuas Reaes dignidades, nús, & ſingelos com muyto pouco de que a ſua Real prèeminencia ſe devia.

E alem deſtas couzas, que elRey conſentia por abatimento, & deſprezo da Rainha, outras muytas mays faziam, que ſeriam longas, & aſperas pera ouvir, & impaſſiveys de crer, as quaes elſa com muyta manſidam, & grande paciencia ſofria, ſem diſto aos do Reyno, nem a elRey ſeu padre numqua ſe querer agravar, nem querelar, como de muytos era requerida, & aconſelhada, & por que deſta tam grande deſoneſtidade, & deſoluçam deque elRey uzava com ſua manceba, ſe cauſavam incomportaveys deſordẽs em todas as couſas de fazenda, da juſtiça, & do Reyno, hera elRey

Rey por isso desamado de muytos, especialmente dos povos, a q̃ as ditas couzas da fazenda, & da justiça nam tersauam como deviaõ,& por este mal ser tamanho, & a condiçam delRey tam revel, & tam forte, aque os conselhos, & requerimentos dos Grandes de seus Reynos nam aproveytavam, parecendo alguns em que havia espirito leal, & virtuoso, que por meyo,& intercessam de elRey de Portugal seu sogro, que deveria ter em lugar de pay, estas couzas poderiam ter algum melhor remedio, lhas inviàram largamente notificar por seus mẽsageyros, & lhe pediram, que pelo grande divido,& razam,que com elRey de Castella tinha, quizese prover ao que compria aseu real Estado, oqual estava em condiçam de perder,poys se regia,& governava,& consentia que seus Reynos fossem governados, & regidos sẽ verdadeyros conselheyros, mas por aquelles em que avia respeytos, & payxoens particulares cõtrarias ao sam,& verdadeyro conselho, com tanta quebra do estado, & merecimentos da Rainha sua filha.

E a estes elRey de Portugal por entam respondeo,que as querelas,& agravos dos danos, & perdas, que pela desordenada vida de elRey todos seus Reynos recebiam,a elles mesmos,que eram naturaes, & do seu conselho, tocavaõ,& pertenciaõ mais propriamente estes estranhamentos, & avizos,& que por isso a elle huã ves & muytas o deviaõ fazer, & requerer o que naõ tinhaõ feito como a todos convinha.

Porque quando elle Rey de Portugal em semelhantes couzas o quizesse reprehender ou aconselhar,sempre aos mais pareceria què o fazia por atalhar as esqvivancas,& mao trato da Raynha sua filha,mais que por dar bom remedio ás covzas de seu estado onra, & fazenda.

E cõ esta reposta de elRey de Portugal,que muytos aprovaraõ, alguns principais do Reyno de Castella tomaraõ atrevimento de falar a elRey nestas suas couzas, & nos danos que se delas recreciaõ,& perdilhe que com bom resgoardo os remedeasse ,& principalmente q̃ naõ desprezasse conselho, mas estes por galardaõ de sua real tençaõ, & saõ conselho huns foraõ loguo desterrados do Reyno,& tomadas suas terras, & outros perdidos seus offiicios, & dados loguo a quem Leanor Nunes quis sem nunqua mais serem a elles retornados.

E com estes iniustos,& violentos castigos pos a todos entanto temor que dahi emdiante todos podiaõ padeçer mas ninguem ousava sobre isto contrariar nem falar; ate q̃ Dom Ioaõ Manoel, & outros de sua valia q̃ del Rey eraõ desavin-

desavindos, & assi alguns prelados do Reyno de Castella notificaraõ com largo recontamento todas estas couzas ao Papa, o qual sobre isso loguo escreveo, & mandou mensageiros a elRey de Castella aconselhandoo, & amoestandoo nellas, & em cada hũa dellas como de Sua Santidade por seu sancto officio se esperava; mas elRey ja como cego em suas payxoisnaõ as avendo por taõ estranhas, & graues como eraõ, pera algũas naõ faleciaõ escuzas que dava, & pera outras prometia emenda que numqua compria, & emfim tudo se tornava ao que primeiro fora.

CAP. VIII.

Como se contratou o casamento do Infante D. Pedro com a Infanta Dona Costança Manoel.

NESTE tempo elRey D. Afonso de Portugal por este trato que a Rainha Dona Maria sua filha recebia de elRey de Castella seu marido era posto em muyto cudado, & grande sentimento, especialmente q̃ com grandes roturas, & perigo em cazo que antre elles osouvesse, ainda era duuidoso.

E apos isto naõ menos o afortunava o dezejo que tinha de ver casado seu filho que avia ja desasete annos, o qual se escuzara de casar com a Infanta dona Branqua que viera por sua esposa, & ainda estava em Portugal como atras ja disse, & este sentimento tomaua elRey Dom Afonso porque ja pera elle inviara cometer a filha del Rey de Aragaõ que por ser conçertada com outro marido justamente se escusou, & assi cometera outras Princezas, fora de Espanha que por suas outras intiligencias, & convenças tambem fora excluido.

E porque ate os homẽs de baixa maneira, & condição coando cometem couzas justas, & razoadas, recebem nojo, & quebra coando nellas sua esperança, & requerimentos naõ responde a seu dejo, muito mais he tal sentimento, & agrauo naquelles que saõ de nobre sangue, & alto estado, & por isso sentia emsi grande contradiçaõ pera requerer mais casamentos

E sendo elRey por esto pẽsoso falou este seu proposito com hum seu privado que era prudente, & de que muyto fiava, & lhe encomendou que lhe disse com quẽ lhe parecia que poderia casar o Infante Dom Pedro seu filho, que em cazo que naõ ouvesse muyta idade, porem elle o conhecia por tal que se cõ casamento lhe muyto

to tardassem elle desporia de si couza que fosse contraria a sua honra, & estado em dano, & perda do Reyno.

E o privado lhe disse: Senhor bẽ sento o que dizeis que he tudo verdade, pera isso pois nos outros cazamentos que cometestes ouve reveses pera algũ delles se naõ, fazer este de Dona Costança Manoel que ja foy tocado me parece assas rezoada pera vosso filho porque ella he de idade conueniente, & gentil molher, & de bom nome, & Dom Ioaõ Manoel seu pay tem boa fazenda, & sey que se auera disso por bemaventurado, & lhe dara grande casamento.

E pois elRey de Castella vosso genro se consertava de casar com ella, & atinha recebida por espoza, & ouue para isso dispensaçaõ como sabeis naõ se avera de niguem por estranho vosso filho casar con ella porque ella he neta legitima de Reys, & filha de homem do mays alto estado, & maior caza que ora ha em Espanha que naõ seja Rey, & he fermosa, & sobre todas bem a custumada, & honesta porem a lem desta minha informaçaõ em que eu posso ser enganado vos auee outra melhor, & fazey o que vos bem pareçer.

Porque isto he o que entendo que alem desta senhora á huã irmã de elRey de França que vola daraõ mas sera com pouco dinheiro, como la custumaõ, & ha outra filha do Dnque de Milaõ que podeis requerer, & creo que vola daraõ.

Mas de todas estas com Dona Costança me parecia mays o cazamento se o Infante for della contente, & ella delle, porque o verdadeyro, & bom matrimonio sem dous precedẽtes contentamentos naõ se deue nem podẽ direytamente fazer; elRey lhe respondeo que seu conselho aserqua de Dona Costança lhe parecia bem, & que nas cortes que em Santarẽ se aviaõ loguo de fazer mandaria propor este cazo, & faria o que por melhor seus bons vassalos lhe aconselhassem.

CAP. IX.

Do que nas cortes se acordou acerqua do casamento do Infante Dom Pedro com Dona Costança

CHEGANDO o tẽpo das cortes en q̃ muitas couzas por boa gouernãça do Rei no foraõ propostas, determinadas, & outorgadas elRey prospos & disse mais aos q̃ nellas eraõ juntos os descontentamentos, & nojo que tinha pelos agrauos, & des-

ordenãça de vida em q a Rainha ſua filha eſtava em Caſtella, no remedio das quais couzas elle ate entaõ naõ entendera aſſi por naõ parecer q por ſo reſpeyto de ſua filha o fazia, ſegundo atras he dito, como tambem porque ate entaõ diſpenſara algum tanto com a nova, & pouca idade de el-Rey Dom Afonſo ſeu genro, & eſperaua que aſſi como creceſſe mais em dias q aſſim mingoaria mays em ſeus erros, & vicios, & todo ſe emẽdaria como a ſeu eſtado, & real dignidade cõvinha.

E que pello ver perſeverar nellas com maior força, & menos vergonha ja cria q naõ procedia de mocidade mas de pura malicia, ou de ſer nos amores daquella mulher cego em tantas contrariedades, & aleyjado dos ſentidos de todo, & que ja ſobre iſſo lhe quizera fazer ſeus rogos, & requerimẽtos, & o não fizera porque ſabia por certo avizo dos principaes de Caſtella que tão pouco aproueitarão ante elle ſuas amoeſtaçaoẽs, & conſelhos como aproveitariaõ os de Dom Ioaõ Manoel, & do Papa, & doutros muytos q ſammente lhos fizeraõ q em todo tinha deſprezado; & q por iſſo elle era conſtrãgido ter odio mortal a quẽ pormuytas rezoẽs devia ter grande amor.

As quais couzas naõ podia dizer ſem grande ſanha de coraçaõ, & muyta torvaçaõ de ſua alma, & que conſiderando nos remedios que a cerca diſſe a veria naõ lhe parecia outro melhor, & mays proveytoſo que caſar o Infante Dom Pedro ſeu filho cõ a dita Dona Coſtança Manoel de poys naõ quizera caſar com a Infanta Dona Branca como todos ſabiaõ, dizendo que por reſpeyto deſte caſamento elle faria com Dom Ioaõ Manoel que obedeceſſe, & eſcreveſſe a el Rey de Caſtela que delle tambem por ſua contemplaçaõ perderia todo deſamor, & eſcandalo em que entaõ eſtavaõ; & com iſto o dito Dom Ioaõ Manoel teria cauza de vir mays vezes a ſua corte, & de o aconſelhar, & reduzir a caminho doutra vida que foſſe mays ſua homra, & proveyto, & ſerviço que tudo faria por mais deſcanſo, & melhor trato da Rainha ſua filha.

E que alem deſtas cauzas, & fundamentos que avia para eſte caſamento lhe parecer bem ainda nam ſabia outro para ſeu filho mays conveniente, & porem por que tudo queria ſempre fazer com ſeu acordo, & bom conſelho lho dezia aſſi pera lho darem, áqual propoſicaõ de el Rey todos reſponderaõ que ſeu pẽſamento, & propoſito era bom, a crecentãdo mays que inda por iſſo ocaſamento da Rainha com el Rey de Caſtella ſeria muyto mays firme por quanto elle ja fora deſpoſa-

do

do cõ a dita Dona Costança primeyro que cõ a Rainha sua filha.

CAP. X.

Do recado que elRey de Portugal mandou a elRey de Castella sobre este Casamento do Infante D. Pedro cõ Dona Costança

COMO as cortes de Santarẽ foraõ acabadas elRey se veo a Alẽquer dõde ouve por bem primeiro fazer saber deste casamento a elRey de Castella antes que a Dom Ioaõ Manoel, & para isso lhe em viou por mensageiros a Diogo Guomez da Breu, & Pero Rodrigues Machado seus escudeyros com sua carta em que sustancialmente lhe fazia saber que Deos todo poderozo que sabe, & determina os estados dos tempos, & idades, & conheçe todo o que nelles ade suceder puzera a elle em vontade de requerer a Dom Ioaõ Manoel sua filha D. Costança para ser molher do Infante D. pedro seu filho herdeyro pera des poys de sua morte ambos erdarem seus Reynos de Portugal, & do Algarue.

A qual couza naõ quizera cometer sem primeyro lho fazer saber, & a ver sobre isso seu conselho porque ainda que Dom Ioaõ naõ fora seu vassalo nem sua filha estivera em seu Reyno elle pellas rezoẽs que antre elles avia ofizera primeyro saber, quanto mays sendo ambas juntas: pedindolhe em comcluzaõ que de sua vontade, & tençaõ neste cazo o quizese certificar, porque lhe afirmava que nelle nem em couza que mays importase, sem muy legitimas cauzas nũqua folgaria de lhe desprazer.

E estes mensageiros chegaraõ a elRey de Castella, que era no lugar de Tordesilhas, que com a sustancia da carta recebeo em si muyta dor, & paixaõ, ainda q̃ publicamẽte o naõ desmostrasse, naõ era sem cauza, porque a esse tempo elRey era em desavença com Dom Ioaõ Manoel, & lhe queria mal, assim por lhe contradizer, & estranhar nas cortes que fizera a sogeiçaõ errada em q̃ andava em poder de Dona Leanor, & de seus parentes, como tambem pello de Ioaõ Nunes de Lara que elRey queria destruir, & Dom Ioaõ emparar, & defẽder, & por isso vendo que quando Dom Ioaõ por sua so valia tinha forças de lhe resistir, & contrariar sua vontade, & poder, que muyto melhor o poderia fazer, quando de poys quizese sendo por tal maneyra liado com elRey de Portugal, & posto que por sua

boca não testemunhasse de fora a dor de sua alma, por isso sentia; porem por modos encubertos, & maliciozos trabalhou quanto pode por desviar este casamento q̃ não viesse ao dezejado fim que se procurava, & contudo despedio graciozamente os ditos mensageiros, & lhes deu para elRey de Portugal hũa carta que dezia nesta maneyra.

DOM Afonso per graça de Deus Rey de Castella, & de Leão ao temido barão, & poderozo Principe, elRey de Portugal, & do Algarue, se encomenda em sua graça, & verdadeyra amizade. Assim como a qualquer he alegre couza conhecer a vontade dos amigos, assim não he menos a sua propia declarar a elles. E porque me vos pedistes cõselho no casamẽto q̃ quereis mover da filha de D. Ioão Manoel cõ vosso filho vos digo verdadeyramente, que se vos aconselhar como eu quis ser nelle aconselhado, elle não cazara com ella, & posovos jurar por minha verdade, & fè Real que despois que della fuy apartado, & quite, numqua me disso arrependi, & o trabalho que todo omundo sabe q̃ levey por me della quitar mostra claramente que me pezava, & arrependia ver com ella casado; mas porque nos cazamentos ha diuersos, & voluntarios contentamẽtos sera possivel que a mim poderia desprazer o que de vos, & vasso filho sereys muy contentes; porque certamente ella he fermoza, & de grande linhagem, segundo seu nome, & bõs costumes abastante, & bem mereçe ser Rainha de toda terra se vosso filho della se contẽtar, porq̃ ate aqui eu não saberia asinar couza porq̃ de casamẽto cõvosso filho com ella muyto me não aprouvesse; & se D. Ioão ainda q̃ comigo vua, não trouvesse aguora sua vontade contra min hum pouco alterada por cauza de Ioão Nunes, & doutras couzas em que elle he culpado, & eu sem culpa, eu omandaria chamar, & por vosso amor com elle ordenaria, como en tudo comprisse vossa vontade, mas a mim pareçe que por aguora farcis bem calarvos, & sobre serdes neste casamento; porque entendo que elle vos cometera, & então podeis com elle fazer comserto com mays vosso proveyto, & a ventagem; & isto não creais que odigo por me pezar de ser vosso filho cazado cõ ella, & de lhe ver filhos que com os meos fossem primos com irmãos, antes por isso o dezejo mays, & porque porhi depois de nossas mortes averia melhor pas, & mor segurança em Hespanha, & assim em vosos Reynos, & vaçallos; & por isso conclude que neste casamento amim pras do que vos aprouver, & que se vossofilho della se cõtentar, que vos não deveys de ser descontente.

()

CAP. XI.

Como elRey de Castella mandou chamar D. Ioaõ Manoel, & do que com elle passou sobre o casamẽto de sua filha.

POR QVE elRey de Castella sabia q̃ como D. Ioaõ fosse cometido do casamento de sua filha pera o Infante Dom Pedro de Portugal seria delle contente, & honrado & muy alegre desejando desvialo secretamente por qualquer maneyra que pudesse; na ora que despedio os mensageyros de elRey de Portugal escreveo loguo a Dom Ioaõ que por quãto tinha que falar com elle algũas couzas de sua honra, & proveyto que heraõ longas, & tays que as naõ queria fiar de papel, nem de pessoa algũa lhe encomendava que loguo seguramente viesse a elle pera ambos em pessoa as consultarem.

O Dom Ioaõ loguo sem tardança se foy a elRey que o reçebeo com muyta honra, & com a cara muy alegre, & despois de dous dias q̃ se passaraõ com festas, & visitaçoẽs elRey o apartou em huã camara, & lhe disse. *Dom Ioaõ o grande divido, que entre mim, & vos ha faz que naõ pareça erro nẽ excesso couza que contra mim fazays nem tenhais feyto, & esta rezaõ cauza que tire, como tenho tirado de meu coraçaõ todo odio, & ma vontade, & dura tençaõ que contra vos com justas cauzas devia ter; & por isso os que vossos amigos forem verdadeyros, como eu saõ teram com vosco igual parte dos vossos cuidados, & delles com quanto poderem vos ajudaram descansar.*

E isto digo porque vendo eu q̃ falsa, & contraria ventura minha, & maos conselheiros, que tiue, me disviaraõ do bom proposito, q̃ tinha de casar com vossa filha, por pagar a ella esta divida com opreço de honra, que mereçe, & tambem por tomar parte deste vosso cuydado como vos disse, por q̃ sey que elRey de Navarra tem seu filho erdeyro por casar, & he bom casamento, propus entender nelle para vossa filha, & prezando a Deus com minhas forças, & diligencia espero acabalo. E se disto vos prouuer como he rezaõ, sera com condiçaõ que por vossa fé, & polla lealdade que me deveis me prometais que com outro algum anaõ caseis sem meu consentimento, & mandado, isto aponto porque naõ sendo isto antre mim, & vos, assi a cautela, & seguro, poderia ser q̃ tendo eu concertado com elRey de Navarra, vos apoderieis ter casada em outra parte, de que a mim se me seguiria mingoa. & pouca autoridade.

A oque Dom Ioaõ respondeo. *Senhor eu quizera que vossa proposiçaõ começara por outra maneyra,*

& não en dizerdes q̃ me perdoais erros & agrauos, porque se antre mim, & vos os ha vos mos tendes feytos, & eu a vos nenhuns mas antes muy grandes, & muy assinados serviços, & porem leixando isto, que o tempo aguora impide diguo que vos tenho engrande merçe o bom conselho, que medais, & o modo que quereis ter no casamento de minha filha, & muyto mais a ajuda, & favor que para isso prometeis.

E nesta cauza eu por aguora vos não saberia finalmente responder sem primeyro aver sobre isso algũa consiraçaõ, & conselho, que he necessario: pello qual vos peço por merçe quemedeis liçença que torne a minha terra onde principalmente saberey de minha filha se tem feyto algum voto contrario a casamento, pera sobre isso vos poder perfeitamente respender a tudo isto que me apontais. O que elRey ouve por bem, & Dom Ioaõ se foy pera suas terras.

CAP. XII.

Como elRey de Portugal enuiou o Mestre de Auis a Dom Ioaõ Manoel sobre o casamento de sua filha.

ELREY D. Afonso de Portugal sẽdo nas cortes acõselhado que era bem casar seu filho com Dona Costança, quasi tẽdo acertidaõ de elRei deCastella q̃ nisso naõ tinha pejo, nem desprazer q̃ o contradisse se, como atras fica dito, & naõ sabendo couza algũa do que oditoRey de Castella tinha falado com Dom Ioaõ Manoel, inviou ao ditoDom Ioaõ, que estava nolugar de Gracia Munhos Dom Frey Gõçalo Vas Mestre de Avis que foy aelle honradamente acõpanhado, & antes que chegasse a Dom Ioaõ ouve hũ recontro cõ gente de Castella armada dos q̃ hiaõ serquar Ioaõ Nunes de Lara do primeiro serquo, emque algũs Castelhanos morreraõ, & hũ irmaõ do Mestre foy ferido, como adiante direy, & aquelle dia chegaraõ com tudo a caza de D. Ioaõ que avia dous dias que viera da corte de elRey de Castella quando lhe fora falar sobre ocasamento de sua filha o Principe de Navarra, como atras disse, & Dom Ioaõ recebeo oMestre com grande honra, & grande acolhimento, & depois de dadas as cartas de elRey, & proposta sua embayxada, Dom Ioaõ pella sustancia della recebeo muyta alegria por quanto tocava couza de sua honra, & grande acrecentamento. E antes que ouvesse afinal reposta, elRey de Castella, que loguo soube da entrada, & hida do Mestre, escreveo a D. Ioaõ, estranhãdolhe muyto ter em sua caza o Mestre de Avis q̃ se salvo con-

cõduto, nem ſua licença, entrara en ſẽ Reyno, ca por ſer, & vir poderozo poderia em ſua terra fazer dano como fizera, mandandolhe que loguo o prendeſſe, & arrecadaſſe demaneyra que delle pudeſſe fazer o que por bem tiveſſe.

E Dom Ioaõ com a viſta, & ſuſtãcia deſta carta foy muy triſte & anojado, maravilhado de como elRey taõ azinha oſõberá, & muyto mays por eſtranhar ſem cauza a entrada do meſtre nõ Reyno, & ſobre iſſo ſe apartou logo com o Meſtre, a quem moſtrou a carta de elRey, & o Meſtre com palauras, que procediaõ de ſeu coraçaõ, & com o roſtro muy ſeguro lhe diſſe. *Senhor naõ tomeis nojo, cuidado, nem triſteza, por fazerdes duvidozas as couzas, que ſaõ muy certas, & em que naõ ha deſhonra, nem perigo; porque eu tenho de elRey de Caſtella ſalvo conduto, & aſſi quaisquer outros Portugezes, que a ſua terra quizerem vir: porque nas pazes, & concordia que antre elRey meu ſenhor, & elle no tempo de ſeu caſamento foraõ feytas, he aſſentado por elles, & outorgado, que todalas peſſoas de qualquer ſtado, & condiçaõ que ſeja, liuremente, & ſem pena poſſaõ ir, & vir de hum Reyno para outro quando quizerem, & eſtar o tempo que porbem tiverem, com tanto q a cada hum dos Reys naõ tenhõ feyto erro, nem deſprazer particular, como eu naõ fiz.*

E eſte aſſento geral abaſta por ſalvo conduto pera mim, & pera os meus, eſpecialmente que elRey meu ſenhor avera hũ mes, & meyo lhe eſcreueo hũa carta porq̃ lhe fes ſaber q̃ ſe niſſo naõ recebeſſe deſprazer ſua võtade hera mãdarvos requerer eſte caſamẽto de voſſa filha; a q̃ reſpondeo que diſſo lhe prazia muyto, & que mandaſſe a vos quãdo quizeſſe, & iſto ſo abaſtava pera naõ pedir outro ſalvo conduto, quanto mays o q̃ diſſe, mas niſto, ao que entendo, entra alguma outra cautela, & malicia.

E Dom Ioaõ ouvindo ao Meſtre q̃ elRey de Caſtella ja ſabia parte deſte caſamento, & vendo a contradiçaõ que ſem culpa punha à entrada, & hida do Meſtre, & ſobre iſſo ajuntaraõ as rezõis que elRey lhe diſſera, & cõ diçõis que apontara pera entender no caſamento do filho de elRey de Navarra; claramẽte aſſẽtou q̃ a elRey pezava muyto de ſua filha cazar cõ o Infante D. Pedro, & que as cauzas, & rezõis da mor, & obrigaçaõ cõ q̃ moſtrava que o fazia, eraõ todas falças, & maliciozas.

E poſto que Dom Ioaõ aſſi o entendeſſe, & lhe muyto doeſſe ſoubeo com diſcriçaõ encobrir, & pedio ao Meſtre q̃ lhe diſſeſſe, & aconſelhaſſe o que em tal cazo devia fazer, & o Meſtre lhe diſſe. *Senhor o que eu ſem eſcuza nem delonga proponho de fazer he, tanto q̃ de vos for deſpachado, & deſpedido, o que ſem embargo diſto deveis de fazer irme loguo aprezentar a elRey de*

Caſtella pera despois de me ouvir fazer de mim o que ſua merçe for

Porque minha tardança por impedimentos que ſe podem ſeguir neſte cazo, porque a vos vim, vos podião em algũa maneyra danar, ſera bem que voſſas couzas que da parte de el-Rey meu ſenhor vos a prezentey logo me reſpondais, & com iſſo abriviarey mays minha ida a elRey de Caſtella, & ſe for impedido, a vizarey de tudo a el-Rey meu ſenhor, & porque a Dom Ioaõ pareceo bem o motivo do Meſtre loguo ſubſtancialmente lhe reſpondeo neſta maneyra.

Eu ſaõ muy contente, & me ei por aſſas bem aventurado dar minha filha por molher ao Infante Dom Pedro, & com ella lhe darey de minha fazenda trezentas mil dobras de ouro, porque pera mais ſoma, poſto que ella amerecia maior, eu naõ me atrevo, & todalas outras couzas que tocão a noſſas amizades, & lianças; tambem me pras porque eu quero ſer ſeu amigo, & ajuda-lo em todalas couzas de rezaõ pera que me requerer; com tanto que naõ ſeja cõtra o Papa nem contra elRey meu ſenhor, a que por ſangue, & por natureza ſaõ ſugeito, portal que nelles naõ mingue minha honra, nem va contra as menagens que primeyro fiz, ſalvo quando de ſua parte me for feyto tal agravo porque eu com direyto deva fazer o contrario. E eu mandarey minha filha ao Infante Dom Pedro como a ſua honra pertençe, & com ella lhe entregarey dentro em Portugal todo ſeu caſamento, que diſſe.

Mas iſto tudo ſera com ſinquo condiçois que el Rey de Portugal, & o Infante ſeu filho com menagem, & juramento primeiro me prometerão, & ſem ellas naõ conſentirei em nada do que tenho dito. A primeira que minha filha ſera liuremente ſenhora das terras que lhe derem aſſi como ora o he a Rainha Dona Brites madre do Infante. A ſegũda q̃ o Infãte lhe naõ tome mãçeba ẽ quanto ella for de idade pera poder emprenhar, & parir, ſalvo ſe ella for de ſua natureza maninha, & naõ pertencente pera gerar. A terceira que ſeja meu amigo aproueitandome com ſua ajuda aſſim como eu me obrigo, & prometto a elle de o ajudar com a minha quando da ſua parte for requerido. A quarta que ſe amim aprouuer ir ver minha filha, que elle me leixe eſtar em ſua terra, & vizitala em ſua terra, & folgar com ella todo o tempo que eu quizer, & porem que eu, nem os meos naõ gaſtemos nada do ſeu, & ſeja ſempre á minha cuſta. A quinta que ſe algũ filho ouuer deſpois do primeyro legitimo & herdeiro, & lho eu requerer pera deſpois de minha morte erdar as terras que tenho, que elles mo enviem, quando lho eu mandar pedir, & naõ auendo eſte tal ſegundo filho, que elle ou ſeu filho lidimo venhaõ erdar as terras deſpois de mim, & as naõ leixem poſſuir à Coroa do Rey de Caſtella. E cõ eſtas couzas comcluidas D. Ioaõ eſcreveo ſobre iſſo ſua carta a el-Rey de Portugal, & o Meſtre ſe foy pera caza de elRey de Caſtella.

CAP.

CAP. XIII.

Doque o Mestre passou cõ elRey de Castella a serqua do arroido que no caminho ouuera com Castelhanos, & se tornou a Portugal

CHEGOV o Mestre a Burgos, onde era elRey de Castella, que o reçebeo com muyta honra, & grande agazalhado, sem algũa mostrança de lhe pezar pello ver em sua terra, como na carta de Dom Ioaõ mostrara, mas o Mestre avido tẽpo para isso lhe disse a cauza forçada de sua ida a elle fundada na carta que a Dom Ioaõ inviara sobre sua prizaõ, & sobre isso maravilhado de tal detreminaçaõ lhe disse as rezõis, & seguraça que por bem das pazes avia, para os de hũ Reyno, & do outro, sem mais salvos condutos, poderem liuremente entrar, & sair quando, & como quizerem, & que elle nesta confiança o fizera sabendo que o naõ tinha anojado nẽ desservido, quanto mays que para sua vinda elle dera expresso consentimento quãdo por sua carta certificara a elRey seu senhor que naõ avia por mal requererse a Dom Ioaõ o cazamẽto de sua filha, que elle viera requerer pedindolhe disesse o fundamẽto q̃ tiuera para sua prizaõ, & retimento.

E elRey lhe respõdeo. *Muyto hõrado Mestre amigo eu escrevi essa carta a Dom Ioaõ porque devos, & de vossa entrada entaõ suy emformado muyto pello contrario do que depois o fuy, & agora saõ, porque me certeficaraõ que entrareis em meu Reyno com grãde poder de gente, & que polos lugares por onde passaveis dezieis mal de elRey meu tio, & nelles fazieis forças, & couzas naõ devidas, & q̃ foreis sobre a gente com que eu mandava serquar, & prender Ioaõ Nunes de Lara, & que o quizereis desserquar, & que sobre isso matareis hi alguns meus, & por isso movido legua de algũa sanha, mandey essa carta a D. Ioaõ mas depois que soube a verdade bem folgara naõ iha terẽ mandada.* E o Mestre lhe disse: *Senhor, elRey he taõ prudente, & taõ poderozo, q̃ naõ manda em seu serviço nẽ tem em seus Reynos, quem diga mal delle, nem eu a disse delle nẽ diria, por q̃ naõ tinha rezaõ, & as forças q̃ fizẽ vossa terra saõ as q̃ fazem quaisquer almocreves, que passando com suas bestas tomaõ, & comem os mantimentos, quando lhos daõ por seus dinheyros, & do mal que vos disseraõ que fiz em vossa gente que estava no serquo de Ioaõ Nunes, sabereis que hi senaõ fes couza q̃ naõ fosse constrangidamente, & muy per força, porque os Portuguezes quanto tem de paciencia nas couzas justas, tanto tem de soberba, & esforço nas couzas que*

lhe

lhe fazem contra rezão, & o cazo senhor he, q̃ passando junto do arayal dos que sercauão Ioão Nunes, alguns dèlles vierão a mim perguntando que gente eramos, foylhe respondido que heramos Portuguezes, & eu mestre de Auis de Portugal q̃ hia a cazà de Dom Ioão Manoel, & os vossos tornarão que não era assi, repetindo q̃ lhes disessem quem eramos; & porque meu irmão que aqui està lhes disse que se esta não hera a verdade que hi não avia outra para lhes dizer; hũ dèlles não se satisfazendo da verdade sem algum resgoardo lho tornou loguo dizendo que mentia, & que a uerdade com seu pezar lhe faria antes da noyte comfessar; & com isto se despedirão, & loguo sẽ muyto trespasso tornou apos nos, & com elle ate oitẽta de cavalo; & ẽ chegãdo onde ja estavamos alojados: Quem he oq̃ não quis dizer a Pedro Sanches da Motta que gente ereis? E em meu irmão respondẽdo: Eu são o que disse a gente que eramos, logo sem mays detença correrão a elle tres de cavalo, com as lanças sobre os braços, & matarõalhe o cavalo, & ferirão a elle no braço direyto, que ainda bem pode mostrar, & os Portuguezes da minha companhia, posto que não fossem mays de dozoito em sima de mulas, & doze de pe armados porque lhe o feyto pareceo muy estranho, & sem rezão procurarão defender assi suas pelles q̃ em fim da peleja não tiverão rezão de nos vir fazer queixume, que segũdo pareçe os Castelhanos volo fizerão de que loguo não ouve, nem eu vi mays que coatro mortos, salvo se outros das feridas que levarão morrerão depoys, & do que eu por mim nisso fiz não me lembra; somente que com quanto hũ manto da ordem que trazia outras vezes mo não podem bẽ despir, eu a esse tempo o achey rasgado, & caido pelos hombros; & este senhor he a verdade em que quanto a nos não ha culpa, mas mereeimento.

E porque elRey de Castella em todo se ouve por satisfeyto do Mestre, o despedio desi graciozamente com encomendas, & sinais de amor para elRey seu sogro cõ que se veo a Portugal, & a elRey contou largamente todo o que passara, & assi lhe deu hũa carta de Dom Ioaõ Manoel em que recontou o passado, & pedindolhe em especial que daquela soma de dote de sua filha que a pontara se contentasse para seu filho, pois elRey de Cestella, sem dote se contentava casar com ella.

CAP. XIV.

Dos feytos notaueis darmas, & destroço que Gonçalo Rodrigues Ribeyro bom Caualeyro Portugues fez a este tẽpo na Corte de elRey de Castella.

NO propio tempo que o Mestre de Avis partio de Castella, chegaraõ á

te de elRey de Caſtella tres cavaleyros Portuguezes q̃ vinhaõ de França onde avia tres annos que andauaõ procurando, & ganhando honra em feytos darmas ; & eſtes aviaõ nome Gõçalo Rodrigues Ribeyro, & Vaſqueanes, colaço da Rainha D. Maria de Caſtella, & Fernaõ Martins de Sãtarẽ, & deſtes tres Gonçalo Rodrigues em hũas juſtas reais que elRey de Caſtella tivera em Leaõ quando elles hiaõ perá França o fez tambẽ q̃ vẽçeo o grado de melhor juſtador, & aguora neſte tempo; & chegãdo elles a corte de Caſtella hũ Martim Gil de Catina bom cavaleyro Caſtelhano, q̃ vivia no eſtremo de Aragaõ , & hera irmaõ doutro bom homẽ q̃ entaõ morrera no recõtro do Meſtre de Avis q̃ atras diſſe, pedio a elRey de Caſtella que porquanto Gonçalo Rodrigues que loguo a pontou na dita peleja lhe matara ſeu irmaõ mal, & a torto que lhe deſſe vingança com juſtiça em campo com elle pera ambos ſe matarem, & ſenaõ que ſe deſnaturava delle para ſem quebra de ſua fama, & honra ſe ir de ſeus Reynos, & o poder dahy emdiante deſſeruir.

E elRey eſcuzando Gonçalo Rodrigues com muytas, & verdadeyras rezoẽs q̃ a Martim Gil naõ ſatisfaziaõ, Gonçalo Rodrigues em cazo que daquella culpa todo muy innocente; porem avendo que as afrontas, & requerimentos de deſafio que lhe fora cometido ſe a elle naõ ſaiſſe por ſeu corpo, naõ fazia muyto pella honra, & bom nome que ſempre procurava, poſſe em giolhos ante elRey, & lhe pedio por grande merçe que outorgaſſe o campo, q̃ deſpois de alguns debates, & escuzas, loguo outorgou pera outro dia em que á ora de terça ſẽdo elRey prezente entraraõ com padrinhos, & doze bons Cavaleiros por ſeguradores , & com arautos, & paſſauantes, & trombetas, ſegundo ordenança do tal auto: & ſendo ambos juntos, & apè armados de todas armas começaraõſe de ferir muy duramẽte, & ſem muyta tardança Gonçalo Rodrigues por força de ſua eſpada fez ſair fora do cãpo Martí Gil, & no encalſo lhe deu por ſima do elmo taõ grande golpe, que deu com elle morto em terra, & ficandolhe na maõ a eſpada mea quebrada, ſe veo ante elRey lançandoa deſi fora no chaõ armado de todalas armas, & no cabo de ſua afronta deu loguo com grãde deſenuoltura hũ tamanho ſalto que elRey por couza maravilhoza o mandou eſcreuer, & aſinar para ſempre ficar por memoria.

CAP.

CAP. XV.

Das justas reais, & torneo que elRey de Castella a requerimento de Gonçalo Rodrigues ordenou para ser nelas.

TANTO que Gonçalo Ribeyro acabou cõ sua honra o trançe, logo cõ muyto despejo se pos em giolhos ante elRey, & com bom ensino, & devido acatamento lhe disse: *Senhor nas terras dos grandes Principes por onde andey à tal regra q̃ qualquer que vençe campo em prezença de algum Rey lhe he outorgada qualquer justa merçe que lhe pede, & porque vossa Alteza, por grandeza, & real estado, & grande fama he nomeado por muy excelente Rey em todo mundo, & tal em que estas leys de honra, & nobreza se deuem inteyramẽte guardar, & eu tenho cumprido com o que a minha honra devia lhe peço por merçe que amim outorgue o que outros Principes em semelhante cazo me não negarão:* elRey despois de ficar hũ pouco suspenso lhe respondeo brevemente dizendo: *Gonçalo Ribeyro amigo pedi o que quizeres, & todo oque a mim for onesto, & poluel, eu daguora volo outorgo*: E Gonçalo Ribeyro despois de beyjar as mãos a elRey lhe disse: *Senhor o que peço he que vossa Alteza queyra ordenar huãs justas reais, ou hum torneo, ou tudo juntamente, em que eu possa ser, antes que me vá para Portugal*. A que elRey com o rosto alegre disse que lhe prazia, & que para a festa da Paschoa da Resureyçaõ que se entaõ chegava, ordenaria justa, & torneo em que elle seria: & chegado o tempo da festa Gonçalo Ribeyro, & os dous seus companheyros se armaraõ de justa com elle porque tambem eraõ singulares Cavaleyros, & muy destros, & de bom coraçaõ, & a estas justas por fama de Gonçalo Ribeyro principalmente, vieraõ enfindas gentes, & assi muytos, & bõs Cavaleyros de Castella. & de Aragaõ ante os quais veo hũ D. Martinho de Lara o bastardo que elRey de Castella este anno fizera Bisconde, & este se diz que hera ou fora já namorado de Leanor Nunes manceba de elRey, & era de grande linhagem, & muy esforçado Cavaleyro; & com este correndo Gonçalo Ribeyro a primeyra carreyra foy do encontro de Dom Martinho derribado em terra, & a segunda carreyra correo Dõ Martinho com Vasqueanes Colaço companheyro de Gonçalo Ribeyro, & foy Dom Martinho assi duramente encontrando q̃ cahio em terra, & o cavalo sobre elle, Gonçalo Ribeyro despois de se alevantar, & cobrar outro cavalo mostrou que lhe pezava muyto da queda

de

de Dom Martinho, por naõ ficar em disposição, de poder loguo tornar à justa, & porem esse dia Gonçalo Ribeyro ofez com grãde aventagem de todos, & justou esse dia por redadeyro com o ditto Vasqueannes seu praseyro porque derribara Dom Martinho de Lara, & do primeyro encontro Vasqueannes cahio em terra, & foy mal ferido de que Gonçalo Ribeyro ficou tão anojado que loguo se deseo do cavalo, & não quis mais justar, & porem lhe foy outorgado ogrado, preço ordenado da justa, & mais lhe deu elRey de merce hũa copa douro, & hum elmo dourado, & o mais fermozo, & melhor cavalo que segundo fama avia em Castella.

CAP. XVI.

Como se feZ o torneo em q̃ entrou elRey, & do que aconteceo a Gonçalo Ribeyro cõ Dom Martinho, & como foy desafiado outra ves Gonçalo Ribeyro, & vençeo o desafio.

NO outro dia que era primeyro das oitavas se ordenou o torneo em que elRey posto em armas foy tambem em pessoa, & tomou de sua parte os tres Portuguezes, & Gonçalo Ribeyro bem armado veo no cavallo que lhe elRey dera, que para tal auto era muy forte, & maravilhoso, & o torneo sendo travado de hũa parte, & da outra, ferido bravamente Dom Martinho seguia muyto Gonçalo Ribeyro, dezejava, & procurava naquelle torneo levar delle a ventagem, que ouvera nas justas; & pera o melhor fazer se diz que trazia em sua ajuda outros seus ja perçebidos que o fovorecessem, & ajudassem, & Gonçalo Ribeyro que esto entẽdeo disse em talvos a seus conpanheyros q̃ olhasem por elle, & com isto a remeteo a Dom Martinho de Lara, & cõ tãta força lhe deu hũ golpe por sima do braço armado que cõ quãto sua espada cõ as dos outros por condição do torneo erão todas botas, & sem gumes lhe quebrou todolos ossos de dentro, & disto pezou muito a elRey, & a todos os que o viraõ, & alguns q̃ bẽ naõ sabião as leis dos torneos lho estranhavão muyto, & deziaõ q̃ Gõçalo Ribeyro ofizera mal, & por isso merecia pena, antre os quais foy hum criado de Dom Martinho que sobre isso pedio a elRey campo com Gonçalo Ribeyro.

O qual depois de dar perãte elRey suas escuzas, & q̃ sendo costume dos torneos elle naõ errara ẽ dar aq̃lle golpe, & outros maiores

em fim, por consentimento de elRey aceytou o desafio, & por isso lhe beyjou as maõs, & ao outro dia entraraõ estes ambos no cãpo em q̃ elRey era prezente, & em que pos bons juizes & seguradores, & hũ Rey darmas, & cõ elle arautos, & pasavãtes, & a peleija durou antre elles muy ferida por bõ espaço em q̃ a melhoria segũdo os golpes que se davaõ às vezes tercava por hũ, & outro por outro porq̃ a espada quebrou a Gonçalo Ribeyro, elle porque hera rijo, & de bõ corpo escolhendo isto por derradeyro remedio de sua vida, & onra, ajuntouse cõ seu cõtrario, & vzãdo de jogo de luta armoulhe a perna, & cahio sobre elle ẽ terra, & comesandolhe desenlaçar o elmo para lhe cortar a cabeça cõ sua adaga talhante que trazia, elRey mandou loguo aos juizes q̃ o tolhesem, & o nãoleyxasem matar; & a grauandosse disso Gonçalo Ribeyro elRey lhe disse. *Gonçalo Ribeyro, amorte desse para vos, & para vossa honra não foy neçessaria porque vos vençestes o campo, & vos ey por liure, & mais vos julgo o grado das justas, & do torneo, & dos desafios que desseraves, & da outra em Castella, & Aragão fizestes, & se em tais feytos, & com tanta linpeza de vossa honra, sempre preseverardes, não pudera ser reprendido, antes recebera louuor, & contentamento quem vos armou Cavaleyro.* E o Bisconde Dom Martinho dahi a poucos dias morreo da ferida do braço

ElRey de Castella mandou escreuer todas estas couzas, & asentalas ẽ sua Chronica pera dellas se não perder memoria, & despedio os Portuguezes cõ hõra, & merçe & lhes deu hũa carta para elRey de Portugal em que todas as sobre dittas couzas com mayor recõtamẽto erão postas rogandolhe que os feytos, & bondades darmas de tais vaçalos mandasse escreuer para por sua honra, & fama numqua esquecerem, & serem a muytos outros bom exemplo de cavalaria, & leyxando isto tornarey ao sustancial propozito da historia.

CAP. XVII.

Como elRey de Castella cõ manhas procurou toruar o casamẽto do Infante Dom Pedro cõ Dona Costança.

AO tempo, que elRey de Castella despedio de sua Corte estes Cavaleyros Portuguezes escreveo a elRey de Portugal, q̃ acerca do casamento de seu filho com Dona Costança de que fora pello Mestre de Avis, certificado lhe parecia bem fazerse como lhe inviara dizer, mas que lhe aconselhava, & rogava

& rogava que na concluzaõ delle vzaſſe mais de delonga, & encarecimentos que de trigança, & apetito, porque ſabia que Dom Ioaõ por ſer muyto riquo, & ter grande dezejo de caſar honradamẽte ſua filha a lem do que tinha prometido daria cõ ella quãto elRey para ſeu filho lhe mais pediſſe, & apos eſta carta enviou elRey de Caſtella outra a Dom Ioaõ Manoel em que lhes fez ſaber como ſoubera do conſerto do caſamento de ſua filha com o Infante Dom Pedro erdeyro de Portugal, a que pormetia trezentas mil dobras q̃ lhe parecia q̃ cõ quanto dava muyto mais alem do que devia, porem ſendo cazo que para mor ſoma foſſe de elRey requerido que a naõ deſſe, & queas rezoẽs diſto porque heraõ muytas ſe a elle quizeſſe hir lhas daria em peſſoa, mas Dom Ioaõ com receos que tinha ouve ſua hida por eſcuzada, & ſobre cartas de torvaçaõ enviou elRey outra muy ſecretamente à meſma Dona Coſtança chea de arrependimentos, & de doces, & morozas palauras, cuja ſuſtancia hera q̃ por induzimentos de maos, & naõ fieis conſelheyros, & que naõ ſentiaõ ſeus intrinſecos dezejos, & verdadeyros padecimentos de ſua alma o deſviaraõ do propozito que tinha de caſar com ella, na qual couza ſe ſe fizera elle ſempre recebera grãde gloria, & muyto contentamento, & que naõ ſabia couza em que tanta dor, & arrependimento elle tomaſſe como em leyxar de ſe fazer, & que porem lhe pedia que pois hũa ves ja fora ſua que aguora naõ quizeſſe novamẽte ſer doutrem prometẽdolhe que por todolos caminhos poſiveis, & inda q̃ foſem contra rezaõ, & direyto daria ordẽ como ſe quitaſſe daquella com que era contra ſua vontade caſado, & ſatisfizeſſe a ſeu deſejo, & a tomaria por molher, & que eſta couza naõ eſtimaſſe por taõ impoſiuel, nem ta grave como por ventura pareceria, porque ja outras ſemelhantes, & mayores por menos cauza ſe fizerao, & que naõ duvidaſe de o fazer, ca foſſe certa que quando ella por ſua vontade o aſim naõ quizeſe que elle trabalharia de por força a aver, & poſſuir.

Com eſta carta que Dona Coſtança vio ficou muyto maravilhada, & porem loguo em ſy foy certificada da má tençaõ de elRey q̃ pola deſviar da couza de ſua honra que era movida elle ſomente o fazia, & preſumiſſe que moſtrou acarta a Dom Ioaõ ſeu padre, & que por ſeu cõſelho enviou a elRey hũa repoſta que dezia aſſim.

CAP. XVIII.

Da reposta q̃ Dona Costança enuiou a el Rey de Castella, & como elle sem cauza por torua de seu casamento ordenaua guera cõ Portugal.

MVYTO poderozo, & excelente senhor a que Deus hõradamente proueo de grandes virtudes, & a fortuna largamente dotou de seus Dons, & prosperidades Dõ Afonso muyto temido senhor, & de grande poder digno Rey de Castella, & de Leão, vossa servidora D. Costança Manoel, a quem vossas esquiuanças muytas vezes fizerão triste, & não menos vossos desarezoados agravos poserão outros em perigosa desesperação, posto que tinha rezão, & desejo para a ver de vós semelhante vingança, não me esqueçe porem por hũa natural obediencia, & devida sugeição que vos deuo inviar beijar vossas mãos, & encomendarme muyto em vossa merçe. Muyto poderozo, & alto senhor o desagradecimento, & verdadeyro amor tem antesy tão grande amizade, que a natureza com todo seu poder os não pode nunqua trazer a perfeyta concordia: Bem sabeis senhor que não conhecendo eu vossos amores, que deverão ser os proprios não outros alheos, a vos cõ palauras cheas denganos, & com rezões em tudo fingidas, & tais q̃ cõ a verdade q̃ deveis, não tinhãose melhãça nẽ parentesco, afagastes assi minha nova idade cõ q̃ fuy inauzida a vos querer o grãde bẽ que a onestidade me ensinava, & porque nas couzas que na tenra mocidade acontecem durão sẽpre na memoria em todas as partes da vida, & por isso me lẽbra bẽ apreposito fingidas rezões nas quais não escarneçeis somente de mim, de cuja innocencia quando uão quizereis ter piedade, devereis aver vergonha, no que muyto mais escarneçeis de vossa honra, & de vossa fama, & ainda de Deus, & da santa Igreja pois casastes, & pedistes, & revogastes sua dispensação sendo nisso sobre todos desagradecido, a mim que pera o fim que de vos esperava, vos tinha aquelle grande amor, & muy fiel, que era razão, o que tudo conuertestes contra mim ẽ muyto desamor, & desgosto, & a verdade disso se vio melhor em vossas obras. Pelo qual tão grande desagradicimento, cuja principal morada era vosso coração, não poderia largamente durar com amor que do mesmo coração procede, & este que ora novamente mostrais que me tendes, por ser fingido como he, não poderia caber nem sofrerse em vos juntamente? E pois senhor vedes que eu isto entendo seja vossa merçe de não escreuer palauras, das quais não sendo trazidas ao fim de vos prometido, se sigua quebra de vossa verdade, & mingoa de vosso estado real, que por nenhũa couza devieis querer, & as vezes que vi vossa carta, por cuja reposta vos esta envio, por vir em tal tempo sempre suspeitey o que creo que vos pezava de qualquer

quer bemaventuturança que me pudesse vir, & que não quereis que se disesse nem fosse verdade que em cazo que me leyxareis que nem por isso me faleçera outro Principe, que dignamente mereça trazer real Coroa, como vos; & que pollo vosso preço me tomasse, ou por ventura fazeis isto con ra mim receandouos, & não sendo seguro do bem dalguem pera vosso serviço cudando erradamente que vos não ama, & se hé por D. loão meu padre, & meu senhor, elle certamente vos he mais leal amiguo, & servidor, que os que são riquos por vossos dinheyros, & possuem sem fé vossas fortalezas, & são arquas, & escrituras de vossas puridades, & são tais, que por bayxos não merecem viuer como o mais pequeno de sua linhagem. E faço estas comparações porque crendovos vos por tais conselheyros como dizeis que fizestes, errastes contra mim gravemente, & mais fizestes de vos conhecer ao mundo que a mais se estende vossas palauras, do que podem chegar vossas obras, & os direytos, & rezão outorgão que não se presuma ser bõ quem hũa vez foy mao ate que por obras, & por fama se veja o contrario, & vos não fostes hũa so vez contra mim, mas muytas escreuendome com enganno destes escritos assas, sem algum delles querer des cumprir, porque vossa vontade os contrariava, & por isso não tem culpa quem em meu cazo vola der, nem mereçe penna, o q̃ não der fe a couza q̃ digais, & disto que he passado não crer nada quero aguora crer o que vejo, & o que sey que fazeis no mao trato que dais atão virtuoza princeza, como he a Rainha Dona Maria vossa molher, & isto he feito por Leanor Nunes, que sete annos antes que naçesse ja era garida, & se o sizo me não foge ja vos de tal fama a tomastes nas festas de Liaõ, qua não sem rezão sua madre se queyxava della, & de Martim de Lara o bastardo, nẽ he de presumir que elle fosse o primeyro que lhe dissesse amores, porque Fernão Gonçalues de Ajala ja fora seu namorado, & esta inquirtçaõ porque soube esta verdade, não ma fizeraõ tirar ciumes, mas hũ leal amor q̃ em vos perdi, & me nunqua merçestes, & conforteyme, ainda que fosse com perda alhea, saber q̃ maiores juras, & promessas fizestes à Rainha Dona Maria, as quais todas quebrastes, & cuydo que non fuy so, mas que ja em hũa conpanhia somos duas, as que com palauras enganastes, & louvo muyto a Deus porque a mim me não coube em sorte o catiueyro, & padecimento em que ella sem culpa aguora vive, mas ajustiça de Deus a que nada se esconde de todo o que contra ella, & contra mim cometestes por meo doutra molher que será Leanor Nunes, nos dará de vos justiça, & vingança, & de mais nisto me não tocurdes por se não perder tempo mẽ fareis grande merçe, porque em cazo que perdindosse toda a rezão, o direyto, & poder me forçeis o corpo, como dizeis, sabey que minha alma, & meu espirito de vos, & vossas couzas sempre ficaraõ liures, & sem sogeyçaõ.

Com a reposta desta carta foy el Rey de Castella assas triste, & pensozo, porque viõ que suas ima-

ginacoẽs,& cautelas em nada lhe ſucediaõ a ſeu danado prepozito, & mao dezejo, & pera naõ ficar couza, que naõ experimentaſſe pera o caſamento de Dona Coſtança ſe naõ fazer dezejou com qualquer achaque algũa rotura de pazes com o Reyno de Portugal, & ter com elle guerra, ainda que foſſe ſem cauza, & pera iſſo eſcreveo ao Meſtre da Alcantara, & a hum Gonçalo Martins das Caſilhas, outros principais Cavaleyros dos Eſtremos, a cada hũ deſtes em eſpecial, que trabalhaſſem de fazer algũas taes ſem rezoẽs, ou to madias aos Portuguezes vezinhos dos Eſtremos, que a elles conviеſſe por ſua vingança, & enmẽda tornar a elles por armas, ouve preſarias por maneyra que antre todos ouveſſe alguns começos de rompimento de guerra, & iſto q̃ fizeſſem ao menos porque ſabia que elRey Dom Afonſo de Portugal de ſua condiçaõ hera aſim muy queyxozo, & que naõ poderia leyxar de lhe eſcreuer ſobre iſſo taes couzas, & aſſim azedas cõ que elRey de Caſtella moſtrandoas em ſeu conſelho, ſeria de neceſidade a cõſelhado mouer guerra a Portugal, & que cõ ella movida naõ ſe faria o cazamento de Dona Coſtança como hera ſeu intento, mas iſto naõ ouve, & feyto, ca foy impedido antes da obra, como ao diante direy.

CAP. XIX.

Como por procuradores de Dom Ioaõ Manoel ſe fez o caſamẽto de Dona Coſtança com o Infante D. Pedro em Portugal.

COMO elRey D. Afonſo pello Meſtre de Avis foy certificado da vontade, & conſentimento que D. Ioaõ Manoel, que dava ao caſamento de ſua filha ſentindo a vontade encuberta, & diſimulada que elRey de Caſtella tinha para torva deſte caſamento antes que elle em algũa couza mais danoza a pozeſſe em obra, mandou logo a Dom Ioaõ por ſeus menſageyros, & procuradores Gonçalo Vas de Goyos ſeu vaſſallo; & Gõçalo Vas tizoureyro de Vizeu, & Fernaõ de Pinna, os quais com o dito Dom Ioaõ no mez de Ianeyro da era de Ceſar de mil, & trezentos, & ſeſenta, & coatro, & do anno de Criſto de mil, & trezentos, & trinta, & ſeis, na ſua villa de Caſtrilho, firmaraõ o contrato do dito caſamento com todalas clauzulas, & condiçoẽs, que atras he apontado.

E como os ditos menſageyros de elRey foraõ de Dom Ioaõ deſpedidos, & elle no mes de Fevereyro

reyro loguo seguinte, & do dito lugar de Castrilho enviou a Portugual com procuraçoẽs, & poderes abastantes seus, & de Dona Costança, hũ Fernão Garcia, Dayão de Cuenqua, & outro Lopo Garcia os quais vieraõ a elRey D. Afonso, estando em Estremos, & aly concordaraõ mays particularmente, & firmemẽte todalas couzas assim acerqua do tẽpo da vinda de Dona Costança, que avia de ser para o São Ioão loguo seguinte, como tambem a cerqua das pagas das trezẽtas mil dobras de dote que avia de ser em certos annos com fieldade, & segurãça de Castelos de hũa parte, & da outra, que se avião de poer como puzerão; & concordadas em Estremos estas couzas, elRey, & os ditos procuradores se forão á Cidade de Evora onde nos paços de São Francisco sendo prezẽtes elRey, & a Rainha Dona Breatis, & o Infante Dom Pedro, & com elles alguns Prelados, & ricos homens, & Cavaleyros de seus Reynos o dito Fernão Garcia procurador, com sua procuração nas maõs, despois de publicada, & declarada a tenção perque elle era vindo, disse estas palauras. *Senhor Infante Dom Pedro, por quãto a Deus praze de vos com sua graca aveis de ser marido. de Dona Costança filha de Dom ioão Manoel, meu senhor, por tanto eu Fernão Carcia Dayão de Cuenqua, como procurador q̃ sou da dita Senhora por esta suficiente procuração, & em seu nome vos recebo por espozo, & marido lidemo de Dona Costança por palauras de matrimonio de prezente segundo o direito da Santa Igreja, & juro aos Santos Euangelhos por mim corporalmente tangidos, na alma da dita Dona Costãça, que ella tenha, & goarde bem fielmente todo esto, & naõ venha em algum tempo contra isso, nem parte, nem em todo.* E outro tal recebimento, & juramento sez aly loguo odito Infante Dom Pedro, pera depois em sua pessoa, ou por seu procurador o mandar ratificar em Castella em pessoa da dita Dona Costança, com isto a cabado elRey fez merçes aos mensageyros, & se tornarão pera caza de Dom Ioaõ seu senhor.

CAP. XX.

Como elRey de Portugal enviou seus mensageyros a caza de Dom Ioaõ pera em nome do Infante Dom Pedro receberem por sua molher Dona Costança

OS Mensageyros, & Procuradores de Dom Ioaõ como forão da Cidade de Euora despedidos, loguo elRey de Portugal ordenou, & enviou a caza de Dom Ioão por Procuradores do Infante Dom Pedro seu filho,

lho, & com seu consentimento, Gonçalo Vas de Gois, & Gonçalo Vas Tizoyreyro de Vizeu, & Frey Diogo seu confessor: E chegãdo à Villa de Castrilho õde erão Dom Ioaõ, & sua molher, & filha forão delles com grandes honras, & bom trato recebidos, & ao dia que foy concertado os espozorios se fizerão, os Pòvos, & Clerigos, & Religiozos da Villa, & da terra de Dom Ioaõ com solene prosiçaõ foraõ à Igreja, onde o auto de recebimento se auia de fazer onde o Bispo de Cuenqua disse missa, & ouve sobre o cazo Sermaõ & no cabo de tudo foy pelo Bipso reuestido lida primeyramente a dispẽsaçaõ, & sendo prezente o dito Dõ Ioaõ acõpanhado de grandes, & nobres homens que cõ elle eraõ, se foy ao estrado aonde estava Dona Costança sua filha acompanhada de muytas, & nobres Donas, & donzellas, & lhe disse a ella. *Filha eu vos rogo, & mando que recebais por palauras de presente em nome do Infante Dom Pedro filho erdeyro de el Rey de Portugual, Gonçalo Vas de Gois, que aqui està seu Procurador.* A que ella loguo em pé respondeo. *Senhor assim nisso, como em qualquer outra couza que me mãdardes, eu vos serey sempre muy obediente, & pois me vos mãdais, & quereis q̃ o faça, eu o tenho por bẽ, & me apraz.*

E loguo o dito Gonçalo Vas tẽdo a procuraçaõ nas maõs disse. *Senhora Dona Costança, eu Gonçalo Vas de Gois especial Procurador pera isto do Infante Dom Pedro filho primeyro, & erdeyro de D. Afõso Rey de Portugal meu senhor, em sua vos, & em seu nome vos recebo per espoza, & mother lidima do dito Infante, no dito nome consinto, & vos outorgo por vosso espozo, & marido como seu Procurador que sou.* E ella respondeo. *Eu Dona Costança recebo por espozo, & marido o Infante Dom Pedro, & me outorgo por sua espoza, & molher em pessoa de vos Gonçalo Vaz, cujo Procurador sois, & juro a estes Santos Evangelhos que corporalmente toco de a ver por senhor, & marido para sepmre, em toda minha vida.* E loguo o dito Dom Ioão seu padre fez tanbem o dito juramento pera fazer todo assim cõprir como ante elles era cõcordado, & com isto a cabado os ditos Procuradores de Portugal ordenaraõ de virem per caza de el-Rey de Castella, & darlhe conta do casamento.

CAP. XXI.

Do que el Rey de Castella fez quando foy certificado do casamẽto do Infante D. Pedro de Portugal cõ a Infãta Dona Costança.

OS espozouros do Infante Dom Pedro com a Infanta Dona Costança foraõ feytos com tanta solenidade festas

festas, & estrõdo q̃ elRey de Castella foy loguo de todo sabedor, & de assi ser feyto lhe pezou muyto, & vendo loguo que da guerra que sem cauza que mãdava trauar cõ Portugal, lhe poderia vir mais mal que bẽ, podia consigir algum cõprimẽto de seu mao dezejo, escreveo loguo ao Mestre de Alcãtara, & aos outros que assima disse, que não cometessem nem fizessem nada do que lhe tinha mandado a ferqua da guerra com Portugal, & elles assi o fizerão & sobre isso os Embaixadores de Portugal chegarão a Valhadolid õde elRey era & lhe derão larga cõta dos despozouros, & por alegria delles lhe pedirão alviçaras.

Oqual cõ dor vedadeira, & cõ hũ prazer fingido lhes deu, asaber, a cada hũ tres mil dobras douro, & senhos bons cavalos. & mais certas pessas de ceda, & isto lhes mandou ás pouzadas antes q̃ de elRey fossem despedidos, osquais em tornãdo a remerçear lhe as dadivas, & merçe que lhe inviara, elRey com o rostomuy alegre lhes disse: *Esta aluiçara que vos mandey dar, foy muy pequena, para o grande prazer, & cõtentamẽto q̃ tenho de fazer este cazamento a que viestes, posto que D. Ioão deste casamento nũqua me deu parte, porem dizei a elRey de Portugal meu tio q̃ a fora elle, & o Padre da noyva, & fora ambos os noiuos, eu de todos os outros sou o mais ledo da voda.* E que isto ẽ sua vontade fosse fingido & nacara em suas mostranças, pareçia o contrario.

Por que por hõra destes espozouros fes, & ordenou ẽ sua Corte grande festas, & canas, & touros, & dãças, & cõ isto acabado em se os Embayxadores despedido delle inviou suas encomẽdas a elRey seu tio, & ao Infante seu primo, & acada hũ delles duas pessas de panno de ouro muy riquo, & assi suas cartas com muytas palauras das cauzas, & razoẽs q̃ avia para deste casamẽto ser muy contente, & cõ offerecimẽtos desua pesoa, & de seus Reynos, & couzas delles para todo oq̃ a elRey, & ao Infante seu filho cumprisse, dãdo graças a Deus por ver fundamẽto de tal assosego, & pas de toda a Hespanha, & por aver melhor disposiçaõ pera a guerra dos Mouros.

CAP. XXII.

Como os Embaixadores chegarão à Portugal, & da reposta q̃ elRey inviou a elRey de Castella.

OS Embayxadores q̃ foraõ aos ditos espozouros ẽ tornãdo a Portugal acharaõ a elRey D. Afõso, & o Infãte D. Pedro, em Lisboa, onde pella certdaõ do casamento forão feytas muitas festas, & grãdes alegrias, & assi por todo o Reino vẽdo sobre isso elRey a carta de elRei de Castela cuja sustancia pellas couzas passadas avia

de todo por falsa, & fundada para outro fim, & para se de todo declarar, & lhe fazer entender que o entendia lhe inviou por Martim Lopes Machado sua reposta em que sustancialmẽte com grandes louvores lhe agradeçeo muyto o que lhe inviara dizer do prazer, & cõtentamento que tomara acerqua do casamento de seu filho com a Infanta Dona Costança, & assim de seus offerecimentos, porque tudo assim era rezão, & tudo em tal cazo delle se esperava, & que pollas grandes cauzas que avia nom menos o faria em todalas couzas que a elle Rey de Castella tocassem, & fossem em prazer, & que por tãto a cõfirmação, & certeza de sua boa võtade o cõtẽtava, & o brigava aguora mais quãto lhe pareçeo que os dias passados elle o tinha para este casamẽto cõtrario; & porem porq̃ ja pareceria duvidar nẽ sospeitar da verdade de suas palauras tão afirmadas q̃ elle, & o Infãte seu filho as crião, & lhe rogavão q̃ se ẽ algũ tẽpo lhe desaprouvesse porq̃ seu filho em quãto elle Rey, & sua pas, & amizade quizesse aturar sẽpre lhe seria bõ, & verdadeyro amigo quando visse que nõ devia fazer o contrario, & por ventura quãdo algũa ves o sentisse ainda então mais por virtude que por couardiçe, sua paciencia que teria o faria refrear; & com isto ses mais saber a elRey de Castella todalas couzas q̃ ate então sabia que elle secreta, & encubertamẽte tratara para torva deste cazamẽto, & assim a carta que D. Costança inviara em q̃ dezia que atomaria por força mas q̃ todo isto passado, lhe descubria para lhe certificar que tudo avia por como q̃ nũqua passara, & que cria o que novamẽte lhe afirmava. E leyxando hũ pouco os feytos dos Reys tocarey algũas outras que neste tempo ocorrerão, & que fazẽ perfeyção desta historia.

CAP. XXIII.

Do falecimento da Sancta Rainha Dona Izabel molher de el Rey D. Dinis, & madre del Rey D. Afonso, & dos milagres que Deus despois de sua morte por ella fez.

ANDANDO a era de Cesar ẽ mil, & trezẽtos, & setẽta, & tres anos, & o anno de Christo em mil, & trezentos, & trinta, & sinco a Rainha D. Izabel molher q̃ foy de elRey D. Dinis, & madre deste Rey D. Afõso IV. como era molher de vida muy sãta por acrecẽtar por seu corpo merecimẽtos para salvação de sua alma, sẽdo este anno Iubileu de Sanctiago de Galiza, ella por aver do tizouro da misericordia, & piedade de Deus indulgencia, & remissão de seus pecados foy a elle, & tornou de pè aforada, & muy desconhecida, pedindo

pedindo pello caminho esmolas aos fieis Christaos com seu bordão na mão,& fardel ás costas como hũa bem pobre romeyra, & no anno seguinte de pois de vir a Portugal,porque corrião os tratos do casamento do Infante Dõ Pedro seu neto,ella seveo a Estremos onde adoeceo ẽ quinta feyra aos 4.de julho do ãno de Christo de mil,& trezentos,& trinta,& seis,& aly foy loguo seu corpo reuolto em hũ couro de boy,& posto em seu ataude, & levado com muyta solemnidade ao Mosteyro de S. Clara de Coimbra que ella novamẽte fundou,& dotou,& hy foy sepultado em hũ moimẽto de pedra no Choro de sima onde jas, & onde foy á primeyra Abadessa D. Izabel de Cardona Aragonesa sua parẽta,& sobre as couzas q̃ em sua morte, & enterramẽto, & dispois sobre seu moimento milagrozamẽte se passarão cõ algũ fundamẽto de ser canonizada forão tiradas inquiricoẽs cõ muy perfeyto exame das testemunhas,& por ellas brevemẽte achey que indo assi seu corpo pello caminho,sendo tão grandes quenturas do Sol,que nos corpos mortos cauzão corrupção , & fedor, a este vinhão as gẽtes cheyrar pello grãde odor q̃ delle saia,q̃ era assi grãde, &de bõ cheiro, como se o levarão por hũ grãde,& mui florido rozal,& assi o fazia algũ grosso humor q̃ do dito corpo pellasfendas do ataude saia,

E que por isto em acabando de ser o corpo no moimẽto metido hũ pano grãde vermelho cõ q̃ fora cuberto,& as andas em q̃ hia forão loguo rotas, & espadaçadas, & goardados os pedaços,& rachas por gr ãdes Reliquias as,quais tomadas,& lançadas cõ devacão segundo testemunho de muytos ,a muytos enfermos aproveytavão.

E foraõ cõ elle Frey Ioão Paes seu confessor da ordem de São Francisco,& Frey Salvador Bispo deLamego q̃ foy seu testamẽteyro & alẽ doutros muytos milagres q̃ por escrituras antiguas,& muy autentiquas achey foraõ estes.

Hũa Costança Annes natural da Cidade de Evora Freyra do mesmo moesteyro tẽdo tal infirmidade nos beyços q̃ de praga selhe comião todos sem aproveytar algũ remedio tẽporal,& assim era tambem manqua de hũa perna q̃ se nõ abalava,pola devação que tomou da boa vida , & santidade desta Rainha se provou claro que em chegãdo seu corpo ao mosteyro ella por beyjar o ataude em que vinha loguo subitamente,& a vista detodos recebeo perfeita saude nos beyços, & na perna,& de todo ficou sam:outro si hũa Caterina Lourenço tãbẽ Freyra tinha a via dias hũ lobinho no olho esquerdo de q̃ nõ via , & estava em dispocisão de operder,& hũa vigilia q̃ cõ grãde devação teve ãte o moimẽto da Rainha se achou ao

dia de todo são, & assi o fizerão outros muytos de semelhantes dores, & maleytas. Item hũ Domingos Domingues morador em S. Felipo tendo hũa sanguexuga na garganta avendo muytos dias, de que cada dia se sangrava á morte, & nõ lhe aprovey tando remedios, nem romarias, encomẽdandosse a Deus, & aos rogos, & merecimentos desta S. Rainha veo dormir huma noyte ao seu moimenso, & a o outro dia a sanguexugua muyto grãde, & viua lhe apontou na vẽta direyta por onde lhe foy tirada, & foy são. Item huã Maria Martins de Coimbra da freguezia de Sam Christovão sẽdo de todo cega avia ouvido dos milagres desta bemaventurada Rainha seveo lançar cõ grande devação debayxo do seu moimento, & aly recebeo vista inteyra aos olhos de todos. Item hũ Ioão Pascoal de Condexa sendo surdo muytos annos avia tambem hũa noyte que cõ devação aly durmio, & se encomẽdou a ella, ouvio tãbem como se nunqua padecera tal infirmidade & assi outros muytos milagres achei escritos, q̃ por brevidade escuzey de pòr, porque estes abastão para se crer piadozamẽte que sua alma he Santa, & bem aventurada.

(*)

CAP. XXIV.

De huma Embayxada de el Rey de França, & doutros Senhores que veo loguo à el Rey de Castella sobre a guerra dultra mar, & cobramẽto da caza Santa.

ELREY de Castella em acabando de ver a carta de el Rey de Portugal, & do Infante seu filho em reposta da q̃ ouverão acerca do casamento do Infante D Pedro, & sobre as cousas secretas q̃ lhe revelarão antes de a ella respõder, chegarã a sua Corte tres Embaixadores hõrados de el-Rey de Frãça, & doutros grandes senhores de Alemanha, & da quellas Prouincias todos concordados em hũa sustancia, os quais forão de el Rey bẽ recebidos, & tratados, & ao tetceyro dia depois de sua chegada sendolhe assinado dia, & ora para proporẽ sua Embaixada; elles vindos ãte el Rey loguo mostrarão hũa carta de crença aberta, & patente assinada por el Rey de França, & por todolos senhores nella nõmeados, & aselada de seus selos pequenos postos em hũa so cera grãde, & redonda.

E por vertude della de pois que de el Rey foy vista hum delles disse. *Senhor nos a poucos dias que viemos por caza de el Rey da Aragão, &*

por

por bem desta carta que tanbem a elle vem adereçada logo propuzemos o que a vos tambem aqui propomos ;& posto que a elle primeyro falassemos, não leyxamos por isso de ter vosso nome, & Real Estado em mais conta ; & maior reverencia que o seu , mas atreuendonos em vossa grãdeza,& nella grãde constãcia que de si tera o fizemos assim porque dispois de vos tãbem entendemos hir a elRey de Portugal para da hy com mais brevidade fazermos o caminho em vossas terras pelo mar por isso falamos a elRey de Aragão primeyro, & se nisso ouve erro foy somente por necessidade,& disso vos pedimos perdão. ElRey de Castella depois que lhe disse que tudo fora feyto com prudencia,& bom resgoardo, & que o avia por bem feyto , aquelle, que aprezẽtou a carta começou nesta maneyra . *Senhor elRey de França com todolos senhores que nesta carta assinarão assy como dezejão o exalçamento da Sãta fé de Iesu Christo , assi tanbem como fieis Cristãos lhes peza muyto do acrecentamento da errada ceyta de Mafamede, & da grande multiplicação dos Mouros que a seguem.*

Os quais por nossos pecados, ou por nossa fraqueza possuem a mayor parte da terra acreçentando cada dia seu poder , & estendendo cada ves mais seu senhorio;& porq̃ isto não fosse damaneyra que he aqueles que ãnte nos forão em tẽpo de Gudruse primeyro Rey de Hierusalem , q̃ herão grãdes senhores de Frãça,& outras Regiões, passarão naquellas partes por muytas vezes, & fizerão nellas muytas,& mui asinaladas couzas, tomãdo a os imigos Cidades, Villas, Castellos, & grãdes terras matando muytos delles em mui assinalados combates, & entradas de lugares,& grandes batalhas , até por força lhes tomarem a Santa Cidade de Hierusalem,& a torre de Dauid, & tudo puzerão em poder de Cristãos fazẽdo dizer devotas missas ; & Divinos officios onde o danado, & descrido Mafamede à miude era delles louvado , & assi sacrificando ao Alto Deus sacrificios de louuor naquelles lugares ; que o diabo pela peruersa condição desta malicioza gente tinha assi a seu mandado ja sogigados ; para cõseuarção desta obra tão piadoza offerecerão,& derão em seus senhorios muytas Vilas, terras, & grandes riquezas ; & os que em feytos tão meritorios morrerão, tem segundo nossa Fè vida para na gloria dos Ceos em este mundo , em quanto durar, terão honras,nomes , & fama inmortal, como a tem .

E ora senhor estes senhores constrangidos deste glorioso exemplo que per linhajem, & razam os esperta, & commoue,dezejando parecer a estes que pera o corpo , & alma tanta honra , & tanto bem ; & louuor percalçarão , queriam fazer outro tal mouimento, & passajem esperãdo na piedade de Deus,& em seu grande,poder que o feito seja com prosperidade, acabado.& crendo que ainda q̃ os corpos em tal empreza sejão vencidos, as almas para a eterna bemaventurança ficarão para sempre vencedoras.

E por tanto estes senhores querem

saber de vos pois todos sois irmãos em Christo, & esta guerra dos infieis vos he natural, se vos pras serdes com elles nesta santa, & fiel companhia porque fallando nos isto a elRey de Aragão, elle nos respondeo que sem escuza fara o que vos fizeres, & que tudo o que comvosco neste cazo concluisemos, que tambem cõ elle o ouvessemos por concluido.

ElRey de Castella no cabo desta propoſiçaõ louvou muyto, & aprovou cõ largo recõtẽtamẽto de palauras sua hõrada, & louvada tenção, dandolhes muytas graças por o fazerẽ disso participante, & em cõcluzaõ pello feyto ser de tal calidade remeteo a final, & determinada reposta á seu conselho, & a Cortes que então queria fazer; & com isto os Embayxadores se forão às pouzadas, & elRey de Castella enviou logo hũa carta á elRey de Portugal, em que lhe fez saber toda à propoſiçaõ, & apontamentos dos Embayxadores, & assi sua reposta suspensa ate as Cortes, pedindolhe que por quanto naõ queria neste cazo responder couza que a elle naõ a prouvese nem que discordasse deseu propoſiito & dezejo, que de todo logo o avizase, & aconselhasse para isso lhes responder, & a elle seguir por serem ambos conformes.

CPA. XXV.

Do Conselho que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre a Embayxada de França.

Mensageyro de elRey de Castella chegou com sua carta a elRey de Portugal estãdo na Cidade de Evora, o qual tendo sobre isso Conselho com o Infante seu filho, & com os Senhores de sua Corte, que eraõ prezentes, acordou enviar per sua carta à elRey de Castella á seguĩte reposta. *Dom Afonso per graça de Deus Rey de Portugal, & do Algarve, ao muyto Poderozo, & alto Principe Dom Afonso Rey de Castella, & de Leaõ a que a fortuna bẽ dizendo dignamente provocou sua honra, & dà delle fama por todas as terras que a o señorio dos homẽs sam sugeytos cõ devida bem querẽça, nos encomẽdamos em sua graça, nenhuã couza lhe negando, da verdadeyra amizade. Senhor vimos vossa carta & entendidas as rezões della, sem embargo do que vos aqui disermos, finalmẽte deliberamos fazer neste cazo todo o q̃ vos quizerdes, & ordenardes, & porem a nos pare;e q̃ quãdo semelhante trabalho, & mortal perigo a nossos corpos ouvessemos de dar, que em couza de maior rezam, & a nos mais necessaria, nos aviamos de fundar, ao menos porque a quelles*

les que o soubessem, & ouvisse mais dinamente nos pudessem ajuvar quando semelhantes trabalhos, & perigos empendesemos por ganharmos mayor hõra, & mais noſso proveyto, ſe he verdade o q̃ dizẽ & afirmão elRey de França, & os que comelle ſão aliados, cõvẽ aſaber, que ſalvamos ſem duvida noſſas almas em iremos contra os Mouros, & fazermos contra elles eſſa guerra, & conquiſtas, ca tudo iſto podemos fazer na propria terra em q̃ eſtamos de que a nos ſe ſeguem dous grandes intereſſes de proveyto, & louuor, ca o primeyro ſerà ganhar dos infieis terra que depois de nos erdem noſſos filhos.

E o ſegundo ſairmos da mingoa, & vituperiõ e que portodolos Chriſtãos nos, & noſſos anteçeſores ſomos culpados por conſentir antre nos tais Mouros, & leyxarmos a ereges noſſos imigos, & de noſſa Fé terem em noſſa terra algũ ſenhorio, donde ſe ſeguiria que os que nos viſſem por tão longas viagens hir buſcar guerra cõ gente em todo igual a eſta que temos às portas, com rezão nos poderião chamar homens ſem ſizo, & diſcrição em todo mingoados, pois iriamos perder noſſas gentes, & fazendas por conquiſtar as terras eſtranhas para ficarem a filhos alheos podendo cõ iſſo ganhar outras que noſſos filhos direytamente poſſuiriaõ, & ſeriamos com rezão reprendidos como aquelles que procurão de apagar o fogo das cazas alheas &, deixão de todo arder as ſuas, & por iſſo taes obras ſe as fizeſemos ſeriaõ eſtimadas por de homens ſem ſizo, nem poderia muyto errar quem por ellas nos eſcreveſſe no liuro dos loucos.

Porem pois noſte cazo me pedis conſelho, amim pareçe por não me terdes eſte feyto em alteração dos voſſos, & alheos, & por não aver nelle opinioens contrarias que he bem reſponderdes loguo a eſſes Embayxadores ſem remeterdes, nem eſperardes a determinação de voſſas Cortes, & dizeylhe que a vos apras de ir contra os imigos da Fe, & de os deſtruir, & tirar da terra ate onde chegarem voſſas forças, & pod r c mi requere, & q̃ para iſto não eſtimais honra, vida gentes, nem riquezas, mas q̃ todo iſto com boa vontade deſpores com todo trabalho, & perigo, & que todo o que ſe niſſo gaſtar, & perder o avereis por bem empregado, & deſpezo, mas porque a vos, & aos outros Reis de Eſpanha voſſos irmãos, & parceyros por terdes muytas gentes, & grande poder foſtes ja muytas vezes praſmados, & theudos na Chriſtandade em pequena conta por leyxardes antre vos viuer eſta maldiçoada gente com a linhagem dos caẽs que as ſerras do Reyno de Crada Povoão, & aſſi por não guerreardes os infieis que ſão Enbemnamary que he terra a vos comarcam, & veſinha conquiſta dos Reys de Eſpanha, que por tanto lho rogais, que pois à empreza, & merecimẽto deſtes, & dos outros da Aſia todo he hũ, lhes praza começar aqui primeyro ſua guerra contra eſtes infieis, ate ſerẽ deſtruidos, & que ſe o aſſi fizerem, que a vos prazera ſeguir loguo à outra conquiſta, para que vos convidaõ; cà em outra maneyra pare, cria muy ſem rezão buſcar por guerra Mouros a terras alheas, leyxando

xandoos em paz nas vossas proprias.

E porem sẽ embargo deste meu cõselho vos nisto escolhey, & determinay o que vossa discreta vontade vos aconselhar, & eu vos siguirey; cuydando primeyramente muy bem como prudente em todalas cousas que que se vos podem seguir, para que compre grande resgoardo.

E com tudo em qualquer couza que determinardes eu prazendo a Deus serey com vosquo, porque esta saya que me leyxou meu pay, posto que seja muyto vzada, sede certo que ainda não he rota, mais pois se hade romper, tanto medà que seja cedo, como tarde.

E se isto que digo, & no que esses homens requerem vos, & os outros disserdes que assi confunda Deus quẽ disser de não; senhor aquelle Deus por cuja honra, & serviço nòs somos neste feyto requeridos, ordene de nos aquella cousa porq̃ ẽtẽder q̃ será de nos, & de todos melhor seruido, & seu nome mais exalçado. Como esta carta foy dada ao Mẽsageiro, de elRey de Castella, logo com grande pressa se partio com ella, & trigozamente chegou a Sevilha, onde ja elRey estava pera hi ter suas Cortes, & dar reposta aos Embayxadores; & como vio a carta de elRey seu tio, & sogro aprovou em todo sua tençaõ pelas boas rezoẽs, & vrgentes cauzas q̃ nella apontou; & loguo sem mais tardança mandou chamar os dittos Embayxadores, & puntualmẽte lhe deu, como disse, á reposta que elRey de Portugal lhe aconselhara; com aqual os Embayxadores se ouverão por respondidos. Despachados, & despedidos delle, sevierão loguo a Portugal, onde depois que a elRey propuzerão outras tais rezoẽs como disserão a elRey de Castella, segundo assima tenho dito, tambem ouverão delle a mesma reposta, com aqual, & cõmerçe que de elRey reçeberão se tornarão a sua terra onde jà acharão falecido elRey de França, cõ que a empreza loguo cessou; porque elle era o principal movedor della.

E porem antre prudentes não se leyxou de apontar, & aver por muy certo que se este cometimẽto por consentimento do Papa, & de todolos Reys Christaõs ou vera effeyto que à Religião Christam seseguiria muyto louuor, & grande exalçamento. E com isto acabado torno ao prepozito da hiſtoria de elRey Dom Afonso.

CAP. XXVI.

Como elRey de Portugal, & Dom Ioaõ Manoel notificaraõ a elRey de Castela o tempo da vinda que avia de ser da Infanta Dona Costança, & das toruas que para isso ouue.

NO tempo que o casamento do Infante Dom Pedro com á Infanta Dona Costança se fez que foy no mes de Fevereyro, loguo foy concordado que para o Sam Ioão seguinte ella fosse àquella parte de Portugal que ao Infante mais aprouvesse como atras he dito; & sẽdo este tempo chegado, & prezẽtes todolos amigos, & servidores de Dom Ioão para virem com sua filha, pareçeo bem à todos, por tal que todo se comprisse com prazer, sabedoria de elRey de Castella que lho fizesem primeyro saber.

E para isso elRey de Portugal lhe escreveo loguo, que por quanto a honrra de seu filho, & da Infanta Dona Costança sua molher compria que ella assi de Castelhanos, como de Portuguezes viesse aseu Reyno bem acompanhada, lhe rogava lhe inviase dizer por qual parte de sua terra averia mais prazer que ella entrasse, & que as pessoas que com ella viessem mandasse dar pouzadas, & mantimentos por seus dinheiros, & assi mesmo lho escreueo Dom Ioaõ Manoel, aos quais elRey de Castella contra todo o que sentia, & dezejava, respondeo que levassem em boa ora a Infanta por qualquer parte de seus Reynos q̃ quizesem, & por onde lhe milhor viesse porque isso averia por bem; & estas abastãças de elRey de Castella erão tudo comprimentos falsos que fazia somente de palauras porque para o efeyto tinha a vontade contrraia, & muyto danada, segundo por obras mostrou, porque elle por hum pungimento damores que sempre mostrou ter à Infanta nunqua perdeo grandes ciumes, & muyto sentimento deste cazamento, & pezavalhe muyto de se fazer, & porque não avia cauzas para descubertamente otoruar como era seu intrinsequo dezejo, buscava todalas manhas, & achaques porque não viesse a efeyto, pollo qual sabendo que a Infanta não podia ir a Portugal sẽ Dom Ioão Manoel seu padre, & sem Ioão Nunes de Lara a q̃ queria grande mal, & sabia que elles herão ja prestes para acõpanharẽ, & festejarem por suas terras, & de seus parentes, & amigos, & porque elles o não poderem assi cumprir ordenou de mandar chamar a Ioão Nunes que viesse a sua Corte para se servir delle na guerra dos Mouros, com fundamento se viesse de o prender ou matar, & se não viesse, como não veo q̃ como a desleal o hiria cercar como loguo cercou cõ sua pessoa, & poder ẽ a Villa de Lerma q̃ he cabeça de Lara no mes de Iunho ao proprio tẽpo que a Infanta Dona Costança avia de vir a Portugal.

E para impedimento de D. Ioão Manoel porque cõ sua filha não pudesse sair de suas terras, nem socorrer

socorrer a Ioão Nunes mandou á Dom Vasco Rodrigues Mestre de Sanctiago, & a Dõ Ioaõ Nunes do Prado, Mestre da Alcãtara, que tambem à este tempo com mil de cavalo pagos á custa das ordens estivesem por fronteyros do castelo de Garcia Munhoz, & de Alarcaõ, & dos outros lugares da quella õde estaua Dom Ioão Manoel, ao qual Dom Ioão, elRey de Castella escreveo hũa carta declarãdo o por seu imigo, & tocandolhe particularmente todas as couzas em q̃ o tinha anojado, & deseruido, apontando que elle Dom Ioão Manoel escrevera a elRey de Aragaõ q̃fizera mal em lhe dar pas, & a elRey de Grada q̃ lhe não paguasse as parias de sua o brigaçaõ ca sem ellas por suas necesidades lhe daria tregoa.

E que escrevera a elRey de Portugal do mao trato que fazia a Rainha sua filha, & que tinha mãceba com estados deshonestos, & assi outras muytas couzas de que mostrava estar cõtra elle irado, & com tenção de procurar o castigo, & enmenda dellas, como elle Dom Ioão merecia, & que lhe não avia mais de sofrer o que lhe até então sofrido tinha, & com esta carta em que Dom Ioaõ vio o odio de elRey contra si tão publicado, & com as certidoens que ouve do cerquo de Ioão Nunes, & dos impedimentos dos Mestres de Sanctiago, & de Calatrava para não leuar a Portugal sua filha como tinha ordenado, & para que estava ja prestes foy muyto enojado, & posto em diuersos cudados & ãtes de algũa cousa sobre isso determinar, & fazer, ouve por bẽ noteficar primeyro tudo a elRey de Portugal aquem por hum so escudeyro enviou sua carta pedindolhe perdaõ dadilaçaõ que se puzera a entrega de sua filha como fiquara dandolhe por escuzas forçadas a contradição que avia dos Mestres de Sãctiago, & de Calatrava, & assi o cerquo de Ioão Nunes em Lerma, por cuja terra avia de passar, & tambem os odios, & carta de elRey de Castella que juntamente lhe mãdou mostrar pedindolhe que nisso o aconselhasse, & remedeasse porque em tudo não sahiria de seu mandado, & ordenança.

CAP. XXVII.

Dos recados que elRey de Portugal enviou à elRey de Castella sobre atorva que dava a vinda da Infanta Dona Costança.

ELREY de Portugal ao tempo que a elle chegou o Escudeyro de Dõ Ioão estava doente na Cidade de Vizeu & vis-

& vistas as cartas ouve da sustãcia grande desprazer, porque lhe pareceo que elRey de Castella ja queria descubrir as couzas que em sua danada vontade atè então andarão ocultas, & que todo seu intento era torvar a vinda da Infanta Dona Costança; & porem porque contudo vio que ella contra vontade de elRey de Castella sem grandes perigos, muytos trabalhos de todos, não podia forçadamente vir a Portugal, ouve por bẽ tentar primeyro que se fizesse com toda boa tẽperança, & concordia.

E para isso escreveo a Dom Ioão, & a elRey de Castella, & as couzas de sua carta que lhe apontara respodesse assim brando, & com suas desculpas como era rezão, & o cazo requeria, & que toda via lhe pedisse que pello mais não danifar nas penas em que encorria não torvasse a vinda de sua filha a Portugal, & a reposta que nelle de pois achasse, lhe fizesse loguo saber; & alem disto inviou a elRey de Castella Alvaro de Souza seu paje moço fidalgo, & homem de prol, & a que queria grande bem, antre outra companhia leuou mais consigo hum escudeyro seu ayo que o criara; & em chegando a Valhadolid. Alvaro de Souza sobre jogo de tabolas que jugava foy por so razoẽs morto de de hum Castelhano, & muyto sem cauza.

E seu ayo depoes de o fazer enterrar cuberto de burel seguio seu caminho para comprir com a messagem que seu criado levava, & nomes de Iulho do sobreditto anno em dia de Sanctiago chegou elle a Tolledo, onde, achou elRey de Castella retraido, & anojado por huma doença mortal, em que Leanor Nunes sua mançeba estava, & tambem muyto pençozo porque elRey de Grada lhe emviara engeytar as pazes, & lhe nõ queria pagar as parias obrigadas por danos que os Mouros receberão dos Christãos dos Estremos, & neste retraimento em que estava lhe foi dito como era chegado ao paço hum Purtuges todo cuberto de burel chorozo, & esto com hũa corda, por maior do, & que lhe trazia hũa carta.

E porque elRey de Castella fora avizado da doença passada de elRey de Portugal cuidou que seria falecido, & mandou entrar aquelle ayo de Alvaro de Souza, & em o vendo, lhe perguntou por quem trazia tamanho dó, & elle respondeo: *Senhor cá vossa gente de Valhadolid osabe, que sem cauza nem merecimẽto me matarão meu senhor, & meu criado*. E em lhe perguntando quem o matara, & porque o matarão, o escudeiro lhe disse: *Senhor direy primeyro o porque principalmente venho, & esse outro por segundo me não esquecerá*: E

então

entaõ lhe deu a carta de elRey, & apos ella contou com muytas lagrimas, & grande relaçaõ de palauras o cazo da morte de Alvaro de Souza, que fora por homens vis, & de pequena cõta, sobre couza de muyto pequeno preço, pois hera hum par de perdizes, & por Alvaro de Souza lhes pedir naõ falassem no jogo que elle jugava, às punhaladas o mataraõ, & agrauandosse por isso, & fazendo queyxume da fraqueza, & pouca diligencia das justiças da Villa, que o malfeytor naõ quizerão prender como puderão fazer, pera aver justo castigo.

E que despois de o fazer enterrar vinha cõ aquella carta, & mesagem que elle trazia, a qual lhe pedia que visse, & della lhe mandasse dar a reposta.

E elRey respondeo que do desastre, & cazo acontecido lhe pezava muyto, & que a isso tornaria com tal puniçaõ, & castigo coanto para a inteyra vingança q por justiça se pudesse fazer, elle seu ayo fosse de todo satisfeito, & com isto o despidio & mandou aposentar.

CAP. XXVIII.

Do que elRey de Portugal inviou dizer a elRey de Castella na carta que lhe mãdou por Alvaro de Souza.

ELRey de Castella abrio a carta de elRey de Portugal, & nella dizia: *Muy Alto, & Poderozo Principe Dom Afonso per graça de Deus Rey de Castella, & de Leaõ, elRey de Portugal vosso tio, que em todas às couzas vos queria manter leal amizade, dezejandouos honra com larga vida, & espiritual boa andança, vos invio muyto saudar, & encomendo em vossa graça. Coando meu filho de todo concertou seu casamento, vos por vossa carta me fizestes saber que disso por muytas rezoẽs vos prazia muyto, dizendo ainda por mais acrecentamentos damor, porque as couzas dos taes casamentos erão custozos & de grande trabalho, & despeza, que para se fazerem taõ honradamente como merecião me rogaveis que nenhũa couza do vosso, que pera ellas fosse necesario, naõ quizesse escuzar, nem ainda vosa pessoa se cumprisse; & despois vos escrevi que minha vontade era fazer voda ameu filho em este Mayo pasado, & vos roguey quizeseis dizer por qual parte, & comarca de vossos Reynos averieis por melhor que a Infanta viesse, & assi para as gentes que com ella aviaõ de vir lhes mandasseis em vossos Reynos dar pouzadas*

pouzadas, & mantimentos por seus dinheyros. E então me respondestes taes couzas a que agora sey que vossa vontade era de todo contraria.

Porque de dous caminhos que avia hũ impedistes com a frontaria dos Mestres de Sanctiago, & Calatrava, & do Conde de Niebla que contra Dom Ioaõ Manoel puzestes, desta companhia era hũ dos mais principais, & o outro com o cerquo de Ioaõ Nunes. E se isto fizestes por desonra, & abatimento de Dom Ioaõ; sabey aguora que disso cabe muyta parte a quẽ volo naõ ha de sofrer, mas que o ha tambem de vingar como Deus vingou a morte de seu filho.

E isto vos digo porque vos fale mais claro, & com mais desengano do que sempre fizestes a mim, por tal que ja aguora cudeis o que vos cumpre, & mo escrevais loguo sem encuberta, porq̃ prazendo a Deus eu espero a ver minha nora em meus Reynos assi bem, & honradamente como ella merece, & sera com prazer de quem lhe aprouver, & com pezar, & dano, & destruiçam de quem o contrariar. E com estas palauras lhe escreveo elRey de Portugal nesta mesma carta outras comparaçoẽs, & exemplos des honestos, & baixos que naquelle tempo poderiaõ por vẽtura parecer bem, & passar como graças, mas a honestidade, temperança, & bom ensino dos Reis daguora pareceriaõ mal, & muy feas, & por isso os naõ escrevo ca naõ a crecentaõ, nem mingoaõ na sustancia desta historia.

CAP. XXIX.

Da consulta que sobre esta carta el Rey de Castella teve com Leanor Nunes, & com hum seu privado bom homem, & prudente, & da reposta que deu.

ESTA carta de elRey de Portugal mostrou loguo elRey de Castella à Leanor Nunes sua mançeba, & lhe pedio seu conselho a cerqua do que a taõ duras, & descortezes palauras devia respõder, porque dellas se naõ podia seguir salvo guerra, & discordia antre elles; se a ida da Infanta Dona Costança fosse mais impedida afirmandolhe que lhe peza va muyto do nojo, & sentimenro que elRey seu tio por isso reçebia, mas q̃ nõ podia sofrer, nem deyxar de trouar a grande honra que por este casamento vinha a Dom Ioaõ, & Leanor Nunes sẽdo por sua natural fraqueza assas temoroza, & porem muy prudente com a quelle couardo coraçaõ. com que as molheres nos perigozos feitos dão esforço, & ouzadia aos homens aquem querem grande bem, disse. *Senhor toda a paz, por qualquer maneyra que se busque, & procura, sempre he muyto louvada, especialmente entre*

Christãos, & os que da guerra sãõ principios, & a causa, sãõ dos homẽs com razãõ muyto prasmados, & ficão obrigados responder a Deus pellos danos, mortes, & males que se nella nãõ podem escuzar, a mim senhor parece que elRey de Portugal leyxando suas des honestas comparacoẽs cõ que sua payxãõ coanto a mim se dispensa, em todo o mais vos pede rezãõ pois as couzas que requere todas sãõ por vos outorgadas, & consentidas, & a guora querendoas vos sem cauza contradizer, será com quebra de vossa verdade, & com dispoerdes vossa terra, & vassalos a destruiçãõ, & grandes danos, que de meu conselho devieis escuzar.

Com esta reposta de Leanor Nunes de que elRey para seu apetito naõ foy satisfeito, se partio della como descontente, & mandou loguo chamar hũ seu privado bom homem, & prudente, cujo nome nõ achey, & cõ que sempre fálava suas couzas de pezo, o que poucas vezes dava credito por obras, & a este mostrou tambem a carta de elRey de Portugal, & assi disse o voto de Leanor Nunes, & lhe pedio nisso seu pareçer.

E elle lhe disse: *Senhor por vos se pode bem exemplificar que o liure alvidrio que cada hum tem pode em tudo obrar contra todalas influencias do Ceo, em que cada hum foy naicdo, & esto digo porque pella constelaçãõ, que os Astrologos no ponto de vosso nacimento notarãõ; Eu os vi afirmar que serieis Rey muy verdadeyro, poderozo, & temido, & tudo isto assi he, 'em vos tãõ contrario, que por vos, & por vossas obras parece que fazeis mentir a astronomia toda, escolhendo o ermo em que viveis, & leyxais as grandes Cidades, nem quereis, segundo o que obrais, que com razãõ vos chamem sezudo, nem verdadeyro, nem temido, ca por contrarios, seytos, & nãõ de vida governança cobrais nomes a tudo isto contrarios, & se vos isto anoja, a outro que me por isso perguntasse diria que nem bom conselho, nem justa tençãõ que tenha, & vos diga para vos fazer seguir o caminho dos Reys vossos discretos a vos, a proveyta em vos muy pouquo, & isto cauzarãõ os errados caminhos perque no comesso de vossa idade soltamẽte quizestes andar, porque por elles entrastes nas muy perigozas brenhas da carne, & da vontade, em que nacẽ arvores de doces fruytos, mas seus efeytos sãõ despois muy amargozos, & destes gostastes ja tantos, & por tantos annos, sẽ aproveytar razãõ, nẽ cõselho q̃ delles vos nõ podeis apartar ca sois ja nelles en todo conuertido; & por isso senhor ey vergonha de ver esta carta de elRey de Portugal; porque leyxando seus exemplos que dirà compayxãõ nãõ aponta couza q̃ se contradiga, & que por vossas cartas, lhe nãõ tenhais m ytas vezes prometida & loguo quebrantada, & de mouer guerra contra vôs, tendo elle tanta razãõ, creo que tera Deus por sy, especialmente tendo Dom loaõ Manoel em Castella, & suas Villas contra vos podeis receber conhecido dano, quanto mais que o Papa pelas màs enformaçoẽs que destes feytos tem, procederà contra vos de*

de maneyra que por força vos façaõ obedecer ao que de direyto, & por vontade devieis fazer; & sobre isto senhor vos ainda daria mais brados, se Deus quizera q̃ os desse a pessoa em lugar que fossem ouvidos.

E com este conselho que naõ succedia ás erradas payxoẽs de elRey de Castella, elle sem tomar o final assento que devera mandou chamar o ayo de Alvaro de Souza, a que deu logo esperança de entender com rigor na morte de seu criado, & pera o mais lhe deu para elRey Dom Afonso hũa carta com que se veo a Portugal, na qual respondeo, & se quis escuzar das couzas em que por elRey era culpado, dizendo que os Mestres fronteyros que ordenara em terra de Dom Ioaõ, & o cerquo que puzera a Ioaõ Nunes nõ era por impedirem a vinda da Infanta Dona Costança, a qual nõ inpedia que viesse, mas que o fizera para aver emenda de Ioaõ Nunes que o tinha muyto desservido.

E de Dom Ioaõ Manoel naõ se fiava, nem das muytas gentes que para a vinda de sua filha ajuntava, & por isso lhe punha aquelles Mestres, & cavaleyros, & por seguradores somente da terra com que dezejava paz, nem para embargar ahida da Infanta que podia hir quando quizesse; da qual reposta elRey Dom Afonso naõ foy satisfeyto, antes muy anojado por que nem os fronteyros se tirarão a Dom Ioaõ, nem o cerquo se alevantou a Ioaõ Nunes, sem os quais a Infanta naõ podia vir, como devia, a Portugal, & a este sentimento, & ira contra elRey de Castella, se ajuntou mais, que tendo elRey mandado a Estevam Vas de Barbudo, seu Almirante do mar com tres galès, & sinquo navios armados, sobre certos cossayros que na costa de Portugal tinhaõ feytas muytas prezas, & roubos, o Almirante com força de tormenta que nelle deu, entrou no porto de Calis onde estava por Capitão hum D. Gonçalo Ponçe de Marchena, oqual com a Armada que tinha sem cauza veo sobre as galés, & navios de Portugal, & as tomou por crueza fes saltar, & perder toda gente dellas no mar; & porem ante q̃ elRey de Portugal sobre isto executasse couza algũa fez tudo saber a Dom Ioaõ para que finalmente, & determinadamente por sen mensageyro com elRey de Castella se declarasse sobre a vinda de sua filha sobre que por entaõ hera o ponto mais principal.

CAP. XXX.

Do mensageyro que Dom Ioaõ Manoel inuiou a elRey de Castella, & da cõcluzaõ que com elle se tomou.

DOM Ioaõ como ouve o recado de elRey Dom Afonso, por lhe satisfazer, loguo enviou seu mensageyro com a carta de crensa a elRey de Castella que estava no cerquo de Lerma sobre Ioão Nunes, ao qual por virtude della com largo recõtamento disse todalas couzas que no casamento da Infanta Dona Costança herão passadas ate se fazer, aprouando que todas forão feytas por seu prazer, & consentimento segundo por suas cartas parecia, pedindolhe finalmente que para comprir o que prometera, & elle ficar fora das penas em q̃ encorria mandasse tirar os fronteyros, & leuantasse o cerquo a Ioão Nunes, porque com cada hum destes pejos que ouvesse a dita Infanta naõ podia, nem devia hir para seu marido a Portugal.

As quais couzas porque elRey respondeo em contrario do dezejo de D. Ioaõ, o mensageyro lhe disse loguo : *Senhor a goarda de vossa terra para que pondes os Mestres nõ he nesessaria; porque Dom Ioaõ meu senhor he muyto a vosso serviço, & naõ esta taõ poderozo que a mesma terra sem outros poderes se naõ guarde delle, quanto mais que elle tem vontade de a conseruar, & naõ destruir, & Ioaõ Nunes se vos, & nojos, & desserviços tinha feytos para outro tempo que vos naõ saleçera, devereis de guardar sua emenda, & vingança, & nõ para este, em que soubestes que por divido de rezaõ que tinha com Dom Ioaõ era convidado, & prestes, para hir com a Infanta Dona Costança sua filha, cuja honra, & casamento so por odio delles quereis impedir: E pois isto nõ quereis remediar com a rezaõ, & honestidade que deveis, segundo Dom Ioaõ meu senhor vos invia por mim pedir, elle, & eu em seu nome por virtude desta crença que vos dey, se despede & desnatura de vos, & de voso serviço para da qui endiante sem quebra de sua honra vos des seruir, & ser contra vos em ajuda de Ioaõ Nunes com todos seus parentes, & amigos que em sua necesidade o quizerem ajudar.*

E com isto o mensageyro se despedio de elRey, & se veo a Dõ Ioaõ ao qual pello q̃ soube de elRey, & lhe fora dito em seu nome pareçeo tempo de ajuntar, & perçeber suas gentes de guerra, para o socorro, & desserquo de Ioão Nunes, & para sua segurança mais quede se fazer prestes de festa, & de voda, para a ida de sua filha, noteficou loguo tudo a elRey de Portugal, certeficãdolhe mais que o mal que elRey de Castella queria a Ioão Nunes, & o que lhe procurava fazer era principalmente porque era seu vassallo como o fora seu padre Dom Fernando de Lacerda; que delle tivera grande acostamento de dinheyro; & tãbem por ambos naõ quererem ser da parte de Leanor Nunes, q̃ muito dezejara, & procurava de os aver, & elles por postas as grandes merçes, & muytas a ventagens

que

que lhes por isso faziaõ, o naõ quizeraõ nunqua fazer, so porq naõ era serviço, nem honra da Rainha sua filha ; & porem porque tudo isto eraõ paixoens de elRey cauzadas do casamento de sua filha, que por todas maneyras queria impedir, lhe pedia que por final outra vez quizesse escreuer, & rogar a elRey de Castella que pello seu quizesse destes embargos cessar.

Cap. XXXI.

Do recado que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre estes embargos que punha a vinda da Infanta Dona Costança.

A ELREY de Portugal pello que lhe Dom Ioaõ Manoel escreveo pareçeo bem tornar escreuer à elRey de Castella, aquẽ no mes de Agosto estando ainda sobre o cerquo de Lerma, enviou hum mensageyro com sua carta de crença, & por virtude della disse a elRey que este casamento se fizera com seu prazer, & outorga, & que o tempo em que a Infanta avia de ser entregue em Portugal, avia dous mezes que era passado, & isto cauzavaõ os impedimentos q nos caminhos puzera, & no cerquo de Ioaõ Nunes, que porem elRey seu senhor lhe rogava muyto pois estes homens lhe naõ tinhaõ feyto nojo, nẽ desserviço, porque de novo tivesse rezaõ irarse nem descontentarse delles que com elles quizesse aguora ser à maneyra que dantes tinha, pois estavaõ em concerto de o servirem, & quizesse desserquar Ioaõ Nunes, & dar lugar que elle, & Dom Ioaõ seguramente levassem a Infanta a seu Reyno oõde elRey de Castella poderia mandar seus mensageyros com os apontamentos que fossem de sua honra, & serviço, & que elle os poria em seu amor, & cõcordia para da hy ẽ diante o servirem bem, & lealmẽte, & nunqua o desservirem, nem, & nojarem.

E à estas rezoẽs respondeõ elRey dizendo : *Eu a Dom Ioaõ ate oje naõ tenho feyto o dano, nem mal, porque se de mim deva agrauar, antes lhe sofri muytas sem rezoẽs, & insultos de que pudera tomar emenda que por assessego naõ quis ca os dinheyros de minhas rendas que por aquellas comarcas passaõ para mim, elle forçozamente os toma com á chaque que se entrega do q̃ lhe he devido de suas tenças, o que eu naõ devo, & sobre isso sey que como naõ deve disfama de mim a elRey meu tio, & em outras partes contra o que a minha honra, & estado he devido, & tudo sofri, & dey lugar a sua dura condiçaõ, esperando que abrandasse, & aguora naõ lhe pus, nem madey por embargo à hida de sua filha, antes lhe fiz saber que a podia leuar quãdo, & por onde quizesse, porque a estada*

dos Mestres naquella parte de que se re çea, não he para torva da Infanta, mas para segurança da terra, & para Dom Ioaõ não dar contra meu serviço ajuda a Ioaõ Nunes, como era com elle concertado; mas isto saõ achaques que busqua para me não seruir, porque sendo elle meu vassallo, & com muytas terras que de mim tẽ, & sendo meu Adiantado do Reyno de Murcia sem lhe fazer couza q̃ não deveße se despedio aguora de mim para me desseruir, como desserve, & de Ioaõ Nunes ser vassallo de elRey meu tio, aguora o sey, porque eu o tinha, & tenho por meu vassallo a que tenho dado muytos Castellos, & rendas, & terras, & he meu Alferes mõr, & nunqua se de mim despedio, se não aguora despois que aqui em Lerma o tenho cerquado pera o castigar pellos erros, deßerviços, & danos que a mim, & a minha terra tem feytos, & faz: E com isto, & com outras palauras a estas conformes que elRey de Castella disse ao mensageyro elle se despedio, & tornou a Portugal.

CAP. XXXII.

Como elRey de Portugal fez ajuntar os Alcaydes Portugezes que tinhaõ os Castellos de Portugal em a refens pera lhos entregarẽ, por elRey de Castella não cumprir as posturas.

AO tempo que este mensageyro chegou de Castella elRey Dõ Afonso hera em Estremòs vendo que elRey de Castella em nada queria satisfazer a equidade de seus requerimẽtos, por ainda cumprir com elle mais, ante de outro rompimento enuiou chamar os Alcaydes, que em Portugal tinhaõ em arefens suas fortalezas de que em Castella avia outros para mor firmeza, & segurança que os Reis cõpriaõ o que antre elles por bem de paz, & dos casamentos hera concordado, como atras disse, & os castellos, & Alcaydes de Portugal eraõ estes, a saber, Pedro Afonso Alcayde de Villa Viçoza, & Martim Lourenço da Cunha Alcayde de Sortelha, & Fernaõ da Fonsode Cambra Alcayde de Celoriquo, & Ruy Vas Ribeyro Alcayde de Penamachor, & Dom Frey Estevaõ Gonçalves Mestre de Christo que tinha Castelmendo, aos quais elRey disse que por quãto elRey de Castella naõ compria o que a elle era obrigado, que lhes requeria que lhe entregassem loguo suas fortlezas para dellas liuremente fazer o que fosse seu serviço, como era capitulado, & outro tanto faria como fes a os Alcaydes Castelhanos que pello mesmo cazo tinhaõ as outras fortalezas em Castella, & pera isto lhe a pontou em escrito todalas couzas em q̃ elRey tinha quebrado, & nõ comprido, & assi o notificou largamente as principais Cidades, & Villas de Castella, em

que

que tocou o mão trato da Rainha sua filha, com o qual apontamento o dito Pedro Afonso ante de elle, & outros respondérem, & fazerem dos ditos castellos, alguma couza foy como Procurador de todos a elRey de Castella, que a inda estava no cerquo de Lerma a 20. dias de Agosto do sobre dito anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & seis ao qual o dito Pedro Afonso perante notarios publicos mostrou o dito requerimẽto de elRey de Portugal, que com largas palauras apontou todolos beneficios, & ajudas que elRey de Castella tinha delle em muytos tempos reçebidos, & os nojos, & escandalos, que em quebramento de suas posturas lhe tinha feyto, de que muytos atras saõ já apontados.

A que elRey de Castella despois de aver o treslado, & consultar sobre isso, respondeo particularmente per sua escuza, & por seu merecimento; como entendo que lhe compria, carregando o mesmo quebrãtamẽto de seus cõtratos sobre elRey de Portugal, pois avẽdo por elles de ser imigo, de seus imigos elle ajudava, & favorecia os q̃ ẽ seu Reyno sẽdo seus vassallos lhe erão contrarios, & desleais, dizendo isto por Ioão Nunes, & Dom Ioão Manoel, contraos quais se elle proçedia era porque tinha desservido, & muyto danificado em sua terra com Mouros, & gentes estrangeyras que cõtra sua lealdade meterão no Reyno, roubando, & queymando como fizeraõ, requerendo tambem ao ditto procurador em nome de todolos Alcaydes que pello mesmo cazo a elle entregasse ẽ as ditas fortalezas que tinhão de Portugal, & a elRey as não desem porq̃ errarião a sua menagem se o assi não fizessem, & que elle per alguma maneyra não desserquaria Ioão Nunes ate que lhe não cortasse a cabeça como lhe tinha merecido.

CAP. XXXIII.

Como elRey de Portugal a requerimento, & por meo da Rainha sua filha escreveo outra vez a elRey de Castella sobre o aleuantamẽto do cerquo de sobre Ioaõ Nunes, & do que se nisso fez.

COM esta reposta de elRey de Castella cõ o que o procurador dos Alcaides veo a elRey D. Afonso elle foy muyto espantado, & muyto mais indinado contra elRey, & ante que sobre isso determinasse nem obrasse couza algũa sobreveo loguo que elRey de Castella sendo por este cerco de Ioão Nunes dalguns grandes, & Prela-

dos de seus Reynos aconselhado, & muy reprendido, & assi vendo que o lugar de Lerma sobre que estava era muy forte, & com muytas, & nobres gentes darmas, & por muyto tempo bastecido, & que tão facilmente o não podia cobrar como cuydava, em alguma maneyra lhe pareceria razão alenantarse, mas considerando que descercallo assi porsua propria vontade sem interçessão alhea de alguma grande, & notavel pessoa, lhe seria vergonha, & fraqueza acordou de escreuer, como escreveo, a Raiha sua molher que por Gonçalo Vas de Moura seu Ouvidor que com ella vivia, fizesse, como fez saber a elRey Dõ Afonso seu padre que por seu respeyto, & por seus rogos se lhos inviasse lhe prazeria desserquar loguo a João Nunes, & alegre elRey de Portugal com esta conclusão, que ouve por certa, respondeo loguo à Rainha agradecêdolhe muyto seu avizo, assi a elRey de Castella, dando muytos agradecimentos por tão honradamente, & com seu louvor se querer partir daquelle cerquo, & que a graça, & contentamento que nisso reçebia lhe não podia per outrem milhor significar que pella mesma Rainha sua filha, aque pedira que em sua pessoa tambem lho fosse ter em merçe. E este beneficio ouvesse porbem empregado em João Nunes, pello devido que com elle tinha, & que elRey alẽ disso em mayores couzas, quando se oferecessem, & a elle comprisse, sempre lho conheceria, como era razão; & que com elle, & com Dom João despois devirem a seu Reyno com a Infanta sua nora concertaria seus feytos de maneyra que como mui leais sempre o servicem, & o bedeçessem, & com estas cartas que á Rainha chegarão a Burgos, ella muy alegre pella boa esperança que lhe elRey seu marido dera se partir, foy ao arrayal onde estava, ao qual deu, & mostrou as cartas que de Portugal lhe vierão, & com palauras de amor, & prudencia lhe pedio o dezejado comprimento que esperava. & que pello dẽ elRey seu padre, & pello della que em pessoa lho vinha tambem pedir quizesse loguo desserquar a João Nunes como lhe tinha escrito, & prometido do q̃ elRey de Castella nõ curou, antes como esquecido, ou desprezador de sua promessa com o rosto triste, & carregado lhe respondeo que João Nunes que era seu inimigo com todas as cartas que vra, & com todalas razoẽs q̃ lhe alegara nõ desserquaria ate que lhe nõ desse a cabeça na mão, ou se puzesse em fazer o que delle por justiça, ou piedade em tudo ordenasse, & com esta reposta não esperada, a Rainha ficou com muyta vergonha, & assas confuzão, & como quer que sobre isso replicasse cõ muytas

&

& boas rezoès, & dobraſſe em giolhos, & com lagrimas ſuas preces, todavia elRey de Caſtella ficou contra Ioaõ Nnues, & contra Dom Ioaõ Manoel em ſua primeira dureza,& à Rainha muyto triſte ſe partio dante elle, & ſe foy alojar fora do cerquo, & da hy ſe tornou a Burgos,& tudo fez ſaber a elRey Dom Afonſo ſeu padre, & porem tudo cõ mais temperança do que com elRey ſeu marido paſſara porque eſta virtude antre às outras teve ſempre á Rainha Dona Maria que nas couzas de eſcandolo antre eſtes Reys, poſto que a mayor parte a ella tocaſſe, ſempre nellas moſtrou,& teve mais paciencia que deſejo de vingança, & deſta denegaçaõ que elRey fez á Rainha ſua molher forão delle muytos, & grandes, & ſenhores de Caſtella que eraõ no cerco aſſas triſtes, & eſcandilizados, & alguns procurarão tirar Ioaõ Nunes, & ſalvalo ſecretamente fora de Lerma, mas elRey a que eſto foy revelado proveo a iſſo de maneyra cõ ſua peſſoa que o naõ puderão fazer.

Com a má repoſta que elRey ouve da Rainha ſua filha em que finalmente acabou de ſaber que elRey de Caſtella per algũ reſpeyto nem interçeſſam nõ queria deſſer quar Ioão Nunes, & que tudo era por toruar a vinda da Infanta ſua nora a Portugal,foy por iſſo muy irozo, & anojado, & poſto em toda a determinaçaõ de vingança & emmenda para guerra; & pera o milhor fazer teve com os principais do Reyno ſobre iſſo conſelho perante os quais pera fũdar a tençaõ, & cauzas que tinha para fazer guerra, & dano a elRey de Caſtella propos ſuſtancialmente o mao trato,& deſprezo que á Rainha ſua filha delle reçebia,& como por nõ tornar a iſſo cõ aquella graveza,&eſtranhamento que em tal cazo compria era eſtimado em pouco pellos principais de Caſtella que ſobre iſſo lhe tinhaõ eſcrito,& que o leyxara antaõ de fazer pareſendolhe que pello cazamento da Infanta Dona Coſtança cõ ſeu filho em que elRey de Caſtella dera conſentimento, & autoridade, & com que Domloão Manoel ficara aſſentado em ſeu ſerviço elle Rey por ſeu meo, & com ſua prezença teria nos agrauos, & eſcandalos de ſua filha tal temperança com que as vontades de todos com paz,& amor loguo aſſoſſegaſſẽ, o que tudo por ſua culpa, & o dios ſuçedera muito pello cõtrario apontado eſpecialmente todalas couzas denganos, & cautellas de que elRey tinha neſtes feytos vzado como atras ſaõ declaradas,as quais bem conſiradas diſſe que eraõ todas forçozas maneyras, & neceſſarios conſtrangimentos que lhe fazia para ter cõ elle guerra dizendo: *Deus ſabe que por iſto eu ſon poſto em grandes penſamentos*

mentos, & ando continuadamente em ondas de tantos, & tão diuersos cuydados que muytas vezes cobrem, & descobrem meu coraçaõ, & o que ja nõ posso sofrer tantas injurias, & desprezos como por elle me saõ feytos, & o que mais sinto he dissimular, ou sofrer tanto tempo estas couzas de q̃ a minha vontade pudera aver boa vingança, segundo a minha hora compria.

He verdade, porem que por isto serem paixoẽs dantre pays, & filhos, & por eu sempre dezejar paz, & numqua guerra, contentavame ter estes sofrimentos, esperando que sizo, & idade, ou bondade de elRey, os mudasse em milhor, & era sua desordenada, & pouco honesta vida, & quebra de sua verdade, que todos sabeis me força ter com elle guerra para que cõ armas, & força antre nòs se acabe, q̃ por rogos, & brãduras ate aqui não foy posiuel, & para isto vos ajuntey aqui para me nisto aconselhardes bẽ como de vos espero, pois o feyto por qualquer que for comigo, & com vosquo áde ser de parçaria: È ouvida a prepoſiçaõ de elRey pollos do seu conselho brevemente aprovarão, & louvarão sua tenção, & que a guerra cõtra elRey de Castella se movesse loguo por mar, & por terra, & a mais aceza que pudesse.

(.i.)

CAP. XXXIV.

Como se comecou aguerra antre os Reys, & seus Reynos, & como elRey Dom Afonso de Portugal entrou em Castella.

COMa guerra se determinou no conselho que atras disse, loguo cõ grande presa foraõ cartas, & mandados pello Reyno que todos cõ mais gentes q̃ pudessem, & cõ cavalos, & armas se percebesẽ, & estivessẽ loguo prestes ate hũ dia certo, & assi mandou a todolos Alcaydes, & cavaleyros dos Estremos, que loguo com todo o mal, & dano assi começassem a guerra contra Castella, & naturais della, matando, roubando, & queymando, & catiuando assi como contra imigos mortais, porque por tais os tinha, & sobre isso mandou loguo velar, & roldar as suas Villas, & castellos, & calmallos, & provellos de mantimentos, & armas, & gentes, & de todo o mais que compriſſe pera cerquos, & pera quais quer outras neçessidadades de guerra se lhe sobre viesse & loguo mandou nos portos de mar de seus Reynos armar as galès que tinha, & todo outro genero de navios pera com gentes que loguo lhe ordenou, tambem por

mar

mar continuarão a guerra, & com a gente que de seus Reynos pode comigo ajuntar, & alem da que repartio pelo mar, & pellas fronteyras foy logo cercar a Cidade de Badalhouce com fundamento que elRey de Castella polla desserquar o froyxaria, ou aleuantaria o cerquo de Lerma em que Ioaõ Nunes estava cerquado, & se lhe bem viesse darlhe batalha, & despois do cerquo assentado mandou a seus Capitaẽs com muyta gente correr, & destruir a terra, & comarqua toda de redor, & chegando os corredores aos lugares da Ronche, & Darcena, & Cortegana, cujos arrabaldes, & termos foraõ queymados, & destruidos, & muytas gentes mortas donde trouxeraõ tambem muytos captiuos, & grandes roubos, & despojos, & vendo el Rey de Portugal que pella grãdeza, & fortaleza, & bons provimẽtos de Badalhouce, a não podia assi brevemente tomar como cuydara, leyxou algũa gente no cerquo, & entrou em pessoa pella terra contra Sevilha cõ dezejo de esperar nella elRey de Castella, & darlhe batalha se o viesse buscar, o que a elRey de Castella nõ foy possiuel porque o salteamento da guerra da Portugal lhe fez que naõ pode em breve ajuntar as gentes que para tal batalha, & com tal Rey lhe compriaõ, & porem elRey de Portugal despois de andar por Castella alguns dias & fazer muytos danos, & estragos em muytos lugares, & principalmente nos da ordem de Sanctiago daquella comarqua sem receber algum dano, nem reves, se tornõ ao cerco de Badalhouce de q̃ saira, & assi como elRey entrou por riba Dodiana para cercar Badajos, assi ordenou tambem, que o Conde Dom Pedro seu irmão entrasse por Galiza com muytas gẽtes das comarquas dantre Douro, & Minho, & Tralos montes onde fez muyto dano cõ roubos, & mortes, & catiueyros de muytos que trouxe a Portugal cõ grande honra, & bom nome que o Conde Dom Pedro nesta frontaria ganhou, porque ouve nella resistencias, & peleyjas cõ o Arcebispo de Sanctiago q̃ hera o fronteyro, & com outros senhores daquellas partes, dos quais alguns desbaratou, & pos em fugida, & outros cerquou com muyto esforço, & preytejou como quis.

CAP. XXXV.

Do que elRey de Castella fez despois que soube que a guerra hera contra elle rompida por parte de Portugal.

AO tempo que elRey de Castella soube da guerra que

que por parte de Portugal era contra elle publicada, & cometida; & que Badajos era cerquado, & elle estava ainda no cerquo sobre Lerma, & porque os castellos de Ioaõ Nunes que tambem mandou juntamẽte cerquar eraõ ja quasi todos a elle rendidos, & dados, & o mesmo Ioaõ Nunes, & as muytas, & boas gentes que tinha em Lerma eraõ ja postas em grandes necessidades de fome, cede, & doenças, & outros maos tratos, que do aperta do cerco recebiaõ, & eraõ ja constrangidos renderse a ordenança de elRey por elle mesmo Rey naõ perder otempo que nisso tinha despezo, determinou naõ aleuantar o cerquo, & prouer a Badajos por outras maneyras de socorro.

Pello qual avizou loguo aos Alcaydes dos castellos dos Estremos que se guardassem, & valessem, & fizessem a guerra a Portugal como lha faziaõ, & assi escreveo a Biscaya a Alonso Iufre Tenorio seu Almirante que armasse suas galès, & frota em Sevilha, & pello mar fizesse toda a guerra, & dano a Portugal, & assi mãdou loguo a Pero Fernãdes de Castro a q̃ differaõ da guerra, que era grande senhor em Galiza, que como Capitaõ principal fosse socorrer a Badajos, & desserquallo se pudesse, & escreveo a Dom Alvaro Pires de Gusmaõ, & a Dom Anrique Anriques, & a Dõ Ruy Pires Mestre de Alcãtara, & aos cõcelhos de Sevilha, & de Cordova, aos das outras Cidades, & Villas de Andaluzia q̃ juntos cõ o dito Pero Fernãdes o fosse ajudar, & lhe obedeçessem como a sua pessoa.

E porque se disse que Pero Fernandes de Castro em sua ida que compria apressada foy muy vagarozo acertousse que Dõ Anrique Anriques, que era cavaleyro principal de Andaluzia, loguo como soube do cerquo da Cidade de Badajos com a mais gente que pode se veo loguo por fronteyro a Villanova de Barquarota donde a os do arrayal de Portugal q̃ sahiaõ â erva, & lenha, & outras couzas fazia todo o mal, & resistencia que podia, & anojado disso elRey Dom Afonso enviou sobre elle cõ muyta gente Pedra Fonso de Souza homem principal de Portugal, & porque naõ puderaõ loguo entrar, & destruir Villanova como tentaraõ estãdo sobre ella em hũa estancia forte acerqua do dito lugar sobre vieraõ de Andaluzia D. Ioaõ Afonso de Gusmaõ, & Dom Pero Ponce, & a gente da Cidade de Sevilha, & querendosse recolher a Villanova com D. Anrique Anriques, naõ sabendo nada do sitio q̃ sobre a Villa tinha posto pedra Fonso de Souza se encontraraõ com elle, & todos ouveraõ crua peleja, naqal finalmente Pedra Fonso foy vencido, & sua gente posta em fugida no alcanse da

qual

qual ouve muytos mortos, & prezos principalmente dos de pè, & com o destroço, & perda desta gente, porque a Cidade de Badajos estava muy forte, & abastecida para sofrer cerquo porlongado pera que elRey Dom Afonso não era percebido, conveolhe alevãtar o cerquo de sobre ella, & descontente por naõ cumprir seu dezejo se tornou a Portugal.

E com estas novas que chegarão a Dom Ioaõ Manoel que estava em Pena fiel pera socorro, & ajuda de Ioão Nunes sabendo as couzas como sucederão em Portugal, & vendo que lhe nõ podia aproveytar, & que seus castellos erão ja perdidos, & cobrados para elRey de Castella, & que estava em receo de ser tãbem cerquado, para o que não tinha nẽ esperava socorro, leyxou seguros, & fieis Alcaydes em suas fortalezas, & secretamente por sua salvação se foy a Valença onde era elRey Dom Pedro de Aragão, & nella achou bõ acolhimento de sua pessoa, mas não da ajuda, & socorro que lhe pedio.

E Ioão Nunes que era cerquado em Lerma, & tinha comsigo Dona Maria sua molher, posto que segundo seu pensamento fosse provido de todolos mantimentos pera hũ anno, & pera mais porem avendo sinquo mezes, & meo que lhe durava ocerquo, opaõ, & todalas outras provizoẽs lhe faleceraõ, & assi nõ tinha bem agoa para beber, & porque a Villa era cerquada de outra nova cerqua que elRey em torno mandou fazer, era Dom Ioaõ, & os seus postos em fadiga mortal, que não tinhaõ esperança de poderem sair inda que quizessem, salvo á merce & piedade de elRey especialmente que com a grande indignação que elRey cõtra elle mostrava, parecia claro que lhe não queria dar vida, pello qual conveo a Ioão Nunes por meo de grandes amigos, & muytos honrados parentes, que no arrayal tinha, pedir a elRey por merce que lhe desse avida, & que das suas Villas, & teras fizesse o que sua merce fosse, & disto prouve a elRey, & o segurou davida, & a todolos seus, salvo alguns poucos cõtra quem estaua irado, mas estes em abitos dissimulados forão loguo postos em salvo fora do reino, & foy a segurança com condiçaõ mais, que Lerma fosse de todo derrubada, & assi os outros mais seus castellos que elRey quizesse, & as cauas delles fossem feytas chaos, & assi que Ioão Nunes dahi em diante o servisse bem, & lealmente, & fosse Alferes mòr, como hera, & com outras condiçoẽs que elRey então ouve por seu serviço, & por a segurança de todo deu Ioão Nunes em arrefens as fortalezas de Biscaya, que elRey quis, & sendo isto na entrada do mes de Dezembro, Ioaõ

aõ Nunes acolheo, & aleuantou em Lerma por final de obeidiencia o pendão de elRey, oqual enviou loguo a Ioão Nunes hũ cavallo de seu corpo muy concertado, & em saindo nelle Ioão Nunes com Dona Maria sua molher, & elRey em pessoa o foy receber, & em lhe bejando as maõs naõ quis que Ioão Nunes lhe fizesse a desculpa & pedisse o perdão que quizera, antes lhe fez tanta honra, & com tantas mostranças da legria, & bom agazalhado, como se todas as couzas dos erros passados forão grandes merecimentos, & daly de Lerma se veo elRey de Castella ter a festa do Natal a Valhadolid, & com elle Ioão Nunes, & sua molher, & neste tempo faleceo o Papa Ioão Vigessimo segũdo, & sucedeo em seu lugar o Papa Benedito Duodecimo, que estava em Avinhaõ de França.

CAP. XXXVI.

De como elRey de Castella chegou a Badajos pera entrar em Portugal, & das couzas que sucederão.

ELREY de Castella estando em Valhadolid porque soube que elRey Dom Afonso de Portugal por mar, & por terra continuava sua guerra contra elle veosse a Madrid para da hy fazer seus percebimentos pera entrar em Portugal, & aly chegou a elRey Dona Ioana madre de Ioaõ Nunes, & sogra de Dom Ioão manoel, tratou com venças antre elles anbos, conuem a saber, que o dito Dõ Ioão Manoel de Aragão donde andava se queria loguo vir a seu serviço, & da hy em diante o seruir bem, & lealmente, & que perdesse contra elle sua ira, & mal querença, & que pera seguridade deste o dito Dom Ioão puzesse em arrefens as Villas de Escalona, & de Cartagana com seus alcaceres & hum dos castellos de Penafiel, & ficasse por Adiãtado, & frõteyro do Reyno de Murcia, assi como o dantes era, & despois de ser isto assi cõcertado loguo Dona Ioana se foy ao castello de Gracia Munhos onde estava a Infanta Dona Costança, & da hy a vizou Dom Ioão seu genro de como ja era concertada com elRey de Castella, & que poderia vir ao Reyno seguro quando quizesse, & elRey de Madrid se veo a Merida, & da hy a Badajos, onde forão juntos cõ elle todolos Mestres, & senhores com muytas gentes que pera a entrada de Portugal tinha a percebidas, & porque o Bispo daquella Cidade era Portuges foy lançado fora, & tomadas suas rendas, & aly muy honradamente a companhada veo a elle loguo a Rainha Dona

Dona Breatis de Portugal ſua tia irmãa de elRey Dom Fernando ſeu padre a que elRey de Caſtella fez per ſi, & com toda ſua corte honrado recebimento, & com bõ trato de ſua peſſoa real apozentamento, & ella lhe pedio cõ muytas rezoẽs fundadas em ſer ſerviço de Deus, & bem dambolos Reynos, que naõ quizeſſe entrar em Portugal, & ouveſſe por bem que ella Rainha guardada em toda a honra dambolos Reys trataſſe antre elles toda aboa paz, & concordia, a que elRey de Caſtella a cerqua diſſo reſpondeo aſas mezuradamente, porẽ diſſe que por quanto elRey de Portugal ſõ por querer favorecer contra elle Dom Ioão, & Ioão Nunes ſeus vaſſalos de que por ſuas culpas queria tomar juſta emenda rompera com elle guerra, & lhe entrara por ſeu Reyno, & lhe cerquara aquella Cidade, & fizera outros danos, & eſtragos na terra, & em ſeus naturaes que elle receberia injuria, & grãde mingoa ſe a iſſo não tornaſſe como a ſua honra compria, & que naõ ſabia couza no mundo porque o deyxaſſe de fazer; porem que por reſpeyto, & a catamento della a que tinha em grande veneraçaõ como a mãy, ſe elRey ſeu marido quizeſſe fazer emenda dos males, & danos paſſados, que elle era contente, & lhe prazia não entrar em Portugal, & aſſi conſentir na paz que ella ordenaſſe, & a emmenda que loguo a ponteu foy manhoza, porque intentou, & requereo taes couzas que ſe não deviaõ fazer, conuem a ſaber, que lhe deſſe as Villas, & caſtellos da quella comarqua de riba do Diana que elRey Dom Diniz, & elRey Dom Afonſo ſeu padre por escaimbo ouverão do Reyno de Caſtella, & aſſi outras couzas que comſigo loguo trazia ſubita denegação, & a Rainha com apontamentos, & meos taõ ſem rezaõ, & em que naõ deviz, nem podia entender, deſcontente ſe tornou a Portugal.

Cap. XXXVII.

De como elRey de Caſtella por a Villa de Elvas entrou de guerra em Portugal, & do que fez ate ſe tornar a Caſtella.

COMO a Rainha foy deſpedida de elRey de Caſtella elle com ſuas gentes veo loguo a Elvas ſobre que eſteve dous dias ẽ q̃ dani ficou os arebaldes, & eſtragou as ortas, & os olivais; & daly forão ſeus corredores por toda a terra, & traziaõ gados, & Portugezes cativos, & faziaõ todo o mal, & dano que podiaõ, & daly foy ſobre a Villa de Aronches,

& que rendoa cerquar foy aconselhado que mais dano fazia andando pello Reyno de Portugal que estar em cerquo aly, sendo a elRey de Castella dito sem ser verdade que elRey de Portugal cõ seu poder era entrado a correr a terra de Xeres de Badajos, & de Burgilhos & d'Alconcel elle sem fazer mais detença moveo da Ronches em sua busqua pera se darem batalha, & chegou a Veyros onde tambẽ falçamente lhe a firmarão que elRey de Portugal todavia era em sua terra entrado, & aly com seu grande cançasso, & trabalho de rod os os seus foy em hũ dia ao lugar de Cheles que he ja de Castella na ribeyra de Guadiana a q de Ronches avia doze legoas, & aly foy da verdade certeficado que elRey de Portugal nõ entrara daquella ves em Castella, & de Cheles foy loguo elRey a Oliuença, & a teve cerquada poucos dias, & por ahy adoecer de sezoẽs tornou se a Badajos que tambẽ por lugar doentio, & ser no fim de Iunho, & nas entradas das calmas foy aconselhado que se fosse, como foi, curar a Sevilha, & ordenou seus fronteyros que por todalas partes do Reyno fizessem guerra a Portugal, & deyxou por Capitaẽs de Galiza Dom Fernando Rodrigues de Castro, & Dom Ioão de Castro seu irmão, que cõ muyta gente entraraõ em Portugal, por Viana de Caminha, & sem algũa resistencia chegarão á Cidade do Porto matando, & roubando, & fazẽdo todo o mal que podiaõ.

E sendo na dita Cidade do Porto juntos Dom Frey Ellevaõ Gonçalues Meestre de Christo, & Dom Gonçallo Pereyra Arcebispo de Braga, & o Bispo do Porto refizerão gente antre de pè, & de cavallo mil, & coatro centos homens, com os quais os contrarios naõ quizerão pelejar, & se forão recolhendo com grandes roubos, & muytos prezos que levauão, & por a terra ser muyto fragoza nos portos della recebião dos Portugezes grandes danos, & lhes fazião leyxar grande parte da preza, & na passada de hum Ribeyro duas legoas, & meia de Braga ouve antre todos grande peleja, em que Dom Ioão de Castro foy morto, & com elle trezentos outros de sua Capitania, & por força lhes fizerão leyxar todo o roubo, & os prezos que levauão, & desbaratados os contrarios Castelhanos se tornarão a Galiza.

CAP. XXXVIII.

Como as galès, & frota de Portugal foraõ correr a costa d'Andaluzia, & do que fizerão.

ELREY de Portugal como fez fundamento de fazer guer-

guerra a Castella loguo pellos do seu conselho foy acordado que fosse por mar, & por terra como atras disse; & pera isso lhe mandou loguo armar suas galès, & navios em Lisboa que fazião numero de vinte, & mandou por Capitão dellas hũ Gonçalo Camello com dous mil homens de peleja, & saindo de Lisboa o primeyro lugar de Castella sobre que foraõ surgir & em que sairão em terra foy o lugar de Lepè em Andaluzia em q̃ estava por Capitão, & defensor Dom Nuno Porto Carreyro, & posto que com grande, & assas reziſtencia ouve ao sair do mar, porem os Portugezes por força entrarão, & roubarão o lugar, & o talharão todo da redor, & da ly forão a Brigalião, & sairão em terra, & roubarão, & queymarão o rabalde, & fizerão polla terra muyto mal, & tornandosse outra vez a Lepè, & jazendo ahy oito dias de Setembro em dia de Nossa Senhora sairão alguns Portugezes em terra pera por fogo a hũas vinhas contra os quais o dito Dom Nuno era Capitão sahio a companhado de gente da Villa, & doutros muytos que se com elle ajuntarão, & travarão antre si tal peleja, & tão crua que claramente parecia em todos o odio, & desamor com que huns aos outros se ferião & durou a peleja por tanto espaço que dos Castelhanos forão loguo aly mortos oitenta, & dos Portugezes vinte, & oito a fora muytos de huma parte, & doutra feridos.

E em fim despois de apartados, & retraidos cada hum a seu lugar os Castelhanos levaraõ prezo a Dom Gonçallo Camello, & os Portugezes prenderãe a Gil Goteres de Carmona, & Martim da Guilar Cavaleyros principaes, & de grande conta, & assi prenderão o dito Dom Nuno ferido, & porem de taes feridas que aos tres dias loguo morreo, & antre elle foy loguo concertado que por o corpo morto de Dom Nuno, & pellos dous Cavaleyros q̃ tinhão prezos dessẽ como derão aos Portugezes Gonçallo Camello, & assi os Portuguezes fizerão volta de Portugal, & pera vingança, & enmenda deste dano de que elRei de Gastella loguo foy certeficado mandou loguo dar a maior pressa que pode a sua frota se armar, como armou em Sevilha, & se fizerão prestes corenta vellas bem aparelhadas com sinquo mil, & sete centos homens de peleja, & sendo em mar, & por Capitão dellas o Almirante Alonso Iufre deu nelas tal tormenta que derramadas por muytas partes não somente puderão fazer aviagem que dezejavão, mas ainda quazi todas se perderão no mar, & na costa com que elRey de Castella foy muy enojado & parte desta tormenta tambem tocou a frota de Portugal, que era

em mar de que recebeo assas perda.

CAP. XXXIX.

Do mal que as galès de Portugal fizerão em Galiza onde a fogo, & sangue destruirão, & catiuaraõ muyta gente.

ELREY de Portugal em quanto as primeyras galès, & navios forão correr a costa Dãdaluzia, como ja disse, mandou armar outras em Lisboa, & juntas todas, & postas so capitania de Micer Manoel Paçanha Almirante fizerão viagem contra Galiza onde liuremente, & sem algũa contradiçaõ sahião em qualquer lugar, & parte que lhes prazia onde por fogo, & sangue, & por roubos, & cativeyros, & talamentos fazião todo mal como a imigos mortaes, não leyxando por queymar, & a lagar as barquas, nem navios do mar: & despois de assi correrẽ, & estragarem toda a costa de Galiza vitoriozos os Portugezes, & com grandes, & muytos roubos, & prizioneyros se tornarão ao Porto de Lisboa donde sairão.

CAP. XXXX.

De como as galès de Portugal pelejarão cõ as de Castella, & forão vencidas as de Portugal, & prezos o Almirante, & seu filho.

A FROTA de Castella despois do destroço, & perdição da tormenta que disse, tornouse a fornecer em Sevilha com muyta aventagem, & crecimento, & como sahio fora foy loguo correr a costa do Algarve, onde ja por vingança, & por odio fazião todo o mal, & estrago que podião, & com a certidão disto que loguo veo a elRey de Portugal, elle mandou o dito seu Almirante Manoel Paçanha, & a Carlos Paçanha seu filho que a Armada de Portugal que em Lisboa era bem fornecida, & prestes fosse em busqua do Almirante de Castella, que guerreava o Algarve, & pelejasse com elle; o que o dito Almirante contrariou. Tãbem foy loguo avizado o de Castella que com esse dezejo, & propozito determinou vir buscar o de Portugal: & sendo ambos juntos ao cabo de S. Vicẽte huma segunda feyra vespora da Madanela, em que o dia não era muy claro, os Portuguezes com gran-

grande alegria differão que avia vista da frota, tendo esperança da vitoria,& boa,que lhes sahio contraria , & trazendo os navios de Castella o vento mais favoravel, & avendo ja tambem vista das de Portugal que com grandes gritas, & alvoroços huns contra os outros trazião as proas contrarias , & em breve as frotas forão juntas,& ambas loguo se aferrarão, em que apeleja de huma parte, &da outra foy com grande força cometida, & muy aturada,& as galès de Portugal no principio da peleja cometerão com tanta força as de Castella que com quãto nellas avia asas dura reziſtencia nove dellas forão loguo entradas , & desbaratadas, & porem a contraria fortuna, que naquella ora naõ quiz dar perfeyta vitoria aos Portugezes; ordenou que ou por vẽtos que em fauor das de Castella se mudarão contrarios,ou por dobradas forças que os Castelhanos por sua salvação.& vingança puzerão, as galès todas de Portugal tornarão a ser vencidas , & desbaratadas,de que algũas forão alagadas com muytos homens mortos , & feridos , & caidos no mar, que ouve de huma & doutra parte,em tanto que se afirma per testemunhos verdadeyros dambolos Reynos que omar em que foy esta peleja esteve por muytas oras todo tinto em sangue, & finalmẽte as ditas galès de Portugal que ficarão por alagar forão todas tomadas , & prezo nella o Almirante Manoel Paçanha , & Carlos Paçanha seu filho com todolos Portugezes que cõ grande prazer dos Castelhanos forão pello Almirante de Castella levados a S. Lucar de Barrameda, & da hy pello rio assima caminho de Sevilha onde era elRey de Castella do ente,q cõ grãde alegria os foy em pessoa receber muy ledo pella vitoria,& neste proprio tẽpo,em que a variauel fortuna nõ tercava com igual prosperidade a Portugal,hũ Fernão Arrais,que por Castella tinha a frontaria da terra contra o Algarve,cõ muyta gente entrou em Portugal , & correo , & queymou , & destruhio muyta terra, & fez nella grãdes danos & veo correr a Crastomarim, em huma cilada que lançou acertouse , que dos moradores do lugar que sem bom resguardo a elle sairão matou cento , & oitenta , & prendeo setenta, que leuou a Castella catiuos.

CAP. XXXXI.

Da entrada que elRey de Portugal fes em Galiza, & elRey de Castella fez no Algarue.

ELREY Dom Afonso de Portugal pollo desbarato, &

perda de suas galès, & gentes que atras disse, foy muyto anojado, & porem como era Principe de grão coração não enfraquecido por isso, mas esforçandose dobrado, para sua uingança, elle com muytas gentes de cavallo, & de pè que prestesmente ajũtou se foy loguo a Comarca de riba de Minho por onde entrou em Galiza onde estava por fronteyro, & defensor Dõ Pero Fernandes de Castro q̃ disserão da guerra com muytas gentes da terra, & de Castella que lhe foraõ ordenados, & a elle se ajuntarão.

Entrou loguo elRey por Salvaterra, & a teve cercada, & a cõbateo sẽ a tomar, & da hi sem alguma contradição nẽ defeza correo ate Orense, queymando, & roubando, & estragando toda a terra da maneyra que desta entrada de elRey & da outra que o Conde Dõ Pedro seu irmão dantes fizera à terra de Galiza, naquellas partes por onde correrão ficou toda erma, & destruida.

Com isto feyto, elRey de Portugal com muytos roubos, & cativeyros que os seus trouxerão a seu salvo se tornou a seu Reyno, & nõ sem muyto prasmo, & grande culpa que os Castelhanos derão ao ditto Dom Pero Fernandes de Castro por sua fraqueza, porque tendo consigo tantas gentes com que pudera fazer muyta reziſtencia a elRey de Portugal, & ainda por respeyto da muyta, & boa gente que tinha darlhe igual batalha se quizera, elle onã o quis fazer, antes se apartou delle por tãto espaço da terra que o não pudesse ver dizendo que por alguma maneyra não pelejaria cõtra a pessoa de elRey; porque em seu Reyno elRey Dom Diniz seu padre o criara, & ambos lhe fizerão muyta honra, & grandes merçes.

Por esta entrada que elRey de Portugal fez em Galiza, de que elRey de Castella foy em Sevilha certeficado, porque tambem era Rey esforçado, & de coração muy vingativo ajuntou cõsigo segũdo se dis dez mil de cavallo a fora outas muytas gentes de pè para danificar a Portugal, & por suas jornadas foy ter ao rio de Guadiana onde correo por Alcoutim, oqual acharão ermo, & aly por pontes feytas com grandes traues lançadas nas barquas, & galès que mandou trazer, & em hum dia possou toda a sua gente a Portugal, & dahy foy a Villa de Castromarim ẽ que estva o conuẽto primeyro da ordem de Christo, & esteve sobre elle alguns dias, & por combates & afrontas q̃ lhe deu trabalhou polla tomar, & não pode porque avia dentro homens de vergonha. & bons defẽsores Portugezes, que com muyta força, & ouzadia lha defenderão.

Por este cerquo, & afronta em que os do conuento de Chris-

to

to seviraõ, cujo socorro exprimẽtarão ser muyto a longado, se diz que o dito Convento foy loguo mudado à Villa de Tomar, onde está, & onde era o Conuento dos do Templo de Hierusalem quando a sua Ordem foy desfeyta, como em outras partes tenho declarado; & de Castromarim se foy elRey de Castella a Tavilla, & se a posentou no Mosteyro de S. Frãcisco, & esteve sobre ella tres dias & mandou talar ortas, vinhas, figueyras, & aryores de fructo, & tomou a Taracena, que era fora da Villa, & lhe mandou por o fogo, de que ardeu pouco, & em quanto a ly esteve correrão suas gentes liuremente, & sem reziſtencia a Faro, Loule, & esses da costa do Algarve ẽ que fizerão muytos danos, & de que arrancarão os gados, & bestas que acharão, & levarão muytos homens prezos.

E daly porque os mantimentos lhe falecerão tornouse elRey á Alcoutim, & pollas mesmas barcas por õde passou se volveo à Sevilha, & a chey por huma antiga, & autorizada lembrança de Portugal que ao tempo que elRey de Castella assi esteve sobre Tavilla hum sabado cedo pella menham andãdo ẽ torno della pera ver o lugar mais cõveniente pera a poder combater, & filhar tornando a porta do Mosteyro, & tendo os olhos pera dentro da Villa que elle dentro sobre a igreja de Sancta Maria vira sete homens de grande estatura em vestiduras alvas com senhas bandeyras nas maõs dos sinais de Sanctiago nas maõs, & que maravilhado elRey de tal vizão chamou loguo o Guardião q̃ hera homem velho, & de boa vida & das couzas antigas tinha boa memoria aoqual perguntou pella novidade daquella vizaõ que vira, & particularmente lhe declarou, & que o Guardiaõ lhe respondeo: *Senhor do que vos maravilhastes não duvideis porque esses q̃ vistes são os sete Cavaleyros Martyres que o dia que esta Villa foy a os Mouros ganhada pello bom Mestre de Sanctiago Dom Paio Correa, elles pella Fé de Iesu Christo morrerão como fieis Christaõs, & muy esforçados Cavaleyros, & naquella Igreja em q̃ os viste jazem sepultados, & por elles faz Deus muytos milagres & temos em seus merecimentos tal confiança que em quanto a quy jouverem esta Villa nunqua sera tirada do Senhorio em que está, & ainda temos por certo que o mesmo Mestre Dom Payo Correa por devaçaõ delles que erão seus Cavaleyros falecendo em Velles Cabeça do Mestrado se mandou aquy enterrar, & aquy jaz*: E que com esta reposta do Guardião elRey de Castella por honra, & devação dos Martyres não quiz mais estar sobre Tavilla, & se tornou loguo a seu Reyno, como dito he.

CAP.

CAP. XXXXII.

Como o Papa enuiou a Heſpanha por dellegado hũ Biſpo de Rodes pera aſſentar paz, ou treguoa com eſtes Reys de Portugal, & Caſtella, & do que ſe fez.

AO tempo que elRey de Caſtella eſtava em Sevilha, & ſe aparelhava para entrar, como entrou, no Algarve, chegou a elle por dellegado do Papa Benedicto Duodecimo que eſtava ẽ Avinhaõ hũ, Bernardo Biſpo de Rodes homem prudente, & de boa vida, & aſſas eloquente, & na Sancta Eſcriptura aſſas enſinado, que deſpois foy Cardeal, o qual tambem vinha adereçado a elRey de Portugal pera antre eſtes Reys tratar paz, ou ao menos tregoa por algum tempo, & a elRey de Caſtella apreſentou loguo ſeu breve eſpecial, & aſſi lhe moſtrou a comiſſão Apoſtolica que para eſte effeyto trazia, & pera a outorga, & conſentimento de paz lhe diſſe muytas, & muy Sanctas razoẽs em q̃ tocou, & annichilou para de razão naõ lembrarẽ todas as couzas de odios, & diſſençois que antre elles herão paſſadas, de que vinha aſſas inſtruido.

E aſſi correo neſte proprio tempo hũ Dõ Ioão Arcebiſpo de Remes Embayxador de elRey de França pera em ſeu nome tambẽ ſer medianeyro, & tratar eſta paz & concordia antre eſtes Reis, porque aguerra que antre elles, & ſeus Reynos, & vaſſallos ſe fazia era na Chriſtandade por ſua muyta crueza, & deſtruição aſſi publicada que parecia culpa, & negligencia dos bons Reys Chriſtaõs por ſuas bondades, & conciencias nõ procurarem de atalhar, & eſte tambem no cazo da paz falou a elRei de Caſtella todo o bem que ſe podia dizer, tocando principalmente o mal que da entrada dos Mouros em Heſpanha por ſua diſcordia dambos ſe podia ſeguir.

E porem com quanto eſtes Prelados muyto inſiſtirão por que elRey de Caſtella não entraſſe em Portugal para que eſtava percebido, & ſuas gentes pagas, & preſtes elle onão quiz fazer, pella outra entrada q̃ elRey de Portugal ja tinha feyta em Galliza cõ que ſe quiz igualar, & diſſe aos dito Prelados que com ocometimento deſta paz antes de lhes dizer ſua vontade elles foſſem primeyro a elRey de Portugal que por romper primeyro aguerra, primeyro deuia pedir a paz, & que a repoſta que nella achaſem acõſelharia a elle o que por ſeu ſerviço, & que por ſua honra devia fazer

fazer, & com esta determinação elRey de Castella porque elRey de Portugal era ainda antre o Douro, & Minho, & a distancia da terra era muy larga, & os caminhos muy asperos, & o tempo sobrevinha de inuerno, pareceo ao Bispo Legado que abastava em notificar, como noteficou, tudo per sua carta a elRey de Portugal, em que lhe pedio outorga consentimento, & seu prazer pera o cazo da paz, & ao menos da tregoa, & que para isto apontasse os meos q̃ lhe bẽ parecesse, & cõ este seu recado que foy a elRey de Portugal elle foy muyto descontente por o mesmo legado não vir a seu Reyno, & acerqua da sustancia da paz lhe não respondeo couza alguma somente no descontentamento, & agravo que recebia por nõ vir a elle em pessoa como fora a elRey de Castella; pello qual o dito legado parecendolhe razão o que elRey apontava loguo sem mais trespaço, & com licença, & prazer de elRey de Castella se partio com assas fadiga do caminho, & foy a elRey de Portugal que era na Cidade de Braga onde sabendo elle de sua ida loguo como entrou em seu Reyno lhe mandou fazer honrados recebimentos, & assi outro muy honrado em sua corte a o tempo de sua chegada, & assi dar a elle, & aos seus de graça, & em muyta abastança todolos mãtimentos, & pouzadas que lhe comprião à custa de elRey, & aos vinte dias de Outubro da era de Cezar de mil, & trezentos & setenta, & sinquo annos, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & sete o Bispo despois de missa foy a elRey que o recebeo muy graciozamente, & perante Dom Gonçallo Pereyra Arcebispo, & outros senhores que erão prezentes lhe deu hũ breve do Papa serrado escripto ẽ latim cujo treslado ẽ lingoage dezia assi.

Benedicto servo dos seruos de Deus ao muyto amado em Christo filho Dom Afonso Illustre Rey de Portugal, saude, & Apostolica bençãoise tu muyto amado filho com bom resguardo, & diligencia consirares quanto atua honra, & proueyto pertença que antre ti, & nosso muyto amado filho Dom Afonso nobre Rey de Castella aja segura paz, & boa amor, certamente cremos que lançado de tua vontade todo rancor, & discordia tu por obra de aficado estado, despoeres teu Real coraçãoase abraçar com o asosego da paz ca pois o dito Rey teu genro tu com razão o deves auer por filho especialmente que quanto a longura dos teus dias requerem a dureza de mor descriçãotanto es mais tendo comoda de padre, & de a reter, & refrear de seus nõ bons autos, & que a ti menos cõpridouros pareçãõ esguarda sobre isso aliança do sangue que contigo ha, & como per ajuntamentos de vossos Reynos he tanto teu vezinho, assi que por sizo, & prudencia a paz, & amizade com esse mes-

meſmo Rey ſão ati , & a teus Reynos muy neceſſarias principalmente pella vezinhança dos infieis, a vos tão com junta, os quais ſabeis que nos tem odio, & contrario dezejo, avendo grande ſede do ſangue Chriſtão.

Pello qual não he de duvidar ſe ſouber em que tu, & el Rey de Caſtella tamanhos principes ſois empreſõgada deſauença, que elles com alegre , & preſunta ouſadia vos nõ cometão com maior crueza , & mais eſperança de ſua vitoria, & não ſendo eſto da Divina Mageſtade , & grandes perigos de cada hũ de vos, & deſtas couzas, muyto amado filho, te percebemos ante que venhão, porque ſegundo nos recõtarão por novas que annos muyto nos deſaprazem, & o imigo da paz cauzador dos odios , & atiçador delles aſſi ſe trabalhou de riyamente vos deſacordar, & mouer athe o ſobredito Rey que rotos os devidos do ſangue, & quebradas as rẽdeas de boa amizade que antre vos ha muy periguozamente vos deſordenaſtes por encendimento de guerra, as quais couzas não devereis conſentir nem querer, que vierão a tão triſte effeyto, porque ſe com diligencia em tuas entranhas as conſiraras bem cremos que aſſas de moverão pera auerdes ambos paz , & aſſeſego como Chriſtãos, & terdes antre vos boa preſtança que he fruyto de boa, & verdadeyra amizade como dantre padre , & filho ſe eſpera porque o imigo ali ſe trabalha mais ſotilmente ſamear ſua peçonha aonde mór empecimento poſſa fazer.

E receando nos que ſe ao fogo deſte omezio não foſſe poſto algum bom remedio, & a talho, elle ſe podia ligeyramente acender em tal chama, de que ſe ſiguiria eſtrago dos corpos, & perigo das almas que amargozamente ſe avẽ de chorar: por tanto querendo nòs por noſſo officio paſtoral prouer a taes males cuydando ſobre elles algũs proveytozos remedios determinamos de emviar a tua real prezença, & de el Rey de Caſtella com noſſas letras para o tal cazo, & auto pertencentes ó honrado noſſo irmão Biſpo de Rodes barão certamente de autoridade prudente , & de bom zello , & em arduos negocios largamente exercitado; & porem rogamos a tua nobre exelençia & em nome do ſenhor , eficamente amoeſtamos que tu por hõra de Deus, & da Sè Apoſtolica orecebas com favor, & o trates honradamente, & concebas em tua vontade aquelles ſeus ſãos , & ſaudaveis amoeſtamẽtos que a tua exelencia por noſſo mandado te dizer, de maneyra q̃ em examinãdo ſua diſcreta cõſiraçãoeſtas couſas á á tua louvada memoria ſempre deuem lembrar inclines nobre coraçãos com eſforçado dezejo pera com odito Rey reformar preyteyzia de amor, & conuença, ou ao menos tregoas por algum tempo convinhavel, no qual ſeſſando os arroidos , movimentos da guerra mais quieta, & liuremente ſe poſſa procurar, & conſertar o caminho da perpetua paz, de maneyra, muyto amado filho, que tuas, & muy louvadas obras ante Deus , & os homens poſſão com rezão dignamente ſer aprovadas : E deſta calidade de palauras mudada hum pouco aſuſtancia era o breve do Papa pera el Rey de Caſtella, cujo treſlado aqui

a qui naõ he neceſſario.

CAP. XXXXIII.

Da falla que ſobre eſte breve olegado fez a elRey, & da reposta que lhe deu.

COMO elRey vio, & leo com o Arcebiſpo de Braga o breve do Papa diſſe ao Biſpo que por vertude da creença que nelle ſe continha lhe poderia dizer o que lhe approuveſſe o qual lhe moſtrou loguo ſuas inſtruiçoens que trazia em que ſuſtancialmente ſe continhaõ as clauzulas do breve pera as couzas, & fundamento da paz, & amizade antre os Reys, & aſſi aprezentou hum largo poder pera quitar menagens, & abſoluer de juramentos que foſſem feitos, & à paz pudeſſem prejudicar, & aſſi para por ſentença de excomunhão, & enterdito em ambolos Reys, & ſeus Reynos quando aos bons meos de paz, ou de tregoa que antre elles apontaſſem naõ quizeſſem obedecer, & aſſi diſſe o dito Biſpo muy louvadas couzas com largo recontamento de palauras, & cõ muytos exemplos, & autoridades pera conſeguirem o bem da paz & ſeſſarem do mal da guerra ſegundo a elRey de Caſtella tinha tambem dito pedindolhe que acerqua diſſo lhe diſſe ſua boa vontade.

Ao qual elRey reſpondeo neſta meneyra: *Reuerendo Biſpo certo que o Papa em toda ſua ſantidade naõ he Deos, mas he ſeu vigayro, & ſe Deos por ſua bondade, & juſtiça naõ mandaria couza que naõ foſſe juſtiça rezoada, muyto menos o Papa o deve fazer, & quãdo por ſo, vontade o quizeſſe mandar, eu nem outro algum ſomos obrigados obedecer a ſeu mandado, cà ſe hum Rey contra razão mandaſſe a hũ ſeu vaſſallo que ſopena de treyção ſem cauza deſſe morte a hum Clerigo em cazo que o naõ mataſſe elle vaſſallo naõ ſiqua tredor, & aſſi digo a vos que poſto que niſto naõ obedeça ao Papa que nem por iſſo ſerey deſobidiente à Sancta madre Igreja.*

E iſto digo porque elRey de Caſtella me ten com meu dano feyto tantas ſemrazoens, & quebrada tantas vezes ſua verdade em couzas honeſtas que me prometeo, que Deos com igual juſtiça nõ podia mandar que eu tiveſſe paz com elle muyto menos o Papa, & por iſſo os conſtrangimẽtos antre os Reys, & em tais cazos ſaõ bem eſcuzados: as quais couzas que parecia proceder de ſanha de elRey; o Biſpo replicou aſſi diſcreta, & catholicamente como delle ſe eſperava, & para o bem do negocio preſente compria, pedindolhe quizeſſe abrandar de ſua ſanha porque elle faria cõ elRey de Caſtella que ſe arependeſſe dos erros cometidos ſe os ahi avia, & ſe corregeſſem inteyramente todolos

dollos malles que de huma parte, & da outra erão feytos a fora mortes,& talhas,& outros ſemelhantes danos em que não avia remedio cõcluindo ſẽpre cõ o afincado requerimento da paz como a todos compria.

E elRey algum tanto ja vencido de ſuas evidentes razoens, & bons conſelhos dilatou por então a final repoſta pera dahy a alguns dias em que conſigo,& cõ ſeu cõſelho queria auer madura deliberaçaõ,& paſſados deſpois coatro dias elRey fez ante ſi tornar o Biſpo & perante os Prelados, & nobres homens de ſeu conſelho que erão com elle com alto repetimento de todas as couzas paſſadas lhe diſſe aquellas de que elRey de Caſtella ſe ſentia eſcandilizado em que lhe tinha errado,& quebrada a verdade,& aſſi dos modos falſos, & incubertos que ſẽpre vzara para cõ elle não cumpria, & quanto ſofrimento tiuera ainda que foſſe com algũa mĩgoa de ſua peſſoa por não romper cõ elle, & que por iſto tinha cõ elle rompido, & tinha em propozito nõ ſeſar de ſua guera ate que por armas ouveſſe delle ſua direyta emenda, & cõ tudo poſto q̃ lhe foſſe vergonha deziſtir do que por ſua honra tinha começado; porem que aſſi como os nobres,& muy catholicos Reys de Portugal de que deſcendia, em ſemelhãtes cauzas, & em outras de mayor importancia ſempre forão obedientes à Santa madre Igreja,& a ſeus Vigayros, que aſim elle como ſeu devoto filho ſem embargo de ſua quebra lhe prazia de obedecer ao Papa,& cõſentir em todos os bons conſelhos de paz que da parte de ſua Santidade lhe herão dados, cõ tanto que a dita paz ſe fizeſſe cõ honra ſua,& bem de ſeus Reynos & vaſſallos.

A que o Biſpo loguo diſſe *Senhor eu louvo muyto voſſo dezejo,& propozito para a paz,mas de hũa repoſta tão geral como he eſta voſſa, ſem apontamentos de alguns bons meos particulares,nõſe pode tomar certo aſſento,& para iſſo vos terey em grande merce por voſſa parte aſſinardes alguns Caualeyros ou outras peſſoas de fiança que antre vos & elRey de Caſtella, com elle ou com outros ſeus entendaõ em voſſa paz. & a comodem como lhes bem parecer.* E elRey lhe diſſe loguo que acerqua diſſo taõbem averia ſeu conſelho, & lhe reſponderia, & paſſados alguns dias foy chamado o Biſpo a conſelho,& ſem elRey ſer prezente Pedro do Sem Chançarelmor lhe diſſe que elRey para determinação,& aſſento das pazes outregoas ſuas com elRey de Caſtella avia porbem nomear por ſua parte ſeus procuradores,os quais herão Dom Gonçallo Pereyra Arcebiſpo de Braga, & Payo de Meira ſeu Meyrinho mòr, & a elle meſmo Pero do Sem, & que elRei de Caſtella nomeaſſe pella ſua outros,que em hum certo tempo, &

lugar

lugar foſem juntos para tratar a dita concordia, & deſte meo foy o Biſpo muy contente ſomente pedio a elRey que loguo conſentiſſe em tregoa dalgum tempo em que ſe não fizeſſe guerra dentro do qual tratarião com agraça de Deos a paz geral, & mais firme, & a elRey de Portugal aprouue diſſo com tanto que elle não foſſe obrigado guardar adita tregoa, ſalvo deſpois de ſer certificado que elRey de Caſtella tambem aguardava, & com iſto apontado o Biſpo ſe partio para elRey de Caſtella.

CAP. XXXXIV.

Como o Biſpo foy a elRey de Caſtella, & do que diſſe, & com elle concordou.

PARTIDO o legado chegou a elRey de Caſtella que hera na Cidade de Merida a que diſſe largamente todo o que com elRey de Portugal tinha paſſado, & depois de muytos debates, & encarecimẽtos que elRey de Caſtella fez finalmente por reuerença do Papa, & por contemplação de elRey de França que ſobre eſte cazo quizerão ſer medianeyros lhe a prouue conſentir na tregoa, que dos vinte, & ſete dias de Dezembro duraria ate Sam Miguel de Mayo do anno que vinha que herão ſeis mezes, dentro dos quais ſeſſaſſe em todo aguerra, ſaluo que a Infanta Dona Coſtança ſem prazer, & conſentimento de elRey de Caſtella naõ foſſe leuada a Portugal, & para o aſſento da dita tregoa eſcreueo o Biſpo a elRey de Portugal que mandaſſe ſeu procurador abaſtante ao termo do lugar de Craſto de ladroens onde avia de ir outro tal de elRey de Caſtella ao qual lugar ſendo prezente o dito Biſpo veo por parte de elRey de Portugal Lopo Fernandes pacheco ſenhor de Ferreyra, & por elRey de Caſtella Fernão Rodriges de Villalobos diſſe q̃ não podia ſimpliſmente aſſentar adita tregoa como antre ſi praticarão; mas que aviaõ deſer cõ certas condiçoẽs q̃ loguo apontou, as quais por ſerem contra toda a rezão, & o neſtidade o dito Lopo Fernandes tornou a Portugal, & o Biſpo, & Fernaõ Rodriges ſe tornaraõ para elRey de Caſtella, a quem o Biſpo deſpois de ſua ida ſe agrauou muyto por achar em ſeu procurador mais novidades das que ambos primeyro concordarão com que atregoa, ſe avia de fazer, & deſpoes de averem ſobre iſſo muytas alteraçoẽs prouue a elRey de Caſtella ſem as nouas condiçoẽs apontadas cõſentir na tregoa, aqual odito procurador de Caſtella, & o dito Biſpo vieraõ firmar com elRey de

tugal em Coimbra no mes de Agoſto per hũ anno dentro do qual concordarão mais que elRey de Portugal ate certo tempo loguo aſſinado enviaſſe a Caſtella ſeus Embaxadores para ẽtẽder na paz & a concordarem,os quais nomeou que ſerião o Conde Dom Pedro ſeu irmão,& o dito Dom Gonçallo Arcebiſpo de Braga.

E com eſta concluſão tornou o delegado a elRey de Caſtella de quem ouve licença pera em quanto durava o tempo em q̃ os Embaxadores para tratar a paz ſe avião de ajuntar elle ir,como foi ao Papa que hera em Avinhão,& darlhe conta das couzas de Eſpanha, & aſſi o de França a elRey ſeu ſenhor, & da relação que o delegado fez ao Papa da juſtificaçaõ de elRey de Portugal ſua Sanctidade lhe enviou hũ breve de muytos louvores ſeus, & ſingulares agradecimẽtos encomendandolhe todavia com muytas rezoẽs que quizeſſe conſentir, & naõ tornar a paz,& chegado o tempo em que os Embaixadores de Portugal aviaõ de ſer em a villa Dalcalà que para o aſſento da paz era aſſinado naõ pode ir ſenaõ o Arcebiſpo de Braga no mes de Outubro porque o Conde Dom Pedro a eſſe tempo era doente,& ahi ſe ajuntarão tam bem pera o dito negocio outros procuradores de elRey de Caſtella que apontãdo loguo a paz com tão deſarezoadas condiçoes que o Arcebiſpo anojado,& eſcandilizado dellas lhe diſſe, que para ſe nõ perder tempo apontaſſem couzas que foſſem para conſentir, & outorgar,& ſenão que nõ eſtaria aly mais.

E por ſegundos apontamentos os ditos procuradores de Caſtella puzerão outros ẽ eſcrito que herão mais pera rir que para conceder, aſaber, que elRey de Portugal entregaſſe as villas de riba do Diana,& deriba de Coa que foraõ de Caſtella todas loguo per ſi nomeadas todas com todalas rendas que aos Reis de Portugal tinhaõ rendido de todo o tempo que elRey, & ſeus anteceſſores as tinhão,& mais as villas, & caſtellos de Portugal que por arrefens erão poſtas em tercaria de que atraz diſſe,& aſſi que ſem embargo de o Infante Dom Pedro, ſeja cazado com a Infanta Dona Coſtança que ſe a Infanta Dona Branqua foſſe empliſpoſição para cazar que ella ficaſſe no Reyno de Portugal por molher do Infante Dom Pedro, & que pellas deſpezas da guerra elRey lhe deſſe mais deſcontas da moeda de Caſtella,das quais couzas como deſeſperadas de concluzão o Arcebiſpo avizou loguo a elRey ſeu Senhor oqual, conhecia a injuſta negoceação que ſe fazia, lhe mandou que leyxadas todas as couzas de Caſtella ſe vieſſe,como loguo ſe veo,a Portugal,& a eſte tempo ſendo ja o Ar-

o Arcebiſpo da corte de Caſtella partido, chegou a ella o ſobre dito delegado Biſpo de Rodes, & hũ Arcediago irmão do Biſpo de Remes, ſobre o meſmo caſo menſageiro de elRey de França, & achãdo as couſas de paz antre os Reys deſatadas, & perguntando a cauſa por que elRey de Caſtella lhe diſſe que fora por culpa do Arcebiſpo que naõ quizera outrogar couſa algũa das que deuia, & lhe foraõ direitamente apontada, elles ſem mais detença, & como peſſoas que pera a paz tinhão bom deſejo, vieraõ logo a elRey de Portugal que no mes de Dezembro, acharão em Santarem a quem relataraõ todo o que em Caſtella lhes fora dito, maravilhandoſe delle por o Arcebiſpo naõ querer cõſentir nos bons meios da paz pois lhe apontavaõ ſegundo em caſtella foraõ idformados, & pera os elRey de Portugal certeficar da verdade, & porque ſoubeſſem que a culpa fora toda de elRey de Caſtella, & de ſeus procuradores, lhes diſſe logo em ſeu conſelho todo o caſo como paſſara, & os apõtamentos inormes que fizeraõ mais com intenção de negar que outrogar a paz, & que por iſſo & porque ſemelhantes couſas heraõ ja em ſeu abatimento que muyto ſentia mandar vir o Arcebiſpo ſẽ concluſaõ, & aſſi ouvera por bem firmar lianças com elRey Dom Pedro de Aragam que com elRey de Caſtella tinha guerra por tãbẽ lhe naõ cumprir ſuas poſturas, & auenças que ambos fizeraõ para ſerem ambos amigos de amigos, & inimigos de inimigos, & cõ ſeus poderes por mar, & por terra, ſe ajudarem contra elRey de Caſtella quando a cada hum cõpriſſe, & que neſta liança elle por reſpeito ſomẽte do dito Rey de Caſtella em caſo que muitas veſes lhe fora requerido ſempre ſobre eſtivera até entam que a fizera porq̃ lhe parecia que contra elle aſſi lhe convinha, & eſta liança com elRey de Aragaõ ſe fez ẽ Coimbra por Miguel Dele ſeu procurador, a os nove dias do mes de Nouẽbro, do anno de Criſto de mil & trezẽtos, & trinta & oito. E que portãto dahi por diante naõ eſperava mais de inviar, & requerer a Caſſa a dita paz, nem conuença, & proſeguir aguerra que tinha começada.

Eporem por naõ pareçer que tinha juizo de comtumacia lhe a prazia por tudo nas mãos do Papa, & que ſua Santidade ouvidas as partes ſobre as rezões que tinha determinaſſe antre elles o que lhe pareceſſe juſtiça, & rezam, rogando muyto aos legados, & Arcediago que por ſeu deſcargo, & bom comprimento todo fizeſſẽ ſaber ao Papa, & a elRey de França.

CAP. XXXXV.

Como o delegado, & mesageyro de elRey Felipe de França fizerão com elRey de Castella que tambem puzesse os feitos da paz em o juizo do Papa.

COM esta reposta que elRey de Portugal deu a estes negoceadores elles forão muyto cõtentes, & porque elles lhe derão certa esperança que elRey de Castella consentiria tambem no juizo do Papa lhe pedirão que pera o assentar o mais tempo da tregoa que se requeria,& assi para no negoceo da paz consentir na sentença do Papa,enviasse,como enviou,cõ elles por seu suficiente procurador Lourenço Gomes de Abreu que era bom cavaleyro , & pessoa de bom saber, & autoridade,os quais chegarão à villa de Talavera onde hera elRey de Castella,com que concordarão adita tregoa,& mais em nome de ambos os Reys sobre todas as suas couzas comprometerão no juizo do Papa perante quem loguo assinarão tempo certo, & que os Reys enviarão seus Embaixadores, & porcuradores que ante sua Sanctidade apontassem, & requeressem a justiça, & direyto de cada hum.

CAP. XXXXVI.

Como elRey de Castella ouue por bem fazer por si paz com elRey de Portugal,& da maneira que se fez

TANTO que este negocio dos Reys por seu compromisso foy posto nas mãos do Papa loguo elles ambos enviaram a sua Corte seus Embaixadores suficientes, & procuradores, & antes que sua Sanctidade algũa cousa sobre seus debates detreminasse elRey de Castella considerando q̃ a guerra que sostinha contra Portugal era sem justas causas, & por sos apetitos, & assim sendo certificado da liança que elRey de Portugal , & elRey de Aragam contra elle tinham feita, & assim porque soube parte doutra conjuraçam que alguns grandes de Castella queriam tambem fazer contra elle,& se ajuntar com o dito Rey de Portugal,de que poderia receber grandes danos , & assim sabendo que Abomelich filho de elRey Aliboacem de Marrocos que ja tomara Gibraltar aparelhava de passar de Afri-

Africa muyto poderoſo em Eſpanha,& que o primeyro ſeu cometimento auia de ſer em ſua terra, com que lhe recreceriam tais afrontas,& neceſſidades a que naõ poderia reſiſtir,ouve por melhor & mais ſeguro conſelho fazer per ſi,& ſem dilaçam o aſſento das pazes com el Rey de Portugal, antes que pelo Papa,nem por outros eſtranhos arbitros nem juizes,& pera iſſo ſem moſtrança deſtas neceſſidades lhe eſcreveo que inviaſſe a elle ſeus Embayxadores, & que a paz com a graça de Deos antre elles ſe faria com toda a hõra, & contentamento delle Rey de Portugal.

O qual porque ſempre diſſe q̃ o principal nojo que deſta guerra ſentia aſſim, era porque ſua enmẽda,& ſaſtisfação naõ podia ſer ſem dano de todos, prouvelhe muyto da paz,& para iſſo eſtando em Sãtarem aos trinta de Mayo da era de Ceſar de mil, & trezentos, & ſetenta,& oito annos, & do anno do naſcimento de Noſſo Senhor Ieſu Chriſto de mil, & trezentos, & corenta, enviou da hi por ſeus Embayxadores com ſua baſtante procuração Gonçallo Vas tizoureyro de Vizeu,& Gõçalo Vas de Moura ſeu guarda mòr,& gonçallo Eſteues de Tavares, que herão homens prudentes em que tinha confiança os quais forão a elRey de Caſtella que hera em Sevilha o qual pera o acento da dita paz tambem fez ſeus procuradores Martim Fernandes de porto Carreiro ſeu,Camareiro mór, & Fernaõ Sanches de Valhadolid, Notario mór de Caſtela, & Chanceler do ſelo de ſua puridade,os quais todos juntos em Seuilha deſpois de bem praticadas todas as duvidas, & debates ao primeyro dia de julho da ſobredita era, & anno concordarão paz perpetua antre osditos Reys neſta ſuſtancia aſaber loguo com perdão de todalas mortes,& roubos de hũa parte & da outra, & com entrega das fortalezas, villas, & Cidades que foſſem tomadas, & com liure ſoltura de todolos prezos, & catiuos ſem algum preço nẽ reſgate,& que ſem prazer dambos ſe não fizeſſe tregoa nem paz com elRey de Benamarim, & que a Infanta Dona Coſtança que ate então fora por elRey de Caſtella detiuda pudeſſe liuremente ir a Portugal pera ſer entregue ao Infante Dom Pedro ſeu marido, & que Dom Ioão Manoel ſeu padre, & quaisquer outros vaſſallos, & naturais de Caſtella liuremente,& em ſuas peſſoas podeſſem ir cõ ella & que a Infanta Dona Branqua de que o Infante Dom Pedro por ſuas indeſpoſiçoẽs ſe quitara foſſe loguo entregue em Caſtella com todo o ſeu que tinha,& ouveſſe de da hi endiãte o que elRey de Portugal das rendas de ſeu Reyno lhe hera obrigado dar por rezão de ſu

as terras de Castella que a Rainha Dona Maria ouvera em seu casamento como atras fiqua.

E sobre isso, & por final ratificação todalas posturas escaimbos,& firmezas que ate então per qualquer maneyra eraõ feytas antre os Reys de Portugal , & de Castella seus anteceſſores , & aleuantarão as menagens,& arrefens,& que para seguridade de suas couzas erão dadas, & postas,& assi per palauras, & emprezença de todos sem se assentar em escrito elRey de Castella ficou de tratar da hi emdiante a Rainha sua molher como devia, & nõ trouxesse com sigo Leanor Nunes como trazia, & assi por bem desta paz forão soltos Manoel Paçanha Almirante, & Carlos seu filho que forã oprezos, como atras disse, nas Galles as quais forão tambem loguo restituidas a Portugal, & dispois desta paz firmada antre estes Reys leyxando alguns achaques que antre elles ouve porem nõ succedeo mais alguma rotura de guerra, mas vierão em muyta paz,& boa prestança como ao diante se dira.

(*)

CAP. XXXXVII.

Como a Infanta Dona Costança foy trazida a Portugal , & a Infanta Dona Branqua foy leuada a Castella.

TANTO que o trato da paz foy antre os Reys por seus procuradores firmado, & jurado estando elRey de Castella em seus paços,& sendo prezente a Rainha Dona Maria sua molher, & Dom Ioão Manoel Pay da Infanta Dona Costança, & Dom Ioaõ Afonso de Albuquerque que hera primo com irmão da Rainha, & ambos netos de elRey Dom Diniz, & outros senhores, loguo o sobredito Gõçallo Vas de Moira Embayxador de elRey de Portugal pedio a elRey de Castella com as palauras rezoes, & fundamentos que no cazo cabião,que alem do que hera capitulado elle por mais abastança,& mayor despejo de sua võtade desse aly licença ao dito Dom Ioão Manoel que por si levasse a dita Infanta sua filha ao dito Infante Dom Pedro de Portugal do que elRey muyto aprouve escuzandosse primeyro com largo razoamento de palauras

uras do antretimento passado em que dezia não ter culpa.

E nõ satisfeyto o dito Dom Ioaõ Manoel por quanto sobre isso lhe avia feyto menagem elle por mayor seu descargo, & linpeza pera saber se era assim lhe perguntou perante todos tres vezes juntamente, & todas tres vezes elRey dizendo si,lho outorgou,& Dom Ioão lhe beijou por isso as maõs,& os Embayxadores de elRey de Portugal lho tiverão em merce , & com isso se despediraõ de Castella,& com acertidão da vinda da dita Infanta se vierão a Portugal , & acharão elRey em Lisboa que inviou logo a Castella muytos , & nobres homens , & dos mais honrados fidalgos, & cavaleyros de seu Reyno que juntos com Dõ Ioaõ Manoel , & com outros muytos senhores de Castella no mes de Agosto do dito anno trouxeraõ muy honradamente adita Infanta a Lisboa, que foy recebida grandemente, & onde se fizerão suas bodas cõ o dito Infante Dom Pedro que hera de idade de vinte annos, nas quais ouve grandes festas,& muytos prazeres que elRey geralmente mandou tambem fazer por todolos lugares do Reyno.

E ali foi logo entregue a Infanta Dona Branca ao sobre dito Martim fernandes de porto Carreiro Camareyro mór de elRey de Castella, com todo o que ella tinha em Portugal como fora concordado,a qual a companhada de muitos, & mui nobres homẽs da Corte de elRey chegou a Eluas & da hi entrou em Badalhouçe por Castella, & despois se meteo freira no Mosteiro das Holgas de Burgos onde acabou sua vida muy sanctamente.

CAP. XXXXVIII.

Dalgũns descontentamentos que despois destas pazes ouue entre elRey de Portugal,& o de Castella, & as cauzas porque.

COMO quer que elRey de Castella no assento das pazes com elRey de Portugal firmadas ficou, & prometeo que da hy em diante em todalas couzas tratasse sempre a Rainha Dona Maria assim como por seu estado, & por ser sua molher lhe devia, & a partasse de si Leanor Nunes de Gusmão sua mançeba, elle o não fez assim,que per desamor que por amores da dita Leanor Nunes sempre teve á dita Rainha Dona Maria,& porque era de sua condição muy solto da lingoa,& muitas vezes confessava que a não podia

dia ver,& que estava pera ainviar a Portugal.

E por seu respeyto,& juntamente com ciumes errados que tomara do cazamento da Infanta Dona Costança publicamente dezia que todolos Portugezes lhe avorrecião nem lhe desprazia de todo omal que lhes viesse,oque loguo por obras mostrara especialmente em alguns Portugezes danificados, & roubados que despois das pazes a elle forão pedir restituição, & enmenda de seus danos que de Castelha nos receberão, & nem fora delle somente ouvidos.

Das quais couzas sendo elRey de Portugal certificado lhe inviou por algũas vezes suas cartas com muy asperos amoestamentos afirmandolhe que se a Rainha sua filha a seu Reyno lhe inviasse que elle areceberia,mas que elle com sua pessoa, & com a leal, & ardida gente de seus Reynos com pezar delle a iria meter de posse dos Reynos de Castella em que ella por ser sua molher tinha igual parte com elle.

E que pera isso hum sò asseno sem outra solenidade de desafio abastaria porque a elle nõ era necessario longo percebimento de seus vassallos, que o dia que mãdava, & assinava,nesse erão loguo prezentes; nem cumpria espaço pera oalimpamento de suas armas porque os Portugezes com as ferrugentas, & por mayor dor dos inimigos folgauão de ferir, & por maior seu louuor os sabião vencer, & assi lhe tocou no pequeno comprimento que fizera com a Rainha sua filha, & que nunqua despois deixara de fazer oque sempre fizera nem a partara de si Leanor Nunes,como prometera, as quais couzas elRey de Castella respondeo brandamẽte,& sempre se escuzou com assas temperanças ainda que todas erão fingidas.

E porem para em alguma maneyra a elRey de Portugal,& cõtentar a Rainha sua molher alguns dias costumou ir mais aturadamẽte a sua casa, & ter com ella algũa imagem de estado, & familiaridade de marido,& assi apartou de si por algũas jornadas a dita Leanor Nunes sua manceba com aqual boa,& dezejada enmenda que elRey fazia os dias que durou receberão todolos do Reyno muyta alegria, & contentamento,& rogauão a Deos que assi oaturasse, & conservasse.

E com anotificação disso que loguo foy a elRey de Portugal o enviou muyto agradecer a elRey seu genro, & por isso se oferecer com palauras graciozas, & muy prudentes rogandolhe cõ rezoẽs que todas tinhão respeyto a sua honra,& estado, & serviço que assi oquizesse continuar; mas elRey de Castella falando sobre isto com

com hum ſeu privado ſe diz que não podendo ja ſofrer a conuerſação da Rainha, nem a privança, & a partamento de Leanor Nunes a cuzava com dor ſua fraqueza, ou ſua deſaventura, afirmando que por ganhar o mundo todo, & por previligiar a vida da morte para sẽpre o não ſofreria mais qua não podia, porque claramente ſe ſentia morrer em eſpecial porque não ver Leanor Nunes, pello qual elle ou forçado deſtas forças, ou mal favorecido de ſua fraqua, & a leyjada condição, loguo recolheo a dita Leanor Nunes, & com ella, & com a Rainha ſua molher ſem alguma emenda ſempre deſpois fez o que dantes fazia ate que falleceo, como ainda direy.

CAP. XXXXIX.

Como pella ſegunda vinda da Abomelich em Eſpanha ſe ordenou a vinda de Alibohacem de Marrocos ſeu pay, de que ſe ſeguio a grande batalha do Salado.

DISPOIS que o Infante Abomelich filho de elRey Alibohacem Rey de Benamarim & de Marrocos tomou Gibaltar a os Chriſtaõs, & teve tregoa com elRey de Caſtella, como atras brevemente he declarado, elRey de Marrocos per neceſidades de guera que tinha cõ elRey de Tremecem enviou chamar ſeu filho que hera em Eſpanha que com todas ſuas gentes, que herão muytas, foſſe loguo em ſua ajuda, & porque com proſperidade ouverão avictoria de elRey de Tremecem, & o matarão, & cobrarão o que dezejavaõ, loguo de terminarão paſſar ambos em Eſpanha, achando qua ſeus direytos porque de direyto ella lhe pertencia, & mandou que o filho vieſſe primeyro para que loguo aparelharaõ grande frota, & muytos apercebimentos darmas, cavallos, & gentes, & mantimentos que dos portos de Africa avião de paſſar, & ſendo diſto avizado elRey de Caſtella pera em alguma maneyra ſe impedir a paſſagem ſua no eſtreyto, mandou Alonço Iufre Tenorio ſeu Almirante mór que em Sevilha armaſſe, & forneceſſe bem toda ſua frota, & guardaſſe com ella o mar no eſtreyto.

E porque tambem entendeo que para fazer eſta reziſtencia hera neceſſario ajuntamento de todolos grandes, ſenhores de ſeus Reynos, antre alguns dos quais avia bandos, & grandes odios, & inimizades com dezejos de vinganças, de que ſendo juntos ſe podiaõ

dião recrecer muytos males elle cortes que para isso teve alguns destes em prezença, & outros & nabsencia por messageyros fez de todo amigos, & outros pos em tregoas por tempo conviniente, & sendo isto no inverno os mandou perceber pera o verão loguo seguinte, & loguo se foy a Sevilha.

E porque elRey Dom Pedro de Aragão que desta passagem dos infieis foy tambem certificado, sendo ambos ja em paz, & receando que poderião vir loguo sobre o Reyno de Valença, & que so sem grandes ajudas não podia resistir, se concordou com elRey de Castella pera que com ametade dos navios, & Galles com que elle Rey de Castella guardasse, & defendesse o passo do estreyto, & elle tambem o guardar, & defender & que em qualquer paz, & tregoa hũ sem outro naõ entrasse.

E a este tempo ja o Infante Abomelich era passado de Africa, & estava na liazira de que se chamava Rey, & tambem ronda era sua, & chegado elRey a Sevilha, & juntos com elle todolos Senhores, & gentes que para esta guerra erão percebidos entrou com elles em terra de Mouros assas poderosso, & foy loguo correr, & talhar Antiquera, & Archidonia, & a Ronda, & todolos lugares, & terras de redor em que fez grandes queymas, & estragos, & ao partir que elRey fez de Ronda os muytos, & nobres Cavaleyros de Africa que nella estavão por fronteyros com suas batalhas ordenadas sairão contra a retaguarda de elRey em que fizerão huma boa esporada, & sendo ja afastados huma legoa da villa os Capitaẽs Christaõs a que a dita retaguarda era encomendada fizerão huma volta sobre os Mouros em que matarão muytos delles, & os outros puzerão em fugida, & dahy foy elRey bastecer a villa de Theba que poucos dias avia que atomara aos Mouros, & vitorioso se tornou a Sevilha, & dahy por aver dinheyro do Reyno que tinha pedido, & para couzas outras, que para esta guerra lhe compria despois de leyxar fronteyros nos estremos de Grada, & por Capitam principal a Gonçalo Martins mestre de Alcantara, se tornou a Madrid, donde com causas, & rezoẽs muy urgentes inviou pedir ao Papa Benedito duo decimo favor, & ajuda para esta necesidade de Espanha que se aparelhava, & os fronteiros Christãos se juntaram, & foram em tanto correr terra de elRey de Grada, em que fizeram grandes danos, & trouxeram muytos roubos, &

Capti-

captiuos, & elRey de Grada sentindosse injuriado, & muy danificado desta entrada dos Christãos que era feyta ajuntou grande poder, & veo cerquar a villa de Silues que hera do Mestrado de Sanctiago, & tendo ja por combates muy apertado o mestre de Sanctiago Dom Afonso Mendes q̃ hera em Vbeda, elle sobre o desserquo, & socorro de Silves que loguo procurou tendo muyto menos gente do que hera ados Mouros ouve cõ elles batalha em que avictoria pello bom pelejar dos Mouros por grande espaço esteve em ventura, & finalmẽte o Mestre os venceo & pos em desbarato, & no alcanço q̃ durou duas legoas matou muytos principaes de Grada, & ouve muy ricos despojos & se recolheo a seu Mestrado.

CAP. L.

Como o Infante Abomelich pellos fronteyros Christãos foy morto em huma batalha não sendo nella ahy elRey de Castella.

O INFANTE Abomelich filho de elRey Alibohacem de Marrocos estava a este tẽpo muy poderozo na Aliazira a que elRey de Grada fez loguo saber do destroço da sua gente pello mestre de Sanctiago, & porque soube dos Christaõs captiuos que seus corredores de Medina Cidonia lhe trouxerão, como elRey de Castella era partido de Sevilha & que se nelle não teria na Andaluzia taõ periguoza rezistencia se entrasse a terra dos Christaõs ajuntou comsigo sinco mil Cavaleyros Mouros muy escolhidos, & com elles muytas gentes de pè cõ que determinou entrar, & correr a Andaluzia.

Da qual entrada Ferrã Pires de Porto Carreyro que era Alcayde mòr de Tarifa, por hũ dos Christaõs prezos que se soltou foy loguo avizado, & principalmente que Abomelich vinha para tomar Lebrissa em q̃ era recolhido muyto paõ pera o levar a Aliazira onde avia delle necesidade, porque as Galles de Castella, & de Aragão que andavão no estreyto defendiaõ estreytamente de Africa os mantimenros, & provizoẽs nõ passassẽ, pello qual o dito Fernão Pires Porto Carreyro como bom, & avizado Cavaleyro se lançou dentro em Lebrissa pera a defender como despois defendeo, & Abomelich saio de Aliazira, & passou por Medina Cidonia, & foy aXeres roubando todolos gados, que os Christaõs sendo primeyro avizados naõ quizerão guardar, & captivando todolos

los Christaõs que acharaõ por aquella comarqua,

E dos Olivais de Xeres em que tinha em tendas seu arrayal, mãdou mil, & quinhentos de cavallo escolhidos, & de pè muytos mais, que foraõ sobre Lebrissa, que bem combatida por elles por que foi defendida a nõ tomaram, & dahi correraõ contra a villa de Arquos, que sẽ reziſtẽcia arrancaraõ todolos gados da terra, cuja trilha com cento de cavallo hia seguindo o dito Fernão Peres Porto Carreiro, & avizou á Cidade de Sevilha, & a Dom Alvaro Peres de Gusmaõ, & a Dom Pedro Ponse de Liam, que estava em Vtreira desta entrada dos Mouros, a firmandolhes que polos muytos gados que levauam antes de se recolherem se podiaõ alcançar, & ser desbaratados.

Os quais por este avizo se fizeraõ logũo prestes, & dispois de noteficarem a Sevilha que todos logũo moviam, elles com as mais gentes de cavallo, & de pè que puderam ajuntar partiraõ, & ao dito Fernaõ Peres que hia na trilha mandaram recado que os esperasse, & neste proprio tempo, asertouse que o sobre ditto Gõçallo Martins mestre de Alcantara, fronteiro mòr, com a nobre gente da caza de elRey, & de seus filhos que estava em Leija sabendo da estada do Infante Abomelich sobre Xeres, & que a Cidade de Sevilha com os senhores jà ditos heram partidos, & hiaõ diante contra os Mouros, mandoulhe hum recado q̃ o esperassem, & andando o mestre aquelle dia catorze legoas, por grandes tempestades, & inuernadas sem parar, á meya noite se juntaraõ todos com aquelles que seguiaõ a trilha, & seriam até oito centos de cavallo, & despois de darem çevada, partiraõ, cuidando q̃ levauaõ os Mouros da cavalgada diante, os quais ficauão jà atras meya legoa, porque o Adail perdera de noite o rasto, & andaraõ a traues mais caminho do que deviaõ.

E sendo disto já certeficados, volveraõ logũo de dia, & todos postos em boa ordenança de peleija, toparaõ os Mouros jà muy percebidos por que delles tinhaõ já avizo, & sentimento, & destes Mouros os trezentos de cavallo, apartados sem peleijar, & guardaraõ a cavalgada, os quais todos vendo a pouca gente dos Christaõs em comparaçam da muyta que contra elles tinhaõ ficaram alegres prometendosse logũo huns aos outros segura victoria.

Pelo qual logũo todos se cometeram com muyta força, & se feriraõ com muyta braueza, porque todos assi Christãos, como Mouros, heraõ muy singulares cavalleiros, & no pelejar cada-

cada hum claramente parecia que nõ avia outro dezejo salvo vencer ou morrer, & em fim desta crua peleja em que os mais dos Mouros foraõ mortos, & captiuos alguns, outros que escaparaõ se puzeraõ em fugida.

E Fernaõ Peres Ponce, que despois foi mestre de Alcantara, estando por fronteiro da Villa de Arcos, sahio dahi com sua gente, & deu nos trezentos Mouros de cavallo, que guardavaõ o gado, & a cavalgada, & os desbaratou, & recolheo todo o despojo, & caualgada ao Castello donde saira, & sendo ali juntos os Christãos sem saberem o qoe fariaõ, ao outro dia certificados que Abomelich era com grã de presa, & caualgada partio de Xeres, & que por concerto de hum arrenegado, hia pera tomar Alcala dos geluzes, & praticando os Christãos o que sobre isso fariaõ avia na pratiqua conselhos diuersos, purque hũs a conselhauaõ peleija pela boa fortuua que os fauorecia, outros arreceauaõ pelo perigo a que se punhaõ, do grande, & muy desigual poder dos Mouros que tinhaõ contrario, & a conselhauaõ nũ se ariscar a taõ perigozo feito, antes viuer, & saluarse pera cousas mayores, & non ir morrer por vaquas, & gados, em respeito das gentes valiaõ muy pouco, em fim acordaraõ hir buscar Abomelich, & em toda maneira com ajuda de Deos darlhe batalha.

E mouendo já pera seguir seu propozito com dous mil de cavallo, & quinhentos homens de pé, foraõ avizados que Abomelich essa noite hia dormir a Veiga de Pagana, a ser qua do rio de Barbate, & que pellas grandes chuuas que entam avia, & pelos muytos gados que levava faria de necessidade curtas jornadas, pelo qual pera o acharam desapercebido, cometeraõ loguo o caminho com grande trigança, & essa noite que hera muy escura, sem serem sentidos foraõ á vista do Arrayal de Abomelich que pelas muitas fugeiras, & tendas, que nelle avia parecia assas espantozo, & dobrado.

E sendo altercado antre os Christãos, se seria melhor cometer loguo de noite ou esperar o dia, acordaraõ por legitimas cauzas que os mais aprovauaõ que esperasem a manham, com fundamento de subito darem no Arrayal dos Mouros, & os tomarẽ salteados, & despercebidos, & os Christãos de pê, que os cavalleiros consiguo levauaõ porque com elles não poderiaõ aturar a corrida, ouveraõ por bem que por sua segurança se recolhessem a huma serra que hera junto cõ elles.

Osquais tanto que foy manhã

nãh vẽdo o Arayal dos Mouros de cima dos montes, & nõ sendo avizados do q̃ mais cũpria começaraõ dar grãdes gritas chamãdo, & repetindo muytas vezes o nome de Sãtiaguo, & cõ estas vozes q̃ os do Infãte Abomelich ouviraõ nõ fizeraõ alvoroço nẽ receberaõ antre si torvação, porq̃ sem duvida cuidarão q̃ heraõ dos seus mil, & quinhẽtos de cavallo, & da outra gẽte q̃ sobre Lebrissa tinha inviado, de cujo estroço, & estrago ainda nõ sabião crẽdo q̃ estes de muyto alegres, & victoriosos do feito para q̃ foraõ, & por bularẽ dos Christãos, contrafaziaõ em sua vista aquelle rebate com o fingido nome de Santiago.

E por isso nam se aperceberaõ nẽ sometẽ mãdar selar os cavallos & tãbẽ porq̃ cõfiauaõ q̃ sendo el-Rey de Castella dali ausẽte, q̃ toda a gẽte Dãdaluzia ainda q̃ fosse jũta naõ ousaria de os cometer.

E porem alguns delles atè quinhentos, se puzeraõ a cavallo, & se vieraõ a hũ espaço do rio, & os cavalleyros Christãos anojados das desmãdadas gritas dos seus piães que ouuiraõ crendo que do percebimento dos Mouros, se contra elles o fizessem receberiam sua total perdiçam, por lhe naõ darem pera isso mais espaço, sendo jà manhaam encomẽdandosse a Deos, & a Santiaguo, correraõ loguo ao Arrayal quanto puderaõ, & chegaram ao rio onde em sua resistencia, jà acharam os quinhentos cavalleiros Mouros que disse em sua ajuda, & com outros cento, hũ Mouro muy esforçado, & de grande linhagem, que deziam Alicatar, sobrinho de elRey Alibohaçem, filho de hũ seu Irmão; & na grande, & bem ferida peleja que ali ouve foi morto o dito Alicatar, por cuja morte o passo do rio foi mais facil aos Christãos os quais passando por ali, & por algũas outras partes o rio, deram rijamente no Arrayal de Abomelich, que por sua perigozã, & louca confiança de todo estava despercebido, o qual sem cõtradiçam algũa, loguo foy entrado, roto, & desbaratado, & os Mouros delle que escapauaõ de mortos, & captiuos como desacordados se puzeraõ todos em fugida contra a Aliazira sem algũa lembrança de salvaçaõ do Infante Abomelich seu Senhor, que a pẽ, & desemparado ficou no Arrayal.

O qual assi a pè querendosse acolher, & saluar na serra elle cançado naõ pode, & ficou escondido em hũas balças pequenas lãçado em forma de morto, onde sem o conhecer, porque mudou os vestidos, o topou hum Christãao, q̃ por lhe achar algum espirito de vida no corpo, querendoo a cabar com a morte, que com ferro de Christãos ainda naõ era nelle começada lhe deu duas, & grandes

des lançadas, & o leixou, oqual ferido aleuantandosse com a afronta da morte q̃ em si sentia, topou cõ hum Mouro q̃ o conheceo, & naõ o podendo sò saluar às costas, por o muyto sangue que lhe sahia o leixou mais embrenhado, & foy em busca de algũs Mouros q̃ o saluassem, os quais em tornando o acharaõ já morto fòra das brenhas, & junto do rio, q̃ cõçede mortal viera buscar, & dali o leuaraõ a Aliazira, onde entaõ se fizeraõ grandes prantos por elle.

Edispois muyto mais em toda a Africa, & principalmente por Alibohaçẽ seu pay q̃ o muyto sentio, porque o tinha por filho muy obediente, & bom cavalleiro.

E os Christãos salvaraõ a cavalgada, & captiuos q̃ os Mouros traziaõ, & recolheraõ o cãpo, & se tornaraõ pera Enxeres cõ ricos despojos, em esta batalha se dis que com o Infante morreraõ des mil Mouros, porcuja vingança elRey Alibohacẽ dobrou loguo seu desejo, & pos mais deligencias pera com mayor poder, & mais em breue passar em Espanha como já tinha determinado.

E a croniqua dos Mouros tem, que Alibohaçem mandou cortar as cabeças a muitos seus caualeiros, & homens principais porq̃ fugiraõ da batalha em que era seu filho, & o desempararaõ, & porq̃ senaõ auenturaraõ morrer antes com elle, & no cabo desta victoria enque o mayor merecimento com rezam se deu ao dito Dom Gonçalo Martins mestre de Alcãtara, elRey de Castella que de todo foi bem certeficado, antes de poucos dias lho desagardeçeo com morte mui crua, & nome de delleal, que naõ merecia porque sobre esta victoria q̃ er que merecia bom galardam, sendo o dito mestre por falsas informaçoens chamado por elRey, & sabendo elle que hera a requerimento de Leanor Nunes, que por privado de elRey, & por bom homem o desamaua, & assi avizado que era sua ida por entam se a fizesse corria grande risco de morte, ou desonra, & escuzasse de ir a elRey & leixando a bom recado as outras suas fortalezas que tinha se veyo a Valença de Alcantara, q̃ hera onde elRey no Alcacer da villa que he mui forte o veyo logo cercar, & porque alguns cavalleiros de que se fiava lhe falsarão certas torres que tinhaõ em guarda, & as aleuantaram contra elle por elRey, com veo ao mestre porse em suas mãos, & a sua piedade, & sahindo da fortaleza fauorecido das bandeiras que entam ganhara na batalha do Infãte Abomelich, crendo que à vista, & lembrança dellas o salvaria elRey sem algum resguardo do q̃ a sua real pessoa convinha, & sẽ lembrança dos muitos, & grandes serviços, & merecimentos do

meſtre o mandou loguo perante ſi degolar, & queimar, em que elRey por deſagradeçimẽto, foy com rezam de todos muito culpado, & reprendido.

CAP. LI.

Como Alibohaçem deſpois que ſoube da morte do Infãte ſeu filho, & dos ſeus caualeiros ſe ouue: & como a Frota de Caſtella, foi dos Mouros deſbaratada.

ELREY Alibohaçẽ como ſoube da morte de ſeu filho, & do grande eſtrago de ſuas gentes elle aſſi por favor, & ſocorro das outras q̃ ſe ſalvaram, & heraõ na Aliazira, & em ronda recolhidas, como pelos ter jà paſſados em Eſpanha pera que ſe percebia, enviou loguo tres mil caualleiros eſcolhidos, os quais como paſſaram loguo ſem detença entraram na terra dos Chriſtãos que delles a eſſe tempo ſenaõ receauam, & correram Arquos, & Xeres, & Medina Cidonia, de q̃ arrancarão muytos gados, & captiuos, a q̃ os de Xeres com outras de C,amora ſahirão, & ouverão peleija em q̃ dos Mouros morrerão muytos muyprincipaes da caza de Alibohacem, & foy captivo o capitão principal delles, aquem dezião Albotui, de quem elRey Mouro ſeu ſenhor ſobre todos mais confiava, & ſalvando mais à cavalgada, & captiuos alegres, & bemaventurados ſe recolherão a Xeres; as antigas, & aprovadas lẽbranças de Eſpanha tem que dos Cavaleyros Chriſtãos daquelle tempo averem dos infieis tam milagrozas victorias nõ era ſem juſta permiſſaõ, & devido galardão da bondade de Deos, porque neſta frontaria dos Mouros em que eſtavão leyxadas algumas erradas, & viciozas ſolturas em que dantes vivião erão aly muyto bons Chriſtãos mantendo em tudo ſeus ſantos mandamẽtos, & os verdadeyros artigos da ſua fè, porque nõ roubavão o alheo, & dos vicios da carne herão muy abſtinentes, & todolos Domingos, & feſtas ſe cõfeſſavaõ, & tomavão o corpo de Noſſo Senhor, & faziaõ pendenças de ſeus peccados, & por eſta cauza ſe diz que os poucos deſtes tinhão por graça de Deos tal poder & eſforço com que venciaõ os infieis com que pella fè, & por defenſão de ſua terra peleijavaõ.

ElRey Alibohaçem deſpois de mandar a Aliazira a gente que diſſe mandou loguo armar, & aparelhar da parte de Africa, & de Eſpanha grande frota, & aſſi de Ceyta, onde ja era avizado elRey de Grada de ſua paſſagem com

com seu poder por mar,& por terra se percebesse pera tambem ser com elle.

E avizado elRey de Castella destas couzas se tornou a Sevilha,& mandou a seu Almirante que com grande diligencia armasse toda a frota que fosse possiuel com que fosse guardar,como guardou,o estreyto com trinta, & tres Gales, & seis navios, & assi fez saber a elRey de Aragaõ desta passagem para que tambem mandasse sua armada como antre elles era concordado , & neste tempo que era na coresma, & na somana de Lazaro , soube loguo elRey de Castella , que duzentas, & sincoenta vellas dos Mouros, das quais herão setenta gales herão ja passadas em Espanha com muitas gentes, cavallos,armas,& mantimentos,& que dellas aportarão a Aliazira, & outras aGilbaltar, & maravilhado como assi passarão sem alguma contradição de seu Almirante se diz que lhe fizerão ter cõtra elle alguma suspeyta de corrupção por dinheyro,aqual culpa o Almirãte na verdade nõ tinha, & desta suspeyta, & presumpção de elRey, Dona Eluira molher do Almirante,foy secretamente por hũ Comitri avizada, & por tais modos o fez loguo saber a seu marido que elle claramente entendeo o que contra elle, & contra sua bondade mal se suspeytava, & porque era bom, & fiel Cavaleyro por alimpar sua honra com preço de sua vida fez loguo prestes toda sua frota, com que tomando diante a bandeyra real de Castella muy ousadamente foy cometer a frota dos Mouros que achou em todo muy forte,& assas muy percebida, aqual com ferro,& fogo foy assas bem combatida,& bem peleyjada,mas porque as Gales, & navios dos Christaõs não ouverão boa disposizião, ou acordo de se ajudar, & favorecer hũas as outras, finalmente forão dos Mouros desbaratadas, & tomadas, salvo sinquo que com alguns navios de gavea fugirão,& se salvarão em Cartagena; aly foy morto o Almirante de Castella com nome de muy avantejado Cavaleyro,& com elle muytos, & bons homens que foy grande perda, porque pera o mar, & para terra eraõ em tal tempo muy necessarios.

E acabeça do Almirante foy talhada do corpo, & por final da victoria loguo inviada pellos Mouros a elRey Alibohacem com que se alegrou, & esforçou mais para esta sua passagem, pera oqual com lamentaçoẽs da morte de seu filho Abomelich que por sua ley morrera,& com indulgẽcias do seu Califa de Mecha, que para isso mandou prẽgar , & assi com a noteficação do desbarato da frota dos Christãos em que afirmava que o mar

era ja por elles, & com a mostra da cabeça do Almirãte que pellas terras pera convocação trazião ajuntou todolos Reis de Africa ate o Cayro cõ infindas gẽtes de diversas naçoens, & com grandissimos tezouros que de suas terras, & das alheas pera esta passagem, & vingança lhe derão, & taõ certa esperança mandava dar aos Mouros de loguo cobrarem a Espanha que fora ja sua, & tão largas promessas lhe fazia das boas possessoẽs, & erdades della que por seu direyto de que lhe pertencia, que muytos enganados desta opiniaõ leyxando suas proprias naturezas, & cazas se vierão a esta entrada de Espanha com suas molheres, filhos, & suas fazendas, de todo mouidas para sem duuida, nem contradiçaõ logo a possuirem, & a frota dos Mouros ficando tam victoriosa, & sendo jà segura em sua passagem, & leuando mais as gales que tomaraõ de Castella, se foraõ todas a Ceita, pera dahi passar nellas Alibohaçem como passou, & toda sua gente que pelos lugares do Algarve era toda junta, com fundamento de logo vir cercar a villa de Tarifa, & este Alibohaçem a este tempo era Rey de Marrocos, & do Algarve, & de Fes, & de Sejulmeça, & de Termeçem, & vinha com elle elRey de Tunes, que hera seu sogro, & elRey de Bugia.

CAP. LII.

Do que elRey de Castella fez despois q̃ soube da morte do Almirante, & do desbarato, & perdiçam de sua Frota.

SAINDO elRey de Castella de Sevilha para Xeres, & sendo nas cabeças de Sam Ioam, bespora de Ramos lhe deram as tristes nouas da morte de Affonso Iufre Tenorio seu Almirante, & da perdiçam de sua Frota, cõ que foy muyto enojado, & recebeo com rezam grãde pezar, porque alem de perder tam boa Frota, & taõ necessaria cõ tãtos, & taõ bõs homẽs ainda lhe dohia muito nõ poder no mar rezistir a passagẽ dos Mouros em sua terra; de q̃ Espanha & assi toda a Christãdade recebiaõ grãdes danos, & pera remediar o cazo sobre q̃ teve conselho, mãdou loguo cõ receyo do cerco, bastecer darmas, & gentes, & matimẽtos, a Villa de Tarifa, & assi fazer de novo, & repairar as mais Galles, & Navios q̃ fosse possiuel, & assi pedir ajuda, & socorro de Galles, & armas a elRey Dom Affonso de Portugal, com que a esse tempo

por

per sua muy liure vontade, & a petitoza condiçam naõ estava jà bem concertado, & por isso el-Rey de Castella escreueo â Raynha sua molher, que pera mayor obrigaçm, & menos escuzas quizese escreuer, como loguo escreveo, a elRey Dom Affonso seu Padre, a quem enviou com suas cartas Vasco Fernandes Dayão de Toledo, & seu Chanceler, pedindolhe muyto por merce, que por socorro desta necessidade que a todos hera comũa, quizesse euviar ao estreito sua Frota, que tinha entam armada, & bem aparelhada.

Estaxa elRey de Portugal a este tempo em Monte Mor o novo onde muy largamente ouvio o Adayaõ, & mais brevemente lhe respondeo, dizendo: *Dayam, dizei á Raynha minha Filha, que ella naõ ha mister Calles, nem Armas, que por isso lhas nam hei de mandar, mas se elRey seu marido as ha de mim mister que nam vze em sua tamanha necessidade de manhas & cautellas, como sem prefez, & que mas mande pedir.* E com esta reposta, tornou o Adayam à grande pressa à Raynha & a elRey de Castella a que tudo foy recontado.

Elle para satisfaçaõ de elRey de Portugal, & com as palavras q̃ nisso cabiam lhe tornou a escreuer, & pedir o ditto socorro, & ajuda de Galles, & Naos, com as quais muy bem armadas, & muy fornecidas, sem alguma detença foy loguo a Sevilha, Mano el Paçanha seu Filho, que poucos dias avia que ahi foram soltos da prizam, em que ao tempo das pazes jaziam como atraz disse.

E despois de serem de elRey com muyta honra, & alegria recebidos, os mandou loguo por guarda do Estreito, para que os Mouros naõ passassem tam seguros, & com tanta soltura como passauam, & sobre isso elRey de Castella concertou por seu soldo, a verde Genoa quinze Galles, armadas, que vieram ao Estreito cõ condiçam, que hum Micer Gil Boca negra, irmaõ do Duque, q̃ entam hera da comonidade de Genoa, fosse como foy Almirante de Castella, & assi ouve de elRey de Aragam pelo contrato das pazes que tinham formado, doze Galles armadas, que juntas com as quinze Galles, & doze Navios, de elRey de Castella que cõ pressa se aparelharaõ, foram tambem ordenadas pera guarda do Estreito.

E porem nestes percebimentos, & aparelhos das Galles, & Navios dos Christãos, pela perda das outras passadas ouve tanto espaço sem se poderem ajuntar, q̃ elRey Aliboaçem teve tempo de sete mezes, nos quais elle passou ẽ pessoa, & veyo Aliazira, & com elle segundo o mais comum testemunho, passaram dos a contiados

&

& percebidos seseta mil de cavallo, & coatro centos mil homẽs de pè, com que tambem se ajuntou elRey de Grada com todo seu poder.

E sendo elRey de Castella bẽ certeficado do cerquo que Alibohaçem queria pòr a Tarifa, loguo por sua prudencia, & segurança, & assi movido por piadozas preçes dos Christãos que nella estauaõ, que com muyta pressa lhe pediraõ socorro, & principalmente que para serquo tam afrontado como esperauaõ, lhe desse como deu capitaõ mòr, que foy Dom Ioam Affonso de Benavides, que hera bom cavalleiro, & a elRey muyto affeito, & tinha grãde caza, oqual loguo se foy a Tarifa, & com elle boas gentes, dos quais muytos que heraõ de mayor linhagem qne elle, se contentaraõ seruir, & obedecer de baixo de sua capitania, & assi lhe enviou por mar, & por terra, muytas provizoẽs de armas, & mantimentos, por quanto por entam se pode fazer.

E despois da entrada do ditto capitaõ em Tarifa, loguo a dez dias seguintes, que heram 23. dias de Setembro, de era de Cezar de 1378. años, & do año de Christo de 1340. Sendo elRey Dom Affonso de Castella, em idade de 28. annos, elRey Alibohaçem em sua pessoa, com elRey de Grada veyo a Tarifa, & a cerquou toda em torno, salvo da banda do mar, em que pelos mares naõ podia estar assento de Arrayal, & as Galles, & Navios de elRey de Grada, & de elRey de Tunes, & de elRey de Bugia, que pera esta passagem lhe inviaram armadas com as gentes passaraõ loguo por mãdado de Alibohaçem, crendo que as naõ aueriam mister, & porque faziaõ muyta despeza, tornaraõ pera seus senhorios, & as outras Galles mayores do mesmo Alibohaçem, mandou elle tambẽ tornar a Ceyta, porque assentou que pela perda das galles, & navios dos Christãos, quaisquer navios ainda pequenos lhe abastariaõ para sem contradição passarem de Afriqua os mantimentos, & couzas que ouvessem mister.

E como o cerquo foy posto a Tarifa, loguo os Mouros com grã. des engenhos que leuauaõ, lhe deraõ de noyte, & de dia, muytos, & muy aturados combates que os cerquados resistiaõ cõ muytas forças, & singular esforço, & nõ sẽ muytos mortos, & feridos de hũa parte, & da outra, afora padecimentos de outros infindos trabalhos, que a condiçaõ do cerquo tam perigozo sempre traz configuo, porque eram dentro muytos fidalgos de limpo sangue, com outros cavalleyros, & escudeyros bem criados, & de bons coraçoẽs, & elles muytos besteyros cõ que aos Mouros claramente mostrauaõ que o tomar da Villa non hera

hera taõ facil como elles cuydauão

CAP. LIII.

Como elRey de Castella, foy certeficado do ſerquo de Tarifa, & do q̃s ſobre iſſo fez.

AO tempo deſte cerquo, elRey de Caſtella hera em Sevilha, a onde chegou a elle de Roma Ioaõ Martins de Leyua, q̃ pera eſta guerra lhe trouxe do Papa geral Cruzada, cõ as graças, perdoẽs, & Indulgencias da cõquiſta dultra mar, & aſſi com outroga de dizimos, & terças das Igrejas do Reyno, por certos annos, & ali foy elRey certeficado do ditto ſerquo, & grandiſſimo poder de Alibohaçem, com que a Villa eſtaua cercada, & logũo combatida, & afrontada, pello qual mandou que as ſuas quinze Galles, & doze Navios que heram preſtes, ſe foſſẽ loguo ao porto de Tarifa, & aſſi o fizeraõ as de Aragam, mas o meſtre dellas que chamauaõ meſtre Giralte, ẽ hũa peleja que ouve com os Mouros da Liazira, foy morto de hũa ſetta, & por iſſo as Galles da quel la ves por falecimento do capitão ſe tornaraõ a Aragam, & as de Portugal, que heraõ em Calix, loguo foraõ em conſerva das de Caſtella, com que dauaõ esforço aos cercados, & punhaõ defeza a os Mouros, que pelo mar naõ ouveſſem de Afriqua os mantimentos, & provizões que ſempre avi aõ, porque já naõ tinhaõ armada, qua à dos Chriſtãos reſiſtiſſe, & da Frota de Caſtella, hia por capitam, Frei Affonſo Ortis Caldeiram, Prior de Sam Ioaõ, as quais Frotas com ſeus Almirantes, & gentes, aſſi guardauaõ, & defenderaõ a dita paſſagem aos Mouros que o grande exercito de Alibohaçem, por falta de mantimentos hera jà poſto em muy eſtreita neceſidade, & elle Rey Mouro, por naõ ter jà Frota em que paſſaſſe, eſtava muy receozo de poder liuremẽte tornar para Afriqua, como viera. Pelo qual antes de mais rõpimẽto antre elle, & os Reys de Eſpanha, & correrem mayores neceſidades, dezejou tentar algũa conuença com elRey de Caſtella, para com ſua honra, & ſegurãça, ſe poder tornar, & pera iſſo mandou rogar ao capitaõ Ioaõ Affonſo de Benavides, que ſobre ſeguranças, & arrefens que paſſaram, mandaſſe, como loguo mãdou a elle dous cavalleiros Chriſtãos, a ſaber Nuno Rodrigues, de Villa Medina, & Ruy Lopes de Ribyera, pera lhes apontar a cõcordia, & partido que a elRey de Caſtella, & a elles faria, & do que a ſerqua diſto mais ſe fez

ao

ao diante se dirà.

E porem elRey Alibohaçem, para mais segurança de seu Arrayal, & porque os de dentro pelo mar, & pela terra, lhe naõ pudessem fazer algum dano, nem auer algum socorro nem ajuda de Frota, mandou fazer hum cerquo de taypas, & madeyra, antre o mar, & a Villa, & assi antre a Villa, & o Arrayal, cauas anchas muy fundas, & o que pela multidam da gente que tinha, loguo tudo se fazia como hera por elle mandado.

CAP. LIV.

De como a Frota de Castella, & Portugal, que estaua em guarda do Estreyto se perdeo por tormẽta na Aliazira, & do que elRey Alibohaçem sobre isso fez.

ATRAZ fiqua apõtado como sobre Arefes, & segurãça de elRey Alibohaçem, dous cavalleyros Christãos, dos que estauaõ em Tarifa, foraõ a elRey pera com elle apontarem algũs meyos de tregoa, & concordia, & a sertouse que a noite que estes cavalleyros sahiraõ da Villa pera o Arrayal, antes de elRey lhes fallar, sobreveyo taõ grande tormẽta no mar, que com a força della as Frotas de Portugal, & Castella, forçadamente foraõ á costa de Aliazira, na qual se perderão de Castella oito Galles, & quatro Naos de Portugal, & da outra Frota, que meya perdida se saluaraõ huns Navios, com fortuna correraõ a Cartagena, & outros a Vallença de Aragaõ, porẽ os homens destas Galles q̃ foraõ à costa, por ser na propria terra dos Mouros, se perderaõ, porq̃ o mar, afogou muytos, & os que ficarão viuos foraõ tomados, & levados captiuos a Aliazira, & destes alguns que heraõ fracos de coração & pouco de coracam à fee vieraõ ante Alibohaçem, que com promessas, & grandes esperanças os exortava, pera tomarem a ley de Mafamede, dizendo, que por obras jà muy claras, & por tais milagres como viaõ, jà veriaõ q̃ sua ley hera milhor q̃ a de IESV Christo, pois naõ podiaõ negar que as ondas do mar, sò por q̃ Deos o queria, peleijauaõ jà pellos Mouros, & lhes traziaõ ás suas maõs os Christaõs seus imigos, & por isso muytos que aviaõ mayor medo à morte, & tormentos dos corpos, que á perda das Almas, escolheraõ por sua condenaçam sua Ceita errada, & se tornarão Mouros.

E destes hum principal, foy hũ San-

Sancho Ortis Freye, da ordem de Sam Ioam, Irmaõ do Prior que hera capitaõ da Frota, mas os outros muytos em cujos coraçoẽs, hera a fee verdadeira de Chriſto, ſem medo, & por ſuas bocas a confeſſando, eſcolheraõ receber a morte, que como martyres loguo padeceraõ, porq̃ deſpois della reynaſſẽ cõ Chriſto pera todo ſempre, & deſtes foy hũ que dezião Ioam Affonſo de Salzedo, cavalleyro muy esforçado, que os Mouros por valentias de armas que na pelleija lhe viraõ fazer porcuraram de o ſaluar viuo, com fundamento de o tornarem Mouro, o qual deſprezando as muytas riquezas, & honradas capitanias, & grandes auantagens que elRey Alibohaçem lhe fazia, & confeſſando a fee & de Chriſto com muyta firmeza, & com palauras de Chriſtão muy cathollico, antes eſcolheo ſer como foy loguo deſcabeçado,& cõ tudo elRey Mouro naõ deyxaua de cõfirmar ſeus ſequazes em ſua danada porfia, & reduzir a ella com falſas eſperanças, os fracos Chriſtãos,naõ vendo como cegos nem ſabendo como ignorantes, aquelle certo atalho, do verdadeyro juizo de Deos,& noſſo Senhor IESVS Chriſto, q̃ ſem muyta tardança, loguo moſtrou na grande, & fermoſa batalha, em que com tanto ſeu eſtrago delles meſmos infieis, deu aos Chriſtãos tam ſegura victoria como ao diante ſe dirà.

Cap. LV.

Do Conſelho que elRey de Caſtella teue com os grãdes Senhores de ſeus Reynos ſobre eſta perda da Frota, & acerqua do ſocorro, & deſcerquo de Tarifa.

ESTANDO elRey em Sevilha,crendo que a ſua Frota, & a de elRey de Portugal eſtauaõ ſeguras no Eſtreito, como foy certeficado da perdiçam dellas, & da morte de tantas gentes foy por iſſo muyto enojado, & poſto em muy triſtes penſamẽtos, & principalmente deſpois que ſoube que de Tarifa herão ſahidos aquelles dous cavalleyros a fallar a elRey Alibohaçem, crendo que de ſeu movimento o fizeram, & jà com propozito, ou necedaſide de ſe darem & entregarem a villa, & deſpois de mandar por modos ſecretos, & grandes esforços, & certas eſperanças de ſocorro aos de Tarifa, & com dezejo de o abreviar o mais que pudeſſe, & aſſi lhes aconſelhar, & defender eſtreytamente que por algũa maneira

neira naõ ſahiſſem a peleijar cõ os Mouros.

Como ſabia que os de Tariſa por ſuas bondades, & esforço faziam, fez ajũtar em ſeus paços na caza de baixo do caracal, os Prelados, & meſtres das ordẽs, & outros muytos ſenhores, & osprocuradores das Cidades, & Villas principais q̃ de ſeus Reyons,& Senhorios heraõ ahi vindos, onde mandou pòr ſua cadeyra deſtado em hum eſtrado rico, & muy triumphante, & junto com ſiguo huma Eſpada, & a Coroa real, com que em Burgos fora coroado, & ali por ſi meſmo fez a todos huma falla, em quẽ com larguas palauras fez recontamento de todalas fortunas belicos, & trabalhos que em tempo de ſuas tutorias foraõ, & deſpois que tomara o regimento do Reyno lhe recreceraõ em Caſtella, & em Liaõ, dizendo;que por quanto ſẽtira muyto os agravamentos que neſtes tempos receberaõ ſeus Pouos nos ſocorros, & ajudas de dinheyros que lhe fizeraõ, que por lhes dar algum deſcanço fizera pazes,com os Reys Chriſtãos q̃ lhe davão guerra, & aos Reys Mouros,dàquẽ, & dalẽ,dera tregoa as quais lhe ſẽpre quebraraõ, aſſi como o refazia elRey Alibohaçem de Marrocos,q̃ lhe tinha cercada a Villa de Tariſa, q̃ ſegũdo eſtaua poderoſo,& cõfiado, certo era q̃ ſe acobraſſe era outra porta da perdição de Eſpanha, ſe a loguo nam cerraſſe eſpecialmẽte começãdo lhe a fortuna ſer tam favorauel,no deſaſtre da tormẽta em q̃ ſua Frota,& gentes eram perdidas,& q̃ pera iſſo lhe aprezentaua aquella Coroa,& eſpada, pora tal q̃ a hõra da Coroa, em ſeu tempo nam minguaſſe, & à força, & poder de ſua eſpada naõ ſe perdeſſe,& que por eſta cauza ſeu pareçer hera ſo correr loguo aquella Villa ſem de longa nem eſcuza,& ſe os Mouros o eſperaſſem, darlhe batalha ca, ſe loguo a non ſocorreſſem, & a deſcerquaſſẽ elles de neceſidade a cobrariam com perda de muytos, & bons cavalleyros que nella eſtauaõ, & ſobre iſſo conheſida a fraqueza dos Chriſtãos ſe eſta força lhe nõ reſiſtiſſem viriaõ loguo cerquar Xeres da Fronteyra, & a outros lugares dentro do reyno a que de neceſidade por ſe tudo naõ perder, comvinha tambem ſocorrer, & forçadamente dar batalha, & que por iſſo pois a peleija, & a eſperiencia da ventura neſtes cazos, ſe naõ eſcuzava que lhe parecia melhor por muytas rezoẽs que a pontou loguo a cometer, & non a dilatar para mais tẽpo, & porẽ por q̃ elle era hum ſó homem, & ſem elles que eraõ membros, & forças de ſeu corpo, naõ podia fazer nada. Elle que ſem embargo diſto que lhe aſſi parecia, queria auer ſobre iſſo conſelho, delles,& que lhes rogava

&

& encomẽdaua que lho desem assi como entendesem que compria, pois tambem a todos tocaua, & pera milhor, & mais liuremente, antre si poderem tudo isto praticar disse que os leyxava como deyxou naquella caza, & se partio para fora.

E partido elRey do Conselho os que nelle ficarão pera a determinaçam que lhes pedira depois de muytas praticas, & couzas bẽ apontadas algũs se cõformauam em todo com o voto de elRey q̃ hera desercar a Tarifa, & dar lõguo batalha se a ventura o despozesse, & por algũa boa maneira a nam escuzasse, & outros o cõtriauão dizendo, que por quãto todo o poder de elRey de Castella, non chegaua à quarta parte do poder dos Mouros, que por isso nam hera bem pòr a pessoa de elRey em tam notorio perigo, porq̃ se fosse na batalha morto ou vencido, ou prezo como era possiuel, estava certa sem mais contradiçam nem resistencia, a perda de Espanha, & ao menos de muyta terra dos Christãos, & q̃ para isso por tamanho feyto, se nam pòr em tal ventura seria bom tratar algũa concordia com Alibohaçem, em que com saluamento das gentes, & couſas que estauam em Tarifa lha desem, & que sobre isso fiquassem os Reys em tregoas, por algum tempo em que elRey de Castella se perceberia melhor, & non se acharia tão desapercebido, & tam salteado como aguora o era.

E tornando elRey ao conselho em que achou estes votos diuersos, finalmẽte despois de tudo melhor praticado, foi por elle acordado cõ qualquer vẽtura q̃ sobreuiesse socorrer, & desercar Tarifa, & porẽ porq̃ o poder dos Mouros em grandeza, era muy desigual ao de Castella, era bem q̃ elle enviasse pedir ajuda, & socorro aos Reys de Portual, & de Aragam, para q̃ viessem a elle em suas pessoas, & com o poder de seus reynos, a quem este perigo tambem vniuersalmente tocaua, & assi foy firmado, & comprido.

CAP. LVI.

Como a Raynha Dona Maria em sua pessoa veyo pedir esta ajuda a elRey Dõ Affõso de Portugal seu Padre.

COMO foy acordado que esta ajuda pera desserquo de Tarifa, se pedisse a elRey de Portugal, & a elRey de Aragão o mesmo Rey de Castella, quizera ser por si o mesageiro a elRey de Portugal, & porque lho contradisseram com os inconvenien-

tés q̃ seriaõ afastarse em tal tẽpo da froteira dos Mouros, elle pedio à Raynha D. Maria sua molher, q̃ sobre isso viesse a elRey seu Padre porque em cazo que a isso se demovesse como se delle esperava, por ser Rey Christão, & taõ catholico, & ter com elle tam estreitos devidos, & por saber que este mal a todolos Reys de Espanha igualmente se podia estender porem cria que sua vista della cõ sua intercessam, & assi com arrepresentaçam destas necessidades em sua pessoa aproueitaria nellas muyto, & a Raynha outrogãdo na vinda de Portugal, & aparelhada pera isso com a trigança, que a tal necesidade requeria, vindo em romaria primeiro a Terena, dahi se veyo loguo á Cidade de Evora, em Portugal onde el Rey, & a Raynha Dona Beatriz seus Padre, & Madre, sabendo que vinha, a vieram esperar, & a receberam com muyta honra, & com sinais de grande amor, & loguo sem mais trespasso a Raynha com grande humildade, & muytas lagrimas, disse a elRey o fũdamento, esperança, & necessidade, com que vinha que era pedir lhe com grande efficacia que em sua pessoa, & com as gentes darmas, & Frotas, & tizouros de seus Reynos, quizesse em taõ evidente periguo hir ajudar elRey Dom Affonso seu marido, contra os Mouros imigos de Fee, & da Cruz, porque em sua ajuda, & esforço de sua real pessoa, elRey tinha tal confiança q̃ se o visse cõ siguo, afirmava que nam temeria dar batalha a todo o mundo, q̃ lhe fosse contrario quãto mais aos Reys de Marroquos, & de Grada, de quem com graça de Deos esperava aver loguo certa, & dezejada victoria, aqual embaixada elRey de Portugal, acezo loguo da graça do Espirito Sancto, recebeo afeytuozamente em seu coraçam, & esforçado della loguo lhe respondeo, dizendo; *Filha, Senhora, este feyto a que vindes, he muy grande, & importa tanto quanto vedes, & porem que fosse mayor, & de mais periguo, & nelle pera o fazer nam ouvessem as Urgentes razões, & muytas obrigações que me apontais, sabey que sò por serdes a mesageira, eu o faria, & farei, pelo qual dagora crede que por serviço de Deos, & pela honra de Vosso marido, & vossa, neste cazo em mim, & meus Reynos não ficarà cousa que a isso nam offereça, pois nelle offererecerey com boa vontade o corpo, & apropria vida como vereis.* E a Raynha muy alegre desta reposta lhe beijou as mãos.

E porem elRey pera fazer cõ purdencia, & bom resguardo como devia, tendo sobre isso conselho com os principais de sua Corte, foy por alguns aconselhado, que sua hida tam apressada devia porentam escusar em sua pessoa, assim pelas muytas gentes que lhe

lhe loguo compriam, & non eram preſtes como por outros grãdes percebimentos de armas, cavallos, que todos heram neceſſarios, que loguo aſſim nam teriam, & que eſte hera hum forçado inconveniente, pois que de neceſſidade o aviam de aver cõ tamanho poder de Mouros, & já tam exercitados na guerra.

Mas elRey por eſte conſelho non quiz eſtar, nem tam sòmente o ouvir, porque aſſim afaſtou as orelhas das rezoẽs, & cauſas que ſeu propozito, & promeſſa, contrariauam como ſe foſſem couſas que lhe muyto deſpraziam, dizendo com palauras animozas, & de grande confiança, que overdadeiro, & leal Portuges onde quer que eſtiueſſe por obras, & bom coraçam o ſegueria indo contra os imigos da Fee, & por defenſaõ da terra dos Chriſtãos, pelo qual loguo cõ grande trigança per cartas, & mẽſageyros, mãdou perceber toda a gẽte de ſeus ordenados q̃ com elle ſe ajuntaſſẽ em Badalhouſe para onde loguo partia, & os q̃ ahi o não achaſſem que o ſeguiſſem até Sevilha, as quais couſas, todas a Raynha noteficou loguo a elRey ſeu marido, & lhe aconſelhou pois o caminho era taõ curto, que todavia antes de elRey ſeu Padre mouer de Portugal, lhe vieſſe falar, porque ainda em ſuas couſas ſua viſta aproueitaria muyto ao menos na mayor trigança, ao que elRey de Caſtella, por mais breuemente remediar ſuas neceſidades que cada ves mais ſe dobrauam, loguo ſatisfez & aforrado com poucos, ſe partio loguo de Seuvilha, & veyo à Xeres de Badajos, & da hi a Olivença, porque elRey de Portugal ſabendo de ſua vinda cõ ambas as Raynhas, & com o Infãte Dom Pedro ſeu filho, erdeyro, o veyo eſperar em Ierumenha onde todos ſe viraõ, & como eſquecidos das muytas payxões paſſadas, elles com moſtrança de muyto amor, & grande prazer ſe trataraõ, & deſpois de ambos apartados elRey de Caſtella, lhe deu inteira conta do ſeu cazo, & com as palauras que a tal preza, & tamanha neceſidade requeria, & lhe pedio que contra os imigos da Fé, que eraõ ſem conto, & por defençaõ daquelles q̃ Chriſto Ieſus por ſeu precioſo Sangue tinha remidos, & aſſim por gloria & exalçamento da ſua Sãcta fee quizeſſe cõ ſua peſſoa, hir em ſua ajuda, porque ainda ſobre iſſo acrecentaria grande honra aſeu nome, & muyto louuor a ſua Coroa, & ſe us reynos, & vaſſallos, ao q̃ elRey de Portugal aſezo no ardor da graça de Deos, & eſpertado para iſſo, da bõdade de ſeu coraçõ, lhe reſpõdeo dizẽdo. *Eu firmemente creyo q̃ Ieſu Chriſto noſſo Senhor, mãdado do Padre veo a eſte mũdo per miſterio do Eſpiritu*

pirito Sancto foy no ventre da gloriosa sempre Virgem Maria encarnado, & nascido, & despois padeceo, & resurgio, & subio aos Ceos, & com graça pelo mesmo Espirito Sancto enviado, cõfortou aos Apostolos, & finalmente ha de vir julgar os vivos, & os mortos, & porque elle com grande amor de sua propria vontade, recebeo morte pera redemçam da geração humana: assi eu que em mim sam fiel Christam, & descendo dos Reys de Portugal que foram muy Catholicos, por isso eu por sua Fé verdadeira som com boa vontade aparelhado, pera tambem quando comprir & se offerecer receber morte; & a non arrecear em essa hida pera que me requereis, por todolos respeitos que apontais, & por este que disse irei cõtra esses Mouros seus imigos, & prazerá ao poderoso Deos que com a sua ajuda, & poder contra elles nos ajudara, & despoes consultaram de mais particularmente as cousas desse negoceo.

ElRey de Castella alegre com tam graciosa, & tam afetuoza reposta, se foy loguo a Badajos, & dahi a Sevilha.

ElRey de Portugal se foy a Elvas, & leixou a Raynha dona Beatriz sua molher, & com ella o Infante Dom Pedro seu filho que se tornaram a Estremos, & de Elvas elRey de Portugal com a Raynha Dona Maria sua filha, se passaram loguo a Badajos onde recolhidas suas gentes q cada dia chegauam, seguiraõ tambem o caminho de Sevilha, em que foram sempre servidos, & festejados, & obedecidos assi como apropria pessoa de elRey de Castella, porque elle mesmo assim o mandou.

CAP. LVII.

Como elRey de Portugal chegou a Sevilha, & do acordo que os Reys ouveraõ despois q̃ foraõ juntos.

ODIA que elRey de Portugal ouve de entrar em Sevilha todolos grandes senhores do seu Reyno que eram na Corte sahiram a seu recebimento fóra da Cidade, & assim os Prelados cõ toda a Clerezia, & com as Sanctas Reliquias que na Cidade avia, de que nam avia memoria, que para algum outro Rey fossem assim particularmente tiradas, & postos todos em huma devota, & muy solemne Procissam, vieram receber elRey de Portugal, & tambem as outras pessoas da Cidade, de baixa condiçam homens, & molheres, & grandes, & pequenos, ricos, & pobres, & alegres todos com adezejada, & necessaria vinda de elRey de Portugal, & espantados, & temerozos da multidam sem cõto dos imigos da Fee, que contra elles, & para destruiçam da terra

dos

dos Christãos eram juntos todos com lagrimas de prazer, chorando cantauam. *Bem auenturado seja o Rey que no nome do Senhor vem pera com a virtude de Deos, liurar o Pouo Christão, das bocas dos Dragoens imigos da Cruz de Iesus Christo nosso Senhor.* Porque sendo tam atribulados elles com vòz chorosa, & damargura lhe bradaraõ, & elle com muyta misericordia, & grãde tristeza os ouvio, qua nam se quiz esqueçer dos clamores dos pobres, & aflictos, antes polos seus gemidos em breve momento, & poderosamente quiz aleuãtarse, & destruir os Mouros, que com crueza propunhaõ despedaçar os Fieis Christãos, que pelo seu precioso sangue elle tinha remidos, & sobre isto sendo os Reys de Portugal, & de Castella, em Conselho com todos os Senhores de seus reynos, que eram juntos sobre o modo que teriam no feyto de Tarifa, alguns aque parecia ser assim milhor, & mais seguro, & proueitoso aconselhauaõ o que jà tinhaõ aconselhado asaber que Tarifa se desse aos Mouros com tal condiçam que elles se tornassem loguo para suas terras donde vieram, & que sobre isso passassem seus arrefens, & boas seguranças, ao qual Conselho como quer que â primeyra elRey de Castella fosse contrario, se diz que pelas perigozas deficuldades que se offereceraõ, & ali lhe foraõ mais largua, & particularmente aprezentadas, jà se inclinaua, & que avia por menos inconneniente perder aquella villa, que pòr em ventura todalas outras, cõ auentura de sua pessoa que na batalha se offerecia.

Ao qual Conselho leuando jà fundamentos de determinaçaõ, & consentimento, elRey de Portugal, foy com palauras que pareciam divinas inspiradas, muyto cõtrario dizendo com rosto muy seguro, & com seu coraçam muy mais esforçado.

Eu nam sahi de meu reyno de Portugal para consentir que Cidade, villa, nẽ Castellos em terra de Christaõs onde jà estou se perdesse, nẽ por minha honra o consentiria, antes vim, & estou prestes para offerecer meu corpo á morte assim como Christo, cuja he esta empreza, ofez por nos, & pera em sua virtude, & esforço guerrear com forte coraçam estes imigos de nossa Santa Fee Catholica, cobiçozos de nossos Senhorios, nem cuido q̃ tenho aqui homem de meu reyno, & de meu conselho que assim o nam aproue, & aja por bem, qua por se cobrar, & naõ perder Tarifa, eu farei como faria pela mais principal Cidade de meus reynos.

Pelo qual vendo elRey de Castella, & os grandes homens de seu conselho o voto, & determinação de elRey de Portugal, que parecia favorecido da graça de Deos, & que a sua contradiçam lhe fazia grande mingoa se a nam consentissem, tomaraõ loguo todos grã-

de esforço em seus coraçoẽs, & sem mais alteraçam asentaraõ em suas vontades o Catholico, & devoto, & muy Real Conselho de elRey de Portugal, que era socorrer Tarifa,u& non de negar, antes procurar batalha com os Reys Mouros q̃ eraõ no serquo prezentes, & para saberem da gente, & da ordenança, & assento que os Reys de Marroquos, & de Grada tinhaõ, & do fundamento que faziaõ concertaraõ com hum Christão para tal cazo bem avizado, que com hum Mouro de preço q̃ era em Sevilha captivo fugisse,& com elle se lançasse,como lançou no Arrayal dos Mouros, onde jà sem suspeita mais liuremente poderia vèr como vio todas suas couzas, & com a certidam, & ordenança dellas se tornou a Sevilha, ávizar os Reys como fez, & por esta espia souberam que os Reys de Marroquos, & de Grada estauaõ muy poderosos, & eram jà bem certeficados como estes Reys Christãos cõ seus poderes eraõ juntos em Sevilha pera socorrer a Tarifa,& assim foram certos que os Christãos cerquados nos aturados combates que lhes dauaõ se defendiam com muyto esforço,& sem algum desmayo.

E deste mesageiro foraõ tãbem certeficados que os Reys Mouros se apercebiaõ, pera esperarem, & dar batalha, com que os Reys Christãos mostraraõ receber grande prazer, & pera os mais confirmar em seu propozito, lhes mandaraõ de Sevilha dous cavallos, hum de elRey de Portugul,& outro de elRey de Castella,& por elles cõ suas cartas lhes inviaraõ dizer que com ajuda de Deos hiaõ pera socorrer, & descerquar Tarifa que elles tinham cerquada, que lhes rogavaõ que para se escuzar antre todos derramamento de tanto sangue, quãto por sua cauza se aparelhaua,se quizessem alevantar da quelle cerquo & tornasse loguo para suas terras para que lhes dariaõ seguro, & viuessem todos em paz, ou tregoa qual por melhor ouvessem,& q̃ se assi o naõ quizessem loguo fazer, que antre elles senaõ escuzava necessaria, & perigoza contẽda, na qual pois tinhaõ nomes de Reys tam grandes, & estauam tão riquos,& poderozos que a elles seria vergonha, & grande mingoa a quererem como medrozos pelejar antre serras, & antre montes taõ estreitos, & deficultozos,como eram a quelles em que estauam, & que por isso os dezafiauaõ pera batalha no campo Dalboseira naõ longe de Barbate, q̃ era largo, & cham, & junto cõ elles, no qual sem auentagem dos montes em que eraõ recolhidos, fariam igualmente sua peleija, & nella o poderoso Deos mostraria por seu milagre, qual era a ley que a geraçam humana pera sua salva-

salvaçam mais devia seguir, & na qual os homens melhor se podiam saluar, & sobre a reposta q̃ os Reys Mouros deueriam dar a esta Embaixada dos Reys Christãos, tiveraõ cõselho em q̃ deraõ a primeira vòz a hum Anrife Mouro velho, da Berberia, que antre elles era de muytas letras, & grã de authoridade, oqual despois de dizer com muytas palauras, grandes louvores dos Reys Christãos, & como eram guerreyros, & poderozos, & principalmente de elRey de Portugal, que como em romaria vinha com tanta, & taõ exercitada gente na guerra, cõ determinaçam de vençer, ou morrer, & lhes aconselhou que alevantassem por aquella ves o cerquo, que pro ser inverno naõ podiam muyto tempo sofrer, & se fossem os Reys Mouros a Alazira, & pera os lugares, do reyno de Grada, & que pera a entrada do veraõ, tornariaõ apor o cerquo, & proseguir sem periguo sua cõquista, porq̃ os Reys Christaõs em cazo que bastecessem a villa por algum tempo, nem cada dia se podiam pera socorro daquella maneira ajuntar, & a este conselho do velho, muytos Mouros se inclinauam.

E loguo elRey de Grada que era prezente, deu seu conselho ao deste Mouro em todo contrario dizẽdo, contra elRey Alibohaçẽ:

Oo Rey Alibohaçem, a quẽ a fortuna com victorias, & prosperidades sempre obedeceo, & ha de obedecer, saberas que eu sô sem o poder de toda a Afriqua, que aqui tens junto, & assi outros Reys de Grada meus antecessores demos jâ batalhas, aos Reys de Castella, & de Lyam, & os vencemos muytas vezes, & eu lhe matei jà dous Infantes, & nelles sem medo fiz outros disbaratos. Pois que fraqueza serà de teu coraçam, que com seu esforço sugigaste toda a Afriqua, a que abatimento de nossa ley pubricaras se daqui sem comprires o porque vieste, ou morreres na empreza te partires, voluendo os alcanços que contra os Christãos deuias fazer em tua torpe fugida que he muyto para doer, & por isso naõ te lembre temor, & esforça pois contra ti Vem esforçados, estes que contra teu grande poder deuiam vir fraquos, porque ganhada contra elles esta victoria, tua sera Espanha, atê Fraça, as quais por direito, & successam de nossos avos ainda he nosso patrimonio, & quando a desauentura for tanta que sejas, & sejamos contiguo vencidos, ainda entam naõ serà deshonra nossa nẽ vituperio, pois nobres Reys, & bons cauallеyros nos vençem, & por naõ cuydarmos mais nas couzas de periguo que lembradas fazem mayor medo, vai tu Rey poderozo contra elRey de Castella, & eu contra elRey de Portugal, & Deos nos ajudará.

ElRey Alibohaçem despoes de ouvir elRey de Grada, aprouando seu conselho, & propoziçam disse loguo contra os de seu con-

conselho, & seus privados que ali eram nesta maneyra.

Fasme muyto triste meus parentes, & bons caualleyros que aqui estais, ver q̃ ante vosso experimentado esforço, ouzou elRey de Grada tocar tantas couzas dardileza, & reprender tanto a couardiçe, ca pareçe que duuida de vos sa grande ouzadia, pois alguns de vos até que a cabeça lhe não atalhou a fala como deuia, mas porque confio que na paz, & na guerra, vossos coraçoens seram sempre ao meus conformes, eu por mim, & por vos breuemente concrudo, que em tudo sigamos o conselho de elRey de Grada.

Pera aprovaçam do qual trouxe muytas razoẽs, & esforços, cõ que os Mouros todos se foram, nẽ ouzaram mais contradizelo, & neste conselho era tambem Fatema Tunecia, molher principal de elRey Alibohaçem, filha de elRey de Tunes, a que elRey por sua linhagem tinha grande acatamento, & por sua prudencia dava muyta authoridade, & esta pedindo que a ouvissem disse.

Ho Alibohaçem meu Senhor, Rey grande, & sobre todos, por poder de Deos mais poderozo; bem sinto que as molheres que a natureza fez temerozas desarmadas, & fraquas, non deuem de falar nas couzas das batalhas da guerra, em que o contrario se requere, & nellas por sua indisposiçam nam ande pelejar, mas por que o grande, & verdadeiro amor como he o que tenho a tudo, a todos fielmente ensina, por isso, & pelo que meu espirito neste grande feito me releua, sem constrangida que te diga meu parecer, ao qual por algũa maneira podesse ser licito, & possiuel folgaria que obedecesses, & este porque breuemente o concrudo substancialmente he o que este velho Mouro nos segredos, & reuelaçoẽs do Ceo, muy ensinado, primeiramente te a conselhou, que escuzasses finalmente esta batalha porque alem do fim das batalhas por exemplos passados he muy duuidozo, ainda esta noyte nam por sonhos, mas por clara vizão vi couzas em tua real tenda, & sobre teu Arrayal, tam espantozas, & tam contrarias à teu bem, & a tua hõra, & tam perigozas as vidas dos caualleyros, que dellas se cometes pelleija nam podes escuzar tua perdiçam, & a minha com a morte, & captiueyro de teus filhos, & das mais gentes que te vieram seruir, & por isso leyxa passar tempo tam triste como he este que para ti, & para todos os teus que a qui saõ se aparelha, & reseruate pera outro em que vejas, & sintamos todos o cõtrario.

Mas elRey Alibohaçem como era Rey prudente, & muy esforcado, ouve este conselho de sua molher, por imaginaçoẽs erradas, em que dana a cue per rezam, & por sua ley, non devia dar credito dizendolhe, que jà muytos sonharaõ, & lhes parecia que achauaõ, & tinhaõ claramente grãdes tezouros, & acordando, se achauaõ muy pobres, & que assi seria neste cazo, porque a vizão, con-

contraria a elle, & aos ſeus perigoza, de que ſe receava toda ſe convertia em daño, & vencimẽto dos Chriſtãos que ellaviria,& cõ eſta determinaçam os Reys Mouros, reſponderaõ aos Reys de Portugal, & de Caſtella, por ſeu meſageyro dizendo; que elles por deſprezo, & abatimento dos Criſtãos tinham cerquado Tarifa, cujo cerquo naõ aviam de leyxar, atè ſer ſua, & que outro tanto fariaõ loguo a Emxares, & que em qualquer maneira que vieſſem ali os acharíaõ porque com ſeu medo ſe nam aviam de partir.

E deſta repoſta que aos Reys ſe deu, jà em Almodouar foraõ elles muy ledos em eſpecial, el-Rey de Caſtella, que tinha grãde receyo que eſtes Reys por nam aventurarem todo ſeu feyto a huma duvidoza batalha, ſe podiam a leuantar, & irſe para Ronda & Alyazira,& para outros lugares de Grada, & que em cazo que a villa de Tarifa foſſe por elles baſtecida, nam podia ſer por muyto tempo, pela neceſſidade que avia de mantimentos, & que aos Reys Chriſtaõs, & gentes que ali eraõ juntos, ſeria forçado partirſe para ſuas terras, & que os Mouros tornariam loguo cerquar, & por ventura tomar a Tarifa, & aſſim quaisquer outros lugares vezinhos, porque tantos, & taõ grãdes ſocorros contra tanto poder de Mouros contrarios, cada vez ſenam podiam bem fazer, & por iſſo avia por melhor dar a quella batalha, com a qual ſe Deos lhe deſſe victoria como em ſua piadade eſperauaõ, todos eſtes pejos, & arreceyos ceſſauam.

E com eſta determinaçaõ partiram loguo os Reys de Sevilha,& ſe foraõ alojar huma legoa alẽ de Alcala de Guadaira, & ao outro dia foraõ a Vtreira,& determinaram de fazer (como fizeraõ) ſuas jornadas muyto pequenas, por eſperarem ſuas gentes, de que algũs eram em caminho, & outros ſe ficauam percebendo do que lhes compria, porque ao outro dia naõ foram mais que ás cabeças de S. Ioam, & dahi ás couas de Tojos, & dahi loguo junto do rio do Salado, que hẽ hũa legoa a travès de Emxeres, & naõ faraõ pela villa, pela guardar, dos dannos, & eſtragos da gente do Arrayal,& dali partiraõ os Reys, & foraõ alojarſe alem de Gadalete, onde fazendo de neceſſidade algũa demora chegaraõ a elRey de Portugal muytas gentes, & bem cõcertadas de ſeus reynos, de que a villa de Sanctarem era cabeça, cõ que elRey foy muy alegre, & aſſi os do Arrayal; & ali chegou a elRey de Caſtella, Dom Pedro de Moncada Almirante de elRey de Aragam, com certidam de Galles armadas que leixava jà no Eſtreyto ſobre Tarifa, & dali foraõ os Reys aſſentar ſeus exercitos, a cer

qua

qua de Medina Cidonia onde dizem o Barroquo, & ao outro dia foram ao rio de Barbate, & dàhi a Almodouar, & Domingo vinte, & ſete dias do mes de Outubro chegaraõ a Pena do Servo, donde os eſpãtozos Arrayais dos Mouros jà pareciam ſobre Tarifa.

CAP. LVIII.

Do que os Reys Mouros fizeraõ quando ſouberam q̃ os Reys Chriſtaõs eraõ já taõ acerqua pera ſocorro de Tarifa, & darlhe batalha.

OS Reys de Marroquos, & de Grada, como foram certeficados da hida, & determinaçam de elRey de Portugal, & de Caſtella, mandaraõ loguo aleuantar os Arrayais, com que tinham Tarifa cerquada, & pòr foguo a todolos engenhos que eraõ feytos, & âs madeyras que pera outros eram ordenadas, & mandou armar ſua tenda em hum cerro alto, affaſtado da villa contra o mar, & de redor de ſi as tẽdas dos ſeus, & outro tanto fez elRey de Grada, que tambem aſſentou apartadamente ſua tenda, & ſuas gentes nas fraldas da ſerra, & deſpois de os Reys Chriſtãos aſſentarem, & ſegurarem ſeus Arrayais na pena do Servo, loguo no meſmo Domingo, ambos tiueraõ ſeu conſelho ſobre a ordenança, & repartiçam que fariaõ das batalhas, pera no outro dia ſeguinte entrarem [como entraram] cõos Infieis na Sãta batalha, & acordaraõ q̃ elRey de Caſtella cometeſſe, & foſſe cõ ſuas hazes contra el Rey de Marroquos, que eſtaua ao longuo do mar, & que contra o de Grada que eſtaua da banda da ſerra, foſſe elRey de Portugl, com que eraõ eſtes Senhores, & ſeus vaſſallos principais, a ſaber, Dõ Gonçalo Pereira, Arcebiſpo de Braga, & Dom Alvaro Gonçalues Pereyra Prior do Crato, ſeu filho, & Dom Gil Fernandes de Carvalho meſtre de Santiaguo, & o meſtre de Avis, & Loppo Fernandes Pachequo, Senhor de Ferreyra, & Gonçallo Gomes de Souza, & aſſim outros Biſpos, & Senhores, & por Alferes de Bandeira Real, Gonçallo Correya de Azevedo, neto do meſtre de Santiaguo Dom Payo Correya, & as batalhas, & capitania de elRey dePortugal, foy accrecẽtada mais do Reyno de Caſtella, o Pẽdão do Infante Dõ Pedro filho, & herdeiro de elRey de Caſtella, & neto de elRey de Portugal, & cõ elle ſeus vaſſallos que eram juntos, & aſſim Dom Pedro Fernandes de Caſtro, da guerra primo com irmaõ de elRey, & Dom Ioaõ Afonſo

fonſo de Albuquerque, & Dom Ioam Nunes meſtre de Calatraua que eraõ ſeus ſobrinhos, & andauam em Caſtella, & mais Dõ Nuno Chamiço meſtre de Calatraua, & Dom Dioguo de Haro, & as gentes dos conſelhos de Salamãqua, & de Cidade Rodriguo, & de Badajos, & doutras villas, comarquas a eſtas.

ElRey de Caſtella, ordenou pòr bandeira principal dos exercitos, & da Cruzada que tinha, & loguo a ſua Real, & conſiguo mais, & em ſuas batalhas mandou que foſſem os Pendoẽs de quatro ſeus filhos baſtardes, aſaber, Dom Anrique que deſpois foy Rey, & Dom Fradique, & Dom Fernando, & Dom Tello, & com elles o Pendam do Infante Dom Fernando, Marques de Tortoſa, filho de elRey Dom Affonſo de Aragam, & aſſi os Pendões doutros Prelados, meſtres, & grandes Senhores de Caſtella, & de Lyam, & deu a dianteira a Dom Ioam Manoel, homem jà de idade que era Fronteiro mòr, que cõ o roſto alegre, avẽdoſſe diſto por muito hõrado, & moſtrãdo eſperãça da victoria, & por bom pronoſtico, loguo convidou ambolos Reys pera na Tenda Real de Alibohaçem, o dia que foſſe a batalha, comerem com elle, & ali muytos cavalleyros de Portugal, & de Caſtella, com tençam, & dezejo de acrecentarẽ ſuas honras por mais obrigarem a bondade de ſeus coraçoẽs, fizeram ſeus votos publicos, & muy diferentes & todos por mui louvado primor de cada hum daquelles que os faziaõ, & a noite deſte Domingo, em q̃ eſtas couſas foraõ na Pena do Cervo cõcordadas, ſe acordou mais, que por quanto os Chriſtãos de Tarifa, eram já do cerquo dos Mouros aſſi afloxados, que sẽ muyta contradiçam podiam de refreſco receber em ſi gentes darmas que ſahiſſem da villa, & feriſſem nos Mouros ao tempo da batalha era bem que lhes mandaſſem (como loguo mandaraõ) mil homens de cavallo, coatro mil de pé muy eſcolhidos, & como quer que ao paſſar do rio do Salado, elles foſſem impedidos dos Mouros a que eſta guarda do rio era encomendada, todavia a ſeu pezar, & com muyto dano dos infieis paſſaraõ, & entraraõ na villa, em que morreraõ tres cavalleyros Chriſtãos, cujas cabeças foraõ loguo pelos Mouros levadas a elRey Alibohaçem, os quais por nam deſcubrirem ſua fraqueza, lhe encubriraõ a paſſagem dos Chriſtãos a Tarifa, de que ao rõper da batalha os Mouros por eſte deſcudo receberaõ deſpois muyto danno.

E neſte Domingo em que jà eram na Pena do Cervo, & nos dias paſſados ſe diz que faziam tam grandes nevoas, & tamanha eſ-

curidam do ar, que fazia grande eſpanto, & temor aos Chriſtãos que lhes parecia que ſeriam cegos, & non bem deſtros em ſeu cometimento, ao que elRey de Portugal, ſocorreo com palauras de grande esforço, & interpretãdo tudo á graça, & ajuda de Deos, que avia de ſer com elles, & aſſim foy que á ſegunda feira ſeguinte da batalha, foy o dia claro, & muy reſplandecente.

CAP. LIX.

Como a batalha do Salado foy cometida, & os Mouros foram nella vencidos.

AO outro dia ſegunda feira vinte, & oito de Outubro, da era de Ceſar de mil, & trezentos, & outenta, & oito annos, & do anno de Chriſto de mil, & trezentos, & coarenta, loguo ante manham os Reys em ſuas tendas cõ grande contriçam, & arrependimento de ſeus peccados, ſe confeſſaram a ſeus confeſſores que cõ ſiguo traziam, & aſſim com grãde, devaçam, & muyta humilda de, como fieis, & verdadeiros Chriſtãos ouviraõ Miſſa, & receberaõ o Sancto Sacramento, & ſe encomendaraõ a Deos, & per geral mandado todolos outros Chriſtãos do exercito aſſim o fizeram; Dom Gil Arcebiſpo de Toledo aquella ora diſſe, Miſſa mayor, & fez a todos hum Sermaõ, pera o tempo tam devoto, & tam conueniente, & no cabo delle diſſe tam ſingulares oraçoẽs adereçadas à piedade de Deos, & outorgou tantas Indulgencias, & remiçoẽs de peccados, por vertude da Sancta Cruzada que tinha nas mãos, que non ouve em algum Chriſtão olhos tam duros, que cõ lagrimas de esforço non teſtemunhaſſe dezejar de morrer por ſerviço de Deos, & ſaluando a Alma atalhar a perdiçam de Eſpanha que ante ſi viam, pelo qual armados todos de grande Fee em Deos pera as Almas, & de boas armas pera os corpos, tomando cada hum a quella refeiçaõ de mantimentos, que pera esforço de ſuas forças na futura afrontà lhes cumpria, ſe foram todos às batalhas, & bandeiras que lhes eraõ ordenadas, onde elRey de Portugal por ſua mão armou alguns cavalleiros, que em ſua cavalaria esforçou para non duuidarẽ morrer por quem por elles primeyro morrera, & porque Frey Franciſquo ſeu confeſſor, da ordem de Sam Franciſquo non quiz que alguem forçado, & contra ſua võtade foſſe neſta batalha andando diſſe em alta vòz por todo o exercito dos Portugezes.

se a qui vai algum assim couardo, & de tam fraco coraçam, que tenha temor da morte, nam entre nesta batalha, & esse por segurar a vida tornese para as tendas dos Arrayais, & as guarde.

Pelo qual os Portugezes, & nobres homens que o ouviraõ, abraçandosse hũs com outros dezião; nam convem anós ficar com tal nome.

E os que estauaõ cerquados na villa de Tarifa com os mais que lhe foram pera socorro, despois inviados, assi os das Frotas como viraõ as hazes dos Christãos loguo sahiraõ fóra, & se puseram ante a villa em suas batalhas bem concertadas, de que Alibohaçem se achou muito enganado, porque na ordenança que tinha posta recebeo assas torvaçam, & desmando, nam crendo que a de dentro podia ser mais gente da que tinha cerquada, & os Reys de Portugal, & Castella, com suas batalhas repartidas como passaram a Pena do Cervo, loguo viraõ as muytas, & grandes hazes dos Reys Mouros, em que avia tantas & tam desuairadas gentes que parecia que em todas as partes de Asia, de Afriqua não podia auer tantos, & muytos Christãos q̃ aos olhos tendidos viam todos os Montes, & Serras, & Valles delles cubertos, non podiam crer se nam por feitiços, & encantamẽtos que os Mouros muyto sabiam se faziaõ falsamente pareçer tantos como ali pareciam, & destes Mouros eram muytos pòstos em grandes batalhas ao longo do rio pera defenderem o passo delle aos Christãos, especialmente contra a parte do mar, que a elRey de Castella era ordenada, onde era elRey Alibohaçem, porque antre a montanha, & o campo por onde elRey de Portugal hia, contra elRey de Grada, ao passar do rio que ali era mais alto, non ouve tamanha contradiçam.

E a este proprio tempo elRey Dom Affonso de Portugal compria idade de sincoenta annos, o qual hum pouco antes de romper com suas batalhas nas hazes dos Mouros, fez aos seus Potuguezes huma breve falla em que sustancialmente, lhes tocou a primeira perdiçam de Espanha, em tempo de elRey Dom Rodrigo, & quanto os Reys de Portugal seus anteceSores, com seus leays vassallos, & bons cavalleyros trabalharaõ com armas por cobrar della sua parte que a gora tinhaõ, em comendandolhes que a honra, & bom nome que por isso em tantos tempos tinham ganhada aquelle sò dia non se perdese por elles, a q̃ Deos offerecia tal dispociçam de seu serviço, pera muyto mais acrecentarem, dizendo que lhes pezava, porque via tam poucos infieis contrarios, dezejando ter ali todolos do mundo, de que Deos cõ sua graça, & grande poder lhe

daria cedo victoria, & loguo el-Rey mandou a Dom Aluaro Gil de Pereira, Prior do Crato, que antes de encontrarem moſtraſſe o Lenho da vera Cruz, que leuara do Marmelar, o qual trouxe loguo hum Clerigo reueſtido, poſto em huma haſtea aleuantada como bandeyra, & o Prior diſſe a elRey. *Senhor tende Fee, & deuaçam neſte final viſtoriſo da vera Cruz, porque na virtude delle hoje vẽcereis ſeus inimigos.* E deſpois que a Cruz com muyta devaçam foy de elRey, & de todos os que a viram adorada, & pedido a Deos, que pela virtude, & grandes merecimentos della os ajudaſſe tomaraõ diante desy a meſma Cruz por guia, & ſeguio loguo apoz ella a bandeira Real de Portugal, que levava o ditto Gonçallo Correa de Azevedo, ſingular cavalleyro, & muy esforçado, que era Neto da quelle bom Dom Payo Correa, meſtre de Santiaguo, o qual devotamente hia cantando o Pſalmo. *Exurgat Deus, & diſſipentur inimici ejus.* E com iſto ſendo horas de prima, invocando com grande devaçam, & repetindo muytas vezes o nome de IESVS, cometeraõ loguo pela parte eſquerda contra a ſerra, & as hazes de elRey de Grada, cujas gentes com ſuas batalhas bem corregidas, & com muyto esforço, & grande deſtreza de encontrar, & ferir, receberam tambẽ & encontraraõ muy aſpera mente os Chriſtãos, em que de hũa parte, & da outra ſe tratou hũa muy brava, & perigoza batalha, que ſem ſeſſar da hora de terça durou atè à veſpora, & de todos eſtes exercitos dos Chriſtãos, & dos Mouros ſahiraõ tãtas gritas cõ tantos eſtrondos de Trombetas, & Atabaques, & de outros deſvairados inſtromentos, que claramente os montes, & os valles tremiam, & parecia que as couzas todas da terra de ſeus proprios lugares ſe moviam, & arrancavam, & ſendo eſta batalha tam cruamente ferida que as armas, & as eruas, & pédras do cham, eram jà tintas em ſangue.

ElRey de Portugal com os Portugezes, & com outra gente de ſua capitania, que primeyro rõperaõ pela muyta mais gente cõ traria, & muy dura com que aviam ſua contenda, eram poſtos em grande affronta, & muyto trabalho, de maneira que as corporais forças dos Chriſtãos por o grande cançaſſo, & afronta da batalha em que andauam, parecia que lhes faleciaõ, & que naõ podiam já ſuprir ao que a bondade dos ſeus coraçoẽs dezejáva, & cometia, & neſta grande agonia, & muyta fraqueza em que ſe viam, os affrequentou muyto mais deſa parecerlhe a Vèra Cruz que entre ſi traziam, & com cujo favor peleyjáuam, & porque ella hera

o mayor ſocorro de ſua deuota eſperança o Prior do Crato que bẽ ſentio eſta neceſidade, mandou logo a tres ſeus cavalleyros que o foſſem buſcar, & de dentro das mais trauadas batalhas o trouxèram, & com ella o clerigo ſeu Alferes, que ſem receber dano a trazia aleuantada, & com ſua viſta, & com as palauras de esforço que com ella loguo ſe diſeram: elRey, & os ſeus Portugezes como refreſcados de hum nouo, & grãde fauor leuandoa outra ves diante de ſi cometeraõ tam rijamente os Mouros que loguo cõ a vertude da Cruz, milagroſamente ſe mudou a vẽtura que dantes aos Chriſtãos parecia de todo contraria, porque as batalhas em que eſta elRey de Grada non podendo ſofrer as feridas, & golpes dos Chriſtãos, que naõ pareciam ſer dados por mãos, nem forças humanas, volueraõ primeiro as coſtas, & vencidos jà de todo, por ſaluarẽ as vidas, começaraõ a fogir, & ſe acolher contra a Aliazira quanto podiaõ, em cujo encalço os Portugezes ſeguindo mataraõ muitos delles, que eraõ ſem conto, & elRey de Portugal, foy neſta batalha, o primeiro victorioſo que della, como principal vẽcedor mereceo o principal louuor.

Aſſi como o Prior do Crato na confiança da vera Cruz, & na eſperança de ſua vertude lhe prometera, & elRey de Caſtella mãdando ſuas batalhas cometer os Mouros da parte direita pela outra la do mar, ao paſſar do rio do Salado por forte reſiſtẽcia dos Mouros, que auia nos vaos, as batalhas dianteiras de Dom Ioam Manoel que primeiro aviaõ de cometer, foraõ por grande eſpaço impedidos, & tiueraõ os Chriſtãos grãdes difficuldades, & muy aſſinados perigos, ao paſſar do rio, que finalmente com mortes de muytos Infieis, paſſaram cõ nome, & obras de muy excelentes cavaleyros, & aſſim rompendo elles as muytas gentes barbaras foram loguo ferir em outras hazes mayores, que ſe lhe offereceram, & neſta dianteira, non foy loguo elRey de Caſtella, porque ficou cõ ſua grande batalha na Reſaga, & com elle o Arcebiſpo de Toledo pera dahi repartir, & enviar, como ẽviava à quelles ſenhores nas affrontas, & neceſſidades que as ſuas gentes compriaõ nas grandes peleijas q̃ ante ſeus olhos tinham; & à primeira róta que os capitaẽs & cavalleyros Caſtelhanos fizeram, foy nas grandes batalhas dos Mouros, que em huns outeyros junto com Tarifa guardauam o Arrayal, & aſſi nas tendas em que era a ſobre dita Fameta Tunencia molher principal de Alibohaçem, & as outras ſuas molheres, & filhos, em cuja ròta, & deſtroço foraõ, & ajudaram tãbem com muyto esforço, as gen-

tes que pera iſſo eram ſahidas de Tarifa, que nos fizeraõ grande mortandade o qual naõ podendo elles ſofrer receando ſerem ſingidos dos Portugezes que hiaõ já diante vitorioſos, foram loguo todos vencidos, & deſbaratados,& huns fogindo ſe acolhiaõ contra Aliazira,outros ſe deciaõ ao mar, onde eſtaua Alibohaçem com a mayor força das batalhas, o qual vendo que elRey de Grada hia fugindo vencido jà de elRey de Portugal, anojado por iſſo muyto, mas non fraco pera o q̃ a ſua honra, & pera eſperança de ſua vitoria compria voluendoſe aos ſeus em alta voz, & por deshonra, & abatimento dezia: *Olhai,olhai aquelle bebado, & couardo de elRey de Crada, que vencido de elRey de Portugal, lhe vai jà fugindo.*

E eſforçando ſobre iſſo os ſeus, por naõ leixarem a batalha deziam; que Deos para mais ſua honra o quizera aſſim por tal que alguma parte da honra, & louvor da vitoria daquelle dia, naõ ſoſſe de elRey de Grada, nem doutrẽ, ſalvo delles que naceram, & foram pera ſer ſempre vitorioſos de que o ſenhorio de Africa dava emtodo o Mundo verdadeyro teſtemunho.

ElRey de Caſtella vendo tão proſperos começos pera conſeguir eſta tam bẽaventurada vitoria (como era) ſeria elRey de Grada vencido, elle com grande aluoroço paſſou logno o rio jà ſẽ contradiçam, & moſtrandoſe,& nomeandoſe a todos os os ſeus vaſſallos com o roſto deſcuberto dizendo por ſua boca: *Eu ſam voſſo Rey* & ſobre iſſo repetindo muytas vezes: *Caſtella, Caſtella: Lyam Liam.* Quis logo ſer o primeyro, q̃ rompeſſe nas batalhas de elRey Alibohaçem, que contra elle adereçaua, mas o Arcebiſpo de Toledo, rijamente o teue pellas redeas do cavallo, & lhe diſſe; *Senhor,naõ auenturcis hoje Caſtella, & Lyam, com perda de voſſa peſſoa, porque voſſos olhos, & boa gouernonça que dais, & nam apeleijar de voſſa peſſoa, he aqui hoje neceſſaria ca, os Mouros com a graça, & poder de Deos, jà ſam vencidos.* E com tudo, a batalha antre eſtes Reys pela muy esforçada, & ſingular gente que ambos tinhaõ, foy hum pedaço tambem aturada, & tão cruamente ferida que a vitoria andava antre elles ſuſpenſa.

E porem porq̃ os Chriſtãos das batálhas de elRey de Caſtella,tinhaõ desbaratados os Mouros q̃ guardauaõ as tendas do ſeu Arrayal que aſſima diſſe, deſcendo da ſerra vitorioſos, vieram dar com muyta brabeza, nas coſtas de elRey Alibohaçem, & aſſim ſe dobrou com elles a furia da peleija, que dos infieis foy feito em breue eſpaço hum maravilhoſo eſtrago, & porque Alibohaçem via que os principios, & meyos

deſta

desta batalha lhe terçauam mal, & que se hiam inclinando pera sua perdiçam, & desmoço, jà como desesperado se poz em meyo dos seus, que a inda eram muytos, a que fez em altas vozes huma fala, acuzando sua desauenturada fortuna, mal dizendo sua velhice cuberta de tanta vergonha, & de tamanha perda, & deshonra, & arrancando suas barbas, da barba longa, & muy chãa que trazia, & ferindo seu rosto de authoridade, com deshonra das bofetadas que a meudo nelle daua, despertaua com isto os seus pera se esforçarẽ na batalha, & com Alibohaçem era hum velho infiel Turco de naçam, a que diziam Alcaras, q̃ por grande guerreyro, & com assas poder de gentes, viera nesta passagem ajudar; este ao modo de sua terra, tinha feyto duas hazes de muyta gente, & com repayro de paos ferrados, & muy fortes de redor, feytos em huma forma de cunha, & outra redonda como curral, & nestas podiam entrar, & sahir os feridos sem toruaçam nem impedimento, & outros sãos, & folgados de refresco, em ajuda das batalhas a que compriss̃e

Este Alcaras, vendo elRey Alibohaçem em tanto desmayo, & com tamanha desesperaçam lhe disse; *Senhor este non he tempo de prantos, que pertencem às molheres, mas conuem esforço, & remedio de Rey esforçado, & prudente, porque contra a sanha, & îra, de Deos nam aproueitam as forças, saber, nem poder dos homens, que tu somente tens, & sobre isso considera que querer morte voluntaria he fraqueza, & desmayo, que a ti nam comvem, porq̃ a tua vida nos he necessaria, em que auerâ esperança de muy sedo vingar esta perda, & outra mayor, & por tanto a colhete com cedo à quella haz do curral, & por ella te podes saluar á Aliazira, porque nella ainda leyxei noue mil homens, que com quanto sam Alarues, & bons caualleyros seu tardares nam sei o que farão, ca este dia he assas desauenturado para nòs.* Os quais noue mil homens elRey Alibohaçem mandou loguo sahir, & não com proposito de com elles se saluar, como todos cuydaram mas com esforço, & dezejo de com elles insistir, & tornar à batalha & exprimentar atè a morte sua ventura, & pera isso com palauras doces, & de grande esforço os esforçou, & prometendolhes a vitoria que pelo grande cançaço, & muytas mortes dos Christãos era segura, a presentandolhes com isso o bõ nome que em mayores affrontas tinham ganhado, & que a terra de Espanha em que estauam era sua, que por fraqueza de hum dia, a nam perdessem, porque jà fora de seus auos, & assi lhes a pontando com palauras de piedade, adefensam de suas riquezas, o desemparo, & captiueiro em que ficariam suas mo-

lheres, & filhos, que ali traziaõ offerecidos aos deſeſos, & aborrecidos ajuntamẽtos carnais dos Chriſtãos, tam contrarios a ſua ley, & com iſto dito querendo ſer o primeiro que a cavallo encontraſe os Chriſtãos foy deteudo pelo dito Alcaras, & pelo Infante Bayzaim ſeu filho, o qual com alguns cavalleyros por força o tomou, & leuou àquella haz do curral, que ainda eſtaua muy forte, a quem Alcaras com muyta gente das batalhas que a juntou, tambem ſe recolheo onde elRey com grande ſentimente, & dor o acuzaua, por nam dar conſentimento a ſua peleija, em que dezia que ſe pudera vingar, & cobrar ſua honra, & ſe o tempo naõ fora de tanta fortuna, eſteue em determinaçam de lhe cortar a cabeça, como fizera aos que naõ morreram na batalha da Andaluzia, & deſempararam nella Abomelich ſeu filho, como jà diſſe, & deſpois que o Turquo lhe diſſe as rezoẽs em q̃ ſe fundara, antre as quais era o esforço ſobre natural, que vira nos Chriſtãos fauorecidos de hũa bandeyra acompanhada de homens diuinos, & grandes, & outras couſas de aſſinados milagres & principalmente por nam ver ſua morte ou captiueiro delle meſmo Rey, que ſe lhe non eſcuzaua, & elRey Mouro jà como deſeſperado em tudo de ſua eſperança, lembrandoſe de ſuas molheres, & filhos, & dos cavalleyros, riquezas, & tizouros ſem conto, ſe diz que ſe deceo do caullo, & de giolhos com o Alcoram ante ſi, & com os olhos cheios de lagrimas poſtos no Ceo, & com grandes vozes q̃ todos ouviraõ; diſſe contra Deos muy iroſas lamentaçoens, acuſãdo ſeu poder, por conſentir em ſua deshonra, que deuera de ſempre acrecentar, & ao menos cõſeruar por ſempre defender aquella ſua ley dada por elle a Maſamede, lamentando ſua queda de tantos Reynos, & ſenhorios, & a perda, & captiueyro de tantas gentes, ſuſpirando pela morte de que na batalha eſcapara, não leyxando de a cuſar Alcaras, que lha deſuiara, & dali ſendo confortado dos ſeus que por ſeu conforto lhe diziam, que pera ſua trigoza vingança, cedo a juntaria outro mayor poder com que tornaria a Eſpanha, & fogindo em hũa Egoa ligeyra ſe ſaluou na Aliazira, & dahi com receo, sò paſſou em Gibaltar, dahi a Ceyta: E de elRey Alibohaçem aſſim ſe ſaluar, deram muyta culpa ao Almirante de elRey de Aragam, que por mandado de elRey de Caſtella, aquella noite com as Galles que tinha naõ quiz guardar o Eſtreyto, & porem a elRey Alibohaçem, & a elRey de Grada, & a todas ſuas gentes q̃ ſe

se puzeram em fugida, Os Reys de Portugal, & Castella, seguiram duas legoas o alcanço atê o rio que se diz Brita Botelhos onde as tendas, & o Arrayal de elRey de Grada estaua assentado, que loguo foy destruido, & dahi a diante oseguiram atè outro rio que se chama Guadamecil, que he quazi huma legoa de Aliazira, fazendo nelles os Christãos muy grandes, & maravilhosos estragos, atê que por cansados não seguiram mais a diante, porque os de cauallo, & de pè, de trabalhados jà se naõ podiam mouer, este dia tam prospero deu Deos aos Christãos contra imigos de sua sancta fee, em que tanta multidaõ delles foy em tam pouquo espaço desbaratada, como foy da hora de terça em q começaraõ de peleijar atè vespora que durou a batalha.

E neste encalço que os Christãos seguiraõ, claramente se vio, que sucederam cousas assas milagrosas, porque se acharam muytos Mouros, & seus cavallos, & Camellos mortos, de tais feridas que nam pareciam ser dadas por mãos humanas, & mais voluendo os Christãos deste alcanço, acharam que pelos lugares que a cavallo correndo liuremente, & sem torua o seguiram, auia tantos montes, & serras, & tam fragosos barrancos, que que pela aspereza que no mesmo caminho auia, nam podendo vir acavallo, se deciam todos a pè, & a mortandade dos Mouros posto q fosse muyto grande, ainda fora muyto mayor se os mais dos Christãos non ficaram roubando as muytas riquezas dos Arrayais dos Mouros, & captiuando suas filhas, & molheres, & moços pequenos, onde homens baixos mataraõ, & espedaçaram a dita Fatema Tunencia, molher principal de elRey Alibohaçem que jà disse, de q aos Reys Christaõs muyto pezou pelo grande presso de seu resgate, de captiuos ou dinheiro, que se por ella ouvera de dar, & assim matarão & captiuaram outras suas molheres, honradas de que algũas foram Christãas, & nas batalhas de elRey de Portugal, foy captiuo Alibohamar filho de el Rey Alibohaçem, que foy entregue a elRey de Castella, & foram mortos outros dous seus filhos pequenos, & assim hum filho de elRey de Sujulmeça, que chamauam Anta, foy tambem captiuo por elRey de Portugal, que consigo o trouxe a seu Reyno, & sinco bandeiras de Mouros principais, que foram tomadas nas batalhas, que por final deste triunfo, & vitoria foram trazidas a Portugal, & postas na Igreja mayor de Lisboa, & despois deste desbarato dos Mouros, os Reys, & suas gentes vieram

raõ loguo ſobre as tẽdas q̃ tinhão aſſẽtadas de rredor de Tarifa, & as principais ſe diz q̃ faziaõ numero de 12.mil, & alẽ de outras muytas commũas ſem conto, em que acharam grandes tezouros de Ouro Prata, & de ricas joyas, & preciosas pedrarias, & aſſim muytos panos de Ouro, Ceda, Linho, & Lam, tecidos per diuerſas maneyras, & aſſim grandes, & riquas baxelas com muytas peças de Ouro, & de Prata, lauradas ſutilmente, & per marauilhoſo artificio, & alem diſto, outros deſpojos de cavalos, armas, Camelos captiuos, & muytas couſas que ſe nam podem dizer, nem contar.

E o numero certo das gentes dos Chriſtaõs que foram neſta batalha, aſſim de Portugal, como de Caſtella, eu o nam achey declarado, sòmente que eraõ menos a quarta parte da gente dos Mouros, & que os Chriſtãos mortos por grande milagre nam paſſaraõ de vinte, & dos Mouros ſegundo deſpois ſe ſoube pelos ſeus alcaizes que ſam como liuros dalardo, & apuraçoẽs em que todos os q̃ paſſaram a Eſpanha eram eſcritos morreriam coatro centos, & ſincoenta mil, porque ſe achou que alem dos Mouros que foram apurados pera eſta paſſagem, ainda paſſaram mais por ſuas vontades cem mil, outros que vinham com ſuas caſas, molheres, & filhos, pera logo morarem, & aproueitarem as terras, & Cidades de Eſpanha, que Alibohaçem lhe tinha prometidas, dos quais tambem muytos morreram, & achou ſe por certo que eſta gente paſſou em Eſpanha em ſinco meſes cõtinuos em ſeſenta Galles, & a q̃ ſe ſaluou, & tornou em Afriqua paſſou em doze Galles em eſpaço de quinze dias, & nam ſe acha em eſcriptura da ley velha, & noua que em huma batalha foſſe tanta gente morta, nem ceptiua.

E os Reys de Portugal, & de Caſtella, deſpoes de aſeſegada ſua vitorta elles, & os Prellados com todolos outros Chriſtaõs dãdo muytas graças a Deos, & cantando todos, *Tedeum laudamus*, ſe recolheram a ſuas tendas que leixaram na Pena do Ceruo, onde repouzaram ſobre o muyto canſaço que na batalha receberam, & como proueram grandemente a villa de Tarifa de capitam, gẽtes armas, & de mantimentos pera muyto tempo, & leyxaram ordenado que a refizeſſem, & repayraſſem dos muytos daneficamentos que nella pelos Mouros foram feytos.

Os Reys ambos com ſeus Arrayais, ſe vieram a Xeres, & dahi a Sevilha, onde trazendo diante de sy bayxos os Pendoẽs dos Reys Mouros aos hombros dos captiuos mais principais, foram recebidos com grandes alegrias da Cidade, & com muy ſolemne

Pro-

Procissam do Arcebispo, & clerezia foram decer a Santa Maria del Pilar, onde despois de darem pela Santa, & milagrosa vitoria, muytas graças, & louuores a nosso Senhor IESV Christo, & à bẽ auenturada Virgẽ Maria sua madre se foram a pousentar na Cidade, & nos seis dias que elRey de Portugal despois esteue em Sevilha ambos os Reys noteficaraõ ao Papa Benedicto esta vitoria, & lhe emuiaraõ a bãdeyra de elRey de Marroques que ali foy tomada com caualos, & captiuos, & outros ricos presentes, & o Papa recebeo tudo com muyto prazer & ao outro dia que sahio a dizer missa trouxe diante de sy muy bayxa a quella bandeyra captiua, & a dos Reys vitoriosos aleuantadas, começando per sy o hymno, *Vexilla Regis prodeunt:* E os Cardeais com elle deuotamente o acabaram, & ouve Sermaõ de grandes louuores destes Reys, a q̃ sua Santidade respondeo sobre isso Breues muy graciosos: & sobre isso elRey de Castella fez ajũtar na sálla dos seus Paços, per calidades de riquezas, & moedas, & cousas apartadas todo o despojo q̃ se pode saluar, & assim trazer ao terreyro delles todolos Mouros, & Mouras principais que foram captiuos, & tudo mostrou per sy a elRey de Portugal, a que pedio que de tudo tomasse o que quizesse, & lhe milhor parecesse pois tam direitamente lhe pertencia.

ElRey de Portugal com rosto alegre descarregado, escuzandose de todo, lhe disse, que quando de seus Reynos viera em sua ajuda, por serviço de Deos, & por sua honra, & por defensam de sua terra, nam fora com tençam delle, nem os seus hirem ricos, mas honrados, & vitoriosos como pela graça de Deos tornauaõ, & que por isso naõ queria de todo saluo o Infãte filho de elRey de Sujulmeça q̃ elle captiuara, & as bandeyras dos Mouros que elle tomara (como a tras disse,) & com isto tomou mais certas espadas das mais ricas, & algumas outras couzas poucas pera cavallos, de que mostrou ser muyto contente, & porem se afirma que tanto foy o ouro, & a prata que por desuairadas gentes se furtou desta batalha que em Aragam, & Paris, & Avinham de França, & em outros muytos lugares a bateraõ, a seixta parte do verdadeyro preço em que dantes estauam: & com isto acabado, elRey de Portugal se despedio da Raynha Dona Maria sua filha, & de seu neto, & partio de Sevilha, & por honra veyo elRey de Castella com elle atè Cacela, & dahi se despedio elRey de Portugal, & veo atè Oliuença, & dahi a Estremos onde estava a Raynha Dona Brytis sua molher, & o Infante Dom Pedro seu filho erdeyro, que o receberaõ

beram com mais amor, & alegria que solemnidade nem grandes festas, porque a gẽte do Reyno que as podia, & deuia fazer elRey a trazia comsigo.

CAP. LX

De algumas cousas que em Castella, & Portugal despoes desta batalha sucederam, & como foy cercada, & rendida dos Mouros a Cidade de Aliazira, em que elRey de Portugal ajudou.

ELREY Dom Affonso de Castella, de sua natural cõdiçaõ assi era guerreyro que se dezia por elle que hum sò dia nam sabia viuer sem guerra, & quando a nam tinha com os homens, que a buscaua com as grandes alimarias das serras, & brenhas, & porque era grande monteyro, o qual porque vio o tempo para cõ menos difficuldade guerrear os Mouros de Espanha, pelo grande destroço que na batalha do Salado tinham recebido, elle no año seguinte loguo ajuntou suas gentes, & correo algũa terra do Reyno de Grada, em que tomou aos Mouros Alcala de Bemcaide que agora dizem Areal, & assim outros lugares, & porque foy certeficado que o sobredito Alibohaçem Rey de Benamarin, & de Marroquos, que na sobredita batalha fora vencido, se aprecebia, & aparelhaua pera por sua vingãça de Ceyta, donde já estaua, passar outra ves em Espanha, determinou ir cerquar a Cidade de Aliazira, & trabalhar com todas suas forças, & poder para loguo a cobrar, & non era sem justo fundamento, porque ella só era o lugar em que Alibohaçem pera seu proposito, & com mais dano dos Christãos podia melhor aportar, sobre a qual cousa teve cortes em Burgos, onde pera este cerquo, que por todos foi aprouado noua, & principalmente lhe outrogaram os Pouos as Alcauallas por certo tempo, as quais os Reys de Castella, sempre depois pera sy arrecadaram & porque elRey de Castella soube que da banda de Africa eraõ jà armadas, & prestes oitenta Galles de Mouros, & muytos outros Navios pera sua passagem, elle por seus mesageyros o fez saber a elRey de Portugal, & pera esta resistencia lhe pedio ajuda, & socorro de suas Galles pera o Estreyto, as quais com grande presteza lhe inviou loguo, & soram dez bem fornecidas, & armadas, & por capitaõ dellas Carlos Passanha seu Almirante, com que por certo tempo

se

se foy ao estreyto, & ao tempo que as galles dos Christaõs foraõ juntas as dos Mouros eraõ ja passadas com muytas gentes em Hespanha, & estavão na boca do rio de Goadamecil junto de Aliazira a onde as dos Christaos as foraõ buscar, & loguo a ferrar, com que ouverão mui crua peleja, em que os Christaos finalmente venceraõ, & das gales dos Mouros alem das que alagarão no mar tomarão mais vinte & seis, & mataraõ os Almirantes dellas com grande mortindade dos seus, & assi tomarão mais huma gale grande em que vinha a paga do soldo que Alibohaçem enviava as suas gentes que leyxara em Hespanha em que acharaõ, & tomaraõ muyto ouro, & prata amoedado, & assi outras riquezas que pera o cerquo de Aliazira foy huã grande ajuda pera elRey de Castella, & porque pareceo que as galles de Portugal sobre tal desbarato nõ herão ja necessarias tornousse o Almirante com ellas ao Reyno com merce, & prezentes que lhe deu elRey de Castella, & com promessa, & propozito que levou, de outra ves tornar ao estreyto, quando lhe compriisse, & por esta perda, & destroço das gales dos Mouros elRey de Castella tomou mais em cuydado de vir loguo por cerquo sobre Aliazira aqual ãtes de acercar elle de Xares õde estava a veio porsi ver ẽ pessoa pera melhor saber, & se avizar do que lhe cõpria.

E aos vinte, & sinco dias de Iunho desta era de Cezar de mil, & trezẽtos, & oitenta annos, & do anno de Christo de mil, & tresentos, & corenta, & dous vinte mezes passados despois da batalha do Salado se pos cerquo cõ grande poder sobre Aliazira que deste tempo ate se tomar durou vinte, & dous mezes, em que ouve grãdes afrõtas, & muitos trabalhos como direi

E porque elRey de Castella soube que elRey Alibohaçem pela grande perda de suas gales todolos Reys Mouros de Berberia ate o grão Soldaõ a quem noteficara com piedade suas necesidades lhe socorriaõ com outras, & que hera ja junta muyta frota para passar em socorro & descerquo de Aliazira o ditto Rey de Castella porque suas forças, & poder non abastavaõ por mar atalhar a tamanha, & tam poderoza reziistencia se socoreu loguo aos Reis de Portugal, & de Aragam, & a comunidade de Genua, donde ouve loguo muytas galles bem armadas, & de Portugal lhe forão dez bem armadas, & cõ ellas o ditto Almirante Carlos Paçanha.

E por quanto elRey de Castella pellas guerras, & diferenças passadas era posto em grandes necesidades, & pera manter este cerco que pellas grandes

forças dos Mouros lhe pareceo muy prolongado que lhe falecia o muyto dinheyro, que pera ſoldados, & mantimentos, & fretes, avia miſter pelo nam leyxar ſem acabar o porque viera ſe ſocorreo a elRey de França, a quem ſobre penhores de ſuas riquas, & muy reays coroas, & ſobre outras muy eſtimadas peças de ouro que tinha, por Dom Gil Arcebiſpo de Toledo inviou pedir alguma ſoma de dinheyro empreſtado. ElRey de França lho enviou gracioſos, & ſem algum penher, cincoenta mil floris de ouro, & aſſim enviou pedir dinheyro empreſtado ao Papa, que lhe mandou vinte mil floris em dinheyro, & aſſim lhe inuiou Bulla geral da Cruzada, & as dizimas, & terças das Igrejas por dous annos loguo limitados, & a elRey de Portugal ſeu ſogro tambem para delle aver dinheyro, ſe ſocorreo por hum Gomes Fernandes de Soria, Alcayde de ſua Corte, & por outro Ioam Eſteues de Caſtelhanos, ſeu Chanceler, & enviou pedir empreſtados dous cõtos de marauedis de moeda de Caſtella, & eſto ſobre penhor das villas de Alconchel, & Burgilhos, & Xeres de Badajos; & porque no Setembro, & na entrada de Outubro deſte anno correram grãdes ventos, & ſobervieram muytas inuernadas, & tempeſtades cõ que as tendas do Arrayal apodreceraõ, & cõ a força das tormẽtas ſe eſpedaçaram, & as gentes, & cauallos, & as recouas do exercito padeciaõ por iſſo grandes trabalhos, & muy mão trato, fez elRey trazer por mar dos pinhàis de Moya, para o porto de Valença de Aragam, & aſſim de Galiza, & Biſcaya, muytas madeyras, & pregaduras, & muytos officiais, com que ſe fizeram muytas cazas, repayros, & alijamentos, que deſpois por mao auizo arderam todos, com todolos ſelleyros do pam, & ceuada, o que poz a elRey, & aos do Arrayal, em grande deſeſperaçaõ, & no anno ſeguinte da era de Chriſto de mil, & trezentos, & corenta, & tres durando o cerquo, & eſtando Aliboaçem em Ceyta com determinaçam de paſſar com grande poder em Heſpanha para ſocorro de Aliazira ſeguioſſe que hum Abderramen ſeu filho mayor ſe aleuantou com o Reyno de Marroquos contra elle, com que lhe deu muyta torvaçam pera ſeu propoſito, ao qual enviou loguo com afagos, & promeſſas fingidas hum Mouro Azcar ſeu Algazil, & grande ſeu priuado que em chegando a Marroquos com falſas eſperanças que deu ao filho, cõ que ſe del le fiou, lhe cortou a cabeça muyto

ſecre-

ſecretamemte em hũa camara, & a trouxe a ſeu pay, & loguo outro Mouro, nas montanhas dos mon tes claros, ſe leuantou tambem cõ tra Alibohaçem, & a eſte Mouro chamaram o Reboçado, que depraſa por nõ ſer de todo conhecido, naõ deſcubria ſenaõ os olhos, a firmãdo fingidamẽte q̃ era Abde rramen o filho mayor de Alibohaçem, que já era morto, com que a terra toda crendo que era filho de elRey ſe aleuantou, por que ſua morte fora ſecreta, & nam criam que morrera, mas que eſcondido com receo do pay, era viuo, ſobre o qual Alibohaçem, tornou a mandar o dito Aſcar, & com elle ouve batalha, em que o Reboçado foy vencido, & morto, & Alibohaçem, cõ receyo doutros alevantamẽtos & deſobediencias de Africa, naõ quis paſſar de Ceyta onde eſtaua, mas enviou em Eſpanha hũ filho, a que deziaõ Aliboamar, q̃ com ſeſenta galles paſſou a Eſtapona, lugar que no Reyno de Grada eſtaua por elle, & dali paſſados algũs dias ſe foy ajũtar em Gibaltar, cõ elRey de Grada onde alem de outra muyta gente de pè refezeram doze mil de cavallo pera dali deſcerquarem a Aliazira, & dar batalha a elRey de Caſtella.

E porque o Papa deu muy grãde, & fauorauel Cruzada, pera toda a Chriſtãdade pera eſte cerquo como diſſe, por iſſo vieraõ a elle por devaçam muytos, & nobres cavalleyros de França, & de Inglaterra, que com boas gentes de armas entre os quais foy elRey Felippe de Navarra, que no meſmo cerquo de Aliazira adoeceo, & foy morrer a Sevilha, & dahi com grandes ceremonias foy ſeu corpo por terra leuado a ſepultár a ſeu Reyno, & tambem veyo a primeyra ves o Duque de Alemcaſtro, que entam era Conde em Inglaterra, pay da Raynha Dona Felippa, molher que foy de elRey Dõ Ioaõ, deſte nome o primeyro de Portugal, & muytas vezes elRey de Caſtella, & os Mouros, foraõ hũs à viſta dos outros cõ ſuas batalhas, & hazes ordenadas, para ſe darẽ batalha, mas porq̃ elRey de Caſtella foy acõſelhado, q̃ por ſer cẽrquador, & por naõ deſẽparar o ſerquo a naõ cometeſſe, & os Mouros tãbẽ por couardos a naõ cometeraõ, & tudo ſe quebraua antre elles, por eſcaramuças, & eſporadas, em que de huma parte, & da outra, ſe recebia aſſaz danno, & porem em a veſpora de Sancta Luzia, antre os ryos de Guadarramque, & de Palmones, ouveraõ os Reys Chriſtãos, & os Mouros hũ recontro, q̃ foy como batalha, em q̃ os Mouros foraõ vẽcidos & desbaratados, & durou até a noite a peleija, de q̃ os Mouros ficaraõ muyto cortados.

E durãdo eſte cerquo foram por duas vezes lançados

Mouros no Arrayal de elRey de Caſtella, pera com diſſimulaçoẽs, & praticas fingidas, o matarem, & ſempre Deos o livrou cõ caſtigo de penas, & mortes, que ouveram os Mouros, & ſendo o tempo em Março, & quoareſma, & na ſomana de Lazaro, deſpois q̃ os Mouros foraõ de todo deſeſperados de poder deſcerquar a Aliazira, nem dar batalha aos Chriſtãos, aconſelhados ſobre iſſo, de Alibohaçẽ que o fizeſſem, cometeraõ partido de querer dar a Cidade, com ſalvamẽto, & ſegurança das vidas, & fazendas dos Mouros cerquados & que elRey de Grada ficaſſe vaſſallo de elRey de Caſtella, com 12000. dobras de tributto, & cõ tregoa de dez annos, q̃ a elRey de Marroquos foſſe dada, & poſto que pera o conſentimento deſte contrato, ouve no Arrayal de elRey de Caſtella, votos contrarios que aconſelhauam nõ receber os cerquados a piadade pela deſeſperaçaõ, & cãçaſo em que eſtauaõ, porem elRey acõſelhado doutras grandes neceſidades que tinha, a que longamente nõ podia prouer, ouve por bem, & em Dominguo de Ramos do dito anno, elRey com os nobres, & Prelados de ſua Corte, deſpois de os muros, & torres, da Cidade ſe rem cheos de ſuas bãdeyras, & de ſeus filhos, & dos outros grãdes ſenhores do Reyno cõ ramos nas mãos, & cõ muy ſolemne Prociſſam deſpois de paſſados vinte, & dous meſes de cerquo, como jà diſſe, entraram na dita Cidade de Aliazira, & foram dar graças a Deos, & fazer o officio dos Ramos, na meſquita mayor, que loguo foy conſagrada na vocaçaõ de Noſſa Senhora da Palma.

CAP. LXI

Dos filhos, & filhas, que o Infante Dom Pedro filho erdeyro de elRey Dom Affonſo o IV. ouve, & de que molheres.

O INFANTE Dom Pedro filho primogenito erdeyro de elRey Dom Affonſo de Portugal, foy cazado com a Infãta Dona Coſtança Manoel, como atras he declarado, & della em vida de elRey Dom Affonſo ſeu pay, ouve dous filhos, & huma filha aſaber, o Infante Dom Luis, que foy o primeyro, & eſte em moço faleceo ao baptiſmo, do qual Dona Ines Pires de Caſtro, foy comadre, de elRey Dom Pedro ſendo Infante, & da Infanta Dona Coſtança, & iſto ſe fez por quanto eſta

to esta Dona Ines andava em casa da dita Infanta por sua donzella, & parenta, & sentiasse ja que o Infante Dom Pedro lhe queria bem, & por se evitar antre elles outra affeyçam, mas o Infate Dõ Pedro, sem embargo disto a teve depois,& ouve della os filhos de q a diante faz mensam, & por escuza deste peccado, se dezia que a dita Dona Ines fora forçada ao dito baptismo, & em sua vontade quanto a Deos, nam consentia nelle, & assim ouve o dito Infante D.Pedro da Infãta D.Costãça, o Infãte D. Fernãdo, q depois foy Rey de Portugal que nasceo na hera de Cesar 1383. años, & do año de Christo, de 1345. que em sua propria Charoniqua he dito.

E a Infanta Dona Maria que em vida de elRey Dom Affõso seu avò na Cidade de Evora,no Mosteyro de Sam Francisco, a tres dias de Fevereyro, do anno de Christo, de mil, & trezentos, & sincoenta, & coatro, sendo prezente a Raynha Dona Leanor de Aragam, madre do Infante Dom Fernando, & assim elRey, & a Raynha de Portugal foy cazada por palauras de prezente com o dito Infante Dom Fernãdo de Aragaõ, q foy Marqz de Tortosa,e senhor d'Albarazim, & foy filho de elRey Dom Affonso de Aragão,& da dita D.Leanor sua segunda molher, irmãa deste Dom Affonso Rey de Castella.

E este Infante Dom Fernando sem cauza,& á treyçam foy loguo morto por elRey Dom Pedro de Aragam seu irmaõ, em Castelhaõ de Boriarca, sendo seu convidado, & a dita Infanta Dona Maria, depois da morte de seu marido, sendo leuada a Aragam, em fim se tornou para Portugal,para algũas terras que lhe foram dadas em casamento, que foram no Almoxarifado de Aveyro, & della não ficou geração.

E a dita Infanta Dona Costãça depois do naci mẽto da dita Infanta Dona Maria,sendo moça, & de muytas bõdades, & virtudes faleceo loguo em Portugal, & jaz sepultada no choro de S. Francisco de Sãtarẽ,jũto cõ elRey D.Fernãdo seu filho,& depois de sua morte,o Infante D.Pedro sendo ja em sua vida della muyto namorado de D.Ines de Castro, q era mui fermosa dõzella, & de grãde linhagẽ da parte de seu pay, a ouve a sua disposição a que se afeicoou sobre todolos homẽs,& com nome q no principio, & publicamente foi em tão de manceba,& elle ouve della tãbẽ em vida de elRey D.Affonso seu padre 3.filhos,&hũa filha,a saber o Infãte D.Afõso,o primeyro que morreo moço em Portugal, & o Infante Dom Ioaõ, & o Infante Dom Dinis que desterrados de Portugal morrerão em Castella sẽ algũa legitima geraçã, porq o Infãte D. Ioão ouve D.Fernãdo de

Bragança seu filho bastardo de q̃ vem os de Eça de Portugal, & a Infanta Dona Beatris, que despois da morte de elRey Dom Pedro & em tempo de elRey Dom Fernando de Portugal, seu irmaõ, foy cazada em Santarem com Dom Sancho, Conde de Albuquerque filho bastardo deste Rey Dom Affonso de Castella, & de Leanor Nunes de Gusmam, de que ja disse, & irmãa de elRey D. Pedro, & de elRey D. Anrique, & este D. Sancho foy morto em Burgos, por cajõ no estremar de hũ arroydo, & esta D. Beatris sua molher ficou prenhe dele, & pario D. Leanor q̃ foy molher do Infãte D. Fernando de Castella, q̃ despois foy deste nome o primeyro Rey de Aragam, & esta D. Leanor, foy mãy da Raynha Dona Leanor, molher de elRey Dõ Duarte de Portugal, madre de elRey D. Affonso o Quinto, de maneyra que desta Dona Ines de Castro vem tambem os Reys de Portugal, da parte de molheres, porque de Dona Beatris sua filha, molher do Conde Dom Sancho Dalbuquerque tresavò de elRey Dom Manoel, que hora he nosso senhor, a saber mãy de Dona Leanor Raynha de Aragam, aqual foy mãy de D. Leanor Raynha de Portugal, mãy de elRey D. Affõso o quinto, & do Infãte D. Fernãdo pay do dito Rey D. Manoel.

E pera mais declaração da geraçam desta Dona Ines de Castro, que despois de sua morte foy avida, & sepultada por Raynha de Portugal. He de saber que Dom Fernãdo Rodrigues de Castro, vassallo de elRey de Castella, gram senhor no Reyno, foy cazado com Dona Violante Sanches, filha bastarda de elRey Dom Sancho de Castella, & irmãa da Raynha Dona Beatris molher que foy de elRey Dom Affonso de Portugal, & della ouve hum filho Dom Pedro Fernandes de Castro, que disseraõ da Guerra, primo cõ irmão do Infante Dom Pedro de Portugal, o qual era grande senhor em Galiza, & foy Camareyro mòr deste Rey Dõ Affonso de Castella, & adiantado mòr da frontaria, & morreo de sua doença no cerquo de Aliazira, quando este Rey a tomou aos Mouros (como jà disse,) & foy cazado com Dona Izabel, filha de Dõ Pedro Ponce, & de Dona Sanches Gil, que foy neta de D. Pero Rodrigues de Pereyra, & ouve della estes filhos legitimos, a saber Dõ Fernãdo de Castro, q̃ desterrado de Castella, & Portugal, por seguir a parte de elRey Dõ Pedro, cõtra elRey Dõ Anrique seu irmão morreo despois em Ingalaterra, & D. Ioana de Castro, & ouve hũ filho bastardo q̃ disserão D. Alvaro Pires de Castro, que foy Condestable de Portugal, & o primeyro Conde de Arrayolos, & Alcayde mòr de Lisboa

boa, & com ſua neta cazou Dom Fernando Marques de Villaviçoſa, que deſpois foy Duque ſegundo de Bragança, & ſegundo Cõde de Arrayollos, & deſta cauſa creo que procede a diferença das armas dos de Caſtro em Portugal a cerqua do conto das arruellas, porque ainda que todos deſcendẽ de Dom Pedro de Caſtro que diſſeram da guerra; porem os da parte de Dom Fernando, eram legitimos, & traziam treze arruellas, & os da parte de Dom Aluaro Pires ſeu irmão, eram baſtardos, & pola baſtardia mingoàram do cõto, & traziam ſeis, porque eſte Dõ Aluaro Pires antes de ſer feito Cõ deſtable, & Conde de Arrayollos, non ſe chamaua de Dom por ſer baſtardo, & ſeu irmam Dom Fernando, por ſer legitimo ſempre ſe chamou, & intitulou de Dom.

E ouve mais de huma molher de Galiza ſua manceba Dona Ines de Caſtro ſua filha baſtarda, eſta que elRey Dom Pedro de Portugal teue, & os ditos Dõ Fernando, & dom Aluaro Pires, por meyo do fauor da dita Dona Ines de Caſtro ſua irmãa, & dos filhos que tinha de elRey Dõ Pedro, alem das muytas terras que tinham em Caſtella, & principalmente Dom Fernando, tiueram grande parte em Portugal, & aſobredita Dona Ioana de Caſtro ſua irmãa, legitima, foy casada com Dom Dioguo ſenhor de Biſcaya, & ſendo viuva, & muy moça elRey Dom Pedro de Caſtella, em vida da Raynha Dona Branca de Borbon ſua molher, quitandoſe della falçamente, cazou com eſta Dona Ioana publicamente, da qual aſſim foy deſcontente, que loguo a leyxou, & porem ella deſpois em quanto viueo, ſempre ſe chamou Raynha de Caſtella.

E da dita Dona Ines de Caſtro ſua irmãa ouve elRey Dõ Pedro de Portugal ſendo Infante os tres filhos, & huma filha (de q̃ aſſima diſſe,) os quais ſenaõ chamaram Infantes, ſaluo tres annos deſpois que elRey Dõ Pedro ſeu pay reynou, quando em Coimbra declarou, & fez certo por teſtemunhas que muytos naõ aprouauam, que depois do falecimento da Infanta Dona Coſtança, elle recebera loguo por ſua molher por palauras de prezẽte a dita Dona Ines, & a cauſa da duvida que a iſſo puzeram, foy que nam fez eſta declaraçaõ loguo como reynou, mas dahi a tres annos, & porem elle a eſte tempo, amandou dahi em diante chamar, & intitular, Raynha de Portugal, & aos filhos Infantes, como em ſua propria Choronica he declarado.

E depois da morte da dita Dona Ines de Caſtro, que foy na maneyra, & pelo cazo que adiante direy; o dito Rey Dom Pedro

de Portugal, despois deser Rey ou ue de huma Dona Tareja natural de Galiza Dom Ioaõ seu filho bastardo, que muy moço arequerimento de Dom Nuno Freyre de Andrade mestre de Christo, que o criaua, foy mestre de Avis, & depois Rey de glorioſa memoria de Portugal, deste nome o primeiro, o qual nasceo em Lisboa, aos onze dias de Abril, do anno de Christo de 1357. annos. que foy o primeyro anno do reynado de elRey Dom Pedro seu padre.

CAP. LXII

Do casamento da Infanta Dona Leanor de Portugal, com elRey Dõ Pedro de Aragam.

ELREY Dõ Affõso o Quarto de Portugal ouve da Raynha D. Beatris sua molher, como atras disse duas filhas, & hũ filho legitimo, a saber a Raynha Dona Maria, que casou com elRey Dom Affonso de Castella, & depois da morte delle, ficou viuua, & faleceo em Euora em Portugal, & dahi foy seu corpo trasladado á capella dos Reys em Sevilha, onde elRey seu marido jazia, & ouue o Infante Dom Pedro que foy Rey de Portugal, & apos elle succedeo a Infanta Dona Leanor, que era mais moça, aqual no mes de Mayo, da hera de Cèzar de 1385 annos, & do año de Christo, de 1347. foy cazada cõ Dom Pedro deste nome o Quinto, & dos Reys de Aragam, o de cimo sexto, que estaua viuuo por falecimento da Raynha Donà Maria sua primeyra molher, filha de elRey de Navarra, de que ouue filhos que non erdaram o Reyno, & foylhe dado com esta Infanta Dona Leanor, grande cazamento em dinheyro, & muy riquas joyas de ouro, & pedraria, & em grandes baxellas de prata, a qual Infanta sendo muy moça, faleceo Raynha em Aragaõ, & viveo pouco tempo cazada, & ficou della huma filha, que ouve nome a Infanta Dona Beatris, que depois da morte de sua mãy, foy trazida a Portugal, & criandoa a Raynha Dona Beatris sua avò, ella em menina faleceo em seu poder, & em tempo que elRey Dom Affonso o Quarto de Portugal jà era falecido.

E a dita Raynha Dona Beatris, mandou em seu testamento, que os ossos desta Infanta fossem depois lançados com os seus no moymẽto onde jàs sepultada, porque huma pequena sepultura de pedra, que está junto destes moymentos de elRey Dom Affonso, & da Raynha Dona Beatris com hũa

huma figura de moça, emlevada non he deſta Infanta Dona Beatris ſua neta, mas he da Infanta Dona Branca ſua biſneta, filha de elRey Dom Ioam o primeyro, & da Raynha Dona Felipa que faleceo moça, & a mandaram ali ſe pultar.

E o dito Rey Dom Pedro de Aragam, depois da morte da dita Raynha Dona Leanor de Portugal, cazou a terceira ves com outra Dona Leanor filha de elRey de Cecilia, de que ouve filhos, aſaber, Dom Ioam que foy ſeu erdeyro, & Rey de Aragão, & Dom Martinho, que foy Duque de Montaluo, & Dona Leanor, que cazou com o Infante Dõ Ioam filho de elRey Dom Anrique o baſtardo, & depois foy Rey Dom Ioaõ deſte nome o primeyro Rey de Caſtella que foy vencido no batalha real por elRey Dom Ioam tambem o primeyro de Portugal.

CAP. LXIII.

Como elRey Dom Affonſo de Caſtella morreo de peſtenença, eſtando em cerquo ſobre Gibaltar.

DEPOIS que elRey Dom Affonſo de Caſtella, tomou aos Mouros a Cidade de Aliazira por cerquo de vinte, & dous meſes, (como atraz he dito,) ſempre teue grande ſentimento, porque em ſeu tempo ſe perdera a villa de Gibaltar, que era em poder dos Mouros, & por iſſo tinha ſempre muyto mayor dezejo pera a cobrar aſſi, & por repairar eſta magoa, & quebra de ſua honra, como principalmente por impedir a canſada paſſagem dos Infieis em Eſpanha, que com Gibaltar ſendo ſua ſempre, lhe ſeria poſſivel, & muy facil, & pera iſſo ſendo a hera de Ceſar, de 1387. & do anno de Chriſto, de 1349. o dito Rey de Caſtella, ſobre cõſelho dos de ſeus Reynos, q̃ ſobre iſſo teue, & percebidas as gentes darmas pera a terra, & frota, pera o mar, & todo o mais que pera eſte cazo compria, no mes de Setembro do dito anno, com muytas gentes, & grande poder, veyo cerquar em peſſoa, a dita villa de Gibaltar, para o que elRey Dom Affonſo de Portugal, lhe enviou ajuda de gentes, & galles bem armadas, como em todas ſuas affrontas, & neceſſidades de Mouros ſempre fizera.

E como entrou o anno de Chriſto de 1350. durando o cerquo ſobreveo no Arrayal, & gentes do cerquo muy grande peſtenença, & foy no tempo em que ouve, ememoranda, & maravilhoſa mortindade de Eſpanha, de

que

que por grande eſpanto nas memorias antigas muyto ſe falla,& ſendo elRey por todolos grandes ſenhores, & riquos homens aconſelhado que por ſegurança de ſua peſſoa, & da muyta, & nobre gente ſua, & eſtrangeira que com ſigo tinha, & de que polos ares corrutos era já muyta falecida, aleuantaſſe o cerquo, & o leixaſſe pera outro milhor tempo, & mais ſeguro, elle o nam quiz fazer, & ſe eſcuzaua dizendo; que ſabia que dos Mouros cerquados eram muytos mortos & feridos nos combates que ſe dauam, & os viuos eſtauam jà muy neceſſitados dos mantimentos, & deſeſperados do ſocorro de Alibohaçem que lho nam podia dar, pelas divizoẽs,& rebelioẽs q̃ no Reyno de Marroquos avia, & por iſſo elle Rey de Caſtella eſperaua cobrar a villa em breve,& que nam ſabia tempo mais conueniente.

E eſtando neſta determinaçam, a doeceo de huma levação peſtilencial que lhe deu, de que no meſmo Arrayal, ſem lhe aproveytar algum remedio de muytos que lhe fizeram, morreo ſexta feyra de Endoenças, vinte, & ſete dias de Março da hera de Cèſar de 1388. annos, & da hera de Chriſto de 1350. que foy dez annos deſpois da batalha do Salado, de que elRey de Portugal,& elles foram vẽcedores como atras jà diſſe.

E dahi foy loguo leuado ſeu corpo aſepultar a Sevilha onde eram a Raynha Dona Maria ſua molher, & o Infante Dom Pedro ſeu filho que foy a leuantado por Rey deſte nome o primeyro de Caſtella, & Lyam, a que por ſuas abominaueis obras com razam diſſeram o Cru, por ſua infamia em idade de 15. annos,& ſete mezes.

Cap. LXIV.

De comofoy a morte de D. Ines de Caſtro, & as cauſas breuemente por que foy morta.

AO tempo q̃ a Infanta Dona Coſtança, molher do Infante Dom Pedro faleceo, elle ficou moço de trinta, & quatro annos, idade muy conveniẽte pera a inda aver de cazar, & poſto que de elRey, & da Raynha ſeu padre, & madre,& dos principais homens de Portugal foſſe pera iſſo com juſtas razoẽs aconſelhado,& aſſi por elRey ſeu padre requerido,& amoeſtado q̃ caza ſe, ou diſſeſſe ſe D. Ines hera ſua molher pera ſer por iſſo hõrada & tratada de todos como merecia, elle em vida, ſempre negou que o cazamento entre elles era feyto, nem

nem tam pouco quis com outra molher cazar, para que daua escusas, & pejos que a sò sua vontade, & affeyçam sem mais razoens favoreciam, & isto tudo era sò por nam leixar Dona Ines de Castro, a que queria grande bem & de que tinha os tres filhos, & huma filha que disse, aqual era sua sobrinha, filha de seu primo com irmaõ, & o pejo principal q̃ se diz que tinha pera a nam declarar por molher, era por ella naõ ser filha legitima de Dom Pedro de Castro, mas de huma sua manceba, como já disse, & porem porque ella tinha seus irmãos Dom Fernando de Castro, & Dom Aluaro Pires de Castro, que eraõ em Castella grandes senhores, & asi por respeito, delacomeçauaõ ter muita parte em Portugal, & ouuesse delles por isso grande receyo à vida, & successam do Infante Dom Fernando filho primogenito, & erdeyro que era do Infante Dom Pedro, que pera alguma maneyra poderiam ordenar sua morte por tal que cada hũ dos outros filhos de Dona Ines por morte do dito Infante Dom Fernando seu irmão pudesse succeder os Reynos de Portugal, & dos Algarues, & consultavasse que pera este grande inconviniente cessar naõ avia outro melhor remedio, salvo que a pertassem com o ditto Infante que cazasse, porque era entaõ de trinta, & coatro annos, como disse, & naõ tivesse no Reyno Donna Innes de Castro, & quando isto por seu bem, & honrra nõ quizesse fazer que elRey pera segurança da vida de seu netto o Infante Dom Fernando, & por asesego, & conservaçaõ de seus Reynos, & das couzas de sua coroa que por respeyto da dita Donna Ines se poderiaõ enlhear a mandasse matar por tal, que a ora da morte de elRey Dõ Afonso que nõ podia muyto tardar pois era ja muy velho a nõ leixasse no Reyno viva, & seu filho o Infante Dom Pedro naõ ficasse em seu poder della; & posto que por elRey, & a Rainha Donna Breatis, & pello Arcebispo de Braga Dom Gonçallo Pereyra, & por outros prelados, & senhores isto fosse aconselhado ao dito Infante Dom Pedro, & a inda dito com certa declaraçaõ, & cõsultas que avia continuas da morte de Dona Ines pera que asaluasse, ou seguarasse em tal lugar que sua vida naõ coresse risco, elle dito Infante avendo que tudo eraõ meaças, terrores, que se naõ aviaõ asim de executar, como se praticauaõ, & sem numqua querer declarar, & affirmar que era com ella cazado, numqua quis aisso obedecer, & sobre isso era posto com elRey seu pay em grandes desvayros, pello qual estãa elRey em Montemor o velho con-

concluindo ja , & consentido na morte da dita Dona Ines acompanhado de muyta gente armada , & seveo a Coimbra onde ella estava nas cazas do Mosteyro de Santa Clara,a qual sendo avizada da hida de elRey , & da iroza, & mortal tenção que contra ella levava achandosse salteada pera se não poder ja saluar per alguma maneyra, o veo receber à porta, onde com o rostro trãsfigurado,& por escudo de sua vida, & pera sua innocencia achar na ira de elRey alguma mais piedade,trouxe ante si os tres innocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentaçaõ, & com tantas lagrimas , & com palauras assi piadozas pedio misericordia, & perdaõ a elRey que elle vencido della se dis que se volvia,& aleyxava ja pera nõ morrer como levava determinado , & alguns Cavaleyros que com elRey hiaõ pera a morte della que loguo entrarão , & principalmente Dioguo Lopes Pacheco filho de Lopo Fernandes Pacheco senhor de Ferreyra , & Alvaro Goncaluesmeirinho mor,& Pero Coelho quando assi viraõ sahir elRey como quem ja revocava sua tença agravados delle pella publica determinação com que os ally trouxera , & pello grande o dio, & mortal perigo que daly em diante com ella , & com o Infante D. Pedro os leyxava,lhe fizeraõ dizer , & consentir que elles tornassem a matar Dona Ines se quizessem,a qual por isso loguo mataraõ)o que foy avido contra elRey mais abominavel crueza) que por severa nem louvada justiça,aqual Donna Ines foy loguo; enterrada no ditto mosteyro, de S. Clara, & despois tres annos que elRey Dom Pedro Reynou foy seu corpo da hy muy solenemente trasladado pera o Mosteyro de Alcobaça onde elRey Dom Pedro mandou fazer, & por juntos dous moimẽtos de pedra bem laurados, & em hum delles foy ella posta, & em outro se mandou elRey despois lançar junto com ella assi como ora jazem, & como na Caronica de elRey Dom Pedro mais largamente he declarado.

CAP.LXV.

Dos desuayros que pella morte de Dona Ines ouve antre elRey , & o Infante Dom Pedro seu filho, & da maneyra em que finalmente foraõ despois concordados.

O INFANTE Dom Pedro pella morte da ditta Dona

Dona Ines de Caſtro por ſaber que por ſeu reſpeyto ſomente, & ſem alguma culpa della a mataraõ, foy com razaõ tam anojado, & poſto em tanta triſteza, que como danado andava pera perder o ſizo, & a vida ſem algum remedio nẽ conforto, & porem paraalguã vingança, & ſatiſfação ſua, ainda que foſſe per meos taõ contrarios a elle, buſcou, & procurou loguo todas as couzas com que pudeſſe deſſervir a elRey ſeu padre, & deſtruir ſeu Reyno, & dar mortal caſtigo aos matadores della, ſe pudeſſe, porq̃ cõ a gente que tinha ſua no Reyno, & com a muyta, & mais que ouve de ſeus cunhados Dom Fernãdo, & Dom Alvaro Pires, & aſſi de ſeus parentes, & valias, entraraõ todos em Portugal, & pellas comarquas antre o Douro, & Minho & Tralos montes, & nos lugares, que heraõ de elRey faziaõ todolos roubos, mortes, males, & danos que podiaõ, & vindo cõ grande poder pera tomar a Cidade do Porto acolheoſſe a ella primeyro com muyta gente Dom Gonçalo Pereyra Arcebiſpo de Braga que lhe hera encomendada, o qual com muyto eſforço, & aſſi com boas rezoẽs que diſſe ao Infante Dom Pedro a defendeo por elRey.

E porque a Cidade ainda ora non hera toda cercada de muros, como aguora he, o dito Arcebiſpo pera alguma ceremonia de mais defenſaõ a cerquou com os treus, & pẽdoẽs dos navios que ahi eſtavaõ no mar, & dentro delles determinou eſperar o Infante, & antes morrer que lhe entregar a Cidade; mas o Infante porque queria grãde bem ao Arcebiſpo, ſe diz que por ſua reverencia, & por non por ſua honrã, & ſua vida delle em ventura non mandou cometer a Cidade, & a leyxou, & aſsi porque ſoube que elRey ſeu padre hera em Guimaraẽs a eſſe tempo que vinha ſocorrello, & o Infante Dom Pedro conhecendoſſe ja deſta deſobediencia, & aleuantamento em que andava contra elRey ſeu padre, & avendo ja por medianeyros virtuozos apõtamẽtos de concordia, ſe foy ao Burgo de Canauezes, onde logo veo aRainha Dona Beatris, que por meo do ditto Arcebiſpo de Braga, & doutros bons homens que niſſo intervieraõ aos 5. dias do mes de Agoſto da era de Cezar de mil, & trezentos, & noventa, & tres, & do anno de Chriſto de mil, & trezentos, & ſincoenta, & ſinquo, elRey, & o Infante depois de muytos debates, & alteraçoẽs finalmente foraõ concordados neſta maneyra, a ſaber o Infante com grande firmeza de palauras perdoou loguo a todalas peſſoas que conſelho, & de feyto em qualquer maneyra foraõ culpados na

morte da dita D. Ines de Castro.

E el Rey deu tambem perdaõ geral muy retificado a todolos do Infante que contra elle per qualquer guiza antes, & despois pello ditto cazo, o desserviraõ, & que o Infante da hi endiante fosse em todo obediẽte a el Rey como devia por bom filho, & leal vassallo, & que lançasse de sua caza, & terras todolos mal feytores que favorecia, & trazia em sua caza & non acolhesse mais outros.

E que o Infante da hy em diante em todolos lugares do Reino por onde andasse, & estivesse vzasse de toda jurdiçaõ, & poder alto, & bayxo, & que as sentenças, & cartas que desse passassem em nome do Infante, o qual trazeria comsiguo Ouvidores que fossem seus, & se chamassem por elle, os quais entenderião sobre os Corregedores, & quais quer outros Iuizes de el Rey, & porem que em todo guardariaõ suas leys, & ordenaçoẽs, & que nos cazos das mortes, & nas condenaçoẽs de perda de grandes officios, & terras de seus vassallos, antes da execuçaõ da sentença o fizessem saber a el Rey para sobre isso mandar o q̃ ouvesse por bẽ, & q̃ os pregoeiros quãdo o Infãte mãdase fazer justiça, dissesse: Iustiça q̃ mãda fazer o Infante por mãdado de el Rey seu padre, & em seu nome.

E de todo este acento se fizerão escrituras autenticas que foraõ aprovadas, & roboradas antre el Rey, & o Infante per juramentos solemnes que fizerão, & por menagens que deraõ, & por Cavaleyros pessoas muy principais dados de huma parte, & da outra, & todos ajuramentados que ficaraõ por aseguradores, em que a Rainha Dona Beatris tambem jurou, & deu menagem, & fez promettimentos de fazer quanto nella fosse, & que estas couzas todas antre el Rey, & o Infante seu filho em todo tempo se guardasse, & compriſſe, & as cartas de concerto que sobre isto se escreveraõ foraõ aselladas de tres sellos pendentes de sera vermelha, a saber o primeyro de el Rey, o do meo da Rainha, & o do cabo do Infante.

E estes concertos se fizeraõ ẽ Canavezes onde o Infante jurou per si, naõ sendo ahy el Rey, o qual dispois as aprouou, & jurou em Sam Francisco de Guimaroẽs, & a Rainha tambem despois em Saõ Domingos da Cidade do Porto, & todo no anno sobredito.

CAP. LXVI.

De como el Rey D. Affonso falleceo, & como elle, & a Rainha sua molher ordenaraõ suas sepulturas na See de Lisboa.

TANTO que el Rey, & o Infante foraõ concordados com

com que todo o Reyno recebeo muyta alegria, & grande deſcanço, elles ſe forão a Comarqua da Eſtremadura, & dahy a Lisboa onde elRey por que hera ja velho a doeçeo de doença mortal, & ſẽdo o Infante D. Pedro aos montes na ribeyra de Canha, ſentindoſſe elRey chegado a morte mãdou chamar os ſobre ditos Diogo Lopes Pacheco, & Aluaro Goncalues, & Pero Coelho aque queria bem, que ſegundo ſe afirma forão os mayores conſelheyros, & mais culpados na morte de Dona Ines, & de quem o Infante Dom Pedro propoſta a obrigação de ſeus juramẽtos moſtrava ter mayor ſentimento, & continuo dezejo de grande vingança, & a eſtes perante Dom Alvaro Gonçalues Pereyra prior do Crato diſſe elRey que por quanto deſpois de ſua morte que ſe apreſſava non lhes dava inteyra ſeguridade do Infante ſeu filho pello que delle ſentia lhes aconſelhava, que loguo ſem mais treſpaço ſe foſſem, & ſalvaſſem as peſſoas com ſuas vidas, & honra fora do Reyno, & que das fazendas que tinhão que conſigo non podiaõ leuar, naõ fizeſſem conta, & elles porque aſſi o tinhão ſentido do Infante por nõ ficarem em ſeu irozo poder aſſi o fizerão, mas despois Aluaro Gonçalues, & Pero Coelho naõ puderão eſcuzar a crua morte que elRey Dom Pedro contra ſua verdade, & juramentos lhes deu, como em ſua caroniqua ſe declara, & tornando o Infante Dom Pedro vizitar elRey em ſua mortal doença de que foy avizado no mez de mayo da era de Cezar de 1395. annos, & o anno de Chriſto de 1357. na Cidade de Lisboa elRey D. Affonſo o Quarto deu ſua alma a Deos em idade de ſeſenta, & ſeis annes dos quais reynou trinta, & hũ annos, & ſinco mezes, & vinte dias, & foy ſeu corpo loguo ſepultado no coro da See da ditta Cidade em quanto ſe acabava ſua ſepultura, porque elRey tinha feyto ſeu ſolemne teſtamento ja dias avia, em que mandou que na ditta See o ſepultaſſem na capella mayor onde elle, & a Rainha ſua molher ordenaraõ ſuas ſepulturas, & inſtituiraõ as Capellas, & mercearias que despois ateguora por ſuas louvadas memorias, & por grande merecimento de ſuas almas ante Deos com devotas, & ſantas inſtituiçois ſe mantem, & gouernão inteiramente porque elles loguo pera ſempre as dotarão de muytas rendas com Villas, & terras, & jurdiçois, como a todos he notorio.

E por que, a dita capela maior da See do tempo de elRey Dom Afonſo Anriques primeiro Rey de Portugal que a fez, & que aditta Cidade tomou aos Mouros era pequena, & naõ bem obrada, o dito Rey Dom Affonſo a mandou fazer mayor, & em mais perfeiçaõ

& sendo ja feyta, reynando elRey Dom Pedro seu filho, por hum rayo ou corisco que nela deu, a abrio & destroçou por muytas partes; & dispois elRey Dom Ioaõ deste nome o Primeyro de Portugal neto do dito Rey D. Affonso de fundamento, & por outra melhor invenção a mandou fazer, & emnobrecer na maneyra que aguora está, & por falecimento do dito Rei Dom Affonsso loguo na dita Cidade foy aleuantado, & o bedecido por Rey o Infante Dom Pedro seu filho em idade de trinta, & sete annos, & hum mez, & dezoyto dias, avendo ja doze annos que hera viuvo da Infanta Dona Costança sua molher, & tendo filhos legitimos, a saber, o Infante Dõ Fernando, & a Infanta Dona Maria que ouvera da Infanta Dona Costança sua primeyra molher, & de Dona Ines de Castro ouve Dom Luis o primeyro, que loguo morreo moço, & Dom Ioaõ, & Dom Diniz, & Dona Beatris, de que atras disse de que nas Caronicas de elRey Dom Pedro seu padre & de elRey Dom Fernando seu irmaõ muy largamẽte faz mençaõ.

LAVS DEO.

INDEX
DOS CAPITVLOS
DESTE LIVRO.

Capitulo 1. De como el Rey D. Afonso, sendo Infante, foy alevantado, & obedecido por Rey, & das perfeiçoens que teue. fol. 1

Cap. 2. Dos filhos legitimos, que el Rey D. Afonso ouve da Rainha D. Britis sua molher. fol. 1. verso.

Cap. 3. Como el Rey D. Afonso executou o odio, que tinha contra Afonso Sanchez seu irmão. fol. 2

Cap. 4. Como foy tratado, & feyto o cazamẽto del Rey D. Afonso de Castella cõ a Infanta D. Maria, filha deste Rey D. Afonso de Portugal. f. 2. verso.

Cap. 5. De como el Rey de Castella tomou por manceba D. Leanor Nunes de Gusmão, por cuja causa ouue grandes desauenças entre os Reys de Portugal, & Castella. f. 6. verso

Cap. 6. Como se desfez o casamento do Infante D. Pedro filho del Rey Dom Afonso de Portugal com a Infanta D Branca. f. 10

Cap. 7. Das causas que ouue para el Rey de Portugal, & el Rey de Castella terẽ antre sy desauenças, & más vontades. f. 10. verso.

Cap. 8. Como se contratou o casamento do Infante D. Pedro com a Infanta D. Costança Manoel. f. 12. verso.

Cap. 9. Do que nas Cortes se acordou acerqua do casamento do Infante D. Pedro com D. Costança. f. 13

Cap. 10. Do recado que el Rey de Portugal mandou a el Rey de Castella sobre este casamento do Infante D. Pedro com D. Costança. f. 14

Cap. 11. Como el Rey de Castella mandou chamar D. Ioaõ Manoel, & do que com elle passou sobre o casamento de sua filha. f. 15

Cap. 12. Como el Rey de Portugal enuiou o Mestre de Auis a D. Ioaõ Manoel sobre o casamento de sua filha. fol. 15. verso.

Cap. 13. Do que o Mestre passou com el-Rey de Castella acerca do arroido que no caminho ouuera com Castelhanos, & se tornou a Portugal. f. 17

Cap. 14. Dos feytos notaveis darmas, & destroço que Gonçalo Rodrigues Ribeyro bom cavaleyro Portugues fez a este tempo na Corte del Rey de Castella. f. 17. verso.

Cap. 15. Das justas Reays, & torneo que el Rey de Castella, a requerimento de Gonçalo Rodrigues, ordenou para ser nellas. f. 18. verso.

Cap. 16. Como se fez o torneo em que entrou el Rey, & do que aconteceo a Gonçalo Ribeyro com D. Martinho, & como

como foy desafiado outra vez Gonçalo Ribeyro, & venceo o desafio. f. 19.

Cap. 17. Como elRey de Castella com manhas procurou toruar o casamento do Infante D. Pedro com D. Costança. f. 19. verso.

Cap. 18. Da reposta que D. Costança enviou a elRey de Castella; & como elle sem causa por torva de seu casamento ordenava guerra com Portugal. fol. 20. verso.

Cap. 19. Como por procuradores de Dom Ioaõ Manoel se fez o casamento de D. Costança com o Infante D. Pedro em Portugal. f. 22. verso

Cap. 20. Como elRey de Portugal enviou seus mensageiros a casa de D. Ioaõ para em nome do Infante D. Pedro receberem por sua molher D. Costança. f. 23.

Cap. 21. Do q̃ elRey de Castella fez quãdo foy certificado do casamento do Infãte D. Pedro de Portugal com a Infanta D. Costança. f. 23. verso.

Cap. 22. Como os Embaixadores chegãraõ a Portugal, & da reposta que elRey inviou a elRey de Castella. f. 24

Cap. 23. Do falecimento da santa Rainha D. Izabel molher delRey D. Dinis, & madre delRey D. Afonso; & dos milagres que Deos despois de sua morte por ella fez. f. 24. verso.

Cap. 24. De hũa embayxada de elRey de França, & doutros senhores, que veo logo a elRey de Castella sobre a guerra de Vltramar, & cobramento da Terra sancta. f. 25. verso

Cap. 25. Do conselho que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre a embayxada de França. f. 26. verso.

Cap. 26. Como elRey de Portugal, & D. Ioaõ Manoel notificarão a elRey de Castella o tempo da vinda que avia de ser da Infanta D. Costança, & das torvas q̃ pera isso ouve. f. 27. verso.

Cap. 27. Dos recados que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre a torva que dava à vinda da Infanta D. Costança. f. 28. verso

Cap. 28. Do que elRey de Portugal enviou dizer a elRey de Castella na carta que lhe mandou por Alvaro de Sousa. f. 29. verso.

Cap. 29. Da consulta que sobre esta carta elRey de Castella teve cõ Leanor Nunes, & com hum seu privado bom homem, & prudente, & da reposta que deu. f. 30

Cap. 30. Do mẽsageiro que D. Ioaõ Manoel enviou a elRey de Castella, & da conclusaõ que cõ elle se tomou. f. 31

Cap. 31. Do recado que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre estes embargos que punha à vinda da Infanta D. Costança. f. 32

Cap. 32. Como elRey de Portugal fez jũtar os Alcaydes Portugueses que tinhão os castellos de Portugal em arrefens, para lhos entregarem, por elRey de Castella não comprir as posturas. f. 32. verso,

Cap. 33. Como elRey de Portugal a requerimento, & por meyo da Rainha sua filha escreveo outra vez a elRey de Castella sobre o levantamento do cerquo de Ioaõ Nunes, & do que se fez. f. 33.

Cap, 34. Como se começou a guerra entre

os Reys,& seus Reynos, & como el-Rey D. Afonso de Portugal entrou em Castella. f.34. verso

Cap.35. Do que el Rey de Castella fez despois que soube que a guerra era cõtra elle rompida por parte de Portugal. f.35

Cap.36. De como el Rey de Castella chegou a Badajos pera entrar em Portugal, & das cousas que succederão. f.36. verso.

Cap.37. De como el Rey de Castella por a villa de Elvas entrou de guerra em Portugal, & do que fez atê se tornar a Castella. f.37

Cap.38. Como as galés, & frota de Portugal forão correr a costa de Andaluzia, & do que fizerão. f.37. verso

Cap.39. Do mal que as galés de Portugal fizerão em Galiza, onde a fogo, & sangue destruirão, & cativarão muita gente. f.38. verso.

Cap.40. De como as galés de Portugal pelejarão com as de Castella, & forão vencidas as de Portugal, & preso o Almirante, & seu filho. ibidem.

Cap.41. Da entrada que el Rey de Portugal fez em Galiza, & el Rey de Castella fez no Algarve. f.39

Cap.42. Como o Papa enviou à Hespanha por Delegado hum Bispo de Rodes para assentar paz, ou tregoa com el Rey de Portugal, & Castella. f.40. verso.

Cap.43. Da falla que sobre este Breve o Legado fez a el Rey, & da reposta que lhe deu f.42

Cap.44. Como o Bispo foy a el Rey de Castella, & do que disse, & com elle concordou. f.43

Cap.45. Como o delegado, & mensageyro del Rey Felipe de França fizerão cõ el Rey de Castella q̃ tambẽ puzesse os feitos de paz em o juizo do Papa. f. 44. verso.

Cap.46. Como el Rey de Castella ouve por bem fazer por si paz com el Rey de Portugal, & da maneira que se fez. ibidem

Cap.47. Como a Infanta D. Costança foy trazida a Portugal, & a Infanta D. Branqua foy leuada a Castella. f.45. verso.

Cap.48. Dalgũs descontentamentos que despois destas pazes ouve entre el Rey de Portugal, & de Castella, & as causas porque. f.46

Cap.49. Como pela segunda vinda de Abomelich em Hespanha se ordenou a vinda de Alibohacẽ de Marrocos seu pay, de que se seguio a grande batalha do Salado. f.47

Cap,50. Como o Infante Abomelich pelos franteiros Christãos foy morto em hũa batalha, não sendo nella el Rey de Castella. f.48

Cap.51. Como Alibohacem despois que soube da morte de seu filho, & dos seus caualeiros se ouve: & como a frota de Castella foy dos Mouros desbaratada. f.50. verso.

Cap.52. Do que el Rey de Castella fez despois que soube da morte do Almirante, & do desbarato, & perdição da sua frota. f.51. verso

Cap.53. Como el Rey de Castella foy certificado do cerquo de Tarifa, & do que sobre isso fez. f.53

Cap.

Cap.54. De como a frota de Castella, & Portugal, que estaua em guarda do Estreito se perdeo por tormenta na Aliazira, & do que elRey Alibohacem sobre isso fez. f.53.verso.

Cap.55. Do conselho que elRey de Castella teve com os grandes senhores de seus Reynos sobre esta perda da frota, & acerqua do socorro, & descerquo de Tarifa. f.54

Cap.56. Como a Rainha D.Maria em sua pessoa veyo pedir esta ajuda a elRey D.Afonso de Portugal seu padre. f.55

Cap.57. Como elRey de Portugal chegou a Sevilha, & do acordo que os Reys ouverão despois que forão juntos. f. 56.verso.

Cap.58. Do que os Reys Mouros fizerão quando soube ão que os Reys Christãos erão ja tam acerqua para socorro de Tarifa, & darlhe batalha. f. 59.verso.

Cap.59. Como a batalha do Salado foy cometida, & os Mouros forão nella vencidos. f.61.verso.

Cap.60. De algũas cousas que em Castella, & Portugal despois desta batalha succederão, & como foy cercada, & rendida dos Mouros a cidade de Aziazira, em que elRey de Portugal o ajudou. fol.65.verso.

Cap.61. Dos filhos, & filhas que o Infante D.Pedro filho erdeyro de elRey D.Afonso o IV.ouve, & de que molheres. f.67.verso.

Cap.62 Do casamento da Infanta Dona Leanor de Portugal com elRey Dom Pedro de Aragam. f.69.verso.

Cap.63. Como elRey D.Afonso de Castella morreo de pestenença, estando em cerco sobre Gibaltar. f.70

Cap.64. De como foy a morte de D.Ines de Castro, & as causas brevemente porque foy morta. f.70.verso.

Cap.65. Dos desvayros que pella morte de D.Ines ouve antre elRey, & o Infante D.Pedro seu filho, & da maneyra em que finalmente forão despois concordados. f.71.verso.

Cap.66. De como elRey D.Afonso faleceo, & como elle, & a Rainha sua molher ordenarão suas sepulturas na See de Lisboa. f.72.verso.

LAVS DEO.

570